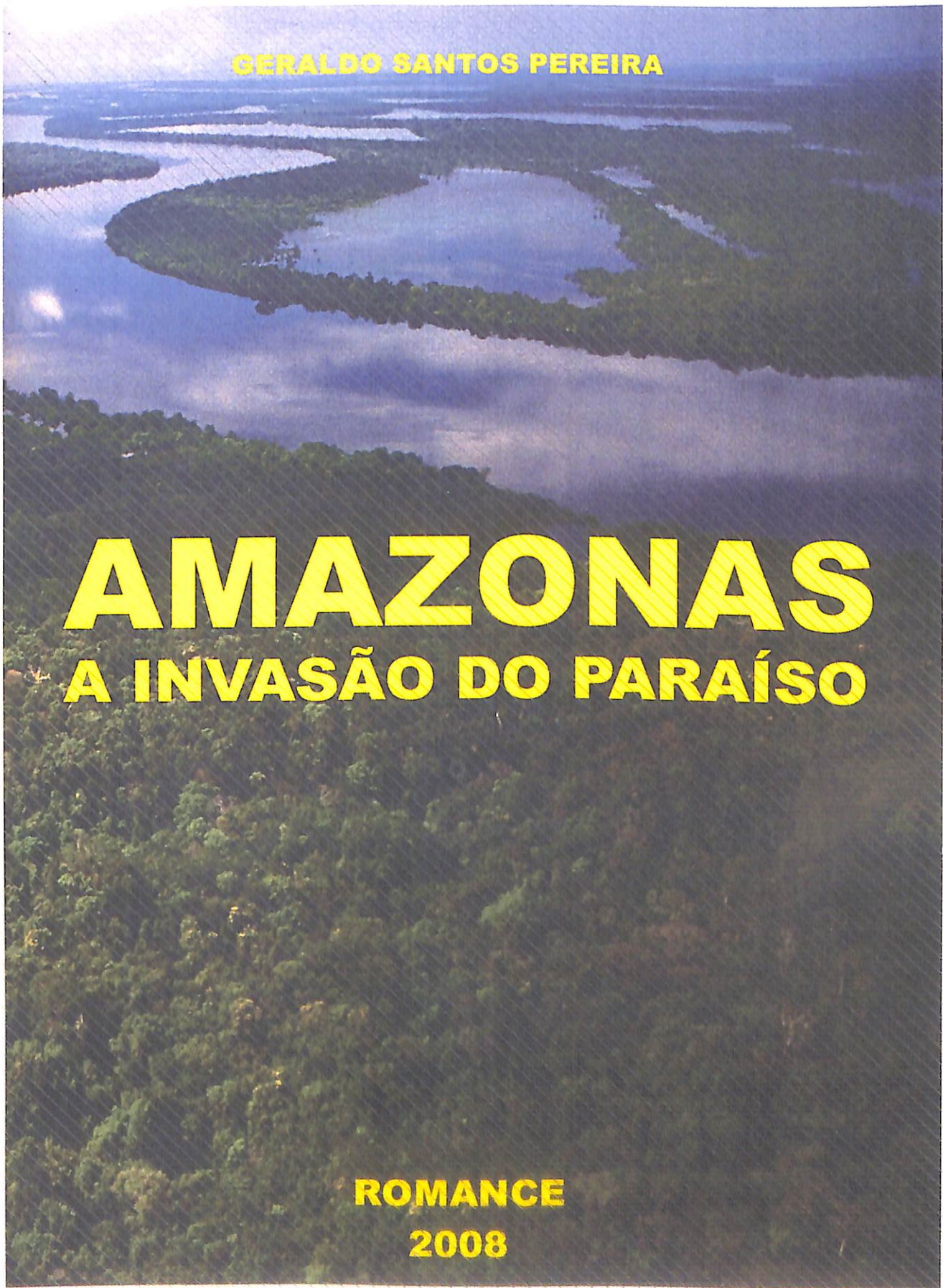




**GERALDO SANTOS PEREIRA**

# **AMAZONAS**

## **A INVASÃO DO PARAÍSO**

**ROMANCE**  
**2008**



“Esta é a floresta de hálito podre, parindo cobras”.

Raul Bopp – “Cobra Norato”

“Ao transformar completamente este lance potamográfico, a torrente se detém, rola sempre, saltando, furando, alterando, inundando. Dir-se-iam as páginas das “Metamorfoses”, viradas na Amazônia sob o eco remoto e pagão dos cantos de Ovídio”.

Raymundo Moraes – “Na Planície Amazônica”

“Éden de milhares de tribos, vivendo num tempo em que condensavam-se em grandes e inumeráveis nações tribais, ocupando região coberta de floresta e cortada de rios, tornando a vida fácil e prazerosa”.

Gastão Cruls – “A Amazônia Que eu Vi”

“Desde que o selvagem possui, com a inteligência da língua, a possibilidade de compreender o que é civilização, ele a absorve tão necessariamente como uma esponja absorve o líquido que se lhe põe em contato”.

Couto de Magalhães – “O Selvagem”

“Não são as paixões em si nem boas nem más, porque para o homem o bem e o mal se determinam segundo a razão”.

Santo Tomaz de Aquino – “Sobre o Mal”



# INVASÃO



## CAPÍTULO 1

### O CRIME SEM PENA

Em dia indeterminado do mês de março de 1952, o espanhol Carlos Aguirre chegou de viagem e desembarcou no Aeroporto La Guardia, em Nova York, retirou o carro do estacionamento e foi diretamente para seu apartamento, em Manhattan.

Já o esperava, impaciente, uma jovem mexicana, Marisa Montero, mulher atraente, cujo defeito, segundo Aguirre, era o ciúme excessivo que a levava a preocupar-se menos com os negócios escusos e temerários que ele realizava nos Estados Unidos, Peru e outros países, do que com as traições e adultérios praticados com frequência.

Depois do banho e da refeição que Marisa lhe preparou, Carlos Aguirre ligou a televisão para o noticiário das 22 horas. Mas, naquele exato instante, soou o telefone. Antes de atender, o espanhol comentou, com visível aborrecimento:

- Deve ser o Michael, esse chato de galocha, querendo saber sobre a viagem. Não dá folga!

Colocou o fone no ouvido e disse, mal-humorado:

- Fala, Michael!

Depois corrigiu, ao constatar que não era o chato de galocha:

- Ah, perdão, telefonista. Chamado de Lima? Sim, sim, sou Carlos Aguirre. Pode completar a ligação.

Esperou alguns instantes. Depois concentrando no aparelho uma grande atenção, iniciou o diálogo a longa distância:

- Alô, Carvajal? Como vai? Sim, tudo bem, tudo bem. O que você manda?

Dirigiu um olhar amoroso à mexicana, convencendo-se de que a noite não estava perdida. Convicção, aliás, efêmera, pelo teor restante do diálogo:

- Fala, Carvajal! Alguma bronca?

Ficou escutando, em silêncio, o semblante passando sucessivamente do aborrecimento ao espanto, e deste ao rancor. E explodiu:

- O quê?! Dedurou?! Tem certeza?!

Carvajal, do hemisfério sul, confirmou a notícia e houve entre os dois um instante de silêncio, como se pusessem em ordem as idéias tumultuadas.



Aguirre, finalmente, estourou, assustando Marisa, que o encarava atentamente:

- Filho da puta! Olha, Carvajal, agüenta as pontas que viajo para aí. Vamos resolver este assunto! Guarde sigilo. Mais tarde informo o horário do voo e você me espera no aeroporto. O.K.?

Desligou e ficou calado por alguns instantes, meditando raivosamente.

Observando a fisionomia transtornada do companheiro, Marisa perguntou, meio hesitante:

- O que houve, Carlos?

- Assunto de trabalho, Marisa. Surgiu um fato novo. Novo e desagradável. Devo ir ao Peru.

O rosto da mexicana iluminou-se com um sorriso feliz, quase infantil. Sentou-se no leito, abraçou Aguirre e quis saber:

-Vamos juntos, Carlos? Seria maravilhoso!

Aguirre afagou os cabelos negros de Marisa e respondeu, ainda afetado pelo que ouvira ao telefone:

- Não, Marisa, você não pode, nem deve ir comigo. É viagem arriscada, não quero que se exponha.

Quase ao anoitecer, dias mais tarde, Carlos Aguirre chegou à capital peruana. Carvajal, sócio e amigo, um homem alto e magro, quase calvo, esperava-o no aeroporto, com sombria expressão no rosto.

Pouco depois, instalados no automóvel que rodava velozmente por uma autoestrada, Carvajal detalhou os acontecimentos:

- O Miguel deu o "serviço"! Completo: nomes, endereços, datas, conexões, tudo! Foi comprado por 50 mil dólares!

Calou-se por alguns instantes, enquanto Aguirre refletia o olhar feroz, fincado na estrada.

Depois perguntou:

- O grupo da Espanha foi envolvido?

- Acho que sim. A Interpol está fazendo prisões.

- E o Miguel? Onde está o canalha?!

- Estamos indo para lá!

Numa casa do bairro de Yocucho, temendo a represália inevitável, Fernando Miguel de Castillos, o traidor, juntava nervosamente roupa, documentos e dinheiro.



Em todos os cômodos da casa viam-se imagens de santos, genuflexórios, retratos do Papa, bênçãos apostólicas, que o traidor ia recolhendo em malas e sacolas, persignando-se continuamente.

Numa ampla sala, estendido num tapete, um cão de guarda dormitava. De repente, farejando algo estranho, ergueu a cabeça e perscrutou a porta de entrada, rosnando ameaçadoramente. E, de fato, antecedita pelo faro do animal, alguma coisa inesperada aconteceu: a porta foi violentamente arrombada, enquanto Aguirre e Carvajal irromperam sala adentro, armas em riste.

Conhecedores da casa, perceberam que Miguel se preparava para fugir. Contornando a residência pelo jardim, Carvajal bloqueou uma das saídas, enquanto Aguirre, perseguido pelo cachorro, correu ao quarto, avistando Castillos que tentava escapular pela janela. Mas o espanhol apontou-lhe a pistola e gritou;

- Pare por aí, Miguel! Pare, ou leva um tiro!

Carvajal, por sua vez, chegara à parte externa, impedindo o delator de escapar pela janela.

Conduzido, sob a mira das armas, ao salão de estar, Miguel proclamava inocência:

- Não fui eu, Carlos! Juro que não fui eu! Foi o...

Antes que completasse a denúncia, Aguirre, de um salto, aplicou-lhe violenta bofetada, esbravejando:

- Cala a boca imunda, cachorro!

Vendo que o cão, latindo sem cessar, ia mordê-lo, Aguirre prostrou-o com um tiro certo. Depois disse ao delator:

- Olha aqui, Miguel: você que é tão carola, não há de querer ir desta para pior, em estado de pecado. Ajoelhe-se, dedo duro, e faça sua última oração!

Castillos obedeceu trêmulo. Puxou do bolso um rosário, ajoelhou-se e, transpirando muito, começou a rezar.

Aguirre e Carvajal, pacientes, esperaram. Logo em seguida, alternadamente, descarregaram nele toda a carga das armas.

Semanas mais tarde os jornais de Lima noticiaram outro crime violento, ocorrido à noite no porto da capital peruana.

Ali, em recanto isolado, dois homens atracaram-se em briga feroz. Um dos contendores, Zimaco, mestiço forte, com um resto repulsivo de orelha, decepada em briga de navalha, trajava uniforme de portuário. O outro, funcionário da administração portuária,



de terno e gravata, levava nítida desvantagem na luta, com o rosto sangrando sob os golpes que o mestiço lhe aplicava.

Em certo momento, incapaz de manter-se de pé, o funcionário cambaleou e, sob o impacto de outro murro, foi ao chão.

Zimaco, então, com gesto rápido, sacou do bolso uma navalha e vibrou um primeiro golpe, atingindo-o no pescoço.

O funcionário, apavorado, tentou estancar o sangue com a mão, suplicando:

- Pelo amor de Deus, Zimaco!... Não faça isto! Mão me mate, homem! Anulo sua dispensa, dou um aumento pra você, te prometo, Zimaco, dou um bom aumento!

Mas o portuário, desfigurado pelo ódio, não se comoveu com as súplicas e promessas do contendor. Vibrou-lhe um segundo, um terceiro golpe de navalha, rasgando-lhe o corpo, dizendo com voz raivosa:

- Índio miserável, não é, “seu” Ortega?! Índio sujo, índio de merda, não é “seu” Ortega?!

Deu um quarto e derradeiro golpe, quase decepando-lhe a cabeça. Em seguida, limpou a navalha no paletó do infeliz, levantou-se, guardou a arma no bolso afastou-se do porto.

Outro crime, também noticiado com destaque pela imprensa de Lima, ocorreu na selva amazônica, em local não muito distante de Iquitos, envolvendo dois seringueiros de uma fazenda de milhares de hectares.

Naquela propriedade de um grupo peruano, associado a americanos da Flórida, um boliviano de origem indígena, Juan Diaz, colocou o cuité no tronco de uma seringueira e deu com o machadinho três golpes oblíquos no córtex da hévea, encravando abaixo das cesuras as tigelinhas de flandres, rapidamente enchidas com a goma elástica.

O trabalhador, como era habitual nos seringais, ostentava na testa uma pequena lanterna, chamada de poronga.

Juan, como outros seringueiros, trabalhava em difíceis condições. Mal alimentado, subia e descia nos caules, cortando inúmeros troncos para tirar escassos galões de látex.

Naquele dia, a revolta de Juan Diaz não se voltava contra os patrões, os ricos do Peru e dos Estados Unidos que, em seus palácios, amealhavam o produto de um trabalho miserável. Sua atenção, na verdade, concentrava-se em um companheiro de profissão, ocupado no preparo da pela e na defumação da borracha. Seguia-lhe os passos, com um



rancor calado, indiferente aos meandros da selva, ao canto dos pássaros, ao pisar macio dos animais.

Observava o companheiro, que entrava e saía dos tapiris, choças de palha onde o látex era trabalhado sob a fumaça da maçaranduba, do acapu e das sementes de palmeira.

Quando soou a sirena, sinalizando o fim de mais uma jornada de trabalho, ficaram na clareira apenas Juan Diaz e o outro seringueiro, recolhendo instrumentos e pelas.

Começava a anoitecer quando o boliviano apanhou um porrete, escondeu-o numa sacola e, sorrateiramente, aproximou-se do colega, ocupado com os preparativos para voltar ao acampamento e à rede acolhedora.

Ouvindo ruídos, o seringueiro voltou-se, assustado. Antes que reagisse, recebeu violenta pancada na cabeça e tombou. Juan Diaz, calmamente, ergueu o corpo do companheiro, amarrou-o com cordas no tronco de uma seringueira, retirou do saco de lona uma banana de dinamite, que furtara de um depósito, acendeu um fósforo e, com ele, o pavio do explosivo, que depositou ao pé da grande árvore.

Guardou apressadamente os pertences, afastou-se do local e se embrenhou na mata.

Não chegou a interromper a caminhada quando, mais adiante, ouviu o estampido da explosão da dinamite. O que fez, com brilho maligno nos olhos, foi apressar os passos e, num canto da floresta, voltar-se para a clareira e observar o incêndio que a explosão provocara.

Soube-se, mais tarde, que o motivo do crime fora uma pequena dívida em dinheiro que a vítima relutava em pagar, provocando a fúria homicida do boliviano.

Homicídio posterior, também noticiado destacadamente pelos jornais, deu notoriedade a uma casa noturna de Lima, envolvendo um brasileiro, Miguel Viana, violonista do conjunto musical da boate.

O brasileiro, que tinha 27 anos de idade, na noite do crime demonstrava tão grande irritação que os outros músicos chegaram a criticar-lhe a forma desatenta com que executava o violão.

O motivo foi posteriormente esclarecido: a amante de Miguel Viana, uma bela colombiana, contratada como taxi-girl, naquela noite dançou provocantemente, por longo tempo, com um turista americano, com quem vinha bebendo há algum tempo.

O comportamento da moça, que se chamava Helena, afligiu particularmente o violonista brasileiro que, do tablado, a fitava com expressão sombria.

Mas o olhar do brasileiro não parecia intimidá-la. Helena continuou a dançar de forma excitante com o turista, com quem, abraçada e aos beijos, voltou à mesa, deixando Miguel em estado de tamanha exasperação que, a certa altura, arrebentou uma corda do violão que ele, rapidamente, retirou da cravelha e guardou no bolso.

Horas mais tarde, já de madrugada, Miguel foi esperar a colombiana numa rua próxima ao prédio onde moravam.

Helena chegou de táxi e, antes de descer, recebeu do americano uma nota de cem dólares, beijou-o, abriu a porta e saiu.

Antes de alcançar o prédio, foi obstada por Miguel, que lhe vedou a boca, arrastou-a para um recanto penumbroso da rua e ali, abafando-lhe os gritos, retirou do bolso a corda de aço do violão e enrolou-a no pescoço da taxi-girl.

Depois, friamente, começou a estrangulá-la. Helena, desesperada, tentou livrar-se do brasileiro, mas ele, com a força que o ciúme duplicava, matou-a em poucos instantes.

Em seguida, constatando que estava morta, estendeu o corpo na viela e, sem recolher a corda do violão, detalhe essencial que, posteriormente, o incriminaria, afastou-se pela rua deserta.

Algum tempo depois outro terrível assassinato voltou a agitar a crônica policial da imprensa peruana.

O crime ocorreu no interior de uma oficina mecânica, instalada em subúrbio da capital, envolvendo, de um lado, o mecânico Aldo Ridruejo, peruano de 40 anos presumíveis, estatura mediana, o rosto precocemente envelhecido, os cabelos grisalhos, portador de um defeito crônico na perna esquerda que o fazia claudicar e, de outro lado, o dono da oficina, Ricardo Menendez, que despedira naquele dia o empregado, acusado de desonestidade.

No dia do crime, terminado o expediente, Ridruejo desceu a porta de aço da firma, caminhou entre carros, máquinas e petrechos de trabalho e foi abrir a porta de um automóvel, ligando o rádio em volume máximo.

A seguir, sem pressa, calmo, o semblante enigmático, passou diante do dono da oficina, fortemente amarrado numa cadeira, cujos olhos acompanhavam Ridruejo assustadamente.

Indiferente à expressão perplexa do patrão, o mecânico caminhou na direção da bancada de madeira, no fundo da oficina, apanhou um maçarico e retornou ao local onde Menendez estava preso.



E ali, impassível, com vontade demoníaca, ligou o aparelho numa tomada, acendeu a chama e esperou que alcançasse intensidade máxima.

Depois aproximou-se do infeliz, revelando-lhe, então, a sinistra intenção.

Ricardo Menendez, consciente, afinal, do plano diabólico do empregado, entrou em pânico e perguntou com voz trêmula:

- O que é isto, homem?! O que vai fazer?! Ficou doido?!

Ridruejo nada respondeu. Aumentou a chama do maçarico, aproximou-o do rosto do desgraçado que, àquela altura, já gritava desesperado:

-Não faça isto, Ridruejo! Pelo amor de Deus! Tenho família! Não faça isto, homem! É uma barbaridade!

O mecânico, insensível ao apelo frenético do patrão, aumentou ainda mais a chama do aparelho de soldar e começou a queimar-lhe os cabelos. Menendez gritou com mais força, misturando a voz angustiada no coro estrepitoso de uma banda de rock, que uma emissora de rádio transmitia.

- Não me mate, Ridruejo! Pelo amor de Deus! Não faça esta crueldade! Não te mando embora, te faço sócio da firma, com documento e tudo!

Mas Ridruejo, indiferente ao desespero da vítima, baixou a chama do maçarico, queimou-lhe a fronte, os olhos, o nariz, a boca, transformados em carne sangrenta.

Dominado pelo pavor e o ódio, Menendez ainda gritou, mas de sua boca só saíram palavras roufenhas, pouco compreensíveis:

- Filho... da pu...ta! Alejado... miserável!

Ridruejo, impedindo-o de articular outras palavras, abaixou a chama, queimou-lhe o pescoço e o peito. Mesmo assim o desgraçado continuou a articular sons grotescos e desconexos. Depois morreu.

Presos e levados a julgamento, Carlos Aguirre, Julio Carvajal, Antônio Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo foram condenados à prisão perpétua e, em datas diversas, conduzidos à Penitenciária de La Concepción, na cidade de Iquitos.

## CAPÍTULO 2

### A PENA DO CRIME

Iquitos, capital e principal cidade do Departamento de Loreto, na região amazônica do Peru, é o ponto inicial, ou final, conforme a visão de peruanos e brasileiros, da navegação do rio Amazonas.

O grande rio, Marañon no Peru, Solimões e Amazonas no Brasil, era chamado de Guierre, ou Uienri, pelos índios Aruaques, e Parauaçu, pelos Tupis.

A região de Iquitos situa-se na planície que os peruanos chamam de La Montaña, vocábulo que, na língua dos primeiros colonos espanhóis, era sinônimo de região florestal.

A depressão amazônica no Peru, como se sabe, é banhada pelos rios Marañon, Ucayali e Hualaga, em cujas margens, como de resto em todo o vale da Amazônia, habitam milhares de índios dedicados à caça, pesca, plantio e colheita, além de uma indústria rudimentar de tecelagem.

A população aborígene, cujas origens foram estudadas por Paul Rivet, procede de três grandes nações indígenas da América do Sul pré-colombiana: os Yuncas, ou Quíchuas (estes concentrados no norte do Peru e Equador) e, finalmente, os Aimarás.

A tribo dos Incas, da estirpe Aimará, estabelecida no Vale do Huilcamaio, de lá se irradiou por todo o país e os Andes, dominando povos de línguas diferentes. Asseguram os historiadores que o advento dos grandes reis incas ocorreu em meados do século XIII.

Esta nação admirável organizou, sem nenhuma dúvida, o sistema político mais avançado de todos os troncos incolos americanos, incluindo os Maias e Aztecas.

É sabido que nas Américas (Norte, Centro e Sul) floresceram três civilizações de extraordinária importância: a dos Maias e Aztecas, no Norte e Centro, a dos Incas e, finalmente, a do Barroco Colonial Mineiro, no Brasil.

Dessas civilizações resultou, em síntese, um admirável conjunto criativo do espírito humano em diferentes campos de atividade: Arquitetura, Engenharia, Escultura, Pintura, Literatura, Música, etc., com obras e monumentos que hoje integram o patrimônio cultural da humanidade.

Com a queda do império incaico e a sangrenta ocupação espanhola, no século XVI, grande parte da população aborígene refugiou-se nas matas amazônicas, “verdadeiro éden,



cortado por rios e coberto de florestas”, no dizer de Varnhagen, e que tornavam a vida fácil e prazerosa para índios arredios, de agricultura ainda rudimentar, e que quase só se sustentavam de recursos da caça e da pesca”.

“Eram tão numerosos os índios da Amazônia – escreveu Bento de Acosta – que, se um dardo caísse do ar, iria bater na cabeça de um deles, e não cairia no solo”.

Acuña estimou em 150 as nações indígenas espalhadas pela Amazônia. Já Markhna avaliou em 700 as tribos do grande vale, enquanto Mariano Ribeiro orçou em 280 os diferentes idiomas da região. Só para o estado do Amazonas Lourenço da Silva citou 243 tribos, cifra, na verdade, exígua, se nos lembrarmos das 78 enumeradas por Alexandre Rodrigues Ferreira somente para o rio Negro e as 30 que Alfred Wallace mencionou para o Uaupés.

Como Manaus, também Iquitos guarda vestígios da época áurea da borracha e situa-se confinada entre o rio e a floresta, moldura de poderosa força telúrica.

Distante 1.859 K. de Lima, o acesso a Iquitos se faz por avião ou por via fluvial. Entre seus principais atrativos turísticos, destacam-se o Museu Municipal, que expõe o artesanato das tribos da região; o Lago da Morohacocha, com sua paisagem empolgante, e a Casa de Ferro de Gustave Eiffel, o construtor da famosíssima Torre Eiffel, de Paris.

Outra atração de Iquitos, provavelmente a que lhe deu maior notoriedade, aliás, uma sinistra notoriedade, é a Penitenciária de La Concepción, erguida no vértice da colina de San Sebastian, local de onde se descortinam a cidade, o rio e a selva.

Não foi, contudo, a beleza paisagística, ou arquitetônica, que deu fama ao presídio, mas a violência repressiva de seus métodos carcerários, além da numerosa população que abrigava, integrada por criminosos da mais alta periculosidade, condenados à prisão perpétua.

Tão notória era essa fama que o próprio nome da prisão, La Concepción, foi substituído popularmente pelo apelido de La Bestia, conhecido no país e exterior.

Bestial e desumano era, verdadeiramente, o tratamento aplicado aos sentenciados, como, entre centenas de outros, Carlos Aguirre, Carvajal, Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo, que o destino reuniu numa mesma e infecta cela do Pavilhão 2.

Ali cumpriam pena perpétua, contra a qual, naturalmente, se revoltavam, sonhando com a fuga, praticamente impossível naquele presídio de segurança máxima.



E era sempre à noite, invariavelmente, que aquela triste humanidade, trancafiada em cubículos imundos, libertava sua imaginação perdulária e até sonhava, quando o sono lhe fechava as pálpebras.

Carlos Aguirre, por exemplo, recordava Marisa Montero e a possuía com avidez, sentindo a ereção torturante dos reclusos. Além do sono erótico, o inconsciente enchia de rancor o sonho nevrótico do criminoso.

Enquanto dormia, na cela promíscua, Aguirre recordava o passado anômalo: o pai alcoólatra, a mãe que o traía, discretamente no início e, depois, acintosamente, com qualquer um que se dispusesse a possuir-lhe o corpo fanado.

Como em um caleidoscópio de cores e sons esmaecidos na imaginação deformada, o presidiário recordava frases dispersas do julgamento, ouvindo a voz do promotor que ecoava na sala do júri.

- “Este – acusava o promotor, apontando para Carlos Aguirre – é a “ovelha louca”, o gênio que, pela força do exemplo, constrange as demais a segui-la”, segundo a arguta expressão de Gabriel Tarde. Ou “o assassino requintado”, que Feri poderia incluir na galeria dos criminosos-natos, dotados de inteligência superior”.

- “Nele – prosseguia o acusador – permanecem despertas todas as faculdades, menos uma de que carece por atrofia congênita: o senso moral”.

E Aguirre relembrava, no sono tumultuado, a biografia impiedosa que o promotor divulgava no júri: filho de pai rico, vítima de sórdida trama de sócios espanhóis nos negócios, “o réu – definia o acusador – desde cedo jurou vingar o progenitor levado à falência, refugiado na bebida, traído e, mais tarde, abandonado pela mulher”.

- Adulto, meteu-se em negócios escusos e foi residir na América do Sul, praticando o tráfico de drogas, o contrabando e o proxenetismo, práticas sujas que o levaram ao México e Estado Unidos”.

Agitando-se no colchão imundo, vestindo uma calça curta de pijama, o corpo encharcado de suor, Aguirre continuava a sonhar, saturando o inconsciente de ódio inútil que, vez e outra, levavam-o a mover os lábios grossos, com se quisesse esbravejar.

E ouvia como eco onírico, a voz do acusador, no julgamento:

- “Repetindo Lombroso, a alma degenerada do réu é complexa, polimorfa e de equilíbrio instável, “na qual podem surgir e se trocarem fenômenos singulares, desde a idéia genial até a ação criminosa”.



E prosseguia, caminhando diante do banco dos réus, apontando ora para Aguirre, ora para Julio Carvajal, também sendo julgado:

- “Vejam os dois réus, senhores do Conselho de Sentença, examinem o perfil psicopático de cada um: no espanhol o maxilar grande, a boca volumosa, destacada na fisionomia erótica, que o inclui na categoria dos leptossômicos de Kretschmer: forte, musculoso, predisposto à esquizofrenia. Já em Julio Carvajal, com os olhos insidiosos, a boca maliciosa, o semblante melancólico de alguém que se envergonha da própria decadência, destaca-se a idolatria homossexual pelo sócio e amigo”.

Neste ponto, invadindo-lhe a memória, Aguirre voltou a ouvir o grito colérico de Carvajal:

- “Homossexual é a puta que o pariu!”

- “Aí está, senhores jurados, a melhor definição do perfil moral deste delinqüente! – replicou, com voz estridente e raivosa o promotor, quando o tumulto se aquietou com o soar insistente da capinha, premida pelo Juiz-presidente.

- “Este criminoso, Julio Carvajal, que não sabe distinguir a sala de julgamento do ambiente vicioso de um bar, ou da zona de meretrício, onde se criou, foi sempre o amigo mais íntimo de Carlos Aguirre. Nascido na Colômbia veio cedo para Lima, onde fez de tudo, coabitando com prostitutas e pedereastas”.

- “Desde criança – continuava o acusador, apontando para Carvajal, que o encarava com ódio profundo – foi desprezado pela família; o pai fugiu de casa, perseguindo outra mulher; a mãe foi viver com um homem idoso e violento, que espancava o menino por qualquer motivo. Carvajal encontrou nas ruas, como é comum, o habitat criminogênico, a escola tradicional de uma carreira ilícita, que começa por pequenos delitos e, fatalmente, termina no crime e na prisão”.

Começava a amanhecer quando Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo despertaram com o soar da sirena de La Bestia.

Zimaco, com sono de pedra, continuava a dormir. Só acordou quando Aguirre foi sacudir-lhe o corpo:

- Acorda homem! Se o guarda te pega na cama, vai pra solitária!

Só então Zimaco levantou-se, resmungando:

- Porra!

Depois do café com um pedaço de pão, servido na cela, os detentos foram conduzidos aos pátios, dispersando-se na grande área banhada de sol.



Alguns iniciaram uma partida de futebol, entre gritos e imprecações; outros foram jogar cartas, enquanto a maioria permanecia pelos cantos, conversando em voz baixa, fazendo-se confidências, tramando vingança.

Zimaco, de pouca conversa, conservou-se afastado. Nascido na cidade de Chiclayo, perto da fronteira com o Equador, perambulou a pé do Norte até a capital peruana, ganhando a vida em trabalhos esparsos, mal remunerados, sobrevivendo a custo no meio hostil, até, finalmente, empregar-se no cais do porto, como carregador.

De seus olhos pardos e pequenos, fulgia uma luz opaca de ferocidade. Além do pedaço repulsivo de orelha, tinha a testa deformada como a de um tigre, as mãos curtas e grossas, calejadas no trabalho braçal; a mandíbula inferior ossuda e prognática, munida de dentes irregulares. Sua fisionomia lembrava, aliás, um cão de fila de olhar vingativo, jungido na brutalidade.

O crime que cometera, degolando o funcionário do porto, foi definido pelo defensor, no julgamento que o sentenciara à pena máxima, como “de crueldade atroz, dirigido mais contra a ordem social injusta, do que contra o adversário na briga”.

- “Atuaram na formação moral deste homem – explicava, eloqüente, o advogado, enfrentando o sorriso zombeteiro do promotor – os tradicionais fatores sociológicos de influência no delinqüente: a condição social, econômica, familiar, etc., de que se nutre o trinômio causal dos delitos: fatores antropológicos, sociais e físicos, ou seja, causas endógenas e causas exógenas”.

Estimulado pelo silêncio do júri, o causídico acabou por citar a frase célebre de Lacassagne: “As sociedades têm os delinqüentes que merecem”.

- “E os cemitérios os mortos que produzem!” retrucou rápido, o promotor, com sarcasmo devastador.

Comentou-se, depois, que a intervenção fulminante do acusador fora decisiva para a condenação de Zimaco.

O julgamento de Juan Diaz levou ao Tribunal do Júri peruano multidão de juristas, estudantes de Direito, advogados, jornalistas e gente anônima, atraída pela repercussão que o crime despertara no país.

O promotor, homem de pequena estatura, voz grave e roufenha, proferiu uma veemente acusação, caminhando de um lado para outro na sala de julgamento, ora parando diante do réu, ora diante do corpo de jurados ou da platéia que o escutava meio amedrontada.



- “O que mais espanta, na personalidade desse criminoso frio e lacônico – explicava o promotor com voz cavernosa – é a forma brutal e requintada com que eliminou a vida de um companheiro de trabalho, por motivo absolutamente fútil: a dívida de pequena importância em dinheiro.

“Nascido na fronteira da Bolívia com o Brasil, Juan Diaz fora contratado por empresa extrativa para trabalhar em um seringal. Conhecia bem o ofício, pois exercera a mesma atividade no seringal de um rico proprietário brasileiro, que o expulsou após descobrir que lhe cortejava a filha”, nativa de grande beleza.

Nesse ponto, parado diante do réu, o acusador fez pequena pausa, olhando-o com maliciosa ironia. Depois acrescentou, como para si mesmo:

-“Certas pessoas não têm o menor senso do ridículo!”

Alguns riram, mas o riso que esboçaram estiolou-se diante da expressão de ódio terrível que o boliviano dirigiu ao acusador e à platéia.

O promotor afastou-se um pouco do criminoso, como se lhe temesse a reação, apesar da presença dos guardas. Depois prosseguiu:

-“Cinquenta anos, aproximadamente, ascendência indígena direta, como se pode observar, olhos escuros, comprovando a origem polinésia, cabelos negros e corpo musculoso, pouco se divulgou de sua vida familiar e social, se é que a teve!”

Deu mais alguns passos e, mais próximo dos jurados, completou:

-“Conseguí apurar que o pai lutara contra os brasileiros que conquistaram, pela força das armas, o rico território do Acre.

“Apesar da escassez de dados sobre a vida pregressa do réu fui capaz de sintetizar-lhe uma carreira marginal que, via-de-regra, pouco difere da maioria dos delinqüentes que Enrico Ferri incluiu na categoria de criminosos-loucos, o de criminosos-natos, como na classificação de Lombroso.

- “Este réu, senhores do Conselho de Sentença, - continuou o acusador com a emissão gutural de sua voz – personifica o conceito criminológico de que crime e loucura “são dois ramos do tronco único da degenerescência humana, de onde provém ainda a tendência inata para o suicídio e a prostituição, além de todos os graus e formas de nevroses e psicoses”.

Retornou para perto do réu (não tão perto como antes) e, dedo apontado para o rosto crispado do criminoso, acrescentou:



-“Face larga e crânio reduzido, em forma de oxifalia; testa retraída, achatada, olhos dissimétrico, salientes e redondos; olhar fixo, duro ou vítreo, faces grossas, com maçãs salientes; nariz achatado, maxilar prognático, lábios carnudos, estendidos para fora, pescoço curto, como se verifica, o réu, criado na selva, provavelmente adquiriu, por osmose, a ferocidade dos animais selvagens. Com a mesma frieza com que abatia um animal, para caça ou para fins de defesa, este criminoso assassinou tranquilamente um ser humano, seringueiro humilde como ele.

“Do ponto de vista psicanalítico – disse ainda o promotor – Juan Diaz faz seguramente parte daqueles autores de crimes movidos por impulsos neuróticos: loucos, assassinos, cleptomaníacos, originados normalmente de um recalque excessivo”.

O brasileiro Miguel Viana disputava, no pátio, com outros presidiários, uma partida de futebol. E até jogava razoavelmente bem, como, de resto, também joga grande parte da população do Brasil.

Seu julgamento levou ao salão do júri uma platéia mais requintada, boa parte constituída de mulheres, atraídas pela boa aparência do réu, o sensacionalismo do noticiário e os antecedentes passionais do crime que abalara a capital peruana.

Um famoso e competente promotor fez brilhante libelo de acusação ao brasileiro, chegando quase a irritar o público feminino, presente ao julgamento, que não escondia uma secreta simpatia pelo réu.

-“Este brasileiro – disse a certa altura o acusador – é oriundo de uma região considerada “a maior fornecedora de migrantes para o Norte e Sudeste do Brasil”. Diferenciando-se de seus compatriotas, o réu, Miguel Viana, não deixou a cidade do Crato, no estado do Ceará, por motivo econômico. Na verdade, outra razão, de cunho passional levou-o a abandonar a terra natal depois de meter-se em arriscada aventura amorosa com uma estudante, escapando das ameaças de morte da família da moça que engravidara fato gravíssimo para a moral provinciana do país. Partiu para a região amazônica, de lá para Iquitos e, posteriormente, para nossa capital.

“Com melhor formação cultural, conhecendo música e dedilhando o violão com perícia, Miguel Viana sobreviveu no Peru como músico de casas noturnas. Numa delas, conheceu Helena, de nacionalidade colombiana, foi seu amante e, por violenta crise de ciúme, assassinou-a com a própria corda do instrumento musical que lhe dava sustento.

“O réu – ponderou o promotor diante dos jurados – pode ser incluído no grupo dos criminosos-passionais, estudado por Enrico Ferri, Lombroso e outros criminalistas de



nomeada. Movido, normalmente, pelo ciúme exacerbado, esse tipo de delinqüente é conduzido ao crime por “um impulso súbito e impetuoso”.

Depois de referir-se aos distúrbios psico-sexuais provocados pela eclosão, repentina ou gradual, do ciúme, o promotor citou Vincenzo Mellusi que, no livro “Os Que Amam e Matam”, comparou a anomalia do ciúme a um “tumor que, aos poucos, vai corroendo os tecidos sadios do organismo”.

Em seguida, inevitavelmente, dirigiu suas reflexões para o exemplo clássico de alguém possuído pela suspeita e o ciúme: “Otelo”, criação imortal de Shakespeare.

-“O que aconteceu a Miguel Viana – explicou o promotor, exibindo a tradicional erudição do assunto, - repete o caminho tortuoso que conduz o homem dominado pelo ciúme à suspeita, ao desvario e, finalmente, ao crime. Este foi o mesmo caminho percorrido, tragicamente, por Otelo, o mouro da tragédia shakespeariana, inoculado com o veneno insidioso de Iago e conduzido ao estrangulamento de Desdêmona.

“Estudei detidamente os antecedentes sociais e familiares deste criminoso - prosseguiu o promotor, bafejado pela vaidade ao perceber a grande atenção do júri e expectadores sobre si. Filho de pai tirânico e prepotente, comerciante na cidade do Crato, Miguel Viana viveu a infância e adolescência muito ligado à mãe, que era paciente e amorosa, submetida ao autoritarismo do marido, do qual não sabia libertar-se.

“Este fato – continuou o acusador, agora dirigindo o olhar às mulheres presentes – gerou na sensibilidade do brasileiro um impulso de adesão ao sentimento feminino, que o acompanhou pela vida afora, levando-o a perfilar-se ao grupo daqueles delinqüentes que sofrem de um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, enfrentam o despotismo paterno, principalmente quando voltado para a mãe, a quem se apegam com um fervor quase incestuoso”.

- O senhor está confundindo incesto com amor filial! – gritou uma espectadora petulante, provavelmente estudante de Direito.

- A senhorita – replicou, irritado, o promotor, deveria, antes de me contestar, estudar a obra de Freud. Tenho receio de que acabe achando justo o estrangulamento de Desdêmona e daquela infeliz bailarina de boate!

A mocinha e outras espectadoras protestaram, provocando inesperado tumulto na sala, o que levou o Juiz a bater com força o martelo na mesa, gritando:

-Silêncio! Não são permitidos apartes, ou interferência do público neste julgamento! Se insistirem nesta prática ilegal, retiro os espectadores da sala!



Um grande silêncio seguiu-se às palavras do Juiz-presidente, permitindo ao promotor prosseguir o libelo:

- Obrigado, Meritíssimo Doutor Juiz – agradeceu o promotor. Depois desta inesperada e equivocada interrupção, volto à análise etiológica deste lamentável crime, acrescentando que o sentimento anômalo do réu pela mãe o acompanhou pela vida afora, levando-o a sofrer um processo aflitivo de autopunição, induzindo-o a cometer delitos com o objetivo de criar, pelo menos a seus olhos, um pretexto menos forte e angustiante do que o impulso incestuoso”.

Quando foi lida a decisão dos jurados e a sentença do Juiz, condenando Miguel Viana à pena de prisão perpétua, a maioria dos espectadores aplaudiu, mas a platéia feminina protestou aos gritos, vaías e xingamentos, ouvindo-se, forte e estridente, a voz colérica de uma mulher inconformada;

- Pior do que a injustiça é a burrice!

Semanas mais tarde realizou-se o julgamento de Aldo Ridruejo, também cercado por enorme interesse, pois o crime perpetrado pelo mecânico fora considerado, nos anais judiciários do Peru, como um dos mais hediondos cometidos no país.

Diante da sala do júri repleta de jornalistas, estudantes e os maiores juristas e criminalistas do Peru, outro prestigiosíssimo promotor, chamado pelos colegas de “gigante imbatível”, prolatou uma acusação histórica, de extrema severidade, chocando o país pela descrição minuciosa da impressionante tortura que o réu aplicara no patrão, dono da oficina mecânica.

- “Este infame criminoso – tonitroava o promotor com voz possante – é o assassino-louco, cujo crime de repulsiva crueldade revelou a mesma natureza degenerada a que se refere Garofalo, “quaisquer que sejam as causas antigas ou recentes dessa degenerescência”.

“A ciência atual – continuou o promotor – esforça-se para colocar em relevo os caracteres que diferenciam os criminosos entre si, e para fixar-lhes a individualidade física e psíquica no meio ambiente, como o fez, de forma magistral, Enrico Ferri neste trecho lapidar:

“Uma idéia criminosa vem pouco a pouco do crepúsculo incerto da veleidade indistinta à superfície da consciência, criando, então, novo exemplo de transformação das forças que, se não encontram no cérebro um freio, ou se de qualquer maneira o não enfrentam, manifestam-se graças à cumplicidade do meio, por uma impulsão exterior e



muscular, quando o sistema nervoso se mostra atrasado, doente ou minado pela degenerescência”.

- “Este foi o caso escabroso de Aldo Ridruejo – prosseguiu o acusador – ao tramar a vingança diabólica contra o patrão. Em seu caso, além disso, o complexo provocado pelo defeito físico foi elemento adicional ao impulso homicida, nascido da vingança contra o homem que o humilhara.

“O biótipo deste terrível assassino ampara-se nas doutrinas de Krestschmer e Pende, na Itália; Sheldon, nos Estados Unidos, e Bogomolets, na Rússia, relacionando estrutura corporal, doença mental, comportamento e personalidade anormal, levando a incluir o criminoso no grupo atlético, de temperamento exotímico.

“Como integrante do grupo exotímico – enfatizou o promotor – Ridruejo é o exemplo típico do delinqüente explosivo, predisposto ao paroxismo motor e a reações extremamente violentas. Não hesito em incluí-lo na galeria dos assassinos mais brutais da História, ao lado de Jack, o Estripador, Landru, Troppman, Castruccio e alguns outros”.

A Justiça punira duramente os crimes de Carlos Aguirre, Julio Carvajal, Juan Diaz, Aldo Ridruejo, Zimaco e Miguel Viana. Condenados à prisão perpétua, o destino como já foi dito, os reuniu numa mesma e infecta cela da Penitenciária de La Concepción, em Iquitos. E é lá que nosso relato vai continuar.



## CAPÍTULO 3

### A FAMA DO CRIME

Quando, na manhã de novembro de 1957, chegaram ao pátio de recreação da Penitenciária de La Concepción o diretor Camilo Ibarra, o Chefe da Guarda, tenente Pablo Ramirez, um jornalista e um fotógrafo americanos do jornal "The New York Times", enviados especiais para uma série de reportagem sobre criminosos e prisões na América do Sul, a atenção dos detentos voltou-se, curiosa, para o grupo.

- Este é o pátio de recreio do Pavilhão 2 – explicou o diretor aos jornalistas americanos. Os senhores estão autorizados e podem trabalhar livremente, mas com cautela, pois alguns reclusos são perigosos. De qualquer forma, estarão acompanhados por dois guardas, como medida de segurança.

Durante uma semana os jornalistas, John Wallace e Bill Simon, repórter e fotógrafo do grande jornal, cumpriram a agenda de trabalho, previamente organizada em Nova York.

Dias mais tarde, com chamada de primeira página, "The New York Times" iniciou a publicação de matérias que iriam alcançar repercussão internacional, provocando um protesto formal do governo peruano pelo teor depreciativo das observações que continham. Protesto, aliás, solenemente ignorado pelo jornal.

As reportagens, assinadas por John Wallace, deram especial destaque às entrevistas e sínteses dos antecedentes e comportamento psicopático de alguns convictos, como Juan Diaz, Carvajal, Aguirre, Miguel Viana, Zimaco e Ridruejo.

A última parte da reportagem de John Wallace foi dedicada à própria Penitenciária, que ele retratou de forma implacável.

Após percorrer demoradamente as instalações do presídio, o jornalista dos Estados Unidos classificou-o de início, entre os que adotam o regime penitenciário fechado, isto pela própria característica de só abrigar condenados à prisão perpétua. E citou José Ingenieros que, no livro "Criminologia", dividiu os estabelecimentos carcerários em quatro grupos: prisão (urbana), colônia (rural), esta "destinada a delinqüentes de temibilidade mínima"; penitenciária, "destinada aos delinqüentes já habituais e cuja readaptação social é mais difícil e exige maior tempo e, finalmente, presídio, para os delinqüentes de



temibilidade máxima, provavelmente irreformáveis, para os quais a seqüestração penal deve ter caráter permanente e definitivo”.

“Conscientes de que o resto de suas vidas vai decorrer entre as grades da prisão, os convictos de Iquitos recusariam, naturalmente, qualquer forma de tratamento, com vista à sua recuperação moral e social”.

E citou, a certa altura, a terrível definição de Augusto Setti; “O cárcere é como o chacal, o imundo animal que torna a comer o alimento que vomita”.

Observando a forma perversa de relacionamento recíproco dos detentos, John Wallace deu ênfase ao despótico domínio de uns sobre outros transcrevendo a definição de Sighele, perfeitamente aplicável a tudo o que pudera ver em Iquitos:

“São numerosos os pares de degenerados, compostos de um indivíduo forte (o incubo), que sugestiona um pusilânime (o súcubo) e o arrasta ao vício, ao crime e a todas as formas de perversões, como se fosse um autômato”.

Neste ponto, narrou Wallace os casamentos homossexuais, freqüentes nas prisões; as violentas explosões de ciúme de uns contra outros; os assassinatos constantes nas celas e recantos do presídio.

A cumplicidade do meio, a ausência total de expectativa de recuperação, a podridão moral, física e psicológica da população carcerária; a revolta surda e enlouquecedora de cada recluso, levaram o jornalista à dramática conclusão de que à prisão perpétua seria preferível a pena de morte, que evitaria aquela escalada de degradação humana, observada em Iquitos.

“O que encontrei em La Bestia – enfatizou o repórter – não foram pedagogos, sociólogos, médicos, psicólogos, assistentes sociais, capelães ou criminalistas, mas detentos e carcereiros em permanente conflito, numa convivência de ódio recíproco”.

“Encontrei naquele presídio carrascos perversos, nevróticos histéricos, exibindo uma repulsiva atrofia congênita do senso moral, alma e mentes degeneradas, anomalias psíquicas, inibições volitivas, erotismo doentio e degradante. Ali observei uma humanidade estigmatizada pela deformação física e mental, dominada pelo vício, a violência e o alcoolismo, caracteres torpes de escravos e dominadores. Ali avistei fisionomias tenebrosas, como resíduos cuspidos em um meio infamante, onde prevalece o instinto de tânatos, mortífero e impotente”.

“Ali constatee, verdadeiramente, - concluiu John Wallace - a forma mais vil e brutal do terrorismo estatal, responsável por um rigor punitivo de caráter absolutamente feudal, de



que a privação total da liberdade e a bárbara repressão dos menores delitos e transgressões disciplinares alcançam nível bestial”.

“Prova-se, em Iquitos, que a violência institucional do aparelho carcerário transgride os direitos humanos mais mezinhos. Só encontro, afinal, uma solução para a escabrosa Penitenciária de La Concepción, de inteira justiça cognominada de La Bestia: sua demolição urgente e completa, salgando-se o local onde foi erigida”.



## CAPÍTULO 4

### COMANDANTE CARUANA

Diz a sabedoria popular que “não se anda na Planície Amazônica – navega-se”.

Calculada, em sua totalidade, por José Veríssimo, em 40.000 quilômetros, a navegação amazônica abrange não só o rio Amazonas, como outros grandes caudais: o rio Branco, o Japurá, o Içá, o Jutai, o Coari e os trechos navegáveis do Tocantins, Xingu e Capim.

Primeiro rio do mundo em volume de águas e o segundo em extensão, o Amazonas nasce na Cordilheira dos Andes, em território peruano, atravessa de O para E dois estados da região Norte do Brasil – Amazonas e Pará – e desemboca no Oceano Atlântico.

A gigantesca bacia hidrográfica, ensinam os manuais de Geografia, é a mais vasta e impressionante do globo e mede cerca de 5,8 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 4,8 milhões em território brasileiro e o restante em cinco países da América do Sul: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Somente no Brasil a bacia amazônica mede precisamente 4.787.717 quilômetros quadrados.

Os dois principais rios formadores do Amazonas são, como se sabe, o Ucayali e o Marañon. O Marañon, como se aprende na escola, tem sua origem no riacho de nome Lauricocha, que nasce no lago do Nino, nas geleiras da Cordilheira de Santa Ana, a 5.200 metros de altitude, na província de Junin.

Outra versão, mais recente e, provavelmente, de maior embasamento técnico, contradiz a informação clássica. “Segundo as mais novas averiguações do geógrafo Squires e do comandante C. Besley – informa Raymundo Moraes – o Amazonas, em vez de nascer no Lauricocha, no Departamento de Tarma, no Peru, nasce na mesma República, mas na região andina de La Raya, no Telhado do Mundo, com o nome de Vilcanota”.

Depois de percorrer aos saltos 45 quilômetros, na direção norte, formando sucessivamente seis pequenos lagos (Santa Ana, Caballococha, Nieveurco, Tinquicocha, Yanacocha e Patarcocha), o riacho inicial deságua no lago de Lauricocha, com quatro quilômetros de extensão e largura de quinhentos metros. Na saída pela extremidade NE do Lauricocha, no meio das ramificações dos Andes, cujos últimos contrafortes transpõem no Pongo de Manseriché, vira definitivamente para leste.



Pouco abaixo de violenta corredeira, o Amazonas, já com o nome de Marañon, torna-se navegável, em qualquer época do ano, mas somente para pequenas embarcações que não requeiram mais de dois metros de água. Neste ponto, acha-se ainda a 4.950 quilômetros de sua foz.

A navegação no Amazonas é feita por toda sorte de embarcações, desde os transatlânticos e os velhos e impávidos gaiolas, às gambarras a vela, com dois mastros e tolda pequena para cinco tripulantes na popa; as vigilengas, de um único mastro, com toldo e formato arredondado, além das populares montarias, pequenas canoas feitas de um tronco de pau escavado a fogo e, finalmente, as ubás, embarcações sem quilha, feitas da casca inteiriça de uma árvore, movidas por meio de varas, ou de pás.

Essas embarcações, desde as de maior calado, às simples montarias, navegam pelos grandes ou pequenos cursos d'água, entrando em furos e igarapés, canais, córregos, lagos, lagoas, águas turvas, límpidas, pretas, verdes, azuis ou pardas.

Poucos, como o Comandante Fernando Caruana, conheciam tão detalhadamente os intrincados caminhos fluviais da Amazônia: coroas, restingas, praias, ilhas, furos, lagos, discos e frisos líquidos, abertos para o céu. Não lhe eram estranhos os segredos mais ocultos da selva, o habitat de antas e gaviões, pacas e jacarés, da fauna e flora ao longo de afluentes, confluente e defluente.

Naqueles rios, a bordo de todo tipo de embarcação, Caruana viveu a maior parte de sua laboriosa vida de oficial da Marinha Mercante brasileira.

Suas mãos rijas, detendo o leme dos navios, traziam segurança a passageiros e tripulantes. Recebido com estima em todos os portos de escala, seu nome inspirava firmeza e competência.

Nascido e criado na Ilha do Mosqueiro, nas imediações de Belém do Pará, Fernando Caruana poderia perfeitamente servir de paradigma humano do nortista brasileiro.

Na região norte do Brasil, como se sabe, predomina tipos humanos representativos da colonização européia – portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, ingleses – e, principalmente, dos agrupamentos indígenas em sua miscigenação com brancos e negros.

O extraordinário amálgama racial da Amazônia realizou-se no vale com forte sentido ecológico. Em nenhuma parte do mundo produziu-se melhor exemplo de integração homem-rio-floresta como naquela região.

“A floresta, os rios e os lagos – escreveu Leandro Tocantins – com seus povoados vegetais ou animais, envolveram o homem numa teia de interesses, de necessidades e



competição. O que faz vislumbrar na Amazônia aquele “organismo vivo”, no qual operam harmoniosamente vários sistemas vivos, o vegetal, o animal, o humano”, no dizer do professor Mukerjee”.

Na fecunda mescla racial que ali se observa a contribuição negra foi inexpressiva, ao contrário do que ocorreu em outras regiões brasileiras.

Na Amazônia o que predominou foi a mestiçagem entre os índios e brancos, produzindo variados tipos raciais, como o curiboca, o mameluco, o mestiço, o caboclo.

Fernando Caruana era mestiço, oriundo da mistura de branco com mameluco do primeiro sangue. O pai, nascido no Ceará, viera, muito jovem, residir em Belém do Pará, onde sobreviveu como pescador e, mais tarde, fazendo o transporte de mercadorias entre a capital e a Ilha do Mosqueiro.

Casando-se com uma paraense de direta descendência aborígene, Evaristo Caruana teve dois filhos, Jerônimo e Fernando, ambos engajados, desde cedo, no árduo trabalho da pesca, particularmente fértil na Ilha do Mosqueiro e em toda a costa fluvial e marítima de Belém.

Jerônimo morreu cedo, vítima de febra amarela, enquanto Fernando sobreviveu e substituiu o pai na pesca e sua comercialização no mercado do Ver-O-Peso.

De estatura mediana, forte e sólido, Fernando Caruana tinha cor pardacenta, fronte curta, olhos pretos e vivos, lábios grossos e, como sinais exteriores da direta origem indígena, maxilas prognáticas, fronte achatada, dentes pequenos e alvos, orelhas pequenas e abertas.

A infância e a adolescência de Caruana transcorreram em Belém e na Ilha do Mosqueiro, lugares onde proveu o sustento da mãe, que enviuvara e dos cinco filhos, que tivera em dois casamentos.

Residia no Mosqueiro, que considerava um insubstituível “paraíso terrestre” e onde, nos intervalos das viagens pelo rio Amazonas, divertia-se com os filhos nas pescarias, não mais como meio-de-vida, mas como esporte e lazer apaixonantes.

A Ilha do Mosqueiro foi primitivamente povoada pelos índios tupinambás, que viviam da caça e pesca abundante em toda a costa norte e nas baías de Santo Antônio e do Sol.

Os tupinambás eram peritos não só na pesca, como na conservação do pescado, utilizando o processo do mosqueio, de que se originou, por corruptela, a designação de Ilha do Mosqueiro.



A ilha possui belas praias, como a do Areião, do Bispo, Grande, do Farol, Chapéu-Virado, Murubira, Ariramba, São Francisco, Carananduba Caruara, Paraíso, Conceição, Bacuri e Fazenda.

A família Caruana instalara-se na localidade de Carananduba, no litoral da Vila, cujo acesso a Belém se fazia por embarcações da SNAPP, empresa federal de navegação.

O pai do comandante foi como centenas de outros pescadores, beneficiado com a doação de área na ilha, só concedida, em fins do século passado e início do atual, a colonos, lavradores, pescadores e moradores permanentes no Mosqueiro.

Na área doada pelo governo, Evaristo Caruana construiu residência modesta na praia de Carananduba, mais tarde herdada, ampliada e modernizada pelo filho, que se tornara figura estimada na Ilha.

Ali Caruana vivia com Francisquinha, com quem se casara em segundas núpcias, e com os filhos Raimundo, de 16 anos, Rita, de 14, e Fernandinho, de 9, de lá só saindo para comandar o navio-gaiola "Amazonas", da frota fluvial da companhia "Navegação da Amazônia e Portos do Pará", SNAPP, mas tarde transformada em ENASA, "Empresa de Navegação da Amazônia S.A".

As constantes viagens Ilha do Mosqueiro-Belém do Pará nas velhas embarcações da SNAPP provocaram em Caruana a atração pela navegação fluvial. Desde menino, seja com o pai nas canoas geleiras, freteiras e igarités, transportando peixe para o mercado da capital, seja nas embarcações de passageiros que ligavam a ilha ao continente, Caruana foi sempre o observador atento da atividade de comandantes, imediatos, pilotos ou marinheiros, conduzindo, em dias de bonança ou tempestade, as embarcações ao porto e embarcadouros do Ver-O-Peso.

Ao completar quinze anos de idade, Caruana conseguiu emprego na SNAPP e entrou definitivamente para a Marinha Mercante, servindo, de início, como carregador, garçom, marinheiro e, após fazer cursos noturnos como prático, piloto, oficial, imediato e, finalmente, comandante de grandes navios de carga e passageiros da frota federal.

No navio-gaiola "Amazonas", que comandava há mais de quinze anos, Fernando Caruana, ao completar 64 anos de idade, estava próximo da aposentadoria, com uma excelente folha de serviço e um conceito profissional que o destacava brilhantemente entre os colegas.



Metódico, íntegro e paciente, incapaz de erguer a voz em momento de alteração, mantinha a autoridade apenas com o olhar, firme, decidido, revelador de uma personalidade que não se impunha pela arrogância e auto-suficiência.

Na véspera de nova viagem rio-acima, Caruana passou o dia pescando com o filho mais velho, Raimundo, no igarapé do Pau-Amarelo, um de seus locais preferidos pelas condições propícias para uma boa pescaria, atividade que exigia perícia e principalmente paciência.

Alcançava o igarapé na pequena lancha a motor de popa, equipada com petrechos de pesca: linha, rede, puçá e espinhel, além do moquém de grelha, de forma triangular, que colocava em pedras ou forquilhas de madeira, sobre a qual assava a fogo lento o peixe, depois reduzido a migalhas, levadas aos fornos de farinha, brandamente aquecidos. Essa velha técnica, também de origem indígena, como muitas outras, foi sendo perpetuada nos hábitos e costumes amazonenses.

O peixe moqueado, que Caruana e Raimundo degustavam com grande prazer, era popularmente conhecido como piracuí, ou farinha de peixe.

Além do anzol de linha tradicional, o comandante também utilizava o espinhel, outro instrumento de pesca, composto de uma grossa e comprida linha, interligada a outros menores e mais finas, dotadas de anzóis nas extremidades.

Com o espinhel, a rede ou a linha, Caruana apanhava a piraíba, o dourado, a guriuba, a piramutaba, o cacú e muitas outras espécies ictiológicas da Amazônia.

De manhã bem cedo, até o anoitecer, o comandante era o mais feliz dos mortais, perseguindo a aruaná, o pirá-tapioca, o tucunaré, ou acará, os acarís, os jaraquis, a tainha, os aramacás, numa persistência hábil e cautelosa.

Sabia, como todos os pescadores do vale, que “a melhor hora para a pesca é de manhã”, segundo José Veríssimo. “Nem tão cedo que não haja luz bastante à transparência d’água, nem tão tarde, que as tenha agitado a viração, mas quando, não havendo ainda caído o vento, conservam-se as águas serenas, e lisas como espelho a sua superfície”.

Quando anoitecia, encerrava a pescaria, ligava o motor de popa e iniciava a viagem de volta, a lancha cheia. Eram felizes, pai e filho, compensados pelo dia de prazer insuperável.

Durante o trajeto de regresso, Caruana narrava ao filho casos ligados à pescaria, como o feito heróico de Josino Cardoso, que fora amigo de seu pai.



- O Josino – explicava ao filho – pilotava a vigilenga Juruna, perto da Ilha de Maracá, quando viu cair do céu um pequeno avião, que mergulhou no rio. Imediatamente, eles os companheiros pescadores, rumaram para o local do acidente e salvaram de morte certa os aviadores argentinos Bernardo Duggan, Eduardo Olivero e Eugenio Campanelli, que tentava de avião o raid Nova York-Buenos Aires.

Interrompendo o relato, Caruana desviou a lancha de um tronco e árvore, comeu mais um pedaço de peixe moqueado e continuou:

- Josino e os companheiros tornaram-se heróis no Brasil e, principalmente, na Argentina, que lhes tributou grandes homenagens.

Já era noite quando Caruana e Raimundo chegaram à casa de Carananduba, onde Francisquinha, Rita e Fernandinho os receberam carinhosamente, já antegozando o jantar de moqueca e pirão.

No dia do embarque para Belém, na quente manhã de abril de 1958, Caruana preparou-se para outra viagem rio-acima, no comando da gaiola “Amazonas”.

Vestiu o uniforme branco, impecavelmente limpo e passado, bebeu café com leite com pão e broa de milho e, antes de sair para embarcar rumo ao porto de Belém, ouviu Francisquinha dizer-lhe, contrafeita:

- Fernando, me desculpe, querido... Mas... queria te pedir uma coisa.

Hesitou, o rosto aflito. Depois continuou, diante do olhar interrogativo do marido:

- Pede pro Altamirando te substituir na viagem...

Caruana, estranhando o pedido da esposa, perguntou, meio espantado:

- O quê, Francisquinha?!... Pedir pro Altamirando me substituir?! Que idéia esquisita!

- Não sei, querido... Tive um sonho esta noite, estou com medo desta viagem... Se você quiser, vou à companhia, digo que você está meio doente, invento qualquer coisa...

Caruana aproximou-se de Francisquinha, que tinha o rosto afogueado, e ponderou, surpreendido com a proposta inusitada da mulher:

- O que é isto, meu bem? Inventar doença, pedir substituto? Está brincando, Francisquinha? Nunca pedi substituto em 35 anos de Marinha. Ora, querida, que idéia absurda!

Francisquinha não insistiu encabulada. Ajeitou o uniforme no corpo rijo do marido, apanhou o quépi no cabide e, ela própria, colocou-o na cabeça de Caruana, cuja expressão



passara da surpresa à ternura. Abraçou Francisquinha, acariciou-lhe os cabelos e a face bonita de cabocla, dizendo:

- Fique tranqüila, meu bem. Não vai acontecer nada, você vai ver. Deus é grande. Vamos a Belém, senão atraso. As crianças estão prontas?

Nesse instante, Raimundo, Rita e Fernandinho surgiram eufóricos, correndo do interior da casa.

- Estamos prontos, papai! – gritou o mais velho, que falava sempre pelos irmãos.

- Então vamos.

Antes de sair, perguntou à mulher:

- Fechou a casa toda?

- Fechei.

- E a bomba da cisterna?

- Já desliguei.

Só então, com a família, o comandante Fernando Caruana saiu de casa e rumou para o centro da ilha, onde embarcou no navio com destino a Belém.

Fazia aquele itinerário todas as vezes que partia em viagem, subindo o Amazonas com destino a Manaus e Iquitos. E era sempre uma festa para as crianças, orgulhosas do pai, com seu vistoso uniforme de comandante.

O barco de transporte da SNAPP, deixando o pequeno embarcadouro do Mosqueiro, contornou a ilha, em forma de rim, alcançou o litoral norte, em linha longitudinal, depois da Baía do Sul, pelo lado ocidental da Ilha de Colares, atravessou a Baía de Santo Antônio até aproximar-se do continente e do porto de Belém, onde ancorou por volta de onze horas da manhã.

Caminharam uns cem metros pelo cais do porto, construído pelos ingleses no início do século, e chegaram ao velho gaiola que Caruana comandava.

Ao avistar o “Amazonas”, imóvel, parecendo maior no cais acostável, Francisquinha empalideceu, como se visse um fantasma. Caruana avançara alguns metros para conversar com amigos e colegas que o vieram saudar.

Depois consultou o relógio, foi despedir-se dos filhos, prometendo a cada um:

- Vou trazer o filhote de jaguatirica que você pediu, Raimundo.

- Não vai esquecer, papai?

- Esqueço não, filho. Promessa é promessa!

Voltou-se para a filha Rita e também prometeu:



- Compro para você, Rita, a roupa de alpaca que pediu.

Apanhou o caçula, colocou-o no colo, beijou-o e disse:

- Para você, Fernandinho, vou trazer o tucano de bico amarelo.

E perguntou;

- Vai cuidar bem do pássaro?

Exultante com o presente prometido, Fernandinho garantiu:

- Vou cuidar bem do passarinho, papai!

- Passarinho nada, menino! – disse, sorrindo, o comandante. – O tucano não é um passarinho, é um passarão!

Depositou o filho no chão, aproximou-se de Francisquinha, abraçou-a e a beijou carinhosamente, em silêncio.

Francisquinha não conteve as lágrimas, levando Caruana a dizer, comovido:

- Não chore, Francisquinha. Vamos, vamos, enxugue essas lágrimas, quero um sorriso bonito, um beijo e também sua bênção.

- Tome cuidado, Fernando, pelo amor de Deus, tome cuidado! – recomendou enfaticamente a mulher. – E que Deus o abençoe!

Escondendo a emoção num sorriso benevolente, Caruana afastou-se e subiu depressa a prancha do navio.

No portaló esperavam-no, perfilados, o imediato Aparício Barreto e outros oficiais da tripulação.

- Então, Aparício, tudo pronto? – indagou Caruana. – Combustível, carga, documentação?

- Tudo pronto, comandante! Respondeu o imediato, orgulhoso das providências que tomara.

- Muito bem. Vamos autorizar o embarque.

Uma sineta soou forte, movimentando o cais e a multidão de passageiros que se despediam, apanhavam a bagagem e subiam a bordo.







## CAPÍTULO 5

### VIDA, RIO-ACIMA

O gaiola, assim chamado por sua estrutura elevada, com dois conveses e camarotes nas amuradas, é a embarcação mais popular da Amazônia, com suas oitocentas toneladas de deslocamento e doze pés de calado. Com motor a óleo fabricado na Alemanha, e força de 400 HP, alcança a marcha de 19 milhas horárias, rio-acima.

Construídas na Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos e até em Santarém, no Pará, as venerandas embarcações substituíram o carro e o trem-de-ferro no vale infindável, fazendo história, criando lendas e um rico acervo folclórico navegando nos grandes rios.

Suas instalações dispõem, na primeira-classe, de acomodações para 44 passageiros em igual número de beliches, com quatro camarotes de luxo, dotados de ventiladores e guarda-roupa.

Da primeira passa-se diretamente à terceira-classe, já que não existe, na verdade, uma segunda-classe. Isto faz supor que na Amazônia, como, de resto, em todo o Brasil, a grande diferença social e econômica concentra seus habitantes em apenas duas categorias: os ricos e os pobres.

Renda per capita, concentração de renda, pobreza e riqueza ostentatória são, tanto no Amazonas, como no Brasil, na América Latina e no chamado Terceiro Mundo, fatores sócio-econômicos que se perpetuam no tempo e no espaço.

Neste sentido, o valente navio-gaiola poderia perfeitamente servir como símbolo ambulante da grande e injusta diferença de classes, mais notada nas regiões norte, nordeste e nas maiores cidades brasileiras.

Os passageiros do “Amazonas” distribuíam-se pelas duas classes. Na terceira, quase ao nível das águas, o que se via era lamentável: pobreza, promiscuidade, precárias condições de higiene e conforto, com um número excessivo de viajantes dormindo em redes, enfileiradas lado a lado, ou suspensas longitudinalmente, perto da carga e das máquinas.



Era quase meio-dia quando o “Amazonas” iniciou nova viagem Belém-Iquitos-Belém. Liberado o embarque, Caruana subiu ao passadiço e, ele próprio, pegou no leme, no comando da partida.

Mantinha-se calado, a sobancelha franzida, meditando sobre as palavras de Francisquinha. Tentava esquecê-las, confiando em sua experiência, provada no tempo, e

na proteção de São Cristovão. Mas uma perturbação estranha pesava-lhe no coração,

entristecendo-o.

Cumpridas as formalidades legais, o navio soltou os tradicionais apitos graves. As pranchas foram retiradas, os cabos desatados, as máquinas postas a funcionar, resfolegantes, soltando nuvens de fumaça pela chaminé.

Iniciando a manobra de desatracação, o gaiola virou a proa em direção ao centro do rio, afastando-se do cais.

Do passadiço, Caruana avistou Francisquinha e os filhos, abanando lenços brancos. Tirou o quépi e, erguendo-o na mão, despediu-se das pessoas que mais amava no mundo.

Quilômetros adiante, com o “Amazonas” distante do cais, ainda avistou o vulto querido da mulher, já desaparecendo numa curva do rio.

Depois, num estirão, já em marcha normal, Caruana voltou-se para o imediato, companheiro de tantas viagens e confidências, e lhe falou, em tom baixo de voz:

- Estive pensando, Aparício: acho que vou apressar minha aposentadoria, me dedicar mais à família, aos filhos, à Francisquinha.

- Esta vida errante cria conflitos com a família – comentou o imediato, solidário com o colega. – A gente passa mais tempo viajando do que convivendo com os parentes. E isto provoca queixas, desencontros e até separação de casais.

Calaram-se por alguns instantes, os olhos atentos aos furos que o navio ia vencendo na subida do rio Pará, guiado por Caruana com mãos de mestre.

Mais acima, num largo do rio, a navegação mais tranqüila, Caruana voltou a dizer:

- A Francisquinha anda nervosa, meio irritadiça, falando em coisas. Imagine, Aparício, me pediu para não viajar, pedir substituto, impressionada com um sonho que teve. Veja você! Nunca tive substituto nas viagens, e não seria agora, em fim de carreira, que eu iria fazer uma besteira desta!



Fez uma manobra hábil, evitando que o barco se chocasse com uma ilhota flutuante. O “Amazonas” jogou para um lado e para outro, depois voltou à posição normal, e continuou vagarosamente rio-acima.

Caruana retomou o diálogo interrompido:

- Vou te confessar uma coisa, Aparício. Confio em sua discrição. Ultimamente ando com umas caraminholas na cabeça, pensando em besteira, como esta diferença de idade entre Francisquinha e eu. Certo dia ela saiu cedo de casa, foi a Belém fazer compras, demorou muito para voltar, dizendo que encontrara uma amiga de Óbidos, estudaram juntas, e o tempo foi passando. Sabe o que andei pensando? Que ela tem um amante, anda me traindo!

- Que estupidez, Caruana! Você é burro mesmo! Se a Francisquinha te traísse, insistiria pra você não viajar? Ao contrário, iria é estimular sua partida pra te por um par de chifres na testa!

Depois completou, veemente:

- Além disso, homem, ponho a mão no fogo pela Francisquinha, não porque é meio parenta minha, mas por ser mulher honesta, incapaz de uma canalhice dessas! Ela te adora, paspalhão! Pensamento besta, Caruana!

Meio sem jeito, diante da carraspana do amigo, Caruana reconheceu:

- Você tem razão, Aparício. Sou burro mesmo! Esqueça a besteira que falei. Coitada da Francisquinha, ficou chorando no porto, e eu aqui, duvidando dela!

Subindo o rio Pará, o “Amazonas” aproximou-se dos Furos de Breves e, em alguns trechos, quase chegou a tocar na ramagem das árvores da margem.

Mai tarde alcançou um estirão alargado e afastou-se das margens que, aos poucos, foram desaparecendo na linha do horizonte. Avistaram-se, então, numerosas ilhas e, mais adiante, a maior delas, a Ilha do Marajó.

Durante longo tempo a enorme ilha dominou a paisagem, como se nela despejasse a formidável massa líquida. Mas, de novo, quilômetros acima, o navio voltou a navegar próximo da floresta, no dédalo de furos, igarapés, ilhas, ilhotas e estreitas correntes de água, quando a ramagem das árvores novamente se chocava com os ferros da balaustrada.

O “Amazonas” chegara aos temíveis Furos de Breves, subindo em marcha lenta, aumentando as precauções do timoneiro.



Era a parte mais arriscada da viagem, não só pela quantidade de furos, estreitos e canais, formadores do que chamam tradicionalmente de Arquipélago das Ilhas de Dentro, como pelos obstáculos que o rio oferece às embarcações.

Apesar dos riscos e toda sorte de dificuldades, era por aquele intrincado labirinto que os marujos preferiam conduzir seus barcos, evitando a volta enorme que seria o contorno do cabo Maguari, no Oceano Atlântico, para, de lá, chegar-se ao estuário do rio Amazonas e subir o caudal até Manaus.

O itinerário tortuoso incluía os furos de Parauaú, Tajapurú, Macujubim, Aturiá, Macacos, Limão, Jacaré, Jaburu, Itaquara, Boiussú.

Ultrapassados os furos com cuidados especiais, o gaiola seguiu viagem, rio-acima, passando por Jararaca e, quilômetros adiante, abandonando o Estreito de Breves, distanciando-se das margens e penetrando nas águas barrentas do rio-mar.

Caruana, passando o leme para Jerônimo, percorreu a embarcação, fiscalizando serviços, solucionando questões, ouvindo queixas, paciente e cordial, conversando amistosamente com passageiros e tripulantes.

E os dias se foram sucedendo na rotina fastidiosa da viagem, quebrada, aqui e acolá, por acidentes ou pela visão imponente da foz do rio Xingu, da Ilha Urucicaia, de Arumanduba e Almeirim, onde a paisagem se modificava em grandes escampados, pontilhados de fazendas com luz elétrica, e por pequenas montanhas que guardavam o nome de pobres localidades ribeirinhas.

Apesar da beleza do panorama, passageiros e tripulantes sofriam o ataque implacável de piuns e carapanãs, os terríveis insetos que atormentam as viagens.

Atracando e desatracando, o “Amazonas” foi subindo o rio, no itinerário fascinante do vale: Prainha, Monte-Alegre, Santarém, com o espetáculo belíssimo do encontro do rio Tapajós, de águas verdes e transparentes, com o barrento Amazonas.

Depois surgiu Óbidos, cidade grande, aprazível e bem cuidada; chegou-se ao paraná Dona Rosa, estreito e profundo; a Oriximiná, onde deságua o rio Trombetas, e por aí afora: Juruti, Urucurituba, Itacoatiara, Carreiro, Manaus.

Eram os caminhos queridos de Caruana, o itinerário de sua vida, das emoções de sua alma boa e honrada. Emoções que iriam crescer, entre Manaus e Iquitos, e, na volta ao Brasil, de Iquitos a Belém, onde o esperavam Francisquinha, Raimundo, Rita e Fernandinho, a Ilha do Mosqueiro, as pescarias, seu amoroso tesouro ecológico e humano.



## CAPÍTULO 6

### A FUGA DO INFERNO

Após a escala, mais prolongada, em Manaus, onde recebeu mais passageiros e carga, o “Amazonas” seguiu viagem para Iquitos, no Peru.

E não eram os passageiros das próximas escalas – Tefé, Fonte Boa, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e Benjamim Constant – os mais impacientes pela chegada do gaiola, e sim, em Iquitos, os seis criminosos confinados na Penitenciária de La Concepción: Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana, Juaz Diaz e Aldo Ridruejo.

Convivendo em um mesmo e infecto cubículo do Pavilhão 2, ali estiolavam a vida degenerada no sub-mundo do vício. A convivência forçada acabara por aproximá-los numa forte amizade, e esta, por um processo de solidariedade no destino similar, resultou na trama audaciosa de fuga. E a fuga tinha a ver, fundamentalmente, com a chegada do navio-gaiola brasileiro.

E, efetivamente, por volta de onze horas de uma manhã causticante de abril de 1958, os seis presidiários ouviram, com sobressalto e emoção, o silvo agudo do “Amazonas”, aproximando-se do embarcadouro de Iquitos.

Destacado no passadiço, Caruana comandava as manobras de atracação. Passando os olhos pela paisagem, que conhecia bem, avistou o prédio sinistro de La Bestia, sentindo uma sensação incômoda e estranha, uma forma inesperada de angústia que lhe oprimia o coração.

De uma pequena janela da cela do presídio, Carlos Aguirre também fixava no navio, imobilizando-se no porto, um olhar tenso e profundo. Perto dele, espalhados na cela, Juan Diaz, Zimaco, Carvajal, Ridruejo e Miguel Viana aguardavam, com atenção expectante.

Zimaco, recostado na parede, limpava os dentes com um palito de fósforo; Carvajal, estendido na parte inferior de um beliche, fazia bolinhas com miolo de pão, os olhos fixados em Aguirre; Juan Diaz, no leito superior, coçava os pés imundos; Miguel Viana, recostado num armário, apertava as cravelhas de um violão quebrado; Ridruejo, sentado no chão, disfarçava o nervosismo amassando duas ou três tampinhas de cerveja.

Foi quando Aguirre, afastando-se da janela, aproximou-se dos companheiros e lhes disse, no silêncio que se fez:



- O gaiola encostou. Podemos começar!

Dirigiu-se a Miguel e recomendou:

- Fique atento, Miguel. O grude chega daqui a pouco.

Miguel, sem esconder a intranquilidade, dirigiu-se a Carvajal:

- Guardou a espuma, Carvajal?

Carvajal levantou o colchão da cama, apanhou um pequeno frasco e exibiu-o ao companheiro:

- Claro, brasileiro"! Está aqui! Nunca falho!

Avistando o frasco na mão de Carvajal, Aguirre irritou-se:

- Guarde isto, Julio! Quer que os guardas descubram?!

Efetivamente, metros adiante, chegavam pela galeria do pavilhão três guardas trazendo o almoço em dois panelões, num carrinho de rodas.

Sentindo o cheiro de comida, alguém gritou de uma das celas próximas:

- Olha a gororoba, gente!

A escolta do almoço parava diante de cada cela e, batendo o casse-tête na janelinha de ferro, avisava:

- Almoço!

Do interior do cubículo um detento estendeu a marmita, que um guarda apanhou, depois de abrir a portinhola e comentar, irônico:

- Hoje tem carne de porco, Paquito... Acho que vai gostar.

Paquito aproximou o rosto da portinhola e, com sonora gargalhada, retrucou, no mesmo tom:

- Carne de porco?... Mataram o tenente?!...

Ouvindo a piada insultuosa ao chefe da Guarda, que os detentos odiavam, o pavilhão explodiu em gargalhadas, enquanto um dos guardas, sujeito de maus bofes, ficou enfezado, encheu a marmita, chegou mais perto da cela e jogou a comida no rosto do preso, berrando:

- Porco é você, cachorrão! Vamos, engula esta merda no teu chiqueiro!

Outro recluso, confinado na mesma cela, revoltou-se com a agressão e replicou, raivoso:

- Isto é contra o Regulamento, Ruiz! Vou dar queixa!

O soldado colocou a cara na janelinha e deu fulminante resposta, possesso:

- Vá dar queixa pra puta que te pariu!



Solidários com o companheiro, dezenas de presos, batendo colheres, garfos e marmitas nas grades, iniciaram tremenda balbúrdia, só atenuada com a chegada do tenente Ramirez e outros guardas do presídio.

O chefe da Guarda soprou furiosamente o apito e gritou:

- Vamos parar com a bagunça?! Não estão querendo comer? Preferem ir pra solitária, bestalhões?!

O tumulto se aquietou, enquanto a escolta da comida recomeçou a ronda.

Quando se aproximou da cela de Aguirre, o guarda repetiu o ritual:

- Almoço!

No interior do cubículo os seis presidiários haviam terminado os preparativos para a tentativa de fuga: Miguel estendeu-se no chão, perto da porta, enquanto Carvajal apanhou o frasco.

Aguirre, ouvidos colados na porta, acompanhava os passos da escolta. Fez um sinal e Carvajal, rapidamente aplicou na boca de Miguel o xarope químico que preparara na farmácia, onde trabalhava.

Em contato com a saliva, o produto formou uma gosma pegajosa que escorreu pela boca do brasileiro, como se fosse a baba de um epilético.

Aguirre explicou nervosamente ao guarda, que abrisse a portinhola de ferro:

- “Seu” guarda, deu um ataque esquisito no Miguel! O coitado está espumando, estrebuchando no chão! Coisa horrível!

O guarda examinou o interior da cela e constatou, espantado, a veracidade da informação: Miguel executava com perfeição sua parte no plano, agindo como um verdadeiro epilético, imitando as convulsões de um doente, deixando escorrer da boca a espuma química preparada por Carvajal.

Os outros reclusos, rodeando Miguel, aparentavam enorme espanto diante do espetáculo encenado.

Carvajal voltou-se para o atônito soldado e explicou, afobado:

- Acho que é a tal de epilepsia, “seu” guarda! Meu irmão tinha esta doença, coisa muito contagiosa!

O guarda deixou a janelinha aberta e foi depressa chamar o diretor e o chefe da Guarda, informando, muito agitado:

- Com licença, “seu” diretor. Na cela 9 tem um preso que parece muito doente, estrebuchando no chão!



O diretor, Camilo Ibarra, e Ramirez foram espiar o interior do cubículo, no qual Viana continuava a farsa, soltando gemidos impressionantes, a baba descendo pela boca, caindo no chão.

- Tenente, abra a porta! – ordenou o diretor.

Ramirez abriu com a chave a fechadura da cela. Depois fez a porta deslizar, deixando entrar o diretor do presídio, o chefe da Guarda e os três soldados da escolta da comida.

A imitação de Miguel era tão convincente que ninguém se preocupou com a segurança. Ibarra, impressionado com o que via, abaixou-se para examinar de perto o falso doente.

Naquele exato instante, aproveitando-se de descuido do diretor e dos militares, Carlos Aguirre e os cinco companheiros de cela agiram com rapidez fulminante: o primeiro aplicou poderosa gravata no diretor, retirando-lhe do coldre o parabellum que trazia. Zimaco fez o mesmo no tenente, enquanto Juan Diaz, Carvajal e Ridruejo imobilizaram os outros guardas, arrebatando-lhes igualmente as armas.

Colocando o cano da arma na frente de Ibarra, Aguirre ordenou:

- Quietos, “seu” Ibarra! Se fizer o menor movimento estouro seus miolos!

Diante da resistência que Ramirez ensaiava, Zimaco meteu o cano do revólver no ouvido do militar e advertiu, peremptório:

- Fique bonzinho, tenente! Ou está querendo chumbo na cachola?!...

Aguirre arrastou o diretor para a porta:

- Mande o pessoal ficar quieto, senão morre!

- Olha o que vão fazer, rapazes! – poderou o diretor, meio sufocado no braço do presidiário.

Aguirre afrouxou um pouco a gravata, deixando que o refém completasse a advertência:

- Estão fazendo uma grossa besteira! Não têm a menor chance de fuga!

- Isto é o que o senhor pensa, “seu” Ibarra! Com sua ajuda e do tenente, vamos conseguir, o senhor vai ver!

Depois completou, premindo o parabellum no diretor:

- Se a gente falhar, continuamos aqui mesmo, enquanto o senhor vai pro cemitério!

Não é melhor colaborar?



Armados, com os importantes reféns, os seis presidiários chegaram à galeria de celas. Miguel Viana, limpando a baba artificial na camisa, fechava com Carvajal o grupo que, pelo corredor do pavilhão, avançou na direção da Sala da Guarda.

A tentativa de fuga, presenciada por outros detentos, provocou no pavilhão um silêncio de estupefação, de perigosas virtualidades. Mas todos, entre o entusiasmo e assombro, exprimiram uma solidariedade anônima que encorajava a ação dos fugitivos.

Quando o grupo – detentos e reféns – aproximou-se da Sala da Guarda, um compartimento separado da galeria por pesada porta de ferro, os militares lá estacionados, fortemente armados, observavam, espantadíssimos, o que se passava.

Aguirre, segundo à frente apertou o cano da arma na têmpora de Camilo Ibarra e disse, com voz definitiva:

- Dê ordem pra ninguém atirar, “seu” Ibarra! Senão vai haver uma carnificina dos diabos!

Erguendo a voz para fazer-se ouvir pelos guardas, que mantinham as armas apontadas, o diretor, sentindo o perigo extremo, ordenou, emocionado:

- Não atirem! Não atirem! Deixem o caminho livre!

Quando o grupo parou diante da sala, houve um instante de angustiante espera, principalmente quando se percebeu que, de dentro, os guardas hesitavam em obedecer à ordem do diretor.

Mas o tenente Ramirez interveio com energia, reforçando o pedido de Ibarra:

- Abra a porta, sargento Ortega! Vamos, abra, abra! Depressa!

- Mas, tenente... Com estes bandidos?! E o Regulamento?!

- Foda-se o Regulamento! – esbravejou Ramirez. – Vamos, vamos, sargento! Abra a porta! É uma ordem!

A porta então foi aberta, e o grupo penetrou no recinto.

Aguirre, dominando sempre o apavorado diretor, instruiu os companheiros:

- Apanhe a metralhadora, Carvajal! E você, Ridruejo, pega aquela outra! Miguel, Juan e Zimaco apanhem as escopetas, as pistolas e a munição naquele armário!

Com presteza, apesar do nervosismo, os fugitivos apoderaram-se de armas e munição, enquanto Aguirre dizia à escolta da comida:

— Vocês fiquem aqui dentro! Vamos sair com o tenente e o diretor. Se tentarem qualquer reação, os dois morrem! Agora abram a porta, vamos, vamos, depressa!



Outra porta de ferro, ligando a Sala da Guarda à área externa de recreação, foi rapidamente aberta, deixando passar o grupo, agora reduzido.

Numa extremidade do pátio, na guarita de segurança, um policial com fuzil-metralhadora observava espantadíssima a chegada dos fugitivos com os dois reféns. Instintivamente, ergueu a arma e apontou na direção do grupo.

Percebendo o risco que corriam, Aguirre ordenou ao diretor, pressionando-lhe com força a arma na têmpora:

- Mande o gorila abaixar o fuzil, “seu” Ibarra!

- Abaixa o fuzil, Gabriel! Não atire! – gritou depressa o diretor.

Cruzaram a área, a caminho da portaria central.

A notícia da fuga espalhará-se como rastilho de pólvora pelo presídio, provocando alvoroço, gritos e tumulto. Dezenas de presos, presenciando pelas celas a tentativa de fuga, gritavam a plenos pulmões, pedindo que também fossem libertados.

Fugitivos e reféns, enquanto isso havia chegado ao corredor de acesso à portaria central, onde se repetiu o ritual da evasão: guardas e funcionários administrativos imobilizaram-se, perplexos, diante da ameaça à vida dos dois chefes. Ninguém reagiu, acompanhando, impotentes, a fuga de arrojo inaudito.

Quando Aguirre avistou uma camioneta parada diante da porta da Diretoria, caminhou com sua presa na direção do veículo. Naquele instante, contudo, um funcionário gordo, de cabelos grisalhos, o rosto bexinguento, chegou espavorido com um revólver na mão. Ibarra, imediatamente, deu a ordem irretrucável:

- Fique quieto, Genaro, não faça besteira! Guarde a arma!

Alcançando o veículo, Aguirre perguntou:

- Onde está a chave?

- Vá buscar a chave, Genaro! – ordenou Ibarra ao subalterno.

- Aguirre pediu então a Carvajal;

- Veja se tem combustível, Julio.

Com a chave da camioneta, trazida rapidamente pelo funcionário, e a constatação de que estava abastecida, fugitivos e reféns ocuparam-na precipitadamente, indiferentes ao apelo de Ibarra, que ainda tentava dissuadi-los:

- Desistam dessa loucura, rapazes! Não vão conseguir! Toda a polícia vai atrás de vocês! É besteira grossa! Deponham as armas, prometo que não serão punidos!



Aguirre, impaciente, empurrou violentamente o diretor para dentro do veículo e disse, rancorosamente:

- Cala a boca, homem! Nós conhecemos suas promessas! Valem menos do que titica de galinha!

E continuou, alçando a voz:

- Não se lembra do Artigas, que tentou fugir, e vocês recapturaram para depois matá-lo com um tiro na cabeça?!

Com o grupo instalado no interior da camioneta, Carvajal, ao volante, ligou o motor, enquanto Aguirre ordenava ao diretor:

- Mande abrir o portão, "seu" Ibarra! E muito cuidado, senão aperto o gatilho!

- Pode abrir o portão, sargento Ortiz! Vamos, abra depressa! – disse Ibarra ao guarda de plantão.

Vagarosamente, o grande portão de ferro se abriu, deixando passar a camioneta, que disparou pelas ruas de Iquitos.







## CAPÍTULO 7

### O TRIBUNAL DO CARRASCO

Depois de cruzar a cidade por ruas periféricas e caminhos isolados, o veículo com os fugitivos ganhou a estrada que liga Iquitos a Francisco Orellana, itinerário de tráfego escasso.

O plano de fuga previa passar por Santa Maria de Nanay, à margem do Marañon, e chegar a Indiana, localidade próxima à embocadura do rio Napo com o Marañon, onde o grupo esperaria o navio-gaiola, de volta ao Brasil.

Mas Juan Diaz, que conhecia detalhadamente a região, preveniu que correriam risco se cruzassem Nanay, cujo destacamento policial certamente seria avisado da evasão.

O grupo decidiu então, quilômetros adiante, abandonar a estrada e, por uma trilha, seguir pela selva. E o fez aos gritos, eufóricos com o êxito da fuga.

A algazarra, presenciada com desconfiança pelos dois reféns, era tão entusiástica que Aguirre, a certa altura, poderou:

- Calma, minha gente! É melhor deixar a comemoração para mais tarde.

O bando aquietou-se. Zimaco então quis saber, impaciente para livrar-se dos reféns:

- Onde vamos deixar os dois calhordas?

- O Juan é quem vai decidir – explicou Aguirre.

- O Juan? E por que o boliviano?

- Mais tarde você vai saber – respondeu Aguirre, enigmático.

O carro avançava, rompendo a mata, roçando galhos e folhagens, ziguezagueando na trilha tortuosa.

Penetrava-se na selva amazônica, portentosa, ocultando o sol, que pairava sobre a fronde verdejante. Embaixo, apodrecendo na terra úmida, galhos, folhas e troncos de castanheiras, samaumeiras, samambaias, piranheiras, tiriricas, seringueiras e cacaueiros, a mata de terra firme, a mata úmida dos igapós, a mata das várzeas, inundadas pelas enchentes.

Sua imponente emudecia os fugitivos, excitados como crianças diante da liberdade conquistada.



A selva, para muitos o inferno verde, era para aqueles criminosos um jardim, com as flores e a beleza do paraíso.

Olhavam em volta com olhos aguçados pela curiosidade. Um sentimento de posse parecia iluminar-lhes a fisionomia embruteada. Apoderavam-se do ar puro, do perfume das flores, dos caminhos abertos, da luz ofuscante da liberdade. Em seu olhar, antes de selvagem dureza, pousava agora um inesperado lampejo de doçura, substituindo, de relance, sua ânsia de vingança.

Esquecidos de tudo, contemplavam com emoção aquele impressionante mundo vegetal, ao seu alcance, nutrindo-se, comovidos, da paisagem majestosa da mata, tocados pelo silêncio, “um silêncio sinfônico – como escreveu Ferreira de Castro – feito de milhões de gorjeios longínquos que se casavam ao murmúrio suavíssimo da folhagem, tão suave dir-se-ia estar a selva em êxtase”.

Nesse meio tempo, no porto de Iquitos, o “Amazonas” preparava-se para a viagem de volta.

Caruana fizera compras, revira amigos, repousara um pouco, pronto para a segunda etapa da longa viagem, descendo o rio de três nomes.

Entre outros passageiros, embarcou no gaiola um casal idoso de turistas americanos, carregando embrulhos e presentes. Tanto o homem, como a mulher, não exprimam nem alegria, nem entusiasmo, mas tédio e decepção.

Outros passageiros, no entanto, subiram ao navio com uma expressão mais feliz: o cientista francês Michel Leroy, etnólogo de renome, e Frei Massotti, franciscano da Prelazia de Santarém, ambos conhecidos de viagens anteriores. Como os dois se conheciam e, ao que tudo indicava, se estimavam, foi fácil para Caruana acomodá-los num único camarote, deixando disponíveis outras acomodações para viajantes que embarcariam em cidades peruanas, onde o navio faria escalas e, principalmente, em Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Tefé e outras cidades brasileiras.

Depois das formalidades e troca de gentilezas entre brasileiros e peruanos, Caruana desatracou o gaiola, ouvindo as despedidas que lhe faziam do cais:

- Boa viagem, comandante!

- Boa viagem, “Amazonas”!

A velha embarcação se afastou, soltando prolongados silvos e, lentamente, ganhou o centro do Marañon.



Após rodar cerca de trinta quilômetros pela trilha aberta na selva, o veículo dos fugitivos chegou a uma clareira coberta de musgos, cipós e arbustos. Ali Juan Diaz mandou parar.

Carvajal estacionou a camioneta à margem da estrada. Juan desceu, explicando aos companheiros;

- Aqui está perfeito. Vamos descer. Dois ficam no carro, vigiando o tenente e "seu" Ibarra.

Aguirre apontou para Zimaco e Ridruejo:

- Fiquem vocês, bons de gatilho e pontaria. Mas cuidado com eles! Se tentarem fugir, fogo neles!

Os outros afastaram-se alguns metros e, perto de samaumeira, conferenciaram em voz baixa.

No carro, desconfiados, Ibarra e Ramirez comentaram:

- O que será que estão tramando, "seu" Ibarra?

- Como é que eu vou saber, tenente? Coisa boa não deve ser!

Minutos depois os fugitivos retornaram. Aguirre pediu a Zimaco e Ridruejo que trouxessem os reféns para fora.

Temendo uma cilada, suspeitosos, Ramirez e Ibarra desceram lentamente do veículo. Aguirre chegou perto do diretor e, com falsa cordialidade, informou:

- O senhor está livre, "seu" Ibarra. Comportou-se bem, pode ir embora.

Voltou-se para o tenente e completou:

- O senhor ainda não, tenente. Fica mais algum tempo com a gente. Gostamos muito de sua companhia!

Ibarra, desconfiado das intenções de seus captores, hesitou, parado no mesmo lugar. Mas Juan Diaz apontou-lhe o revólver e atirou, errando o alvo propositadamente.

- Não ouviu?! O senhor está livre, "seu" Ibarra. Pode ir andando! – disse Juan Diaz com irritação.

O diretor, com maus presságios, começou a caminhar, vagarosamente, pela trilha da mata. Mas Carvajal interceptou-lhe os passos, apontando na direção de um igapó.

- Pela estrada não, "seu" Ibarra! O senhor pode seguir na direção daquela seringueira.

Ao lado da árvore, coberto de vegetação, um charco, visto de longe, parecia terra firme. Desconhecendo os segredos da selva, o diretor caminhou no rumo indicado. Mas o



fez com lentidão, cauteloso, pressentindo alguma cilada, um tiro nas costas, um linchamento inesperado. Mas Aguirre, impaciente, deu uma rajada de metralhadora para o alto e berrou:

- Ande depressa, homem! Não está querendo ir embora?!

Ibarra, sem saída, acelerou o passo, aproximando-se do igapó, enquanto, parados ao lado do veículo, os evadidos observavam, em silenciosa mas irônica expectativa.

Quando o diretor alcançou o igapó, caminhou alguns metros com passos vacilantes. Até que, sem apoio, começou a afundar, compreendendo, então, a trama diabólica de que fora vítima. O terror cobriu-lhe o rosto de palidez.

Sem equilíbrio, afundando cada vez mais no paúl pegajoso, Ibarra tentou amparar-se em galhos, cipós e folhagem que recobriam o pântano. Nada, entretanto, o impedia de atolar cada vez mais no charco. Apavorado, com gestos grotescos, começou a gritar, desesperado, pedindo socorro, tentando sustentar-se na vegetação traiçoeira.

Espectador indefeso da cena, Ramirez quis socorrer o diretor. Mas Aguirre, barrando-lhe o caminho, encostou nele o cano da metralhadora:

- Quietinho, tenente! Está querendo também tomar banho naquela piscina?!

Foi quando, inesperadamente, avançando na direção de Ibarra, Zimaco esbravejou:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, “seu” Ibarra! Peça perdão ao Montenegro, que o senhor mandou matar de pancadas, na solitária!

O diretor, com as pernas metidas no lodaçal até a cintura, exclamou, aturdido:

- Não fui eu! Não fui eu! Foi o tenente, foi ele, o tenente Ramirez!

Aí o chefe da Guarda se enfureceu com a acusação infamante e replicou:

- Eu?! Ora, “seu” filho da puta! Foi você mesmo, veado, covarde, corno manso! Foi você quem deu a ordem!

Carvajal avançou alguns metros e, por sua vez, também exarou outra acusação:

- E o coitado do Pablito, “seu” Ibarra?! Já se esqueceu daquele coitado, que vocês “suicidaram” no Curral dos Porcos?!

- E o Mário, que morreu de fome na solitária?! – gritou mais atrás o Ridruejo. – E o Fernán, supliciado com choque elétrico?! Ora, filho de uma puta, vá se foder no inferno!

Ouvindo as acusações, como em um tribunal de desforra, Camilo Ibarra começou a chorar, debatendo-se no charco imundo. Seus gestos, no entanto, só serviam para levá-lo mais para o fundo.



Em meio ao desespero e aos esforços inúteis que fazia para manter-se à tona, ouviu ainda a voz acusadora de Miguel Viana:

- Não se lembra do Matin, "seu" Ibarra? Doente do pulmão, tossindo sangue, vocês deixaram o infeliz sem roupa, em noite gelada, pedindo proteção à Virgem Maria. E o Vergara, que enlouqueceu, trancafiado na solitária?!

- E o Juanito, que vocês atiraram da torre, forjando uma fuga?! – gritou Juan Diaz, furioso.

Depois completou:

- Lembra-se do crânio arreventado do pobre diabo?!

Ibarra, enquanto isto, já tinha o tronco chafurdado no pântano, deixando de fora apenas a cabeça e o pescoço. Com os olhos estatelados, chorava e tinha o rosto recoberto de palidez mortal.

Antes de desaparecer completamente no igapó, escutou a voz possante de Aguirre, ecoando na mata:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! É a única coisa que pode fazer, antes de descer aos infernos!

De repente, com o peso do corpo, o queixo, a boca, o nariz, os olhos, a testa e, finalmente, o topo da cabeça do infeliz afundaram no charco, com incrível rapidez, levando galhos, folhagem, musgos, cipós e arbustos de roldão.

Depois tudo ficou em silêncio, um silêncio sinistro que emudeceu toda a mata. Engolido o infeliz, o igapó voltou à sua feição normal, como se nada houvesse acontecido.

No carro, atônito, Ramirez convencera-se de que teria o mesmo destino, principalmente quando ouviu Aguirre dizer-lhe, com desprezo:

- Espere sua vez, tenente Ramirez! O senhor também vai pagar pelos pecados!

Voltou-se para os companheiros e advertiu:

- Olho no homem! Se tentar fugir, bala nele!

E completou:

- Vou dar uma volta com Juan.

Juntou-se ao boliviano e os dois caminharam na mata uns quinhentos metros, afastando galhos, cortando cipós, observando árvores e arbustos.

No recesso da floresta avistaram o entrelaçado das lianas, trepadeiras, cipós-parasitas abraçados aos troncos, ou pendendo de galhos; ouviram vozes estranhas, gorjeios diferentes, gritos agudos de animais assustados, o sibilar do vento na copa das árvores.



- Tem certeza de que aqui tem árvore-de-cera, Juan? – perguntou Aguirre.

- Tenho. Conheço o cheiro dela, você vai ver.

Andaram mais dez metros, até que o boliviano se deteve, observando atentamente uma pequena árvore, quase um arbusto.

- Aqui está a árvore, Aguirre.

A planta, da família das oleáceas, era encorpada e de seus galhos pendiam pequenos frutos de coloração amarelada, pouco menores do que pêssegos.

Juan colheu e guardou alguns deles num saquinho, voltando, em seguida, com Aguirre, para junto dos companheiros.

Quando os avistou, Miguel Viana brincou:

- Foram caçar passarinhos?...

Juan Diaz aproximou-se da camioneta, apontou para Ramirez e respondeu:

- Para o tenente, só se for urubu!

Chegou mais perto do militar, trazendo o saquinho com os frutos da mata, e disse:

- Chegou sua vez, tenente!

Aguirre, que bebia água num cantil, acercou-se do chefe da Guarda e ordenou:

- Tire a roupa!

Ramirez, perplexo, não se moveu, conservando uma postura desdenhosa, de falso orgulho, desmentido, no entanto, pelo medo que não conseguia disfarçar.

Mas Aguirre, subitamente, aplicou-lhe violenta bofetada, repetindo com furor incontrolado;

- Vamos, vamos, tire a roupa, canalha!

Mas o militar continuou imóvel, replicando com arrogância:

- Soy hombre! Não faço isto, cachorro!

Carvajal, chegando em auxílio ao chefe do bando, deu outra bofetada no militar e sugeriu:

- A gente tira à força!

Imobilizaram o chefe da Guarda, que se debatia freneticamente, repetindo com voz poderosa:

- Soy hombre, soy hombre, canalhas! Por quê não vão foder a puta que os pariu?!

Aí os fugitivos se enfureceram e, com socos e pontapés, arrancaram de qualquer maneira a farda do militar: o quépi, com um tapa que o fez voar longe; depois a jaqueta, o culote, as botas, a camiseta.



O strip-tease divertia os foragidos que, da raiva passaram à galhofa, e desta ao sarcasmo, à medida que o corpo volumoso do tenente ia sendo despojado do uniforme.

- Vejam só – disse Zimaco. – O tenente tem mamilos grandes...

- Podia até dar de mamar... – completou Ridruejo, dando gargalhadas boçais.

Quando Juan Diaz avistou um cordão com medalhinha no pescoço do militar, não resistiu e comentou, zombeteiro:

- Caramba! O tenente é muito religioso... Tem uma medalhinha no peito!

Zimaco tocou na medalha e acrescentou, no mesmo diapasão:

- É de Nossa Senhora de Guadalupe!

E perguntou ao chefe da Guarda, com um sorriso debochado;

- Gosta de rezar, tenente? Reza de joelhos?...

Ramirez limitou-se a dirigir-lhe um olhar de escárnio, sem responder.

Carvajal interveio, com maldosa ironia:

- Vai ganhar o céu, com certeza! Quem sabe não rezou uma ladainha pela alma do Pablito, do Montenegro, do Juanito, do Fernán, de tantos infelizes?

- E agora, tenente, rezou pela alma de “seu” Ibarra? – acrescentou Aguirre.

Ramirez continuava impassível, calado, o semblante enojado. Despojado do culote, dos sapatos, das meias, ficou só de cueca.

Aguirre, em dúvida, foi perguntar a Juan Diaz, uma espécie de conselheiro naquele assunto:

- É para tirar também a cueca?

- Também – confirmou o boliviano. – O tenente deve ficar peladinho, como nasceu!

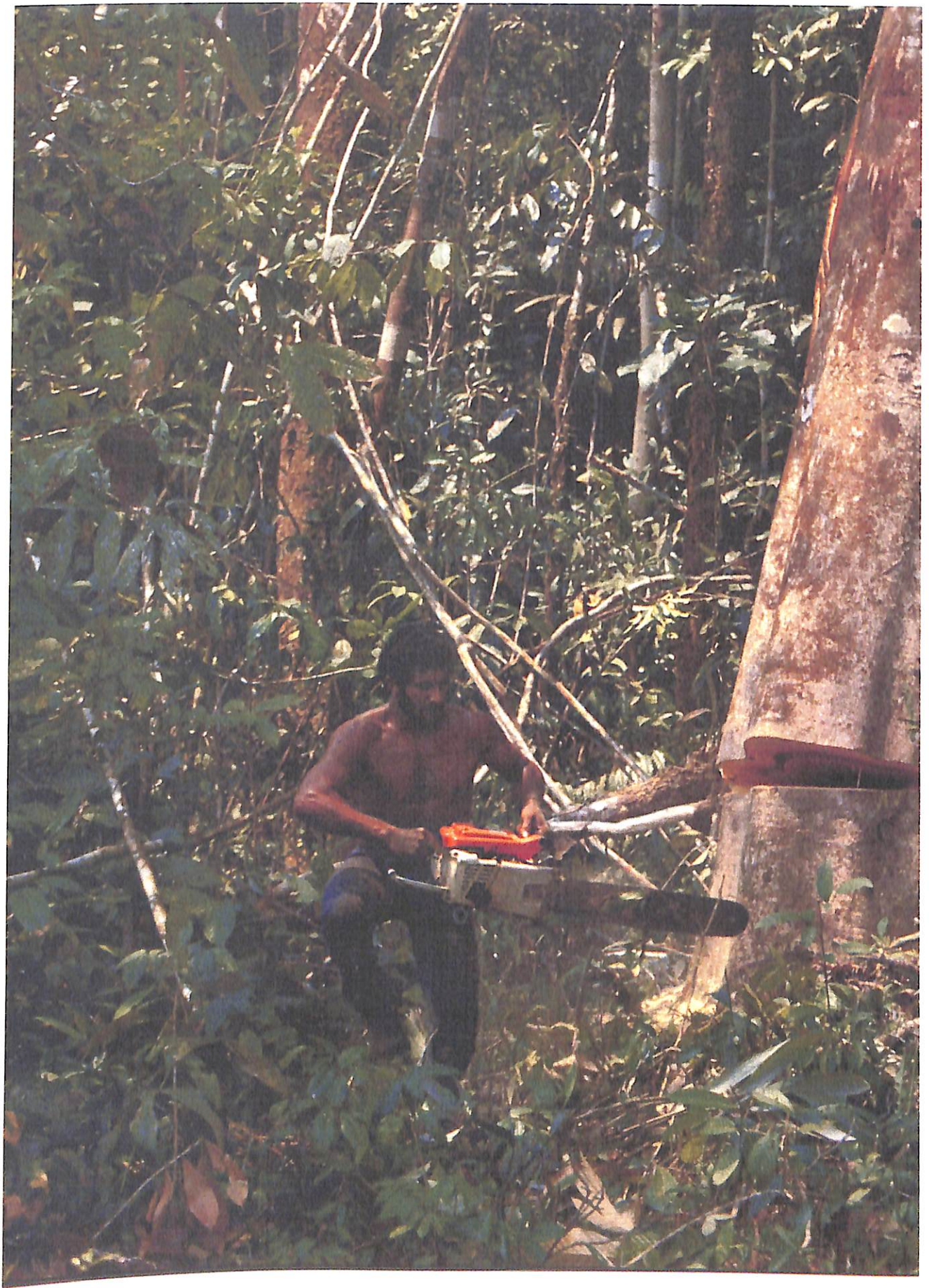
Apesar de fortemente seguro, Ramirez tentou desesperadamente libertar-se, dando pontapés, cuspiendo no rosto dos presidiários, esbravejando:

- Soy hombre! Mes soltem, canalhas! Arrebento cada um de vocês, cachorros! Soy hombre, perros hijos de una puta!

Aguirre, de repente, com um gesto brusco, arrancou-lhe a cueca, com ódio dizendo:

- Ninguém quer comer teu cu imundo porcalhão! Nem pra isto você presta!







Depois, vislumbrando a poucos metros uma maçaranduba, ordenou:

- Vamos amarrar o homem naquela árvore!

Ramirez foi então arrastado para o tronco e nele fortemente amarrado com cordas e cipós.

Zimaco, em seguida, perguntou ao chefe do bando:

- E agora, Aguirre? A gente deixa o tenente amarrado e vamos embora?

- Calma, Zimaco! – redargüiu Aguirre – O plano foi bolado por Juan, e falta uma cosita mas, um detalhe importante.

Juan Diaz, efetivamente, sem pressa, foi apanhar o saquinho colocado sobre o capô do carro. Voltou em seguida para junto de Ramirez, que o encarava com os olhos suspicazes, cheios de revolta e desprezo.

O boliviano abriu o saquinho e, com uma faca, começou a cortar os frutos da árvore-da-cera, de onde escorreu uma espécie de graxa com a consistência de sebo e coloração cinzo-amarelada.

Retirou um lenço sujo do bolso, embebeu-o com a substância oleosa, aproximou-se do prisioneiro e, com ela, besuntou-lhe o corpo, de alto a baixo, disto resultando a exalação de um cheiro ácido e forte.

Ramirez, calado, limitava-se a encarar o boliviano com olhos estupidificados.

Com exceção de Aguirre e Juan Diaz, os outros fugitivos, que não conheciam os efeitos daquele ritual esquisito, beirando a bruxaria, permaneciam calados e interrogativos.

Terminada a bentsunção, Juan Diaz limpou as mãos em folhas secas e disse aos companheiros:

- Está pronto. Vamos para o carro.

O bando se afastou e foi postar-se ao lado do veículo.

- Ninguém faz barulho – recomendou Juan Diaz.

Fez-se um grande silêncio, cobrindo a selva de mistério.

Pouco adiante, amarrado no tronco da maçaranduba, o corpo untado de resina que exalava um cheiro penetrante, o militar esperava, atônito.

Foi quando, silenciosamente, atraídas pelo odor da graxa vegetal, começaram a chegar do mato serpentes de várias cores e tamanhos: cascavéis, corais, jararaca, sucuris, urutus, grossas e finas, venenosas ou sem veneno. E até a mãe-d'água, serpente que os índios chamam de Iacu-Mama, capaz segundo dizem, de atrair pela respiração os animais que se aproximam que ela devora rapidamente, deslizava na direção do militar.



Com as cobras, saindo de esconderijos da selva, também chegaram formigas temíveis: as do fogo, vermelhas, agressivas; as tracuás, escuras e ferozes; as saúvas e tocandeiras habitantes de galhos podres; as saca-saias, pavor do tapúio, do seringueiro, de bichos e aves.

Vendo-as chegar, silenciosas, Ramirez estremeceu, antevendo o fim trágico.

De seu refúgio, impressionados com o espetáculo, a expressão feliz com o castigo aplicado ao carrasco que odiavam, os seis foragidos convenceram-se, afinal, de que chegara ao fim a vida do chefe da Guarda.

Vingando-se das torturas e humilhações, experimentavam um sentimento forte de poder, mesclado com a repugnância e um prazer inebriante que lhes dilatava os olhos rútilos. Observavam tudo com a avidez da fome e a vontade de castigar o antagonista pérfido, agora em seu poder.

- Está fodido! – comentou Ridruejo, em voz sussurrada.

- Puta merda! Que morte horrível! – acrescentou Miguel Viana, o olhar contraído, misturando na memória a imagem de Ramirez com muitas de suas vítimas.

- Ainda é pouco castigo para esse filho da puta! – vociferou, entre os dentes, Zimaco.

Atraídos pelo espetáculo aterrador, prelibavam os evadidos com prazer sádico, a morte próxima do carrasco, convencidos de que a tortura que lha impunham era a justiça divina, afinal aplicada.

Metros adiante, enlouquecidos com o odor da resina, ofídios e formigas aproximavam-se cada vez mais de Ramirez.

Vendo-os tão perto de seu corpo indefeso, o militar passou da perplexidade ao terror, e deste à fúria desatinada. Começou então a gritar, voltando-se contra os algozes:

- Filhos da puta! Filhos de uma cadela, vão pagar por esta barbaridade! Canilhas, miseráveis!

Mesmo com os braços e pernas solidamente amarrados, Ramirez conseguia movimentar parte do corpo, tentando desesperadamente afugentar os silenciosos habitantes da selva.

Os seis fugitivos, da mesma forma como agiram com Ibarra, iniciaram outra vez, aos berros, o julgamento do réu:

- Tem coragem de falar em barbaridade, tenente?! – apostrofou Juan Diaz. – E o que você fez com o desgraçado do Martinez?!



- E com o Diego, o Gómez, o Salinas, o Cristóbal, o Ricardo, quantos mais, miserável?! Gente que você torturou sem piedade, sem defesa!- clamou Zimaco, os punhos erguidos.

- E o Vilafuerte, com os colhões esmagados?! - gritou Carvajal, os olhos injetados de ódio. - E ainda vem falar em crueldade, cão leproso?!

Ramirez, esquecendo-se um instante das cobras e formigas, a poucos centímetros de seu corpo, não se conteve e, por sua vez, replicou aos que o acusavam:

- Quem são vocês, canalhas, pra falar em crime, tortura, crueldade?! Um bando de renegados, assassinos confessos, matadores de inocentes, torturadores da pior espécie?! Não foram condenados à prisão perpétua?! Não têm autoridade pra acusar ninguém! E vão pagar caro pelo que estão fazendo, delinqüentes, degenerados!

- Quem está pagando pelos crimes é você, carrasco maldito! - replicava Aguirre, possesso. - Quantos presos você matou de fome, tenente?! Quantos matou de pancada, de choque-elétrico, de traição, de tortura, de brutalidade?!

- Já se esqueceu do Montoyo, que você envenenou na prisão?! - acusou Zimaco, apoplético.- E do Miguelito, fuzilado pelas costas, do González, envenenado com estricnina?!

Ramirez já não os ouvia, pois, estremecendo de terror e asco, sentira a primeira cobra que lhe subia pelo corpo. Tentou afastá-la, esperneando como alucinado.

Outras cobras e um número espantoso de formigas iniciaram a escalada dantesca pelo corpo despido do chefe da Guarda, lambendo a resina oleosa que o recobria.

Ao contato asqueroso dos invasores, Ramirez redobrava os gestos frenéticos, mas inúteis. Tinha convulsões grotescas, gemia e soluçava, a fisionomia devastada pelo horror. Mas em lugar de afugentá-los, só conseguia enfurecê-los cada vez mais, levando-os a morder-lhe o corpo nu.

Transido de pavor, Ramirez, começou a expectorar, chorando convulsivamente, alheio ao libelo acusatório dos presidiários, que continuavam:

- Suas vítimas, tenente, gritaram de dor, pediram misericórdia, puseram-se de joelhos, suplicaram piedade! Mas você, com aquele sorriso cínico, divertia-se com o sofrimento dos coitados! - acusava Carlos Aguirre, enquanto Ramirez já se entregava à fúria irracional das serpentes e formigas, que o mordiam dos pés à cabeça.



O espetáculo era de tal ordem asqueroso, que até os fugitivos se calaram arrepiados de horror. Foi quando, preocupado com a demorada interrupção da fuga Aguirre recomendou;

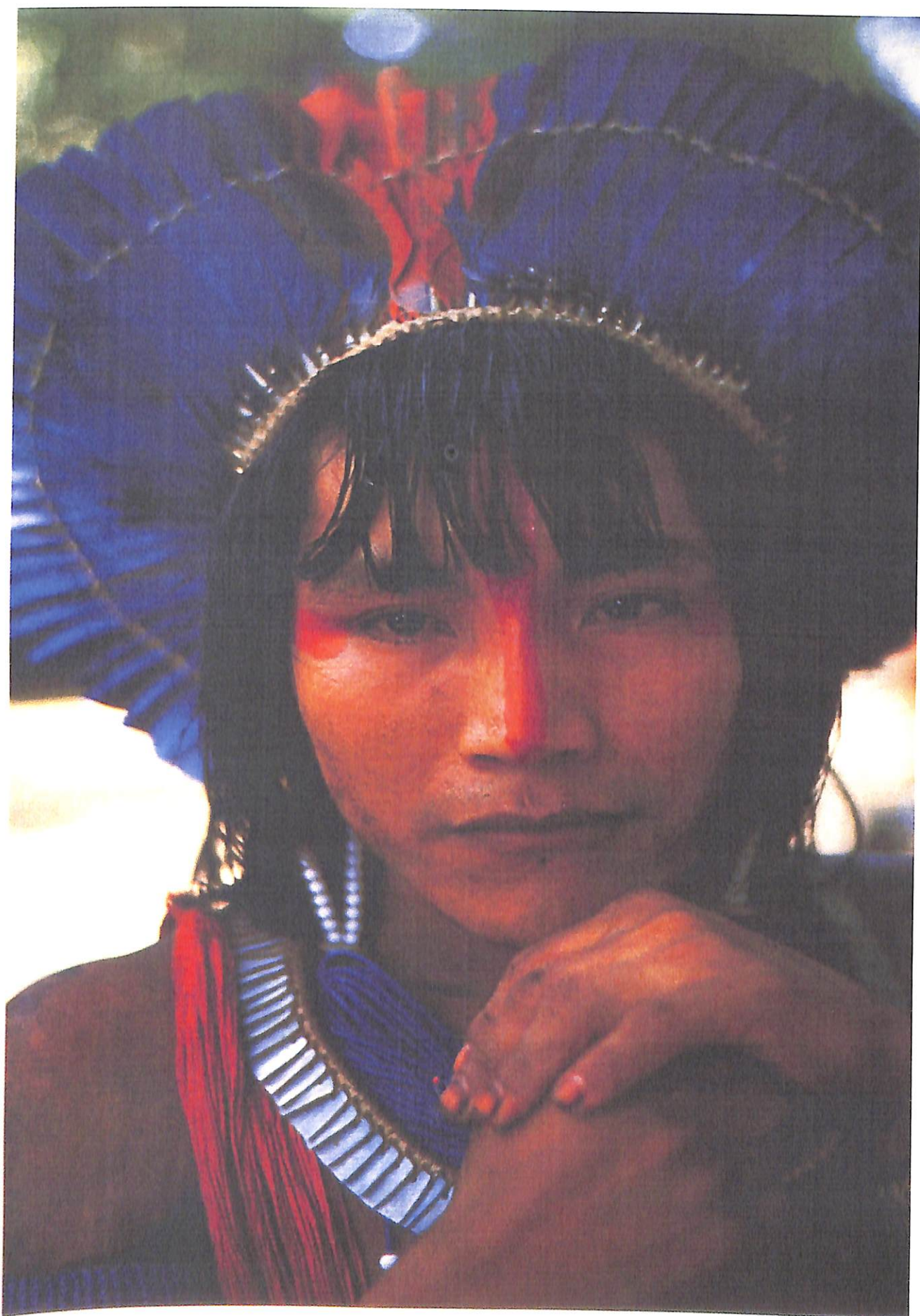
- Vamos embora, gente! Perdemos muito tempo aqui. A polícia deve estar atrás da gente!

Voltaram depressa à camioneta. Antes de partir, Aguirre voltou-se para Ramirez e gritou:

- Agora que vai descer às profundas do inferno, tenente, peça perdão a Deus por seus pecados! E fique aí com suas cobras e formigas, a companhia que você merece!

Entrou no veículo e bateu a porta. Carvajal ligou o motor e pôs o carro em movimento, afastando-se na mata. Mais adiante, numa curva, desapareceu entre as árvores.







## CAPÍTULO 8

### OS ÍNDIOS SEM PARAÍSO

Descendo o rio Marañon o “Amazonas” era um ponto movente na paisagem do vale, emoldurada pela floresta.

Transportava mais carga do que passageiros: produtos manufaturados em alpaca e algodão, artigos de tapeçaria e objetos de arte, fabricados em ouro, prata, madeira, destinados a Belém e, de lá, ao México, Estados Unidos e Europa.

Descendo o rio, ainda no trecho peruano, as refeições servidas a passageiros e tripulantes incluíam pratos típicos do país, como salada de chonta, semelhante ao palmito; o juane, cabiche de paiche, ou as sopas famosas, como inchicapi, a mazamorra de gamitana e o timbuche, um caldo de pescado muito apreciado pelos viajantes.

Nas prateleiras da adega havia bebidas do Peru, como o masato, de origem nativa; o shibé, preparado à base de farinha, ou a aguajina, refresco com base na fruta do aguaje, palmeira da região.

Além das bebidas, os garçons do navio, exibindo a triste e subnutrida mestiçagem da raça, serviam refrigerantes feitos de frutas locais, como o ungurahui e o camu-camu.

Os passageiros mais audaciosos, em busca de emoções fortes, pediam as bebidas preparadas à base de raízes vegetais e aguardente, como o chuchurahui e o huitochado, aos quais se atribuíam poderes afrodisíacos e reconstituintes.

Sentados nas espreguiçadeiras do convés superior, os americanos, Frei Massotti, Michel Leroy e outros viajantes, bebiam aguajina, que os mamelucos serviam caladamente. Alguns se abanavam com leques comprados em Iquitos, tentando afastar as carapanãs e, com menos eficiência, refrescando o rosto que transpirava sob o forte calor.

Mais adiante, de sobranceiras arqueadas, sentado ao lado da mulher numa velha espreguiçadeira, coberta com toalha, Charles Sturges, o turista americano embarcado em Iquitos, resmungava a decepção na viagem desconfortável. Perto dele, mais habituado ao desconforto, Michel Leroy conversava com o frade italiano.

Interessado no estudo das tribos indígenas da Amazônia, Leroy, que se formara pela Universidade de Lyon, iniciara pesquisas no estado do Pará, de onde, após dois anos de viagens e observações em Belém, Breves, Gurupá, Almeirim, Alenquer, Santarém, Óbidos,



Oriximiná e outras localidades paraenses, deslocou-se para o Amazonas. E lá, a partir de Manaus, percorreu o rio Negro, alcançou Boa Vista e, em seguida, através do Solimões, penetrou no Peru, chegando a Iquitos, onde realizou estudos sobre o amálgama racial peruano-brasileiro.

Era um homem afável, exigente na escolha de colaboradores e amigos. Vestia com apuro e possuía moderno equipamento de som e imagem, com o qual documentava detalhadamente as pesquisas.

Fora casado na França com uma colega, também pesquisadora, morta em acidente na África, deixando-lhe recursos financeiros para novas viagens científicas. Membro do corpo docente do Musée de l'Homme, de Paris, a longa permanência de Leroy no Brasil deu-lhe notoriedade internacional, principalmente com a publicação de trabalhos nos campos da Antropologia e Etnologia no "Journal de La Société des Américanistes", no "Handbook of South Americans Indians", do "Bureau of American Ethnology", onde pontificavam Claude Lévi-Strauss, Franz Boas e Roman Jacobson.

Os estudos e pesquisas de Michel Leroy na região amazônica tinham por base a miscigenação racial de índios e brancos e suas lamentáveis conseqüências para a sobrevivência das tribos.

Da mesma forma que Agassiz, Wallace, Bates, La Condamine, Spix e Martius, Darwin, Hercules Florence, Lévi-Strauss, José Veríssimo, Couto de Magalhães, Arthur Ramos, Darcy Ribeiro e outros viajantes, historiadores e cientistas devotados à Antropologia, Etnologia, fauna e flora da bacia amazônica, também Michel Leroy denunciava o estado de decadência das raças indígenas sul-americanas, provocada por colonizadores, preadores, missionários e emigrantes nacionais e internacionais.

Seu companheiro de viagem, o frade Giovanni Massotti, estivera em visita à missão franciscana de Iquitos e agora regressava à Prelazia de Santarém da Ordem Franciscana, onde servia.

Frei Massotti era conhecido e estimado em toda a região amazônica, não só pelo notável poder de catequese, com principalmente, pelo caráter generoso de seu apostolado, voltado particularmente para os índios, objeto de vigoroso esforço missionário.

Nascido na Itália, ingressara aos vinte anos na Ordem Franciscana, interessando-se particularmente pela atividade missionária entre os não-cristãos.

Com apenas vinte e oito anos de idade, veio para o Brasil, atraído pela obra dos franciscanos que chegaram ao país no século XVI, fundando a Custódia de Santo Antônio,



com sede em Olinda, instalando, em fins do século XVII, as Províncias Franciscanas da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, com três comissariados na Amazônia e, em meados do século XVIII, atuando evangelicamente em mais de cinquenta missões, sendo vinte e seis espalhadas pelo norte do país.

Após servir em várias missões, Frei Massotti integrou-se, finalmente, na Prelazia de Santarém, prestando inestimáveis serviços à Missão de São Francisco do Cururu e à catequese dos índios mundurucus.

Para difusão de sua intensa obra apostólica no Cururu, Massoti passou a viajar constantemente, subindo e descendo os grandes rios do vale, solucionando divergências entre os religiosos, reerguendo missões em crise, introduzindo novas técnicas de catequese, de ensino e profissionalização.

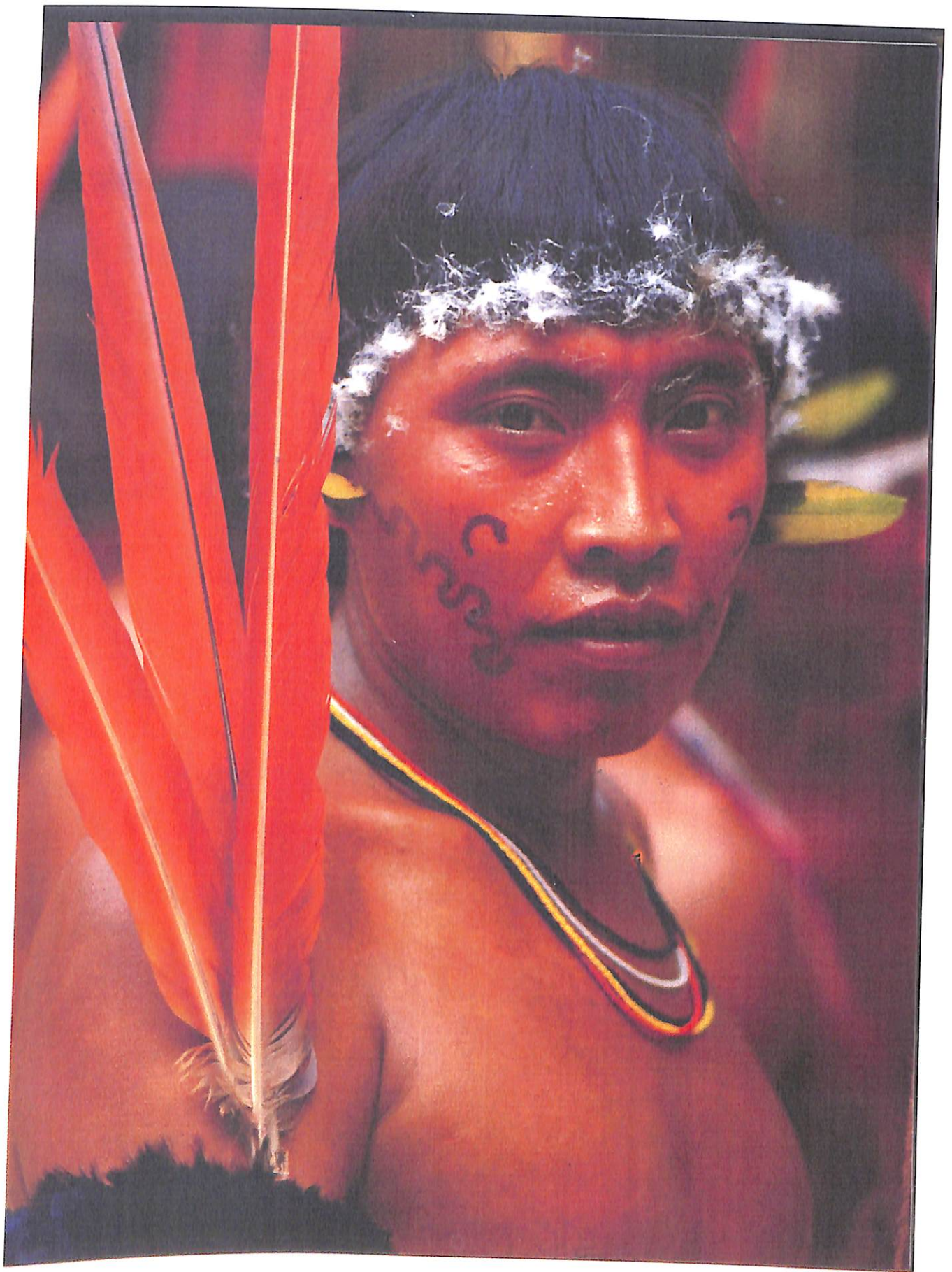
Durante esses deslocamentos, constatou o lamentável estado de deterioração a que haviam chegado as tribos indígenas e seus descendentes.

Foi quando conheceu Michel Leroy, companheiro perfeito na indignação que os mantinha em prolongadas discussões sobre os remanescentes puros da raça indígena, imunes ainda à ação degenerescente dos brancos, como os Iáguas, habitantes do norte peruano e região fronteira com o Brasil, famosos pelo uso, em guerras e caçadas, de flechas envenenadas com curare; os Boras, do tronco tupi da fronteira Brasil-Colômbia-Peru, vivendo ainda da caça e pesca; os Cubeos, habitantes da bacia do alto rio Negro e, finalmente, os Tukinas, do grupo lingüístico Aruaque.

Durante um daqueles colóquios a bordo do "Amazonas", embasados no conhecimento do assunto que os empolgava, Leroy apanhou um caderno de anotações, examinou alguns dados e explicou:

- Os quase dois milhões de indígenas, estimados pelo Padre Antônio Vieira na região amazônica, ao tempo da descoberta e início da colonização, estão hoje, Frei Massotti, reduzidos a menos de 250 mil! Dos 230 grupos tribais existentes no Brasil em 1900, sobrevivem hoje somente 140. É triste, é lamentável, é revoltante!







Guardou pensativo o caderno no bolso, acendeu o cachimbo, os olhos pousados na paisagem recoberta de névoa, como uma cortina de luz parda. Depois, com o semblante entristecido, prosseguiu, falando com o forte sotaque francês:

- E dizer que isto já foi o éden de milhares de tribos, vivendo em um tempo em que, - como escreveu Gastão Cruls - “condensavam-se em grandes e inumeráveis nações tribais, ocupando região coberta de florestas e cortada de rios, tornando a vida fácil e prazerosa”.

- “Vida fácil e prazerosa, veja o senhor! Que ironia cruel! - comentou Frei Massotti, solidário.

- Hoje vivem de esmolas, - continuou o franciscano - em atividades marginais, em situação de subemprego, vendendo bugigangas, bebendo cachaça, roídos por doenças.

Leroy deu duas ou três cachimbadas, concatenando as idéias. Depois interferiu:

- A consequência da “ação civilizadora” dos brancos foi duramente definida por Louis Agassiz, de forma contundente. Virou a folha do caderno e leu;

- “O resultado das ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades física e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de raça pura o companheiro e o animal predileto do homem civilizado”.

Depois de vasculhar o caderno de anotações, Leroy fixou-se em determinado trecho e disse ao franciscano, que o escutava atentamente:

- O prezado amigo há de perdoar-me, mas não resisto á tentação de ler um trecho forte, mas veraz, de José Veríssimo. Peço-lhe que me perdoe, se for desagradável a seus ouvidos de missionário.

- Leia, leia, caro professor! - pediu Frei Massotti, curioso. - Faço uma déia do que seja.

Michel Leroy iniciou a leitura:

- “O que se pode condenar, e que a história deve altamente reprovar, é que o povo conquistado tenha ficado longe de sua verdadeira missão, esquecendo-se que, como civilizado e cristão, ele tinha o dever de não confundir aproveitamento com perseguição. A história registra com horror os crimes atrozes que, à sombra da Cruz e da Lei, se praticavam”.



O diálogo enveredava para um terreno delicado, deixando Frei Massotti particularmente interessado, já que o assunto lhe dizia respeito diretamente. Foi então que, exaltadamente, retrucou:

- Não nego que houve excessos e distorções na catequese religiosa. Mas, meu caro professor, o senhor não poderá negar, em sã consciência, a extraordinária obra civilizadora dos missionários, desde os jesuítas, com Anchieta e Nóbrega à frente, aos franciscanos, capuchinhos, carmelitas, maristas, etc. Não fossem eles, através de ingentes esforços de alfabetização, evangelização, aprendizado de práticas agrícolas e trabalhos manuais, da incorporação ao mundo civilizado de milhares de silvícolas e, principalmente, de sua defesa contra os predadores, escravizadores e invasores de suas terras, nem esses 250 mil aborígenes teriam sobrevivido!

À medida que falava, Frei Massotti ia adquirindo eloquência e um ardor apologético que impressionavam e, ao mesmo tempo, divertiam o cientista francês.

O sacerdote, alheio às reflexões irônicas do etnólogo, prosseguiu, com ênfase crescente:

- O senhor, em suas viagens, conheceu, ou pelo menos avistou muitas cidades, aldeias e povoações fundadas pelos jesuítas e missionários católicos, como Samuel Fritz, que fixou e amparou, à margem do Solimões, dezenas, ou talvez centenas de tribos indígenas.

- Um momento, meu caro frei Massotti, um momento!- interrompeu Michel Leroy. – Li, tempos atrás, mas não me recordo onde, acusações muito sérias a esse famoso jesuíta, Samuel Fritz, defensor intransigente da ambição territorial dos espanhóis no Amazonas, em fins do século XVII. Os mesmos espanhóis que, como senhor deve saber, dizimaram maias, aztecas e incas, transformando em ruínas admiráveis obras artísticas e arquitetônicas que eles produziram durante séculos. E foram os mesmos espanhóis que implantaram no continente americano, no norte, centro e sul, governos sanguinários, despóticos e retrógrados!

E completou, movido pelo calor da argumentação e pela secular birra franco-espanhola:

- Aquele jesuíta, de origem alemã, mas a soldo da coroa hispânica, estava fortemente convencido de que a Amazônia pertencia, de direito, a Castela.



A polêmica parecia crescer ardorosamente, ganhando forma perigosa de disputa. Mas, em vez de aborrecimento, ou antagonismo, o desacordo entre sacerdote e cientista lhes trazia excitação e interesse intelectual.

- Além dos conflitos bélicos entre portugueses e espanhóis, - retrucou Massotti com o rosto afogueado – conflitos oriundos de litígios territoriais, o que dificultava a ação missionária foi a política lusitana de grande estímulo à miscigenação racial, a ponto de conceder favores materiais aos colonos que se casassem com as damas da terra, provocando, com isto, choques entre colonos e missionários, aqueles ávidos de mão-de-obra escrava, estes defendendo a liberdade dos indígenas convertidos. A tal ponto chegaram os conflitos que o Marquês de Pombal decretou a extinção das missões religiosas instaladas no norte e nordeste do Brasil, ocasionando rápida decadência do país.

Fatigado, talvez, com a ênfase com que defendida a posição religiosa, Frei Massotti calou-se por alguns instantes, aspirando o ar quente que lhe encharcava a veste sacerdotal.

Aproveitando o intervalo, Michel Leroy voltou a arguir a argumentação conflitante:

- Com o devido respeito, Frei Massotti, recordo que o próprio Anchieta, tão louvado pela Igreja, escreveu em 1561 carta a Tomé de Souza, na qual, refletindo sobre a pregação do Evangelho entre os silvícolas, afirmou: “Por temor se hão de converter mais que por amor”.

Depois de uma baforada com o cachimbo, prosseguiu:

- Talvez a carta do padre Anchieta tenha levado Couto de Magalhães a considerar, no livro “O Selvagem”, que “por outro lado, os padres jesuítas antigos, que com serem grandes religiosos, nem por isso deixaram de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporâneos. Naquele tempo a crença no poder do espírito era tão grande que Santanás representava na vida humana um papel tão importante como o do próprio Deus”.

Deu outra cachimbada, consultou rapidamente o caderno e continuou:

- Aliás, os missionários tinham êxito no Brasil, junto aos índios, mais pela ameaça do Inferno, do que pelas promessas do Paraíso. Com isso submeteram as tribos a seu credo e mando, transformando os silvícolas mais em servos do que em cristãos.

Frei Massotti não gostou, de forma alguma, da manifestação anticlerical do etnólogo francês. Retrucou, alçando a voz com certo azedume:

- Seus antepassados, professor, tentando criar no Brasil a France Antartique, também não prometeram e nem concederam aos índios as delícias do Paraíso! Na verdade, transformaram os coitados em bucha de canhão, remetendo-os, juntamente com os



portugueses , diretamente para o Inferno! E não se esqueça daquele corsário violento e sanguinário, Duguay-Trouin, que, em 1711, comandando poderosa esquadra, forçou a barra do Rio de Janeiro, apoderou-se da cidade e saqueou-a a ferro e fogo, dizimando seus moradores! E os Boucaniers, nas Antilhas, os Flibusteiros de Montbars, o Exterminador, Morgan d'Olonne e De Grammont, os invasores da Guiana, tomando a terra aos índios, trucidando-os barbaramente? Já se esqueceu desses compatriotas, senhor Michel Leroy?!

Houve uma pausa entre os dois antagonistas, provocada, certamente, pela aproximação do comandante Fernando Caruana, que fez aos dois passageiros uma observação fortuita sobre a ameaça de chuva e vento que iriam sacudir o navio.

Assim que o comandante se afastou, Michel Leroy reatou a discussão, dizendo ao companheiro de viagem:

- Permita-me o caro amigo citar-lhe um trecho do livro "América Trágica", do notável escritor americano Theodore Dreiser, onde se lê que "a grande arma do imperialismo continua sendo a penetração missionária e a exportação de capitais".

Deu uma baforada e prosseguiu:

- O senhor provavelmente não desconhece que a penetração religiosa no México, século passado, foi vital para assegurar a conquista do Texas pelos americanos. Aqui na Amazônia missionários protestantes e católicos atuam a serviço de interesses hegemônicos dos Estados Unidos, como membros do New Missions, que chegam à região com grandes recursos materiais e financeiros.

Provando, uma vez mais, que era um cientista bem informado e, sobretudo, bem organizado, Michel Leroy voltou a consultar o caderninho, explicando, antes de ler o que anotara:

- Faço justiça aos católicos, Frei Massotti, após conhecer, recentemente, um relatório reservado que o diretor do Serviço de Proteção aos Índios, coronel José Luiz Guedes, remeteu ao Ministro da Agricultura, no qual afirma que nossos patrícios do interior receberam toda sorte de auxílios materiais. Com isto, colocam as autoridades federais e estaduais numa situação de desprestígio perante nossos caboclos, dando-lhes a impressão de que o governo brasileiro nada faz por eles, enquanto que elementos estrangeiros tudo fazem. Ora, além de outras atividades nocivas aos interesses nacionais que realizam, isto constitui, indiretamente, uma verdadeira campanha desnacionalizante, com grave perigo para nosso país. Tanto isto é verdade, que já tive ocasião de ouvir vários comentários a este



respeito, havendo mesmo certa senhorita amazonense me declarado que “era preferível que o Amazonas fosse americano, pois o Brasil nada fazia por aquele estado”.

O diálogo se interrompeu por alguns instantes, mergulhando os dois contendores em caladas reflexões, como se municionassem novos argumentos para a defesa de seu ponto de vista. E foi ainda Michel Leroy o primeiro a falar, interrompendo a pequena pausa:

- Li, tempos atrás, o livro de Osny Duarte Pereira, “Desnacionalização da Amazônia”, um estudo de grande importância sobre a penetração imperialista nesta fantástica, cobiçada e imensa área brasileira. O livro analisa as ameaças que, de longa data, pairam sobre a Amazônia e cita, inclusive, a frase de Adams, sexto presidente dos Estados Unidos: “O mundo deve familiarizar-se com a idéia de considerar o Continente Americano como nosso domínio natural”. Também ouvi, de políticos e escritores afeitos à temática amazonense, manifestações de temor de que, em futuro não muito distante, a ONU, a pretexto de preservar o que chama de “grande pulmão do mundo”, decida, por pressão das grandes potências hegemônicas, com os Estados Unidos à frente, declarar a região amazônica “zona internacional de preservação ambiental”, retirando-a da soberania histórica do Brasil!

- Mas o Brasil não permitirá que isto aconteça, professor! Há o Exército, há os patriotas que pegarão em armas em sua defesa! – observou, enfaticamente, o eloquente franciscano.

- No México, caro Frei Massotti – replicou Michel Leroy – havia também, no século passado, Exército e ardorosos patriotas que não evitaram a perda de imensos territórios de seu país, como o Texas, a Alta Califórnia, o Arizona e o Novo México, incorporados aos Estados Unidos!

Leroy folheou rapidamente o caderno de anotações e voltou a dizer;

- Encontrei no livro de Afrânio Peixoto, “Pequena História das Américas”, este expressivo trecho referente à questão mexicana: “Enquanto isto, México sofre, decai e, humilhado, espoliado, é desmembrado de territórios preciosos”.

-Mas não foram unicamente os Estados Unidos a fazerem guerras de conquista – prosseguiu o etnólogo francês. – Também a Inglaterra, Japão, Espanha, Portugal, Alemanha, Bélgica, Itália e outras nações fizeram isto, criando colônias e espoliando suas riquezas, sempre a pretexto de defender “a democracia, os princípios morais, a civilização cristã”.



- Também a França, caro professor, não se esqueça de que também a França fez isto! – interveio o franciscano. – Lembra-se do que sua pátria fez no norte da África, Argélia, Senegal, Marrocos, Tunísia?

- Está certo, está certo, o senhor tem razão, Frei Massotti! Também a França teve e ainda tem seus pruridos imperialistas, não posso negar! Mas, convenhamos, em escala bem menor do que outras potências mundiais.

Leroy e Frei Massotti calaram-se, provavelmente armazenando argumentos para nova ofensiva.

Pouco depois, no entanto, a polêmica deixou o aspecto político e ideológico e resvalou para um terreno menos elevado, de pura provocação pessoal, quando Frei Massotti, encarando Michel Leroy, perguntou, inesperadamente:

- Não se ofenda pela pergunta que vou lhe fazer, professor: o senhor, além de ateu e, ao que tudo indica, anticlerical, não é também comunista?

Michel Leroy não respondeu, de imediato. Deu uma baforada e, em seguida, fleugmático como um britânico, respondeu:

- Tinha a certeza de que o senhor, cedo ou tarde, iria fazer esta pergunta. E vou respondê-la, com toda franqueza.

Deu outra baforada, soltou lentamente a fumaça e respondeu:

- De forma alguma, prezado Frei Massotti, sinto-me ofendido pela insinuação irrefletida. Defendo intransigentemente a liberdade de expressão, crença e ideologia. Para mim valem da mesma forma o crente, o descrente, o católico, o protestante, o budista, o ateu e o comunista. Seriam, por acaso, ateus, anticlericais ou comunistas os índios que adoram e cultuam o Sol e a Lua?

Começaram a cair as primeiras gotas da chuva e um vento frio chegou da floresta, agitando as águas do Marañon. Os dois passageiros levantaram-se. Antes de se recolherem, Michel Leroy acrescentou com cordialidade:

- Nenhum dogma, ou credo, me empolga, Frei Massotti. Busco apenas a verdade, estudo o destino dos homens, sejam brancos, negros ou pardos. Abomino as injustiças e os preconceitos. Acredito firmemente na ciência e nas descobertas que ela promove, em benefício da humanidade.

A chuva caiu, forte, molhando o convés, balançando o navio.

- Vamos ao refeitório, Frei Massotti? Assim poderemos tomar um bom vinho francês.



- Ou um chianti, professor, que é melhor do que um Bordeaux – corrigiu o franciscano.

- Esta sim, caro Frei Massotti, é um opinião subversiva! Mas, convenhamos, gosto não se discute. Vamos ao chianti, e depois ao Bordeaux. Assim não brigamos. E entraram.



## CAPÍTULO 9

### O SEQUESTRO DO “AMAZONAS”

No Marañon, como de resto em toda a bacia amazônica, o gaiola, ou qualquer outra embarcação de maior calado, navega com atenção especial, evitando chocar-se com barcos de pesca e transporte, árvores, galhos e troncos arrancados nas grandes enchentes.

Para alertar as embarcações, espalhadas pelo leito do rio, o “Amazonas” acionava constantemente o apito grave e característico, ouvido a longa distância.

- È o gaiola, Juan? – perguntou Carvajal, não muito longe do rio. – Não vai chegar antes de nós?

- Fique sossegado – tranqüilizou o boliviano, que tinha noção exata das distâncias no vale. - Chegamos a Indiana antes do navio, que é velho e pesado.

- Acho que está na hora de deixarmos a camioneta por aqui – sugeriu Aguirre.

- Ainda não – ponderou Juan Diaz. – Vamos seguir mais um pouco. Perto do ancoradouro a gente se livra dele.

Seguiram viagem na trilha sinuosa, transpondo, pouco adiante, um riacho margeado por belas folhagens.

Três quilômetros á frente, nas imediações de um rio encorpado, o veículo estacionou. Os fugitivos saltaram, espalhando-se pelo local aprazível, colhendo frutos, bebendo água fresca.

Meio impaciente por livrar-se do veículo, Ridruejo perguntou:

- Vamos tocar fogo no carro?

- Tocar fogo?! Você é mesmo burro, Ridruejo – comentou Juan Diaz, irônico.- Queimar o carro, deixar pista pros soldados?...

Ridruejo não gostou do comentário e replicou, enfezado:

- Burro é você! Precisa ofender?!

Percebendo que a alteração poderia azedar, Aguirre interveio, brincalhão:

- È o jeito dele, Ridruejo. Conheço bem este índio de merda. Não teve a intenção de ofender, não é mesmo, Juan?

- È agora é você que me ofende, boiota? – interrogou Juan Diaz sem azedume, certo de que a intervenção de Aguirre era de paz.



- Burros e boiotas somos nós todos, parados aqui, enquanto o navio se aproxima de Indiana – ponderou Zimaco, impaciente. – Vamos, gente, pé na estrada!

- E o carro? - insistiu Ridruejo.

Sem lhe dar resposta, Carvajal entrou no veículo, ligou o motor e, diante do espanto dos companheiros, levou-o ao topo de um barranco, desceu e soltou o freio de mão. Depois, com pequeno esforço empurrou-o para dentro do rio, no qual, lentamente, submergiu.

- Eis aí um homem inteligente! – aplaudiu Aguirre.- Você brilhou, Julio. Soube usar o bestunto!

- Sempre achei que cagada é mais para baixo – informou Carvajal, lisonjeado.

- E agora, Juan? – Seguimos para onde? – quis saber Aguirre.

O boliviano, que examinava o local, indicou a direção sul:

- Por ali. A gente atravessa um trecho na mata e chega à barranca do rio. Depois é seguir pela margem e, em pouco tempo, chegamos a Indiana.

Aguirre apanhou a metralhadora, que recostara no tronco de uma árvore, recolocou o cantil e uma sacola no corpo. Disse então aos companheiros:

- Vamos embora, gente! Acabou o pic-nic. Agora é que a onça vai beber água!

Enquanto isto, o “Amazonas” seguia viagem rio-abaixo, na direção da primeira escala no Peru.

Ao leme, na torre de comando, Caruana manobrava com perícia, evitando os obstáculos, atento ao leito do rio.

Alguns passageiros dormitavam nas espreguiçadeiras. Outros, nos camarotes, faziam a sesta, enquanto no convés inferior mulheres amamentavam os filhos, velhos liam nas redes, rapazes jogavam cartas em torno de um caixote.

Era uma humanidade sofrida, tristonha, com a calada paciência dos pobres, atormentados pelo assédio persistente de piuns e carapanãs.

Alguns viajavam sem destino certo, fugindo de um inferno para outro, na busca de uma vida sempre igual: pobreza, desesperança, incerteza. Eram homens e mulheres de faces pálidas e encovadas, soterrados pelo conformismo, herdeiros de raças decadentes.

Não muito distante do estirão, por onde descia o barco, os seis presidiários avançavam na mata úmida, dificultados por empecilhos de toda sorte: charcos, igapós, cursos d’água, galhos e cipoais, que venciam a golpes de facão.



Quando alcançaram a margem do Marañon, avistaram, de um ponto elevado, o trapiche e o embarcadouro rústico de Indiana. Pararam, exaustos, para um pequeno repouso. E ali discutiram um problema de difícil solução: a troca da roupa de detentos.

- Temos duas opções – ponderou Aguirre. – Ou invadimos o navio, do jeito que estamos, ou assaltamos o vilarejo para apanhar roupa nova.

- E há tempo para isto? – quis saber Carvajal.

Interrompendo as conjeturas, Juan Diaz, com a sabedoria prática que o fizera respeitado, opinou:

- Não é preciso nem uma coisa, nem outra. No trapiche há roupa, sapatos e tudo de que precisamos.

- E a polícia? – lembrou Miguel Viana.

- Há dois ou três gatos pingados, que a gente espanta com um tiro.

- Pois vamos embora. Mãos no gatilho, pé no chão e fé em Deus! – sentenciou Aguirre, animadamente.

O bando, engatilhando as armas, seguiu apressado na direção do lugarejo, uma localidade insignificante, como praticamente todas as povoações ribeirinhas: o trapiche, o ancoradouro, em um corte do barranco, acolhendo embarcações de carga e passageiros; duas ou três ruas esburacadas, cercadas de construções de pau a pique, reboco, madeira e folhas de buriti.

O trapiche, construção tosca de madeira, avançava sobre o rio a varanda comprida, sustentada por estacas fincadas no lodo. Circulando pelo alpendre, vendedores e compradores faziam pequenas transações, bebiam café, pisco, cañaso ou masato, negociavam borracha, madeira, castanha, cacau, além, naturalmente, de peixe e animais abatidos.

No cais, a tradicional aglomeração humana: passageiros, funcionários do porto e, sobretudo, vendedores apregoando os produtos locais.

Pelo caminho que descia da colina, margeava o rio e desembocava no trapiche, os seis fugitivos, armas à mão, surgiram entre árvores e foram ocultar-se atrás de um barracão.

Aguirre espionou o local, avançou alguns metros e fez um sinal aos companheiros, que transpuseram correndo a área que os separava do armazém.

Subiram correndo a escadaria de madeira e chegaram á varanda, causando enorme espanto e imobilizando com as armas fregueses e empregados. Atravessaram o alpendre e



invadiram a casa comercial. E lá, erguendo a voz para não deixar dúvida a ninguém, Aguirre advertiu:

- Todo mundo quieto! Ninguém se mexe, senão leva tiro!

Aproximou-se do comerciante, peruano gordo e calvo, com cara de índio, sentado atrás de velha máquina registradora, olhando-o estupidificado, e lhe disse, peremptório:

- Ô cara de broa, onde está a roupa?!

O peruano, completamente abobalhado, permaneceu mudo, olhando os invasores como se fossem de ouro planeta. Mas Aguirre, insistiu, encostando nele o cano da metralhadora:

- Vamos, carajo! Depressa! Onde está a roupa?! Roupa, calça, camisa, sapatos, porra! Depressa! Quer levar um balaço na cara?!

Aí o mameluco, trêmulo, apontou para um armário envidraçado e balbuciou:

- A roupa?... Sim, senhor, ali, nas prateleiras...

Os presidiários pularam o balcão, atravessaram a sala e arrombaram as portas do armário, retirando das prateleiras pilhas de calças, camisas, meias e sapatos, que colocaram no balcão, num canto da loja.

Com as armas apontadas para a platéia assombrada, começaram a trocar e roupa, no mesmo instante em que o "Amazonas", aproximando-se do embarcadouro, apitava com força.

O bando enfiou no corpo, de qualquer maneira, calças, camisas e meias; calçou sapatos, sandálias e botinas, jogando num canto os uniformes imundos.

- Vamos, gente, depressa! - pediu Aguirre, nervosamente.

No cais, imponente, desfraldando a bandeira do Brasil, o navio-gaiola iniciava a manobra de atracação, virando a proa para o ponto de chegada e encostando lentamente no atracadouro rústico. Depois um marinheiro atirou corda fina, amarrada ao cabo grosso, que a turma de terra prendeu nas amarras.

Presas popa e proa, a grandes trancos, a prancha de descida foi arriada.

No trapiche, enquanto isto, os fugitivos terminavam de vestir a roupa grosseira de brim e algodão. Ridruejo ainda amarrava os cordões da botina, quando Aguirre, saltando o balcão, gritou para os que se encontravam no recinto:

- Vocês continuam aqui dentro, como se nada tivesse acontecido! Não queiram bancar os valentões, que é pior! A gente volta pro catatau! Todo cuidado é pouco!



Seguido pelos companheiros, atravessou o armazém, ganhou o exterior. Escondendo as armas sob camisas, túnicas e sacolas, o bando desceu rapidamente a escadaria e, antes de assaltar o navio, Aguirre instruiu Carvajal:

-Julio, corra àquela casinhola, destrua o equipamento de rádio! A gente te espera ao lado da prancha!

Carvajal partiu correndo, enquanto o resto do bando foi misturar-se à multidão, entretida com a chegada do gaiola.

Alcançando o posto de rádio, ao lado do prédio da administração, Carvajal aproximou-se do rádio-operador, um mulato bigodudo, baixo e atarrancado. Antes que pudesse reagir, foi derrubado com violenta pancada. Depois, com uma barra de ferro, destruiu o rádio-transmissor, cortou fios e inutilizou antenas, microfones e outros petrechos de transmissão e escuta. Em seguida, silenciosamente, foi juntar-se aos companheiros que o esperavam na plataforma.

- Vamos subir! – comandou Aguirre.

Mãos no gatilho, subiram devagar a escada de acesso, defrontando-se, no portaló, com o comandante Fernando Caruana, que os encarava com estranheza, a testa franzida.

Antes que reagisse, Aguirre voltou-se para os companheiros e ordenou:

- Agora!

Imediatamente, em movimentos simultâneos, sacaram as armas, espalhando-se pelo convés de baixo.

Caruana, atônito, tentou sacar o revólver do coldre. Mas Aguirre encostou-lhe a metralhadora no peito e avisou:

-Quietinho, homem, nada de besteira! Ou prefere ir pro fundo do rio?!

Nos dois conveses, superior e inferior, passageiros e tripulantes, mudos e assombrados, observavam a invasão.

Recostados na balaustrada, Frei Massotti e Michel Leroy, assustados, comentavam:

- Mon Dieu! – exclamou o etnólogo.- São eles, Frei Massotti! Só podem ser eles!

- Eles quem professor? – indagou, perplexo, o franciscano.

- Os presos que fugiram da Penitenciária de Iquitos! Bandidos da pior espécie!

- Santa Maria ! Santa Engrácia nos proteja! – reagiu o sacerdote, persignando-se.

Embaixo, nervoso, caminhando de um lado para outro, Aguirre advertia:

- Se alguém reagir, leva bala!

Caruana, muito abalado com a invasão, encarou Aguirre e replicou, com firmeza:



- Este é um navio brasileiro! Os senhores estão invadindo território brasileiro! Isto é um crime, punido com o maior rigor!

Inabalável, desprezando a advertência do comandante, Aguirre, mais calmo, seguro de si, retrucou:

-Não estamos invadindo território de ninguém! A gente quer é embarcar nesta choça, fazer uma viagem, só isto!

- Pois se querem viajar, deponham as armas, comprem passagens e exibam documentos de identidade! Com estas armas engatilhadas, o que estão fazendo é violar a lei, invadir território soberano, trazer pânico a uma embarcação civil! E isto não posso admitir, em hipótese alguma!

- Admitindo, ou não, comandante, querendo ou não querendo, estamos aqui e aqui vamos ficar! – respondeu Aguirre, inquestionável.

E completou:

-Passagem a gente compra depois!

Exibiu a metralhadora e acrescentou:

- Este é nosso passaporte! E chega de conversa fiada, coronel! Mande recolher a prancha e vamos embora, que estamos perdendo tempo!

Caruana ficou alguns instantes imóvel, como se quisesse ordenar as idéias. Mas quando Aguirre pressionou-lhe com mais força o cano da metralhadora, fez um sinal ao tripulante que, da ponte de comando, presenciava, atônito, os acontecimentos. Acionou a sineta e anunciou a partida.

Surpreendidos com o embarque súbito, passageiros e tripulantes subiram rapidamente a escada, enquanto fardos de carga eram lançados de qualquer maneira no convés.

O “Amazonas” soltou depois o apito convencional e o cabo de amarra foi solto. No cais, temendo violência por parte dos invasores, trabalhadores, portuários e dois soldados subnutridos limitavam-se a observar, assombrados, o que se passava.

Afastando-se do embarcadouro, o gaiola ganhou o centro do rio e reiniciou a viagem.

Mantendo as armas apontadas para Caruana, oficiais, marinheiros e passageiros, os seis fugitivos assumiram, de fato, o domínio do barco.



Como primeira providência, organizaram uma vigilância permanente na sala de rádio, através de rodízio, conscientes de que se destruíssem o equipamento provocariam estranheza e a perseguição do navio por unidades da Marinha.

A segunda iniciativa foi promover o confisco de armas a bordo, depositadas num camarote que invadiram. Só depois, meticulosamente, examinaram as instalações do navio, percorrendo, de alto a baixo, de popa a proa, de bombordo a estibordo, sala de máquinas, copa, bar, dispensa, refeitório, banheiros, tombadilho e passadiço.

Na terceira-classe espantaram-se com as condições em que viajava aquela multidão de passageiros, apavorados com a invasão audaciosa.

- Que coisa! – comentou Aguirre, impressionado com o que via. – Até La Bestia parece melhor do que isto!

- Melhor?! – exclamou Zimaco, espantado. – Ficou louco, Aguirre?!

Avistando a poucos metros o comandante Caruana, Aguirre foi perguntar:

- Comandante, e os camarotes?

- Não viram? Ficam no convés superior.

Subiram novamente para inspecionar as acomodações de primeira-classe, algumas já acupadas.

Apontando para o fim do corredor, Caruana, que os acompanhava, informou:

- Aquelas estão vagas.

Foram examiná-las e, logo em seguida, Aguirre chamou Caruana, que se afastara:

- Coronel; não tem no navio...

Caruana, irritado com o “coronel”, interrompeu a fala de Aguirre, e corrigiu:

- Não sou coronel, senhor! Sou comandante deste navio! Comandante Fernando Caruana!

A corrigenda da Caruana não enraiveceu o chefe do bando, que falou, ironicamente:

- Pois não, senhor comandante Fernando... Capuana, não é?...

- Comandante Fernando Caruana! – voltou a corrigir com firmeza.

- Ah, muito bem, comandante Fernando Caruana – enfatizou sarcasticamente Carlos Aguirre.

Estendeu-lhe a mão, apresentando-se:

- Carlos Aguirre, cidadão espanhol! Muito prazer, senhor Caruana!

Caruana, no entanto, recusou-lhe o aperto de mão, coisa que não aborreceu o fugitivo, que ainda disse:



-Vamos voltar á vaca fria, comandante. Não tem no navio duas cabinas com comunicação interna?

- Temos duas suítes, interligadas. Mas estão reservadas para uma família que embarca em Benjamim Constant.

- Cancele a reserva! –decidiu Aguirre.- Ficam para nós!

E foram ocupá-las.

Situadas perto da popa, eram espaçosas e com várias camas e beliches.

- A cama é um pouco dura, mas serve – comentou Carvajal, instalando-se num beliche.

- Será que não tem pulga? – quis saber Miguel Viana.

Zimaco subiu ao beliche superior e opinou:

- Melhor do que em Iquitos, que tinha pulga, rato e piolho...

Aguirre preferiu uma cama isolada perto da porta:

- Esta é minha.

Retirou um cigarro e fósforo do bolso e explicou:

- Abrindo a porta de comunicação, ficamos juntos. A gente se defende melhor, em caso de necessidade. Outra coisa, pessoal: acho bom a gente reunir todo mundo no refeitório e dar um susto nesses calhordas!

- Boa idéia, Aguirre – concordou Juan Diaz. Eles precisam saber que não estamos brincando de esconde-esconde. E nem fazendo turismo!

Aguirre saiu e foi dizer a Caruana:

- Comandante: queremos que reúna, em meia-hora, tripulantes e passageiros no refeitório. Todos, sem exceção!

Meia-hora mais tarde, efetivamente, umas cem pessoas ocuparam a sala de refeições, no convés superior. E lá, enquanto aguardavam os acontecimentos, Frei Massotti e Michel Leroy conversavam em voz baixa:

- Viajei várias vezes neste navio, professor, mas acho que esta vai ser a pior viagem.

- Pior e perigosa, - Frei Massotti, preveniu o francês. – Com o navio invadido por estes criminosos, o risco que corremos é muito grande!

- Dio mio! Murmurou o franciscano, apertando o rosário que lhe pendia do pescoço.

Idêntico temor dominava a heterogênea fauna humana aglomerada no salão, comentando em surdina os acontecimentos dramáticos que testemunhava.



Todos temiam pelo pior e tudo lhes parecia hostil e imprevisível, sentindo intimamente uma sensação de fragilidade e desconforto.

Percebia-se em todos uma expressão de constrangimento, quase de vergonha pela impotência diante daquele grupelho arrogante, dominando pela força ameaçadora das armas. Alguns pensavam em reagir, arquitetando planos heróicos de revolta. Mas, na verdade, ninguém acreditava que os invasores fossem ingênuos a ponto de se descuidarem, dando margem a uma reação decisiva.

Os mais assustados temiam, à boca pequena, que, em momentos de pânico, os invasores poderiam acionar as armas, causando um morticínio.

“O melhor mesmo é ter cuidado”, aconselhavam-se entre si. “E confiar em Deus!”

Só os turistas americanos pareciam divertir-se com a aventura inesperada, achando tudo “very exciting!” Charles Sturges, de início, acreditou que se tratava de um “show”, preparado pela empresa proprietária do navio, para divertir os passageiros. Mas Caruana, precavidamente, dissuadiu-o da idéia errônea e ingênua, pedindo-lhe toda a cautela diante dos antecedentes perigosos dos criminosos. Aí, então, o pânico se apoderou também do casal americano.

Os viajantes de terceira-classe eram os que mais sofriam, as crianças agarradas às mães, chorando baixinho; velhas rezando terços, apavoradas; velhos com o olhar sonolento, fatalizados pela pobreza.

Em um canto, na mesa de comando, Caruana analisava com o imediato e outros oficiais a situação criada com a invasão do navio:

- Veja que azar, Aparício – dizia o comandante – invadiram o “Amazonas” às vésperas de minha aposentadoria.

Lembrando os temores de Francisquinha, Caruana acrescentou:

- A Francisquinha parecia adivinhar o que aconteceu.

- O que você acha que vão fazer, Fernando? – queria saber o imediato.

- Não sei... Talvez chegar a Manaus e de lá fugir.

- Mas isto é uma loucura! Não vão conseguir nunca! E o Exército, a Marinha?!

Frei Massotti, muito nervoso, veio perguntar ao comandante:

- Senhor Caruana, já sabe que gente é esta?

- Sente-se, Frei Massotti, procure se acalmar.

O franciscano permaneceu de pé, muito exaltado. E exclamou:



- Me acalmar, comandante? Com esta gente aqui?! Já sabe que fugiram da Penitenciária de Iquitos?

- Já sei, Frei Massotti, já sei. Fique tranqüilo, vamos tomar providências para a segurança de todos.

Interromperam, subitamente, a conversa com a chegada acintosa dos presidiários, à frente dos quais, com a metralhadora bem à vista, Aguirre caminhava com a empáfia dos vencedores, o olhar triunfante percorrendo o salão.

Avistando um tablado, seguiu para lá, acompanhado pelos companheiros, todos com suas armas bem visíveis.

Subindo no estrado, diante dos companheiros perfilados, mãos no gatilho, Aguirre então falou, erguendo a voz:

- Pedimos sua presença aqui para deixar bem claro que ninguém sofrerá nada se colaborar. Somos de boa paz. Não gostamos é de traição, sabotagem ou brincadeira de mau gosto!

Ninguém se mexia, escutando em silêncio a desagradável advertência, abominando a coincidência de conviver, forçosamente, com a quadrilha sinistra que agora os humilhava.

Dono da situação, Aguirre desceu do tablado e, caminhando de um lado para outro, como se fosse um professor falando aos alunos, prosseguiu:

- Vamos fazer juntos uma longa viagem. Não temos ilusões de que serão nossos amigos. Mas se não quiserem ser amigos pelo menos não banquem os heróis, os mocinhos de cinema! Como vêem, estamos armados, e muito bem armados!

Com gesto sensacionalista, assustando a platéia, Aguirre ergueu a metralhadora para o alto e deu uma rajada, estilhaçando parte do teto, espalhando detritos pelo chão.

- My God! – exclamou Sturge, convencido, afinal, de que aquilo não era um “show”, mas uma realidade ameaçadora.

Depois da exibição paranóica, Aguirre voltou a falar, no silêncio que se fizera:

- Cuidado com esta muchachita, meu povo! Ela cospe fogo e se zanga com a maior facilidade!

Zimaco, Juan Diaz e os outros soltaram sonoras gargalhadas, afagando as armas e reforçando com sorrisos boçais a ameaça do chefe, que continuava:

- Não tenham ilusões, amigos. Vamos estar por toda parte, prontos para o que der e vier!

Antes de deixar o local, Aguirre voltou-se na direção de Caruana e perguntou:



- O comandante... Como é mesmo seu nome?

Caruana, pondo-se de pé, firme, repetiu:

-Capitão Fernando Caruana, brasileiro, comandante do “Amazonas”!

- Pois bem, senhor comandante brasileiro do “Amazonas”: meu nome é Carlos Aguirre e meus amigos se chamam Juan Diaz, Julio Carvajal, Aldo Rdruejo, Antônio Zimaco e Miguel Viana, às suas ordens.

Caminhou alguns metros e se aproximou de Caruana, a quem falou, energicamente:

- O senhor, comandante, será responsável pelo que ocorrer no navio! Recomende a maior cautela aos passageiros e a seus subordinados. E agora chega de salamaleques! É tocar o barco para a frente, como se nada de anormal estivesse acontecendo.

E terminou, sarcástico:

- Aliás, nada de extraordinário está acontecendo. Só há seis passageiros a mais no navio, gente de boa paz, bem intencionada. Está terminada a reunião. Cada um volta pro seu posto, ou pra sua toca, que isto aqui não é casa da Mãe Joana.

A multidão, contrafeita, foi deixando o salão, diante dos invasores, que a encarava triunfalmente. Quando o casal de americanos passou perto do bando, Juan Diaz fixou um olhar cobiçoso nas jóias da velha.

Depos que se afastaram, Juan segredou para Zimaco, ao lado:

-Viu, Zimaco? Viu as jóias dessa coroca?...

- Coisa fina Juan! Colar,brincos, braceletes... Mas será que não é bijuteria?

- Bijuteria coisa alguma Zimaco! Você acha que esses gringos usam bijuteria? É jóia mesmo, e deve valer uma fortuna!

Quando o refeitório se esvaziou, Juan Diaz aproximou-se de Aguirre e sugeriu:

- Companheiro: por quê a gente não confisca o tesouro desses ricos?

- Calma, Juan Diaz! Tudo a seu tempo. Por enquanto é melhor a gente não assustar os babacas.

- Tem razão – concordou o boliviano. – Mas, olhe, a velha, aquela barata descascada, fica pra mim. Combinado?

Aguirre aprovou, sorrindo. Mas Zimaco interferiu, gozativo:

- A velha fica com você, Juan, mas as jóias comigo!...

Juntando os dedos no gesto pornográfico, Juan Diaz deu a resposta na hora:

- Aqui, ó!...







## CAPÍTULO 10

### AS FRONTEIRAS DO INFERNO

Eram donos da situação, mantendo sob a mira das armas a vontade de homens e mulheres, agora seus prisioneiros.

Nem eles próprios sabiam o que poderia acontecer, mas desfrutavam a volúpia do triunfo e de um domínio que os transformavam em déspotas perigosos.

Pouco a pouco o arbítrio, que sempre contamina o poder, começou a insuflar-lhes no espírito uma forma ameaçadora de megalomania que, facilmente, degenera em violência.

Como asas escuras, subia de sua alma um frêmito de arrogância e prepotência. Do olhar de cada um parecia refulgir um brilho animal, sintoma prévio de rapinagem. E isto era assustadamente pressentido por todos, tripulantes e passageiros, confinados e indefesos no barco seqüestrado.

A aproximação da fronteira e da cidade brasileira de Benjamin Constant provocou no “Amazonas” uma movimentação incomum, marcada pelo temor de acontecimentos imprevisíveis.

Além dos apitos prolongados, como sempre sucedia à chegada aos portos de escala, no passadiço o comandante, imediato, piloto e outros tripulantes viviam instantes de grande tensão.

Do lado dos invasores, também era perceptível a expectativa do que poderia acontecer na cidade brasileira. O perigo, contudo, em vez de atemorizá-los, dava-lhes arrojo e coragem.

Aguirre, que assumira a liderança incontestável do bando, conferenciou, num canto, com os companheiros. E tomou uma decisão, depressa comunicada a passageiros e tripulantes, reunidos na popa: ficariam confinados nos camarotes, levando reféns.

- Ninguém será maltratado – assegurou Aguirre à platéia perplexa.- Só queremos nos proteger. Se alguém nos denunciar, aí sim: fiquem certos de que os reféns pagarão com a vida a traição! Eles e muitos outros!

Em vez de tranquilizar, a ameaça provocou uma atmosfera angustiada em todo o navio, principalmente quando Aguirre começou a selecionar os reféns, dando preferência a



mulheres e crianças. Formou-se, naturalmente, um enorme tumulto, com protestos, gritos e o choro convulsivo dos que iam sendo separados.

Foi quando, inopinadamente, Frei Massotti aproximou-se do bando e sugeriu, com energia:

- Não precisam levar mulheres e crianças. Isto é uma covardia. Vou em lugar deles!

Mas Aguirre, impaciente, já avistando o casario de Benjamim Constant, replicou, asperamente:

- O senhor não se meta, padre! Vai ficar aqui mesmo, quietinho, pois deve ser conhecido dos brasileiros. Além disso, levamos quem quisermos!

Voltou-se de novo para a platéia alvoroçada:

- E é melhor parar com esta bagunça! Se não ficarem quietos, vai bala em todo mundo! Não estamos brincando, “seus” merdas!

A ameaça enfurecida, agravada pelas armas exibidas nervosamente pelos bandidos, teve efeito imediato: todo mundo se aquietou.

Dirigindo-se depois a Caruana, Aguirre fez a última recomendação:

- O senhor já se sabe, comandante! Se alguém nos trair, esta gente morre!

E o senhor será responsável!

Empurrou os reféns para os camarotes que ocupavam, e neles se fecharam.

Quando o “Amazonas” ancorou em Benjamim Constant, era quase meio-dia.

Fundada pelos jesuítas, somente em 1939 Benjamim Constant do Alto Solimões foi elevada à categoria de cidade.

Limitando-se com os municípios de Atalaia do Norte e São Paulo de Olivença, e com as repúblicas da Colômbia e do Peru, com área de 5.700 quilômetros quadrados, sua principal atividade econômica era a produção e exportação de borracha, madeira e sernambi, um molusco lamelibrânquio, da família dos matracídeos.

Distante de Manaus, via-fluvial, 1.628 quilômetros, Benjamim Constant situa-se à margem esquerda do Solimões, perto da foz do rio Javari, em suave elevação do terreno. Diante da cidade, na margem direita do rio, avistava-se a localidade de Tabatinga, sede de bem equipada Companhia de Fronteira do Exército Brasileiro.

No porto de Benjamim Constant, pouco diferente dos rústicos embarcadores peruanos, transitava igualmente uma população heterogênea de tapuios, mamelucos, brancos e caboclos.



Num mastro, diante da sede administrativa, tremulava a bandeira do Brasil. Na plataforma, além de passageiros e moradores, circulavam soldados do Exército, da Marinha e do destacamento policial.

Nos dois camarotes interligados, sofrendo um calor insuportável, fugitivos e reféns, transpirando por todos os poros, estavam dominados pela angustiante espera, guardando completo silêncio.

No porto, assim que a prancha foi arriada, policiais, fiscais e funcionários aduaneiros subiram a bordo para a inspeção de rotina.

No cais, esperando a hora de embarcar, um grupo de brasileiros destacava-se no meio da multidão de mestiços e índios aculturados.

Era a família do fazendeiro e exportador Coronel Raimundo Possidônio Gouveia, nordestino de nascimento, metido num reluzente terno de linho branco, com chapéu panamá na cabeça. Rico e poderoso, a pele curtida de sol, o fazendeiro denotava impaciência e mau-humor.

Quando o "Amazonas" passara pela cidade, subindo o rio, o coronel comprara as passagens para a viagem até Manaus. Com ele seguiriam a mulher, Manaíra, a filha, Jussara e o futuro genro e também fazendeiro Odorico Munhoz.

Para acomodá-los, reservara os melhores e mais confortáveis camarotes do navio, exatamente aqueles que os invasores haviam confiscado.

Possidônio, ou Coronel, como era conhecido na região, transformara-se em menos de trinta anos, num dos grandes latifundiários e seringueiros da faixa fronteira do Brasil.

Dono de muitas e vastas fazendas, a maior delas com a sede situada no município de Benjamim Constant, o Coronel nascera 58 anos antes na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, filho de pequeno proprietário de salineira. Devido a dificuldades financeiras, emigrou com os pais para a Amazônia. Tinha apenas doze anos de idade. Com algum dinheiro, oriundo da venda da jazida de sal, da casa residencial e, principalmente, de uma herança recebida pela mulher, Benevenuto Gouveia, seu pai, conhecido como Bené Gouveia, comprou vasto seringal na região limítrofe com a Bolívia e ali construiu um barracão-sede. Em poucos anos enriqueceu com a extração e exportação da borracha.

Quando completou vinte e dois anos de idade, Possidônio perdeu o pai, herdando, além da fazenda do Acre, outros três seringais próximos de Tabatinga. Para lá Possidônio e a mãe se mudaram, tão inóspita e tediosa era a vida no Acre, com suas doenças endêmicas, sua falta de comunicação e de assistência médica.



Adoecendo a mãe e, meses depois, falecendo de complicações renais, Possidônio viu-se só no mundo, rico e dono de um império de terras e seringais que o haviam transformado no mais poderoso aviador do Alto Solimões.

Aos vinte e cinco anos de idade, cansado da solidão, casou-se com uma índia aculturada de dezesseis anos, que servia em sua casa, com a qual teve apenas uma filha, Jussara, pois o parto, extremamente difícil, quase a matou, impossibilitando-a de ter outros filhos.

Áspero, prepotente, de temperamento explosivo, Possidônio aumentou pouco a pouco o patrimônio herdado, adquirindo ou incorporando outras propriedades, recebidas como pagamento de dívidas, que ele cobrava de forma implacável. Em pouco tempo celebrizara-se com o Rei da Hévea, indo residir numa imensa casa à margem do rio Itacuaí, entre Atalaia do Norte e Benjamim Constant, com dezoito cômodos, água encanada e luz elétrica através de gerador.

Erguida a pouco mais de dez metros do rio, em pequena elevação do terreno, a morada separava-se da loja, do armazém e de duas barracas que, vistos de longe, davam a impressão de uma localidade ribeirinha.

Construiu também estradas interligando as fazendas e seringais, com centenas de empregados, tapuios, mamelucos e nordestinos emigrados.

Além dos índios brasileiros, precariamente aculturados, a mão-de-obra que empregava era também recrutada, nos países fronteiriços, notadamente Peru e Bolívia. Um dos empregados, Juan Diaz, mostrou grande capacidade de trabalho e foi promovido a capataz do coronel, que o distinguia com total confiança, a ponto de permitir-lhe fazer as refeições na casa-sede.

Mas quando, certo dia, Possidônio descobriu as pretensões amorosas do boliviano com sua filha, então lindíssima adolescente de quatorze anos, reagiu de forma extremamente colérica, ordenando uma surra de pau no atrevido e expulsando-o brutalmente para o país vizinho.

Além de construir em suas terras dezenas de barracas de seringueiros, edificadas sobre estacas de madeira em terrenos alagadiços, Possidônio instalou às margens do Itacuaí ampla casa de comércio, onde passou a estocar borracha colhida nos seringais.

A fortuna do brasileiro permitiu-lhe construir não os toscos barracões de seringueiros, com madeira e cobertura de palha, mas dotados de alvenaria e mobília de



algum luxo, ligados ao rio por uma ponte onde ancoravam embarcações e até vapores para descarga e carregamento de mercadorias e borracha.

O comércio do coronel era feito por intermédio de poderosa casa aviadora, cuja razão social ostentava o nome: “Raimundo Possidônio Gouveia Comércio e Exportação Limitada”.

Apesar da riqueza, grande parte oriunda da exportação de toneladas de borracha para empresas de Liverpool, Hamburgo e Nova York, Possidônio permaneceu com hábitos rígidos e frugais. Parcimonioso nos gastos, próximo da avareza, nunca viajou ao exterior, como outros fazendeiros e seringalistas menos ricos. Nem subiu socialmente, como os fundadores de importantes casas-aviadoras, espécie de instituição bancária, destinada a financiar a produção e suprir de crédito os proprietários de seringais.

Outros, provavelmente mais ambiciosos do que ele, haviam chegado à condição de armadores, com diversificada frota de transporte fluvial. Possidônio, no entanto, manteve-se rústico, inculto, de pouco traquejo social. Sua vida concentrava-se na administração das fazendas, na produção e comercialização da borracha e no convívio familiar. Exercia essas funções com mão de ferro, submetendo a família, empregados e funcionários às normas rígidas e patriarcais a que se impunha a si próprio.

Não era estimado, apesar de temido e reconhecido como o maior empregador da mão-de-obra da região.

Com relação á filha, era de uma severidade que beirava os limites da tirania. Viguada como um tesouro a moça acabou confinada em melancólica solidão.

Mas o verdadeiro sofrimento de Jussara começou quando chegou à fazenda um amigo do pai, Odorico Munhoz, viúvo de cinquenta e dois anos de idade, o rosto marcado pela bexiga, o ventre avantajado, os lábios carnudos e sensuais, a fala grossa e gutural.

Homem também muito rico, Odorico, em suas fazendas no Pará, colhia e exportava castanhas, além de amealhar lucros que auferia com próspera casa-aviadora de Belém, da qual era sócio majoritário.

O entusiasmo que Jussara despertara em Odorico inspirou ao coronel Possidônio o plano de um casamento providencial, através do qual expandiria os negócios e equilibraria as finanças, meio abaladas com a queda do preço da borracha no mercado internacional.

Jussara desde o início devotou ao amigo do pai uma intransponível antipatia, ameaçando o projeto matrimonial e abalando o entusiasmo lascivo de Odorico, cada vez mais atraído pela beleza exótica da moça.



Mas o pretendente era duro na queda, e passou a ser presença assídua no casarão do rio Itacuaí, daí nascendo propostas de negócios e promessas de associação com Possidônio na casa-aviadora, além de financiamentos para a criação de gado nas terras desmatadas das fazendas.

Era evidente que as propostas de Odorico tinham Jussara como objetivo final. Para conduzi-la ao altar exercitava uma insidiosa chantagem pecuniária junto ao coronel. Com relação à eleita, a estratégia de Odorico consistia em ricos presentes trazidos de Belém, de Manaus e até do exterior, como roupas, jóias e perfumes franceses, que ela recebia friamente, limitando-se a dizer;

- Não precisava se incomodar...

Com o tempo, no entanto, o assédio do pai e a persistência do candidato acabaram derrotando Jussara que, afinal, concordou com o noivado, a ser oficializado em Belém.

Odorico ficou consciente, na verdade, de que a adesão de Jussara não era fruto do amor, mas de falência moral. Confiava, entretanto, no poder de persuasão do tempo, do dinheiro e da potência sexual de que se vangloriava, e que o tornou famoso no mundo feminino amazonense. Além disso tinha por princípio uma cínica trilogia, relativa ao sexo apostado, que chamava de "filosófica": mulher deve falar pouco na sala; agir muito na cama e cozinhar bem na cozinha.

Foi, portanto, com renovadas esperanças e uma excitação que lhe punha nos olhos um brilho libidinoso, que Odorico Munhoz também se preparou, animadamente, para a viagem rio-abaixo, a caminho do altar e do leito conjugal.



## CAPÍTULO 11

### REENCONTRO DE ÓDIO

Naquela tarde, aguardando o embarque no “Amazonas”, Odorico Munhoz, ao lado de Jussara, parecia o mais feliz dos mortais. Seus olhos cintilavam, pousados ora no navio, ora na noiva, ora em Possidônio que, perto de Manaíra, sua mulher, enxugava o suor do rosto com um lenço de linho, encharcado.

Outros viajantes, em torno dos dois fazendeiros, esperavam igualmente a liberação do navio, alheios ao drama que se instalara a bordo, e do qual, em breve, também fariam parte.

Temendo pela vida dos reféns, ninguém, evidentemente, denunciou a presença dos invasores, nem mesmo quando um militar, seguido por funcionários aduaneiros, perguntou a Caruana:

- Então, comandante, como foi a viagem de Iquitos até aqui?
- Normal, tenente Torquato, normal até agora, graças a Deus.
- Soube da fuga dos presidiários? Seis, ou sete bandidos, da pior espécie.

Apesar de ligeiramente perturbado pela pergunta, Caruana disfarçou a respondeu com fingida tranquilidade:

- Soube tenente. E mantive precaução.

No cais, nesse meio tempo, os passageiros se impacientavam, criticando a burocracia da escala:

- No Brasil é sempre assim! – reclamava o coronel Possidônio.
- È gente demais mamando nas tetas do governo! – concordava, bajulador, o pretendente de Jussara.

O coronel, enxugando o suor que escorria pelo rosto, chamou dois empregados:

- Não esqueceram nada na Rural?

Um deles, descendente dos índios tukunas, conferiu a bagagem e respondeu, assustado:

- Tá tudo aqui, “seu” coronel! Doze pacotes. Não esqueceu nada, sim senhor!

Dona Manaíra, que também descendia dos tukumas, comentou, só para dizer alguma coisa



- Será que vai demorar muito, Possidônio?

- E como é que vou saber, mulher? – respondeu, mal-humorado.

E completou:

- Ora essa!

Deu alguns passos, voltando, em seguida, para o lugar de onde saíra, resmungando:

- Burocracia desgramada! Corja de vagabundo, protegidos de políticos safados! E esses políticos sacripantas, fazendo safadezas!

Interrompeu a catilinária, enxugou o suor e concluiu:

- Situação de merda!

Foi quando Odorico, meio timidamente, sugeriu:

- Não seria bom dar uma palavrinha ao major Pery, pedir pra apressar o embarque?

- O major é uma besta quadrada, Odorico! Não vai adiantar nada! – explodiu Possidônio.

- Vai dizer que é a lei, o regulamento, outras safadezas! Conheço aquele meganha!

Neste ponto o diálogo foi bruscamente interrompido pela sineta do navio, sinalizando o embarque.

No cais recrudescu depressa a movimentação de passageiros, vendedores, carregadores e moradores da cidade.

Seguidos por carregadores, os viajantes começaram a subir pela prancha de acesso. Despediam-se, gritando uns para os outros, fazendo recomendações em voz alta, tumultuando o embarque.

Pouco adiante, pela escada da popa, embarcavam os viajantes de terceira-classe, carregando embrulhos, engradados, trouxas, malas velhas e até aves e pequenos animais, como cães, micos, papagaios, araras e um filhote de jaguaritaca.

Pela escada do convés superior, subiu, finalmente, a família do coronel Possidônio. Não eram, contudo, fazendeiro, sua mulher e Odorico Munhoz os que mais atraíam as atenções, mas Jussara, esplêndida em sua carnadura nativa, vestida numa saia de tecido fino que lhe dava destaque ao corpo rijo.

Todos a olhavam, com inveja, e isto aborrecia particularmente Odorico, certo de que, mais do que admiração, era a cobiça o sentimento que excitava os olhos gulosos dos homens, e invejosos das mulheres. No cais, aliás, uma delas, desfavorecida pela natureza, comentou para uma amiga, observando a caminhada radiosa da moça:

- Pouca vergonha!



Jussara, soberba, os seios lindos destacados no tecido da roupa, as pernas torneadas com perfeição, continuava a subir, ágil e indiferente, a escada de acesso. Tinha o olhar triste, displicente, contrastando com a exuberância do corpo que a natureza lhe presenteara, generosamente.

Quando chegou ao topo da escada, Possidônio, defrontou-se com o capitão Fernando Caruana, conhecido de outras viagens.

- Ora, salve, comandante Caruana! –saudou um efusão. - Sempre firme, conduzindo a bom termo nosso velho gaiola?

- Como Deus manda, coronel Possidônio. Como vai passando? E a senhora, dona Manaíra?

- Graças a Deus bem – respondeu a mulher do fazendeiro, humilde, intimidada. Jussara aproximou-se para cumprimentá-lo.

- Salve, Jussara! Cada vez mais bonita, hein?

- Bondade sua... disse a mestiça.

Possidônio apresentou o futuro genro:

-Conhece aqui o doutor Odorico Munhoz?

- Conheço muito. Figura ilustre de Belém. Como está passando, doutor Odorico?

- Muito bem, comandante. Muito bem mesmo!

Caruana voltou-se para Possidônio e perguntou;

- Então, coronel, mais uma viagem à capital? E com toda a família, não é? A borracha está rendendo, hein?

- Que nada, capitão. Baixou de preço, dá prejuízo e o governo não faz nada! Mas não vou a Belém a negócio. Desta vez é viagem social: o noivado da menina aqui com o doutor Odorico.

Mal disfarçando a surpresa com a notícia, Caruana cumprimentou os noivos:

- Ah, pois não. Muitas felicidades aos noivos. E agora fiquem à vontade. Os três camarotes estão reservados, coronel: o 12, o 13, o 14...

O fazendeiro conferiu os bilhetes, estranhando a troca das cabinas:

-Mas, capitão, houve algum engano! Nas passagens constam as duas suites: a 1 e a 2!

- Contrariado, o rosto avermelhado, a testa franzida, encharcado de suor, Possidônio voltou a conferir os bilhetes. E insistiu, desta vez com mais energia:



- Mas isto não está direito, capitão! Fiz reserva com dois meses de antecedência! Não está direito!

Lançou um olhar indignado para as suítes, perto da proa. E exclamou:

- Elas são minhas, fiz reserva e já paguei! Vamos por pra fora quem as ocupou!

Deu dois passos na direção das suítes. Mas Caruana, mais do que depressa, tomou-o pelo braço, impedindo que caminhasse, baixou o tom da voz e explicou com grande aflição:

- Por favor, coronel! Houve um motivo sério, seríssimo! Uma emergência! Por favor, peço sua compreensão! Depois lhe explico!

Chamou um marinheiro, que ia passando:

- Ô Valdomiro, conduza aqui o coronel e família ao 12, 13, 14!

Possidônio, muito zangado, hesitou ainda um pouco. Vendo, contudo, o olhar firme e definitivo do comandante, acompanhou o marinheiro, seguido pela família, mas resmungando pelo corredor:

- Falta de consideração! Desrespeito! Isto não fica assim! Vou dar queixa ao governador, vocês vão ver! Vou dar queixa!

Quando o "Amazona" voltou ao centro do rio, não mais Marañon, mas agora Solimões, e começou a descer suas águas barrentas, houve uma espécie de alívio entre os que conheciam o drama da invasão.

Depois de instalados, fugindo da temperatura tórrida, Possidônio, a mulher, a filha e o futuro genro foram recostar-se no corrimão do convés. Ainda aborrecido com a troca de acomodações, Possidônio enxugava o suor, enquanto Manaíra e Jussara se refrescavam com bonitos leques chineses.

Foi quando, espantadíssimos, avistaram no corredor os seis invasores: Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana, Ridruejo e Juan Diaz, todos com suas armas e reféns.

O espanto que se apossou do fazendeiro, seus acompanhantes e outros passageiros embarcados em Benjamin Constant, foi de tal ordem que os emudeceu por alguns instantes.

- Mas, santo Deus, o que é isto?! De onde surgiu esta gente?!

- Então armados, coronel! – exclamou Odorico, estupefato. – E acrescentou:

- O que estão fazendo neste navio?!

Mais adiante, Aguirre pediu a Carvajal:

- Vá depressa à sala do rádio, Julio, e fique atento!

Depois, impassíveis, molhados de suor, caminharam pelo convés, enquanto os reféns, ainda muito assustados, se espalhavam pelo navio.



E o inevitável aconteceu: o bando avistou a família de Possidônio, destacada no convés superior. Mas o que chamou imediatamente a atenção dos fugitivos não foram os dois fazendeiros e Manaíra, mas a beleza de Jussara, com seu decote atraente. Caminharam em sua direção, com Juan Diaz na retaguarda do grupo.

Quando o boliviano avistou o coronel, avançou alguns metros, perplexo, e foi colocar-se ao lado de Aguirre, que seguia à frente.

Naquele instante, empalidecendo, Possidônio reconheceu o antigo empregado. Assombrado, o olhar denunciando medo e incredulidade, só conseguiu balbuciar:

- Mas... não é o Juan Diaz?...

Jussara, que também reconhecera o boliviano, aproximou-se instintivamente do pai, como a pedir-lhe proteção:

- Papai... Está vendo? Não é o...

Não chegou a completar a frase, pois Juan Diaz aproximara-se para dizer, irônico:

- Buenos dias , senhor coronel! Me reconhece? Sou o...

- Sim, sim, já sei! – interrompeu bruscamente o fazendeiro, que ia retomando a empáfia de quem passara a vida dando ordens. – Sei, muito bem! É Juan Dias, o boliviano. Mas, o que está fazendo aqui?!

Aguirre também se aproximara e devorava Jussara com o olhar dilatado pela cobiça e admiração, inquietando profundamente Odorico Munhoz.

Juan Diaz, erguendo um pouco a escopeta que trazia, chegou mais perto do amigo patrão e lhe disse, com desdenhosa entonação na voz:

- Mundo pequeno, hein, coronel?... Acabamos nos encontrando de novo! Quem diria? O mundo é mesmo pequeno, dá muitas voltas, não é mesmo?

Voltou-se para dona Manaíra e Jussara e, com fingida cordialidade, cumprimentou:

- Como está, dona Manaíra? E a senho... E você, Jussara, linda, cada vez mais linda!

Aí o coronel se enfureceu e disse asperamente ao boliviano:

- Olha aqui, “seu” Juan Dias, veja lá como fala à minha filha!

Juan ergueu a arma e, antes que replicasse, Aguirre se interpôs entre os dois, apaziguador:

- Parece que se conhecem de outros tempos, não é mesmo? Mas não seria melhor se esquecessem mágoas e diferenças, tentassem conviver em paz nesta viagem?

Possidônio não respondeu, limitando-se a dirigir ao líder do bando um olhar de indisfarçável desdém.



Temendo que sua interferência fosse interpretada como manifestação de medo, Aguirre voltou a dizer, desta vez de forma inquestionável:

- Creio que os senhores não sabem, mas vão ficar sabendo! Quem manda nesta choça somos nós! Como vamos viajar juntos, esperamos que se comportem bem, como os outros. E nada de insolência, nem de malcriação!

Ergueu ainda mais a voz e completou:

- Ficou claro?!

Possidônio, sem se intimidar, já recuperando o auto-domínio, reagiu com aspereza:

- Vocês não são brasileiros, está se vendo, e nem parecem passageiros deste navio! O que estão fazendo aqui? Isto não é um circo!

Vendo passar, pouco adiante, o imediato, o coronel fez-lhe um sinal para se aproximar. E indagou:

- O senhor pode me dizer que gente é esta?

Aparício, que se perfilara, ficou sem saber o que responder, desnortado. Mas, com grande esforço, conseguiu dizer:

- São de Iquitos... Viajam no navio...

- Que viajam aqui nós sabemos, ora essa! – explicou o fazendeiro. – Mas, compraram passagens?

Neste ponto, fervendo de cólera, Aguirre deu mais dois passos à frente e, quase colado ao fazendeiro, ergueu o cano da metralhadora e falou aos berros:

- Não é melhor calar a boca, amigo?! Está perguntando demais!

- Sou cidadão brasileiro, viajo em navio brasileiro, estou em território brasileiro! Conheço meus direitos! E faça o favor de não me chamar de amigo!

Foi quando Juan Diaz, o olhar infeccionado de rancor, avançou, ergueu a escopeta e, recostando-a no peito do fazendeiro, explodiu:

- Olha aqui, “seu” coronel de merda! Fique sabendo, cachorrão, amigo, ou inimigo brasileiro ou não brasileiro, quem manda nesta droga somos nós. E quem garante isto é este pau-de-fogo! Não está de acordo?! É só dizer, filho da puta!

Possidônio, lívido, aterrado, perdeu a valentia, acovardou-se diante da expressão furiosa do boliviano, que ainda lhe disse, ardendo de ódio:

- Não está de acordo, patrão? Não está de acordo, veado?!

Levantou o cano da arma e, com o dedo no gatilho, encostou-o no rosto apoplético do coronel, acrescentando:



- Não gosta de nós, capado?! Não gosta de nós, canalha?!

Manaíra e Jussara, apavoradas, exclamaram em uníssono:

- Nossa Senhora!

Odorico, pálido, assustadíssimo, aproximou-se do coronel e, puxando-o pelo braço, pediu:

- Vamos, Possidônio, vamos embora! Vamos, por favor!

- Esperem! – interveio Aguirre, impedindo que se afastassem.

Voltou-se para Jussara e, aparentando calma, falou:

- A senhorita não precisa ter medo, dona... dona... Como é mesmo seu nome?

Possidônio, sem a bravura de antes, respondeu por ela, com voz respeitosa:

- É minha filha, Jussara...

Aguirre, sem lhe dar a mínima atenção, insistiu, persuasivo, olhando fixamente a bela mestiça:

- Qual é seu nome, senhorita?

Jussara acabou dizendo, timidamente:

- Jussara...

- Pois bem, Jussara, não precisa ter medo – explicou Aguirre, melífluo, com os olhos porejando sensualidade. – Não vamos fazer mal a ninguém, muito menos a você, uma moça tão linda! Mas é bom recomendar a seu pai que pare com bravatas. Melhor para ele, para todos!

Antes de afastar-se com o grupo, Juan Diaz ainda disse ao fazendeiro:

- Mais tarde a gente conversa, patrão! Adios!

Deu-lhe as costas e se afastou com os companheiros, no meio do silêncio que emudecera o convés.

Logo em seguida chegou Caurana, explicando ao coronel, cujo rosto perdia depressa a palidez e recuperava a vermelhidão tradicional:

- O senhor agora compreendeu, não é, coronel? São os fugitivos da Penitenciária de La Concepción, de Iquitos, invadiram o navio em território peruano, ocuparam os camarotes que o senhor havia reservado. E estão bem armados, como o senhor viu!

- E como puderam fazer isto, comandante? Ninguém impediu esta quadrilha de embarcar?!



- Impedir como, coronel?! Enfrentando metralhadoras, escopetas, armas automáticas? Invadiram o navio e, em Benjamin Constant, se esconderam nos camarotes com vários reféns, que matariam se fossem denunciados!

- Não houve um jeito de mandar um rádio, pedir socorro? – inquiriu o fazendeiro, cuja voz readquirira o tom autoritário de sempre.

- O senhor acha que não pensei nisto tudo, coronel? Na sala de rádio há sempre um deles, bem armado. É uma situação difícil, gravíssima!

Com o intuito de colaborar ou, pelo menos, participar da conversação, Odorico Munhoz opinou, sem muita convicção:

- Não há um jeito de prender esta gente, comandante? Afinal, são apenas seis pessoas!

- Prender com o quê, doutor? São seis, mas armados até os dentes, confiscaram nossas armas!

Possidônio, lembrando-se da garrucha que guardava na mala, ofereceu-a ao comandante.

- Obrigado, coronel. Mas o que se pode fazer com uma garrucha velha contra metralhadora? O melhor, por enquanto, é não provocá-los, esperar por uma solução, uma oportunidade favorável. E ter cautela, pois é gente perigosíssima, condenada à prisão perpétua!

Bateu continência e se afastou.

Voltando-se para a mulher e Jussara, Possidônio recomendou:

- Vão descansar no camarote. Quero conversar um pouco com Odorico.

Manaíra e Jussara obedeceram. Antes de se afastar, a moça pediu:

- Tome cuidado, papai. Por favor! Fique longe dessa gente!

Depois que se afastaram Possidônio confidenciou a Odorico, preocupado:

- Veja você que azar, Odorico! Viajar com esses bandidos! Situação de merda!

- O que me preocupa, Possidônio, são dona Maníra e Jussara, no meio desse bando de celerados!

- De fato, Odorico, de fato! Situação de merda!

Depois perguntou:

- Trouxe alguma arma?

- Trouxe não, Possidônio.



- Pois devia ter trazido, homem! Não se viaja neste país sem arma! Há bandido em toda parte!

- E o que ia adiantar se trouxesse? Acha que é possível enfrentar essa gang com um revólver, ou uma garrucha?

Ficaram em silêncio por alguns instantes, refletindo. Odorico então advertiu:

- Você precisa ter muito cuidado com aquele tipo ordinário, o que foi seu empregado. Ele odeia você!

E perguntou, intrigado:

- Por quê te odeia tanto, Possidônio?

- Porque é safado e ladrão. Expulsei da fazenda com uma surra!

- Aí é que está mal. Agora o tipo quer se vingar!

- Você faria o mesmo, Odorico. Além de ladrão, salafrário, aquele boliviano quis se engraçar com Jussara, aquele pobre diabo!

- O quê?! – bradou Odorico. – Quis se engraçar com minha noiva, aquele filho da puta?! Você fez muito bem, Possidônio? Devia é ter dado um tiro naquele cachorro!

- É o que eu devia ter feito, mas não fiz!

Calaram-se, meditando sobre a situação.

- Precisamos encontrar uma forma de alertar Manaus – opinou Odorico.

Neste ponto, desanuviando o rosto carrancudo, animado por uma idéia súbita, Possidônio lembrou:

- Odorico: lembrei de uma coisa. E se a gente descesse em São Paulo de Olivença, avisasse a polícia de Manaus?

- Mas você acha que vão deixar alguém descer do navio, Possidônio? Não são tão ingênuos!

Emudeceram assustados, avistando Aguirre, Zimaco, Juan Diaz, Ridruejo e Miguel Viana no corredor:

Aguirre, que seguia com Zimaco à frente, fez um sinal aos companheiros e foi para os camarotes, onde o grupo passou a avaliar a situação.

- Entrou gente demais na fronteira – explicou Aguirre, sombrio. – É preciso ficar de olho naquele fazendeiro atrevido, metido a besta!

- Não é melhor liquidar aquele filho da puta? – sugeriu Juan Diaz, espicaçado pelo ódio vingativo.



- Também tenho vontade de meter uma bala naquele cretino! – confessou Aguirre. – O que me conteve foi a filha, aquela mestiça gostosa! Não fosse ela, furava o cara de bala!

Encarou Juan Diaz e quis saber:

- Me diga uma coisa, Juan: você comeu a mocinha?...

- Quis comer, mas não consegui. O pai vigiava a filha como um cão de fila!

- Pois eu garanto que dobro a menina, se você não se importar, companheiro.

- Não sou dono dela. Acho que aqui ninguém é dono de ninguém! – replicou Juan Diaz, cuja expressão destilava despeito.

- Isto é o que você pensa Juan! – interferiu Ridruejo, que limpava a metralhadora, num canto. – Não conhece o ditado: “Quem não tem competência não se estabelece”?...

- O que você quer dizer com isto? – indagou raivoso o boliviano, encarando Ridruejo.

- Nada, nada. – falou o peruano, voltando a concentrar-se na limpeza da arma.

Miguel Viana, que se estendera no beliche, entrou na conversa:

- Enquanto vocês pensam em mulher, acho que a situação não está boa para nós. E querem saber de uma coisa? Acho que não vai dar certo.

- Não vai dar certo, por quê, Miguel? – perguntou Aguirre, meio irritado. – Não deu certo até agora? Somos donos da situação, temos armas, munição e até mulher pra tirar o atraso. Por que não vai dar certo?!

- Em cada escala do navio vai entrar mais gente, Aguirre. E se embarcarem militares armados?

- A gente desarma os milicos, ora bolas! Nosso trunfo é a surpresa, não se esqueça. Surpresa e reféns.

Zimaco, por sua vez, entrou na conversa, irônico:

- E o que você sugere Miguel? Voltar pra La Bestia?...

Aí Miguel se ofendeu:

- Não seja cretino, homem!

Zimaco, afetado pelo insulto, pulou da cama e se aproximou ameaçadoramente do brasileiro:

- Cretino é você! Cuidado com a língua, “seu” merda!

O conflito, que poderia agravar-se, provocou pequeno tumulto no quarto, levando Aguirre a intervir, com um murro na mesa:



- Olha aqui, gente! Vamos com calma, sem insultos! Nossa segurança é a união! Se ela acaba, aí sim, voltamos pra La Besita, ou vamos pro cemitério!

Deu alguns passos nervosos na cabina e prosseguiu:

- Unidos, temos chances de escapar. Sem isto, voltamos pros tapas e berros de outro Ramirez qualquer! Querem isto?!

Do lado de fora do camarote a alteração dos fugitivos atraía alguns passageiros e tripulantes que transitavam pelo convés. Avisado, Caruana veio escutar.

- Querem voltar pr'aquele inferno, acabar com os outros, definhando na solitária?! – dizia Aguirre, cada vez mais exaltado.

Depois de curto intervalo, concluiu:

- A gente leva o plano pra frente, custe do que custar! Não se esqueçam de que só temos duas opções: ou a fuga e a liberdade, ou a prisão pro resto da vida!

Durante a pausa que se seguiu, ouviram-se vozes e murmúrios no corredor. Aguirre pediu silêncio e, cautelosamente, aproximou-se da porta, que abriu inopinadamente, surpreendendo Caruana e outras pessoas aglomeradas diante do camarote.

Pegos em flagrante, assustados, começaram a se dispersar, enquanto o espanhol gritava, enfurecido:

- Não quero aglomeração nesta porta! Já avisei e torno a repetir: façam o que têm a fazer, tratem de sua vida, que é melhor para todos! Vão embora, circulem, vamos, vamos!

Depois gritou com mais força:

- Caíam fora daqui, porra!

Bateu a porta com força e voltou ao interior da suíte, preocupado com o pessimismo de Miguel Viana, a quem disse, abaixando o tom de voz:

- Você ainda acha que o plano não vai dar certo, Miguel? O navio tem gente demais? Na Penitenciária tinha muito mais! E não conseguimos fugir?! Você não sabe que gente desarmada não vale nada?!

Miguel, derrotado, ainda tentou argumentar:

- Acho difícil escapar por Tefé. Não seria melhor saltarmos na próxima escala, fugir pela selva?

- Que é isto, homem? Fugir pela selva?! – rebateu Juan Diaz, espantado. Ficou louco? É morte certa!

Aguirre novamente interveio:



- Não há mais tempo pra recuar, gente! Não vamos mudar o plano! É tocar pra frente, de qualquer maneira! E quanto menos se falar nisto, melhor! Não viram como essa gente é bisbilhoteira, escuta por trás das portas? Alguém mais quer se manifestar?

Houve um silêncio de anuência, de solidariedade reconquistada. Miguel Viana vencido opinou:

- Acato a decisão da maioria. Aguirre está certo. Vamos em frente!

O espanhol, o rosto exprimido alívio e satisfação, foi pedir a Ridruejo:

- Me empresta aquele mapa do Amazonas. Quero ver uma coisa.







## CAPÍTULO 12

### REENCONTRO DE AMOR

O rio Solimões, cujo nome deriva da língua dos índios que habitavam suas margens, tem um extensão de 1.550 quilômetros, de Benjamin Constant a Manaus, onde, ao juntar-se ao rio Negro, passa a chamar-se Amazonas.

Da cidade fronteiriça até o Oceano Atlântico, o Solimões serpenteia em extensas sinuosidades, alargando-se em certos trechos até alcançar mais de trinta quilômetros de margem a margem, subdividido em dois, três e quatro braços principais, entre grandes ilhas de aluvião, formando vastos canais laterais, ou paranás, preferidos para a navegação de pequenas embarcações.

Até São Paulo de Olivença, primeira escala após Benjamin Constant, o gaiola passou por numerosos acidentes na bacia retalhada de rios, angras, furos, igapós, igarapés, paranás, cercado por florestas compactas, campinas ondulantes, ilhas e canais profundos.

Intimidados pela presença mortificante dos invasores, os passageiros do “Amazonas” não apreciavam, em sua plenitude, a paisagem imponente do vale. E isto os deixava frustrados, com um sentimento incômodo de fraqueza e repulsa, sentindo-se violentados na tradição harmoniosa da convivência humana.

Coagidos pela brutalidade do seqüestro, pouco se movimentavam na embarcação, evitando defrontar-se com o bando que os mantinha sob mira. E eram eles, ironicamente, os que melhor desfrutavam a beleza rara da paisagem descortinada do navio. A mesma paisagem que os séculos compuseram em sua eterna magnificência.

Era a paisagem exuberante exaltada em livros, documentos e narrativas de longas viagens empreendidas por sábios, cientistas e escritores, de Orellana a Pedro Teixeira, de La Condamine a Spix e Martius, de Hercules Florence, Henry Wlater Bates, Alfred Russel Wallace, Coudreau, Humboldt, Darwin, François Biart, Agassiz, Orville, Hartt, Elisée Réclus, Tefé, Couto de Magalhães, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Alberto Rangel, Inglês de Sousa, Aurélio Pinheiro, Ferreira de Castro, Raimundo Moraes, Peregrino Junior, Dalcídio Jurandir, Darci Ribeiro, Leandro Tocantns, Márcio de Sousa, Mário Palmério, quantos mais?



Da cela escura na prisão de Iquitos àqueles espaços majestosos, os seis presidiários desfrutavam dias e noites de triunfo e poder, numa dupla combinação de arrogância e obstinação.

Pareciam aspirar com intensidade aquela eufórica sensação de liberdade, evadidos de sua condição de encarcerados. Aquela exultação paranóica que transmitiam, causava medo a passageiros e tripulantes, que viam nela um perigo imprevisível.

Naquela atmosfera dramática, o “Amazonas” seguia viagem, passando por Esperança, Capacete, Ilhas Arariá, Pauaperi, Javarimirim, Tauaru, Assacaio, Santa Maria, Santa Cruz, Boa Vista, São Jerônimo, Macapuana, Santa Rita do Weil, Bom Futuro, até aproximar-se, finalmente, da cidade de São Paulo de Olivença.

Quando viram surgir, meio escondida na mata, a localidade também fundada por Samuel Fritz, cresceu em todos, passageiros, tripulantes e fugitivos uma nova e tensa expectativa.

A menos de um quilômetro da cidade, Aguirre perguntou ao comandante Caruana, que subira ao passadiço:

- O gaiola pára naquela cidade?

- Sim. São Paulo de Olivença é nossa próxima escala. – respondeu Caruana. E ali recebe carga e passageiros.

- Mais passageiros?! Isto aqui já não está repleto? Não vai parar não, coronel! Passe direto!

Caruana, aborrecido com o “coronel”, foi ríspido na resposta:

- Meu nome é capitão Fernando Caruana!

- Isto não interessa, capitão! O importante é obedecer à ordem de não parar naquele lugarejo!

- Não é um lugarejo, é uma cidade, e das mais importantes do Amazonas. E não vou passar direto! Se o navio não atracar as autoridades pedem explicações pelo rádio, comunicam o ocorrido a Manaus e a Marinha manda lanchas em nosso encalço! O senhor quer arriscar?!

Aguirre e Carvajal se afastaram e, num canto do tombadilho, examinaram a situação.

- O homem tem razão, Carlos – ponderou Carvajal. – É melhor agirmos como na fronteira.

- Enfurnar de novo na cabina, com mais reféns?! Porra!



- Não há outra saída, Carlos – insistiu Julio Carvajal. – Vamos juntar os reféns!

Aproximaram-se de Caruana, irritadíssimos.

- O senhor já sabe, coronel! – avisou Aguirre. – Vamos nos esconder com os reféns. Qualquer descuido, eles morrem!

Reuniram passageiros e tripulantes no convés, fizeram de novo as ameaças anteriores e começaram a separar os reféns. E, outra vez, provocaram grande tumulto, principalmente quando Aguirre apontou para Jussara, deixando Possidônio e Odorico desesperados:

- Minha filha não! Minha filha não vai com vocês! – recusou, indignado, Coronel Possidônio.

- E por quê não vai? É melhor do que os outros?! – retrucou Aguirre com arrogante irritação. A mãe de Jussara começou a chorar, pedindo ao chefe do bando:

- Pelo amor de Deus, moço! Não leve minha filha!

Impaciente, vendo o navio aproximar-se do embarcadouro, Juan Diaz agarrou Jussara pelo braço e forçou-a a caminhar.

Vendo a filha arrastada, Possidônio avançou desatinado contra o boliviano, que ergueu a escopeta, pronto para atirar. Mas Aguirre o impediu:

- Não, Juan, não é hora disto! A gente troca a moça pelo pai! Levou Juan Diaz para um canto e segredou:

- Fica calmo, Juan. A gente leva o safado e quando o navio sair do porto damos um tiro nele e jogamos o corpo no rio!

O rosto do boliviano se iluminou:

- Bem lembrado, Aguirre! Mas o tiro eu é quem dou!

- Combinado.

E voltaram.

Antes que partissem com os reféns, Jussara se adiantou e pediu:

- Não precisam levar meu pai. Eu vou!

Antes que Juan Diaz protestasse, Aguirre decidiu:

- Está bem, moça. Você vem com a gente!

No pequeno cais, invadido pela multidão de passageiros, portuários, funcionários, militares e vendedores, viam-se, meio afastadas, duas religiosas, com seus hábitos brancos. Ao lado delas, um casal de índios aculturados aguardava, paciente, a hora de embarcar.



Nos camarotes, enquanto isto, fustigados pelo calor intenso, fugitivos e reféns esperavam, ansiosos. Mãos no gatilho, inquietos, sombrios, os presidiários estavam prontos para qualquer eventualidade.

Aguirre, num canto, cravava em Jussara um olhar penetrante, que ela, apoiada num beliche, percebia com desassossego.

Faces coradas, coração palpitante, a mestiça voltou-se lentamente na direção do espanhol. Os olhos dos dois se encontraram, disfarçando sentimentos secretos: em Aguirre, um vigor másculo de excitação; nela, medo e inquietude, de mistura com um impulso inconsciente de sensualidade que dava a seu olhar um fulgor quase impuro, uma sensação furtiva de constrangimento e vergonha.

Mais adiante, no convés, enquanto isso, um incidente causou enorme apreensão: um funcionário do porto, homem megérrio, veio cumprimentar Possidônico com efusão.

- Ora, salve! Que prazer, coronel! E a senhora, dona Manaíra, como vai passando?

- E o senhor, seu Severino, com vai esta bizarria? - respondeu o fazendeiro, disfarçando o nervosismo.

- Vou indo, vou indo, coronel, como Deus manda.

Olhou de um lado para outro, procurando Jussara:

- E a menina, coronel? Onde está minha afilhada?

- A menina?... Ora bolas, estava aqui mesmo, inda agorinha! Onde foi ela se meter, Manaíra?

- Mas... não foi com os homens?...

- Com os homens? Mas... que homens? - perguntou, espantado, o funcionário.

- Ora, ora, Manaíra - interrompeu confusamente o fazendeiro. - Foi dar uma volta, ver os pescadores...

Odorico então se adiantou, tentando ajudar:

- Foi sim, foi observar os pescadores, na popa...

Naquele instante, vindo em socorro do coronel, Caruana se aproximou:

- Jussara está na popa, com umas amigas, coronel.

Voltou-se para o funcionário e puxou prosa:

- Então, "seu" Severino? Como estão as coisas na cidade? Já instalaram a agência do banco?

- Que nada, capitão! Esta é uma terra esquecida de Deus! Vive do rio, triste como um velório, vendo o tempo passar.



Um sorriso forçado surgiu no rosto do comandante, que comentou:

- Vai melhorar, "seu" Severino, vai melhorar!...

Nos camarotes, fugitivos e reféns esperavam sempre, transpirando dos pés à cabeça. Aguirre foi a pouco se aproximando de Jussara. E, muito perto dela, lhe disse, num sussurro:

- Quando tempo o navio fica no porto? Não agüento mais este calor!

Confusa, intimidade, Jussara custou a responder:

- Acho que não demora...

Estavam muito próximos, quase se tocando. Jussara sentia o hálito quente do espanhol, sua respiração arquejante, seu olhar veemente e dominador. Era como se defrontassem, naquele inferno escaldante, presa e captor. De um lado, a presença máscula de Aguirre, de pesadez animal, envolvendo-a com um ardor inquietante; de outro, Jussara, a fisionomia devastada pelo medo, por um sentimento de impotência, e, ao mesmo tempo, tomada por uma ternura excitante, refugiada no canto obscuro da consciência.

Subitamente, com um tranco do navio, os dois se tocaram. Protegido pelo beliche, Aguirre enlaçou a mestiça, atraiu-a para si, numa rapinagem voluptuosa que a estremeceu. Acariciou-a com as mãos, primeiro no rosto, na boca, no colo, nos seios, depois no sexo. Jussara quis resistir, aprisionada pelo abraço lascivo do espanhol. Sua carga emotiva prelibou, então, o prazer intenso da posse. Entregou-se, com um desejo forte e secreto, abandonando-se a uma forma deliciosa de orgasmo que a penetrava em sua essência mais íntima.

Pouco adiante, testemunha sombria do assédio erótico de Aguirre, Juan Diaz reprimia sentimentos de inferioridade e rancor. Inconformado, julgando-se com mais direito à mestiça, dava campo livre a Aguirre, mas, insidiosamente, prometia vingança.

Naquele instante, no cais, as duas religiosas, Berenice e Clotilde, continuavam pacientemente à espera do embarque. Como elas, ao lado, os dois índios, que as acompanhavam, olhavam intimidados o navio imobilizado no molhe, como se fosse qualquer coisa ameaçadora.

Nascidas na cidade do Crato, no Ceará, Berenice de Almeida Lima e Clotilde Spínola de Souza eram primas, oriundas de famílias tradicionais e muito religiosas.

Haviam ingressado na Irmandade Missionária da Imaculada Conceição, da Ordem dos Franciscanos, movidas não só pela fé, como também por motivos humanos e sentimentais, de profunda ressonância na vida particular de cada uma.



Berenice, a mais jovem, era de uma beleza terna e suave, enquanto Clotilde tinha uma aparência austera, marcada pela melancolia. O que as unia e confraternizava era o devotamento ao apostolado, à educação de meninas e moças de origem indígena, preparadas para a vida familiar.

Os acontecimentos da vida de Berenice, antes de ingressar na Congregação, não foram nem edificantes, nem tranquilos. Ao contrário, sua vida fora atingida pelo drama passionai, por pouco resvalando na tragédia.

Quando estudava no Crato, apaixonou-se por um estudante muito popular na cidade. Popular não só pela perícia ao violão como, principalmente, pela bela e agradável voz e as canções românticas que entoava em nostálgicas serenatas.

Por uma fantástica e inexplicável coincidência, aquele seresteiro que Berenice amou na adolescência, estava agora a poucos metros dela: Miguel Viana no camarote dos invasores, armas à mão, junto aos reféns; a religiosa no cais, aguardando o embarque no navio-gaiola.

O romance que os dois viveram, Berenice e Miguel Viana, alcançara depressa os limites da paixão. A adolescente, tímida, de beleza lírica e suave, não resistiu ao fascínio do rapaz, a quem se entregou, disso resultando uma gravidez que provocou violenta reação da família.

Como Miguel, aventureiro e irresponsável, não aceitou nem o filho, nem o casamento, a fuga foi uma solução covarde e oportuna. Partiu para Fortaleza e, de lá, em navio cargueiro, alcançou Belém do Pará, Manaus, Iquitos e, finalmente, a capital peruana, onde, como se relatou, assassinou brutalmente uma dançarina de cabaré.

Berenice, diante do escândalo inevitável, abandonou também a cidade do Crato e foi ter o filho em São Luiz do Maranhão, acolhida por uma tia viúva e sem filhos. Ali ficou por mais de uma ano, tranqüila, mergulhada numa tristeza que chegou a preocupar dona Eponina, a tia generosa. Mais tarde, por influência da prima Clotilde, decidiu consagra-se à vida religiosa, ingressando no Convento de São Luiz, como noviça, depois transferindo-se para a Missão de São Paulo de Olivença, no Alto Solimões, onde lecionou no Educandário da Ordem dos Franciscanos. Lá se tornou grande amiga de índios e mamelucos, como Iauitê e Çuriçaua, da tribo dos tukunas.

Nascidos e criados numa aldeia tukuna, às margens do rio Jandiatuba, Iauitê e Çuriçaua foram catequizados pelos franciscanos. Inteligentes, dóceis, de grande capacidade



de trabalho, transformaram-se em excelentes colaboradores dos missionários na tarefa de conversão de centenas de aborígenes das tribos dispersas pelo vale.

Convidados para trabalhar no Serviço de Proteção ao Índio, com escritório em Manaus e Belém, aguardavam, com Berenice e Clotilde, a liberação para embarque no "Amazonas", desconhecendo o conflito que afligia as duas amigas e protetoras.

Esse conflito tinha raízes humanas e religiosas: Berenice relutava em fazer votos, decidida a retornar a São Luiz do Maranhão e criar o filho.

Em voz baixa, no embarcadouro de São Paulo de Olivença, mantinham um diálogo difícil sobre a decisão de Berenice.

- Em Manaus - dizia Clotilde a Berenice - você ouvirá as ponderações de Madre Superiora. Com prece e meditação, acho que você mudará de idéia.

Berenice, com o olhar melancólico, não respondeu, ficando algum tempo em silêncio. Depois encarou bondosamente a prima e respondeu, com voz terna, mas firme:

- Pensei e rezei bastante, Clotilde. Acho que nem em Manaus, Belém ou em outra cidade, modificarei minha decisão. Quero criar meu filho, educá-lo com amor e carinho. Não é essa também uma bela missão cristã?

- Claro que é, Berenice. Mas a entrega a Cristo é mais dignificante, mais grata aos olhos de Deus - argumentou Clotilde.

Subitamente interrompendo o diálogo controvertido das religiosas, soou forte a sineta do "Amazonas", anunciando o embarque.

O casal de índios aproximou-se das duas:

- Acho que está na hora... - falou Iauitê com timidez.

Berenice tomou-lhe delicadamente a mão e falou:

- Está sim, minha filha. Vamos subir.

Instaladas num mesmo camarote, Berenice e Clotilde retomaram o diálogo anterior, sem avistar, como os outros passageiros, os seis presidiários que deixaram o abrigo assim que o navio desatracou e reiniciou a viagem.

Desde a invasão do navio, haviam decidido fazer as refeições em horário normal, juntamente com todos. Tentavam com isto, provavelmente, integrar-se à rotina da viagem, conquistando a simpatia dos viajantes.

Foi à hora do almoço, numa quinta-feira, que Berenice e Miguel se reencontraram. E o reencontro foi cercado de um indescritível assombro.



Sentadas á mesa, num canto do refeitório, Berenice e Clotilde conversavam tranquilamente quando chegaram os invasores com suas armas e seu aspecto duro e arrogante.

Berenice, por algum tempo, não reconheceu Miguel, que se instalara entre os companheiros. Qualquer coisa, no entanto, obrigou-a a fixar nele o olhar que, de súbito, a fez estremecer, até o fundo da alma.

Tentando não acreditar no que via, o semblante lívido, o olhar dilatado pelo assombro, Berenice continuou a fitá-lo como se avistasse um fantasma.

E balbuciou, trêmula, o coração desabalado:

- Miguel?... Deus do céu, não é possível!...

Miguel Viana, por sua vez, passeando os olhos pela sala, avistou também Berenice e, espantadíssimo, reconheceu-a imediatamente. E murmurou, atônito, como para si mesmo:

- Berenice?!...

Sentada ao lado da prima, Clotilde percebeu a fisionomia transfigurada da noviça. E perguntou, assustada:

- O que houve, Berenice? Não está se sentindo bem?...

Atravessada por uma angústia indizível, Berenice então balbuciou:

- Olhe, Clotilde, ali na frente, aquele rapaz...

- Qual deles, Berenice? E que gente é aquela, afinal de contas?

- Aquele, ali, à direita, de blusa azul...

- Estou vendo. Parece mais jovem do que os outros, não tem cara de índio.

- É brasileiro, Clotilde, nasceu no Crato...

- No Crato? Mas, Berenice, quem é ele?

- Você não vai acreditar Clotilde, mas é Miguel, o pai de meu filho...

- Não é possível, Santo Deus! – exclamou Clotilde, estupefata.

No fundo da sala, sacudido também pelo assombro, Miguel Viana atraía a atenção dos companheiros.

- O que há com você, Miguel? – perguntou Aguirre, sentado ao lado.

E acrescentou, em tom de galhofa:

- Viu o capeta?...

- Olha, Aguirre, aquela moca, ali em frente, aquela religiosa, de hábito branco. Foi minha namorada, na cidade onde nasci...



- E o que tem isto demais? Todo mundo tem, ou teve, uma namorada, rapaz. Isto é normal.

- Ela foi mais do que namorada, Aguirre. Tivemos um filho, houve uma confusão dos diabos!

- Você tem certeza, Berenice? – insistia Clotilde, mais adiante. – É mesmo aquele covarde que a abandonou?!

- É ele mesmo, Clotilde. Miguel, aquele seresteiro do Crato...

Calou-se por alguns instantes, abalada até o fundo do coração, tentando concatenar os pensamentos. E murmurou, como para si mesma:

- Mas, Deus do céu!... O que está fazendo aqui?...

Emocionada, calou-se novamente. Mas, logo em seguida, levantou-se e, seguida pela prima, deixou o refeitório.

Retornando ao camarote, sentindo-se mal, Berenice estendeu-se na cama. Clotilde deu-lhe um calmante, escureceu o cômodo e esperou que a prima adormecesse.

No refeitório, nesse ínterim, a inquietação de Miguel Viana obrigou-o a também deixar o salão. Informado sobre o número do camarote de Berenice, foi até lá e bateu à porta.

Quando abriu e avistou o brasileiro, a primeira reação de Clotilde foi de extrema irritação. Mas se conteve e, para não despertar Berenice, perguntou em voz baixa:

- O que o senhor deseja?

- Berenice... Ela está aí? Gostaria de lhe falar.

- De forma alguma, moço! Está dormindo, não se sente bem. É melhor o senhor sair daqui!

Ouvindo, do interior da cabina, a voz de Miguel, Berenice levantou-se, chegou à porta e disse à prima:

- Pode deixar, Clotilde. Falo com ele.

- Berenice... só conseguiu dizer Miguel Viana, emocionado.

- Vamos ali, sugeriu a moça, apontando o convés.

- Berenice, - interveio Clotilde, contrariada. – Não deve sair com este homem!

- Por favor, Clotilde. Quero conversar com ele.

- Fique tranqüila – disse Miguel. – Não vou fazer mal a ela...

- Mas o senhor já fez, moço! Já fez muito mal! Ainda quer mais?!

- Por favor, Clotilde!... – suplicou Berenice, - Não demoro, fique tranqüila.



E se afastou com Miguel.

No refeitório, enquanto isto, Aguirre fixava em Jussara um olhar insistente, percebido pelo pai e Odorico. Para distraí-los, Jussara falou do outro lado da mesa:

- Onde é que essa gente vai desembarcar, papai?

- E como vou saber, menina? – respondeu o fazendeiro, mal-humorado. – Ninguém sabe o que estão planejando!

Odorico bebeu um gole de cerveja e também opinou:

- Não têm muitas opções, Possidônio. Ou fogem pela selva, ou vão ser presos em Manaus.

- E se saltarem antes? – aventou Jussara. – Em Santo Antônio do Içá, por exemplo? Ou em Tefé? Por quê o senhor acha que vão até Manaus?

Aguirre, de seu lugar, sabia perfeitamente que ele e os companheiros eram o centro das atenções daquela gente que os detestava e, sem dúvida alguma, desejava ver pelas costas.

E meditava, bebendo uísqui:

- “De todo esse bando de poltrões, só me interessa aquela índia gostosa. Os outros que se fodam!”

No convés, protegidos do sol por uma cobertura de lona, Miguel Viana e Berenice haviam iniciado um diálogo de amargura, cheio de reminiscências. Apesar de tudo, conversavam com relativa serenidade, disfarçando mágoas e sofrimento.

Miguel, aniquilado, ouvia mais do que falava. A noviça, consciente de que aquele reencontro era mais uma provação para seu espírito, habituado à prece e à meditação, falava com suavidade, apesar da tristeza profunda que seu rosto exprimia.

- O que você fez de sua vida, Miguel? – dizia com pesar. – Por quê destruiu sua mocidade, entregou-se ao mal, tornou-se criminoso?

Com as faces lívidas, envolveu-o com um olhar lastimoso, cheio de sincera comiseração.

Miguel limitava-se a ouvi-la, sentindo no coração um vazio terrível.

- Olhando para você, Miguel – prosseguia Berenice – descubro em sua vida uma enorme miséria moral.

Em seguida, como se arrependesse das palavras que pronunciara, pousou nele um olhar triste e indulgente. E acrescentou, com voz sofrida:

- Só a piedade de Cristo pode salvá-lo, Miguel. É sua única esperança!



- Berenice... pelo amor de Deus! – suplicou Miguel, desesperado.

E desabafou, como se pedisse socorro:

- Sofri muito, Berenice! Agora nem piedade me salva!

Berenice mantinha a alma agoniada, o olhar revelando uma sensação de embaraço e vergonha. Mas ainda teve um impulso de ternura, quando falou, após curto silêncio:

- Nós nos amamos um dia, Miguel. Mas nosso amor só nos trouxe sofrimento, meu infeliz amigo! – exclamou, prostrada, sentindo que suas forças se exauriam.

Descobrimo que ela se fragilizava, Miguel recuperou um pouco a capacidade de refletir. E reagiu, apesar do sentimento de culpa que o atormentava.

Narrou, então, os anos terríveis que vivera, após fugir do Crato. Descreveu o crime em Lima, a condenação, as torturas sofridas no presídio. Até que chegou à fuga e ao seqüestro do “Amazonas”.

Desabafou, mortificado, em confidência que penetrou no fundo do coração de Berenice:

- Matei duas vezes, Berenice: você por covardia, e Helena, por loucura!

Exausto, consumido pelo tormento, abriu o coração martirizado, pediu perdão, num lampejo de desvario:

- Paguei caro pelo que fiz, Berenice! Fui condenado a viver, pelo resto da vida, numa prisão infame!

Comovida, o olhar compassivo, Berenice tomou delicadamente a mão de Miguel e prometeu, com doçura:

- Vou rezar por você, Miguel. Rezar e pedir a Deus para que se arrependa e se entregue, pagando pelo crime que cometeu.

Reagindo ao estado de inércia que o debilitava, Miguel replicou, nervosamente:

- Você pede que me entregue, Berenice?! Que traia os companheiros, volte para aquele inferno?!

- O pior inferno, Miguel, é o que queima seu coração, e torna sua vida um calvário de sofrimento!

Depois, com veemência, completou:

- Você passou a vida traindo a si mesmo, construindo infernos onde enterrou sua alma, degradou sua consciência!

Arquejava, falando com um acento de cólera que ela própria desconhecia. Calou-se, com remorso e tristeza.



De repente, num raptó de piedade, contemplou Miguel que chorava, torturado pela vergonha. Aproximou-se, abraçou-o com uma ternura que o comoveu profundamente. Depois murmurou, com voz trêmula:

- Se você se entregar, Miguel, juro que vou lutar com todas minhas forças para você ficar no Brasil, até conquistar a liberdade.

Miguel beijou os cabelos, a fronte, o rosto ardente da noviça, que ainda acrescentou:

- Quando sair da prisão, Miguel, estarei esperando você. E vamos reconstruir a vida com nosso filho.



## CAPÍTULO 13

### MORTE, RIO-ABAIXO

Certa noite, durante o jantar, chegou apressadamente ao refeitório um tripulante da sala de máquinas. Tinha a roupa suja de óleo e graxa e foi diretamente à mesa do comandante Caruana, a quem falou, nervosamente, em voz baixa.

Caruana, preocupado, pediu licença aos oficiais que o acompanhavam nas refeições, levantou-se e saiu com o maquinista.

O fato chamou a atenção dos seis invasores. Aguirre fez um sinal a Carvajal que foi atrás de Caruana, abordando-o no convés.

- Aconteceu alguma coisa? – perguntou no refeitório Zimaco a Carlos Aguirre.

- Parece que sim. O Julio foi saber. O melhor é esperar.

Chegando à sala de máquinas, Caruana e Carvajal ouviram do chefe-maquinista, um mulato truculento, sem camisa, o dorso untado de óleo e suor, a notícia inquietante:

- Uma tora entornou o eixo do navio, comandante. Precisamos encostar, senão o motor emperra.

- Não dá pra chegar a Amataurá, Sebastião?

- Não dá, comandante. A batida foi forte. O eixo pode quebrar de uma hora para outra.

- Pois se o jeito é encostar, Sebastião, a gente encosta. O que se vai fazer?

Antes que Caruana se afastasse, Carvajal comentou, desconfiado:

- Se isto foi sabotagem, comandante, vocês vão se dar mal!

- Sabotagem coisa nenhuma, homem! Isto acontece em quase toda viagem! O rio está cheio de detritos, de árvores, madeira, porcaria de todo tipo. Só se for sabotagem deste mundão de água que desbarranca a mata, invade tesos e aldeias, engole casas e animais. Isto é comum por aqui!

Depois, já saindo, rematou:

- Agora, moço, com licença: Vou tomar providências, ou o navio pára de vez, fica à deriva!

Voltando ao refeitório, onde os presidiários esperavam, isolados, Carvajal relatou o ocorrido.



- Que merda! – grunhiu Aguirre, com um murro na mesa. – Mais esta?!

- Esta choça anda como uma lesma, e vai enguiçar logo agora?! – reclamou Zimaco.

- É bom a gente verificar se foi mesmo defeito. Pode ter sido sabotagem – atinou Juan Diaz.

- Bem lembrado, Juan. Vamos até lá.

O “Amazonas”, manobrado com perícia, aproximou-se de pequena enseada, perto de Caturia, onde ancorou para consertar a avaria.

A noite, de lua cheia, clareava poeticamente as margens do rio e da mata, de onde chegavam ruídos de grilos, gritos e guinchos de pássaros e animais.

Seria uma noite inesquecível, da qual se lembrariam por longo tempo.

Assim que a luz forte de um holofote foi lançada da popa sobre o rio, dois maquinistas, Antônio e Agenor, mergulharam de calção para fazer o reparo.

Rapidamente, uma onda enorme de insetos, piuns e carapanãs, atraídos pela luz, chegou da floresta. Eram os piores inimigos das viagens fluviais, e sua voracidade foi comentada por Charles Marie de La Condamine que, de 1742 a 1743, desceu o Amazonas até chegar à Guiana Francesa.

“Aí começamos a nos libertar dos mosquitos, maribondos e insetos de toda sorte – escreveu La Condamine – o maior incômodo que tivemos no transcurso de nossa navegação. São tão insuportáveis, que os próprios índios não viajam sem uma tenda de tela de algodão, para se abrigarem durante a noite”.

Alguns passageiros, mais curiosos, foram debruçar-se na amurada da popa para acompanhar o trabalho, enxotando com as mãos os insetos que voltavam sempre, insaciáveis.

Outros, aproveitando a parada do motor e o silêncio, só rompido pelo ruído de martelos na tarefa de reparo, foram para as cabinas, como o coronel Possidônio, sua família, Frei Massotti, Michel Leroy, Berenice e Clotilde, os turistas americanos, estes cada vez mais aborrecidos.

Os da terceira-classe estenderam-se nas redes e catres, atacados também pelo enxame voraz dos insetos.

Ridruejo, Carvajal e Juan Diaz, armas em punho, foram fiscalizar o conserto do eixo danificado, enquanto Zimaco cumpria o plantão na sala de rádio.

Aguirre e Miguel Viana foram ao convés superior. O brasileiro apanhou um violão, afinou as cordas e começou a solfejar uma melodia do tempo de seresteiro.



Seu pensamento levou-o de volta ao passado, a Berenice, às serenatas do Crato. As reminiscências, no entanto, em lugar de enternecê-lo, mergulharam-no em profunda melancolia.

Aguirre, vagorosamente, deu alguns passos no corredor, aproximou-se do camarote de Jussara, recostou-se no corrimão, ouvindo a canção de Miguel:

- "Lábios que beije,  
mãos que afaguei,  
numa noite de luar assim.  
O mar na solidão bravia,  
e o vento a soluçar pedia  
que fosses sincera para mim..."

Pouco adiante, deitada, Berenice mantinha os olhos abertos, ouvindo a serenata de tantas recordações. Em vez de nostalgia, sentia uma opressão no coração deprimido. Uma enorme aflição a fez, então, chorar, deixando que as lágrimas lhe descessem pelo rosto devastado pela angústia.

Metros adiante, em sua cabina, Jussara também ouvia a serenata. O que sentia, no entanto, diferia profundamente do sentimento atormentado de Berenice.

Ouvindo passos no convés, teve a certeza da presença inquietante de Aguirre. Saboreou então uma sensação de prazer e sensualidade. Voltou os olhos para a porta e viu a maçaneta girar, sentindo o coração desabar. Mas a porta estava fechada. Ouviu Aguirre afastar-se, voltando para junto de Miguel, que continuava a cantar.

No rio, enquanto isto, os maquinistas trabalhavam, observados por alguns passageiros e tripulantes, entre os quais Ridruejo, menos atento aos operários do que a Iauitê e Çuriçaua, pouco adiante. Atraído pela beleza juvenil da pequena índia, Ridruejo aproximou-se do casal e puxou prosa:

- Vocês são daqui mesmo? Vão para Manaus?

Intimidados, observando a arma que o fugitivo trazia, os tukunas não deram resposta. Mas o peruano insistiu:

- Não falam português? Falam espanhol?

Çuriçaua fixou no invasor um olhar inamistoso. E respondeu, laconicamente:

- Vamos para Manaus.



E se afastaram. Ridruejo acompanhou, excitado, o vulto delicado de Iauitê, com os longos cabelos negros, tombados nos ombros. Juan Diaz, que o observava de perto, foi dizer ao peruano:

- Nunca tinha visto uma índia, Ridruejo?

- Claro que sim, Juan. Mas uma bugrezinha gostosa como esta, não vi igual.

- Tome cuidado – aconselhou o boliviano. – Esses índios são traiçoeiros.

- Eles têm flechas, Juan, mas eu tenho isto aqui! – retrucou Ridruejo, afagando a metralhadora.

A noite ia alta e, com exceção do ruído que os maquinistas faziam, o silêncio envolvia a mata e o rio. Mas, subitamente, ele foi rompido pelo grito de um dos maquinistas, surgindo apavorado na superfície da água:

- As piranhas! As piranhas!

Agenor, o outro maquinista, surgiu em seguida na tona e atravessou com grandes braçadas o espaço que o separava da escada de corda, gritando, espavorido:

- As piranhas! Atacaram o Antônio! Socorro, gente! Atacaram o coitado!

Trêmulo, dominado pelo horror, subiu pela escada até a balaustrada da popa.

Os gritos dos dois homens ecoaram na noite acordando passageiros e tripulantes, que chegaram correndo ao local.

Um dos primeiros foi Caruana, que ajudou, espantado, o maquinista a subir.

- As piranhas, comandante! Atacaram o Antônio! – repetia o maquinista, desesperado.

- Como foi isto, Agenor! Como foi atacado?! – indagou Caruana, atônito.

- Ele se cortou na hélice, comandante, e o sangue atraiu as piranhas! Pelo amor de Deus, comandante, salve o Antônio!

Aguirre, Miguel Viana e outros foragidos chegaram à popa, assustadíssimos, sem entender o que se passava.

Caruana debruçou-se na amurada da popa e avistou, no rio, o enorme cardume dos carácidas, dilacerando o corpo do maquinista, que se debatia em meio a uma poça de sangue:

Frei Massotti e Michel Leroy deixaram o pôquer, na cabina, e se precipitaram para o local, enquanto Possidônio surgiu à porta do camarote, indo ao encontro de Jussara.

Em poucos instantes a popa ficou repleta de gente assombrada.



Os presidiários, com suas armas, observavam, atônitos, a luta do maquinista contra os peixes famintos, enquanto Agenor suplicava, patético:

- Gente, pelo amor de Deus, faça alguma coisa, salvem o Antônio! Ele está morrendo!

Impressionado com o desespero do maquinista, Ridruejo assestou a metralhadora para baixo e começou a atirar em volta do infeliz, que se debatia, tentando afugentar o cardume feroz. Aguirre se aproximou, segurou a arma do companheiro e explicou:

- Não adianta nada, Ridruejo! Está gastando munição à-toa. O homem está perdido! São centenas de piranhas, estraçalhando o corpo do coitado!

Embaixo, devorado pelos peixes, Antônio pouco a pouco perdia as forças. Fervilhando com a fantástica velocidade dos carácidas, as águas do rio cobriram-se de sangue, enquanto o que sobrara do corpo do maquinista descia ao fundo.

Saciadas, devorando ainda pedaços sangrentos de carne, as piranhas se afastaram. Lentamente, as águas do Solimões se aquietaram, arrastando para longe a poça de sangue. Depois tudo voltou ao silêncio, um silêncio sinistro que chegava à floresta.

Quando amanheceu, com o reparo incompleto da avaria, o "Amazonas" reiniciou lentamente a viagem.

Transitando pelo barco, traumatizados, passageiros e tripulantes exibiam no rosto a marca do pesar. No tombadilho, conversando com Massotti e outros viajantes, Michel Leroy explicava que as piranhas que devoraram o maquinista eram do tipo piranha-cachorro, que só ataca quando cheira sangue. Aquela fora a desgraça do Antônio, ferido na hélice do navio.

Embaixo, no convés, Aguirre interpelava Caruana, preocupado com a lentidão do gaiola.

- Não pode ir mais depressa, comandante? Não consertaram o navio?

- Só parcialmente – explicou Caruana. – Diante do ocorrido, ninguém quis descer para concluir o reparo. O jeito é continuar a viagem em marcha reduzida, para não forçar o motor. Em Santo Antônio do Içá terminaremos o trabalho.

- E demora muito?

- Acho que não. Tempo suficiente para receber carga e passageiros.



## CAPÍTULO 14

### O CALOR DO DESEJO

Depois de passar em marcha lenta, por União, Amatuará, Vargem Grande e pela Ilha Javirimirim, o “Amazonas” aproximou-se do ponto de encontro do rio Iça com o Solimões.

Como o Solimões, o Iça também é um rio internacional, pois atravessa grande parte da Colômbia, com a denominação de Putumayo

“O Iça – informa Elysée Réclus – é o tributário setentrional que, dadas as proporções, despeja maior quantidade de água no Solimões, porque as mais elevadas nascentes, ao norte e ao sul da linha equatorial, descem de vertente oriental das montanhas de Quito, onde abundam as borrascas em todas as estações do ano, e onde a atmosfera é tão constantemente nublada por chuvas e nevoeiros, que o viajante precisa sempre de bússola para orientar-se”.

Depois de nascer nos contrafortes dos Andes, o Iça penetra no Brasil na altura de Aliança, banhando terras brasileiras por 357 quilômetros.

Diz ainda Réclus que o nome Iça foi dado pelos índios Omáguas, descendentes dos antigos Iças, habitantes das margens daquele rio.

Chegando ao estuário, lugar de grande beleza natural, a marcha reduzida do gaiola permitiu que seus passageiros pudessem observar a belíssima paisagem, com as águas do Iça represadas pelo Solimões, cujo leito se abre em águas remansosas, formando lagos e numerosas ilhas, como num pequeno arquipélago.

Antes de encostar no ancoradouro de Santo Antônio do Iça, os fugitivos repetiram a tormentosa escolha dos reféns. Como de outras vezes, foi ela precedida de muita agitação. Aguirre novamente indicou Jussara, enquanto Ridruejo, atraído pela índia tukuna, separou Iauitê, diante do protesto inútil de Çuriçaua, que pretendia acompanhá-la.

Quando Zimaco indicou as duas religiosas, Berenice, muito aflita, se interpôs:

- Por favor, moço, deixe Irmã Clotilde aqui. Não está bem de saúde.

Zimaco ia protestar quando Miguel Viana intercedeu:

- Deixe ficar a mais velha, Zimaco. Leve a outra.

Berenice lançou um olhar agradecido ao brasileiro e, antes de seguir, disse à prima:



- Fique tranqüila, Clotilde. Tudo vai correr bem. Deus é grande.

- Vou rezar por você – respondeu Clotilde.

Minutos depois fecharam-se nos camarotes, enquanto o “Amazonas” atracava em Santo Antônio do Içá.

No camarote Aguirre se aproximou novamente de Jussara, mantendo com ela um diálogo ofegante e sensual. Ridruejo arrastara Iauitê para um canto, onde, meio oculto por uma cama e um armário, praticamente a possuiu, movido por uma excitação selvagem.

A pequena índia despertara o intinto erótico do fugitivo, transformando-o em instrumento de um impulso insopitável de idiopatia sexual, arrastando-o para as agressões mais infames. A indiazinha, temendo uma violência maior, submeteu-se com asco ao assédio obsceno do criminoso.

Vendo Iauitê nas mãos torpes de Ridruejo, Berenice foi pedir ajuda a Miguel.

- É melhor não interferir, Berenice. Ridruejo é homem violento, pode colocar em risco a vida da índia.

- Mas Miguel – insistiu a noviça, revoltada. Ela é uma criança, faça alguma coisa, pelo amor de Deus!

- Não posso, Berenice. Já lhe disse. É muito arriscado!

Juan Diaz, num canto, observava com rancor a nova investida de Aguirre em Jussara. Pouco adiante, Carvajal lançava ao chefe do bando um olhar raivoso, diferente do que revelava o semblante enciumado de Juan Diaz, pois era um olhar de despeito e sofrimento. Carvajal, na verdade dedicava a Jussara um ódio profundo, pois ela lhe roubava o objeto de seu afeto anormal. Nele, o ciúme era a causa patológica de um sofrimento mórbido, o mesmo que, normalmente, se manifesta através das formas relacionadas por Bourget: o ciúme mental, o ciúme do coração, o ciúme dos sentidos. Nenhum deles se explicando pela lógica, ou pela razão, pois, como se sabe, o ciúme dos homossexuais não é uma anomalia lógica, pois nasce de um impulso doentio, direcionado para o homem, e não para a mulher.

No caso de Júlio Carvajal, o objeto de sua angustiada afeição era Aguirre, e não Jussara. E Aguirre, naquele instante, se ocupava exclusivamente com a conquista da mestiça, e isto levava Carvajal ao desespero.

Em outro canto do camarote, onde se encontrava, Berenice detinha com dificuldade a vontade de partir em socorro de Iauitê e meditava sobre o comportamento pervertido



daquele bando homicida, pondo em perigo os viajantes da embarcação, submetidos a seu arbítrio.

Além de Jussara e Iauitê, Berenice temia por si e por Clotilde, por não acreditar que sua condição de religiosas os pudesse deter. Observando o olhar insistente que Zimaco lhe dirigia, Berenice compreendeu que, além de religiosa, também era mulher. Nisso residia o perigo.

Concluído em Santo Antônio do Içá o reparo completo do eixo danificado, o “Amazonas”, reabastecido e com mais carga e acolhendo novos passageiros, deixou o embarcadouro e voltou ao centro do Solimões.

Os invasores retornaram ao convés com os reféns. Estavam encharcados de suor, exasperados e impacientes.

Naquela noite, no refeitório, beberam em excesso, maldizendo o “inferno em que se meteram”.

Miguel, para amenizar o ambiente, apanhou o violão e começou a cantar El Triste, cantiga tradicional dos Andes bolivianos, e cuja nostálgica melodia exprimia a tristeza de uma raça forjada no meio agreste da Cordilheira.

A cantiga comoveu Juan Diaz, quase levando-o às lágrimas, provocando-lhe reminiscências da infância pobre no povoado fronteiro da Bolívia, onde nasceu. Os outros, bebendo em silêncio, deixavam emergir de sua alma rude sentimentos humanizados que nem o crime conseguira perverter.

Por toda a embarcação, agora descendo com maior velocidade o Solimões, a voz do brasileiro criava uma atmosfera estranha e poética, misturando-se na tensão pressagiosa da viagem.

Aguirre, num canto, pensativo, bebia calado, enquanto Zimaco, com a garrafa de cañaso, vazia, tombara a cabeça na mesa, embriagado.

Fora, no corredor do convés superior, ninguém circulava. No passadiço, Caruana conversava com o piloto:

- Tenho um mau pressentimento, Jerônimo. Acho que isto vai acabar mal.

- Comandante, - propôs o piloto - e se a gente passasse ao largo em Fonte Boa, apitando? O destacamento da polícia compreenderia que alguma coisa séria e anormal está acontecendo.

- É muito perigoso, Jerônimo. Pode haver um morticínio. Os bandidos estão exasperados, bebendo muito. São capazes de tudo!



- Tem razão – concordou o piloto. – Eles não têm nada a perder.

- Vamos encontrar uma saída – prometeu Caruana. – É preciso paciência, esperar o momento certo para agir.

- E onde estão agora os celerados?

- No refeitório, esvaziando as garrafas.

Lá, efetivamente, Zimaco e Juan Diaz, bêbados, dormiam tombados na mesa, enquanto Carvajal, melancólico, bebia sem parar. Aguirre, que era resistente à bebida, em certo momento fez um sinal a Miguel e os dois foram ao convés. E lá recostaram-se na amurada, a poucos metros do camarote de Jussara.

Respiraram o ar fresco, calados. Miguel empunhou o violão, ouvindo Aguirre pedir:

- Cante Potosino Soy, companheiro.

Miguel deu os primeiros acordes e iniciou a cantiga. Tocado pela atmosfera romântica que a música criava no barco, Aguirre fixou na cabina de Jussara um olhar insistente. E tomou, afinal, a decisão audaciosa: atravessou o corredor, parou diante da porta, pronto para arrombá-la. Antes, porém, torceu a maçaneta e viu, com surpresa, que estava aberta. Empurrou-a cautelosamente e entrou.

Miguel, de seu posto, observava tudo com um sorriso conivente. E cantou inspiradamente, pensando em Berenice.

Aguirre, no interior do camarote, imerso na penumbra, trancou a porta e caminhou lentamente na direção da cama, sobre a qual Jussara o esperava, inteiramente despida.

A mestiça, o corpo delineado pela luz débil que entrava pela escotilha, tinha o rosto ansioso, o corpo palpitante, pronto para entregar-se.

Aguirre então se despiu, fixando nela um olhar abrasado. Jussara, vendo surgir o corpo másculo do espanhol, sentiu um misto de medo, desejo e uma excitação voluptuosa que antecede a posse física.

O presidiário deu mais dois passos, recostou-se na cama, debruçou-se e apanhou o corpo fremente da mestiça, trazendo-o para si. Jussara enlaçou-o num abraço nervoso, ofereceu-lhe o corpo arquejante. Ao ser possuída, experimentou um prazer tão forte que sufocou nela medo e humilhação. Mas, ao mesmo tempo, subiu no fundo de sua alma, inundando-lhe a consciência de vergonha, uma sensação de repulsa que a levou, de repente, a cravar nas costas do amante as unhas pontiagudas, riscando-as de sangue.

Fora, no convés, uma aragem refrescante perpassava pelo rosto de Miguel, que terminava solitariamente a serenata. Quando passeava os olhos pelo corredor, avistou um



vulto se aproximando. Era Berenice, a veste branca refulgindo ao luar, chegando com passos leves, olhando-o com ternura.

Surpreendido, feliz, Miguel interrompeu a cantiga, deu dois passos ao encontro da noviça. Mas Berenice pediu, com delicadeza:

- Não, Miguel, não pare. Continue. Estava tão bonito!

Miguel ergueu o violão, recomeçou a melodia, desta vez sem cantar. E perguntou:

- Ainda gosta de música?

- Sempre gostei. Não se lembra de Crato?

Ficou escutando a melodia dos Andes, recostada na amurada, contemplando a lua refletida no rio.

- No convento eu cantava no coro. Uma freira tocava violão, como você. Eu ficava ouvindo, nas noites claras, como agora, e via o rio espelhando a lua cheia. Não havia coisa mais linda, Miguel!

Ficaram em silêncio, envolvidos pelas lembranças. Depois Berenice falou:

- Estive observando você, Miguel...

- Eu sei.

- Você é diferente dos outros, muito diferente. Não sei como foi se meter com esta gente.

- No presídio ocupávamos a mesma cela. Ficamos amigos, planejamos a fuga com o compromisso de nos mantermos unidos em qualquer circunstância.

Recostou-se na balaustrada. Fez então a confidência que guardava como um segredo:

- Tomei a decisão definitiva, Berenice: em Tefé abandono o grupo, me entrego à polícia.

- Mas por que não se entrega em Fonte Boa, onde o navio também faz escala?

- Fizemos um juramento de ir até o fim. E o fim é Tefé. Quem trair será eliminado.

Silenciou por alguns segundos, como se hesitasse. Mas acabou confessando, abaixando a voz:

- Vou lhe fazer uma revelação importante, Berenice. Em Tefé o plano é tomar de assalto o avião Catalina e fugir para o México. Mas o que vou fazer só você vai ficar sabendo: deixo o grupo, não embarco o avião e me entrego. E seja tudo o que Deus quiser!

Berenice, comovida, susteve a mão de Miguel e, feliz, exclamou:

- Deus ouviu minhas preces!



## CAPÍTULO 15

### O VÔO DA FLECHA

Não só o embarque de mais passageiros e carga em Santo Antônio do Içá, como a existência no rio de detritos, árvores arrancadas e uma quantidade considerável de pedaços de pedra-pome, lançados no Solimões pelo rio Içá, forçaram a redução da marcha do “Amazona”, a caminho de Fonte Boa.

O fato irritou ainda mais os invasores, aumentando a preocupação dos viajantes. Um mormaço quente e úmido baixara sobre o rio, elevando a temperatura a níveis insuportáveis, transformando as partes internas e externa do gaiola numa fornalha tórrida.

- Isto parece a sede do inferno!” – reclamava Aguirre, na proa da embarcação.

A seu lado, Juan Diaz e Zimaco tentavam espantar os insetos:

- Puta que os pariu! – vociferava Juan Diaz, exasperado. – Não agüento mais, Zimaco!

- Agüenta mais um pouco, Juan! Não estamos pertos de Tefê?

- Pertos coisa nenhuma! Ainda falta muito!

- Puta merda! Falta muito?!

Miguel Viana, de plantão na sala de rádio, lutava contra a sonolência, abanando-se com uma revista. Ridruejo, movido sempre pela persistente obsessão, descera ao convés inferior, em busca de Iauitê. Mas lá só encontrou o marido, cochilando na rede. Seguiu procurando a pequena índia, afinal avistada na popa, tecendo uma esteira.

Aproximou-se e começou um diálogo de segundas intenções:

- O que está fazendo? Uma rede?

Iauitê não respondeu, limitando-se a olhá-lo com aversão.

Ridruejo então se irritou, agarrou-a pelos braços, obrigou-a a levantar-se:

- Não ouviu o que eu disse, bugra de merda?!

Iauitê, vestida com saia leve e curta, com os pequenos seios quase à mostra, encarou-o com desprezo.

Ridruejo, encolerizado, abraçou-a com violência, quis beijar-lhe a boca.



Mas a índia resistiu, tentando afastar o agressor. Seu gesto, entretanto, só serviu para exasperá-lo ainda mais: agarrou-a com brutalidade, rasgou-lhe a blusa fina que vestia e quase a despiu.

Naquele instante, chegando pelo corredor do convés, surgiu Çuriçaua em defesa da mulher. A dois passos do presidiário, sacou um punhal e, de um salto, tentou cravá-lo no peruano. Ridruejo, com agilidade, pulou para trás, ergueu a metralhadora e deu uma rajada, alvejando o índio no peito.

Çuriçaua tombou morto, em meio a enorme tumulto, atraindo Aguirre e alguns passageiros à popa.

Ridruejo, muito nervoso, tentava explicar:

- O bugre quis me matar com uma faca!

Aproximou-se de Çuriçaua, caído de boro numa poça de sangue e, com o pé, virou o corpo rasgado pelas balas.

- Estão vendo? Ainda está com o cuchillo na mão!

Aguirre colocou a mão no ombro do companheiro e falou:

- Fique calmo, Ridruejo, você se defendeu! O índio teve o castigo que merecia!

Em seguida, ajudado pelos companheiros, ergueu do chão o corpo do tukuna e lançou-o ao rio, gritando para os que chegaram ao local:

- Meu companheiro matou em legítima defesa! Saiam daqui o voltem pros seus lugares!

Berenice e Clotilde chegaram apavoradas, abraçaram Iauitê, imóvel e calada num canto, e a levaram consigo.

Reunindo-se mais tarde com os comparsas, Aguirre comentou:

- Este assunto está encerrado. Ridruejo fez o que qualquer um de nós faria!

Perguntou então a Juan Díaz:

- Conhece a próxima escala, Juan?

- Conheço. É Fonte Boa. Passei por lá, tempos atrás, procurando trabalho.

- É grande? Tem polícia?

- Mais ou menos como em Santo Antônio do Içá. Lugarejo sem importância, com alguns soldados que dormem o dia inteiro.

- Tem posto de rádio?

- Deve ter, na Delegacia. Mas, por quê está perguntando isto? Algum plano na cabeça?



Antes de expor o golpe que tramava, Aguirre certificou-se de que ninguém escutava à porta. Depois explicou:

- Não estou com vontade nenhuma de me enfurnar de novo com os reféns!

- Nem eu! – reforçou Carvajal.

- Pois desta vez ninguém vai se esconder! Dois de nós ficam no navio, como garantia. E vamos atacar o lugarejo, destruir o posto de rádio, apanhar dinheiro onde for possível encontrar!

- Grande idéia! – apoiou depressa Zimaco, entusiasmado.

Revoltados com o assassinato do índio tukuna, vários passageiros foram confortar Iauitê, acorada no convés, sombria, limitando-se a encará-los com os olhos espantados.

Passando ao largo de Tocantins, distrito de Santo Antônio do Içá, o “Amazonas” prosseguia viagem no itinerário que abrangia várias localidades ribeirinhas: Canavial, Aranapé, Ilhas Timbotuba, Baruruá e Envira Branco, próxima à foz do rio Jutai; Tararazinho, Arumanduba, Ilha do Meio, Periquitos e, por fim, a cidade de Fonte Boa, onde ancorou no dia seguinte.

O primeiro núcleo de povoamento de Fonte Boa chamou-se Taracoatéua, ou Taracuariba, aldeia dos índios Omáguas. Naquela aldeia, em fins do século dezessete, o mesmo e incansável Samuel Fritz fundou a missão religiosa de Nossa Senhora de Guadalupe. Poucos anos após sua criação, a aldeia foi destruída pelos espanhóis e restaurada, mais tarde, pelos portugueses.

Incluída na zona fisiográfica do Solimões-Javari, limita-se com os municípios de Carauari, Japurá, Juruá, Jutai, Maraã, Santo Antônio do Içá e São Paulo de Olivença.

Assim que o gaiola encostou, quatro invasores – Aguirre, Miguel Viana, Juan Diaz e Carvajal – com as armas camufladas, desceram à terra, deixando Ridruejo e Zimaco a bordo, armados até os dentes.

O assalto à cidade foi fulminante e bem articulado. O bando atacou, de início, o posto policial, no final de um arruado, aprisionando em uma cela um cabo e três soldados, impotentes diante da invasão inesperada. Depois Aguirre e o bando destruíram o equipamento de rádio e, sem encontrar resistência, assaltaram a pequena agência do Banco da Amazônia, de onde recolheram praticamente todo o dinheiro.

Em seguida, diante do assombro dos moradores, saquearam armazéns, casas comerciais e até residências, imobilizando os que tentavam resistir.



Nesse meio tempo, a bordo do “Amazonas” ocorria um fato inesperado e sangrento, tendo Aldo Ridruejo e a índia Iauitê como protagonistas.

A índia tukuna, que jurara vingar a morte de Çuriçaua aproveitou um descuido de Ridruejo e o atingiu com uma flecha embebida em curare.

Ninguém ficou sabendo como obtivera o arco e a flecha e preparara o veneno, que os indígenas sabem fabricar.

O que se soube, na verdade, é que, de um canto do navio, Iauirtê esticou o arco e arremessou a flecha na direção do peruano, atingindo-o nas costas.

O curare, alcançando o sangue, provocou rápida ação paralisante sobre os músculos estriados do bandido, produzindo efeito mortífero ao invadir-lhe os músculos respiratórios.

Ao ser atingido, Ridruejo soltou um gemido surdo, deixou cair a arma e tombou, soltando imprecações, pedindo socorro a Zimaco, a poucos metros dele.

- Porra, porra, carajo! Me acertaram, Zimaco! Me acuda, camarada, me acuda!

Zimaco precipitou-se, assustadíssimo e tentou socorrer o companheiro, que agonizava.

Sustentando com a mão esquerda a cabeça de Ridruejo e, com a direita, empunhando a metralhadora, Zimaco gritava, desorientado:

- Quem fez isto?! Quem foi, quem foi?! Porra, qual foi o filho da puta?!

Antes de morrer, Ridruejo estrebuchou, a cabeça escapuliu da mão de Zimaco e seu corpo tombou com um baque surdo no chão.

Zimaco levantou-se, alucinado, deu uma rajada de metralhadora, por pouco não atingindo Caruana, que chegara correndo do passadiço.

- O senhor trate de descobrir quem fez isto, comandante! – gritou Zimaco, fora de si. – E depressa, senão vai sofrer as conseqüências!

Caruana abaixou-se para examinar o cadáver, caído de costas, o sangue escorrendo da boca. Ao virar o corpo, descobriu a pequena flecha, cravada pouco acima da região glútea do assassinado.

Arrancou a flecha, cheirou a ponta e, voltando-se para Zimaco, explicou:

- É uma flecha envenenada com curane.

- Foi aquela índia, foi aquela índia filha da puta! – bradou Zimaco, possesso. – Trate de encontrar aquela miserável, comandante, e depressa!

Mas Iauitê havia desaparecido misteriosamente do navio e, durante muito tempo acreditou-se que, após flechar Ridruejo, suicidara-se no rio.



Entretanto, conforme mais tarde se ficou sabendo, o que Iauitê fez, após vingar a morte de Çuraçaua, assombrou sua gente e permaneceu longo tempo na memória do povo da região: atirou-se ao rio, aproveitando a confusão provocada pela morte de Ridruejo, atravessou o Solimões, nadando com a extraordinária perícia dos índios, e alcançou a margem esquerda, oposta a Fonte Boa.

Penetrou na floresta e, de lá, em desabalada carreira, ferindo-se em galhos e espinhos de árvores, correu até as imediações do Lago Cupianá, lançou-se de novo no rio, voltou à margem direita do Solimões, subiu por um barranco e se meteu de novo na floresta.

Transpondo a enorme distância de quase quatrocentos quilômetros, tanto na selva, como no rio, a pequena índia relembrou a infância na aldeia tukuna, à margem do rio Jandiatuba, onde nasceu.

Correndo sempre, vieram-lhe à memória imagens esparsas da taba: a oca, coberta de folhas de palmeira, com o esteio alto e forte, as redes, armadas em raio, do esteio para os caibros laterais, a fogueira no centro, avermelhando a choupana.

Recordou os primeiros passos no chão de terra batida, na cabana e na oca onde brincara e corra com Çuriçaua e outro curumins de olhos oblíquos. Ao se lembrar de Çuriçaua, o coração apertado, Iauitê chorou, mas o vento depressa secou-lhe as lágrimas.

Da brandura das lembranças, passou depressa ao ódio crispante que lhe acelerou os passos na mata. E correu, correu sempre, chocando-se em galhos e cipós, transpondo cursos d'água, igarapés e curuperês, evitando os igapós, os longos cabelos tangidos pelo vento, chamando a si todas as forças, rompendo a distancia como uma flecha alongada.

E, naquele arrojarse na penumbra da selva, até animais e pássaros paravam, espantados, vendo-a passar: da onça feroz, á rola tímida; da sucurijú à cascavel de três palmos: dos patos, jacus, mutuns, saracuras e jabotis, aos tamanduás e capivaras; dos cururuás, mocós e cotias, aos coatis, serelepes e caxinguelês; das jaguariticas às pumas e onças pardas: das queixadas aos marcacajás: das lebres, tapitis e candimbas ao guarás, lontras e iraras; das antas ao veado galheiro e aos cervos; das tajá-açús aos macacos barrigudos; dos sagüis aos japuças, das araras e periquitos aos tucanos e bentevis.

Continuando a correr, mata adentro, tudo lhe parecia familiar: as grandes árvores, erguidas como catedrais com seus troncos portentosos; os arvoredos e arbustos que o vento vergava; as fileiras de açais, o cipoal dos ambés, os apuizeiros, as altas samaumeiras, as seringueiras e maçarandubas, os acapus, as araçapenas, as caferaras, com suas bonitas flores



amarelas; as escovas de macacos, as guaxíngubas, as altas palmeiras, de tantas variedades e tamanho; os inajás, indaiacús, jauari, marajás, miritis, mumbacas, murumurus, patauás, tucumãs, uauaçus e urucuris.

E Iauitê rompia a distancias como bicho, como ave, pulando raízes fincadas na terra úmida, arranhando-se ns jaramacurus, na barba-de-bode, nas coroas de frade, nas murteiras, pisando nos caimbés, ns catauaris, nos capim-piquis.

E recordava ainda, com memória estremecida, a figura dos pais, das tias, das velhas índias preparando no fogo peixes moqueados, sopa de tartaruga, maniçoba, mixira, casquinhos de mussuã, tacape, tucupi.

Reconstruía na memória as manhãs de sol forte, despertando como animalzinho jubiloso, cantarolando, aspirando o cheiro de flores de caferana, revivendo pequenas alegrias da infância, como recantos secretos de felicidade: o ninho escondido dos bentivis, a boneca de espiga de milho, a cotia brincalhona, sentada sobre as patas traseiras, roendo milho, correndo vertiginosamente, assustando-se com um ruído qualquer.

E correu, crescendo como feto no ventre da selva, como pássaro embalado pelo vento, recompondo pedaços esparsos da vida, carícia de mãos humanas, árvores vergando, buritis plantados em fileiras, nos alagadiços à beira-rio.

E penetrou no coração da floresta, devorando a distancia com a tenacidade de ferro no corpo frágil. E viu o dia escoar, a noite crescer, escurecendo a mata.

Mas não interrompeu a travessia tresloucada, guiada pelo instinto da raça, pelas estrelas que entrevia pela copa das árvores, o olhar perscrutando o caminho, mergulhando, emergindo, escutando vozes, cantiga, gritos selvagens.

E avançava, avançava sempre, as têmporas pulsando, as pernas fatigadas, os pés doídos, deixando marcas na terra, ouvindo ruídos da selva, aspirando o perfume das flores, deixando subir, do fundo da memória, as alegria da vida adolescente; o fogo aceso, a tapera inundada de sol, ou molhada de chuva; as tempestades, os relâmpagos e trovões que a faziam proteger-se no colo da mãe.

E recordava o silêncio, o grande silêncio depois do temporal, o sol redivivo, de novo clareando a terra, a vida perpetuada nas velhas que voltavam a tecer, contemplando as crianças que retomavam as brincadeiras.

Embalada pelas lembranças, ora rindo, ora chorando, Iauitê alcançou a aldeia dos culinás, amigos de sua tribo, no Pauapixuna, que lhe forneceram uma piroga, com ela descendo o Solimões, seguindo, para encurtar caminho, por furos e igarapés, aproximando-



se da Ilha Machado e, depois, alcançando Alvarães, num lugar chamado Juarauá, onde encostou a canoa e voltou à terra firme, correndo e recordando os anos em que, como moça nova, foi preparada para o casamento com Çuriçaua, alçada num cesto até a cumeeira da oca, para lá ficar durante três dias, alimentando-se de mingau, enquanto na oca os tukunas dançavam, soando trombetas, batendo tambores, trazendo máscaras representando macacos.

Depois, guardada pelas tias maternas, foi despida e pintada de azul, enquanto a festa prosseguia, por três dias e três noites, com a tribo cantando, dançando, bebendo cauim e outras bebidas tiradas do aipim, como a muniquera e o puchirum.

Lembrou-se então da primeira noite com Çuriçaua, do abraço que a trouxe de encontro ao peito do índio.

E Iauitê deitou-se no chão coberto de folhas secas, chorando muito, molhando a terra com suas lágrimas quentes. E adormeceu, exausta, no seio da mata, só acordando ao amanhecer, cercada por pássaros e animais, que talvez a tivessem protegido no sono.

Levantou-se, caminhou até um regato, molhou o rosto nas águas cristalinas, colheu frutos silvestres, alimentou-se e, em seguida, recomeçou a louca corrida, recordando os missionários que chegaram à aldeia para a catequese dos índios.

Lembrou-se da primeira oração, feita de joelhos, com mãos postas, olhos voltados para o céu:

- “Nhané rúba oíká uhá iaáka opé: Neréra oiúmuité toikó” (“Pai Nosso que Estais no céu, Santificado seja o Vosso Nome”).

E recordou o primeiros estudos, no Educandário de São Paulo de Olivença. E reviu, na memória, com ternura, o rosto bondoso de Berenice e Clotilde. Depois relembrou a oferta de trabalho em Manaus, com Çuriçaua, os preparativos da viagem, a chegada do “Amazonas”, o embarque, o pesadelo, a perseguição odiosa de Ridruejo, a morte de Çuriçaua, a flecha envenenada, escondida na sacola, o vôo da flecha, alcançando o alvo, o mergulho no rio, a correria na mata, a alucinante travessia que agora chegava ao fim.

Foi quando, afinal, Iauitê avistou, na margem oriental do lago, a cidade de Tefé, destino final de seu alucinado itinerário.



## CAPÍTULO 16

### A FLECHA QUEBRADA

Junto ao que ainda lhe restava de força, Iauitê atravessou a nado o rio Tefé, ganhou terra firme, contornando o lago do mesmo nome e alcançando a cidade, fundada também por Samuel Fritz.

Os que a viram cruzar as praças Santa Tereza e Getúlio Vargas, a caminho da Delegacia, disseram, depois, que parecia um fantasma, o corpo lanhado por galhos e espinhos, a roupa em frangalhos, a respiração ofegante, murmurando palavras desconexas.

Quando chegou à Delegacia foi amparada para que não caísse. E pediu, com as forças exauridas:

- Doutor... Delegado... Preciso falar com doutor... Por favor!

Espantado com o estado lastimável da índia, um soldado foi chamar o delegado;

- Doutor Macieira, chegou à Delegacia uma índia mais morta do que viva! Toda arranhada, a roupa rasgada, soltando os bofes pela boca, querendo falar com o senhor!

- Uma índia, com a roupa rasgada? Que é isto, Zequinha? Leve pros padres, ou pro Posto de Saúde.

- Acho que é coisa séria, doutor. Não parece doida não. Quer muito falar com o senhor.

O delegado atravessou mal-humorado a praça e, chegando à repartição, ouviu a índia tukuna, que lhe falou ofegante:

- Doutor! O "Amazonas", aquele gaiola do comandante Cauana, foi invadido por assassinos! Gente ruim, fugiram de Iquitos, mataram Çuriçaua, estão armados, bem armados!

Respirou fundo, juntando energia. E prosseguiu, diante do espanto dos que a escutavam:

- Fugi do navio, em Fonte Boa, vim correndo até aqui...

- De Fonte Boa até Tefé?! – exclamou, assombrado, o delegado. – São mais de quatrocentos quilômetro!

- Corri sim, doutor! Daqui a pouco o gaiola vai chegar! Depressa, doutor, é preciso prender os bandidos, gente ruim, muito ruim!



- E quantos são eles, minha filha? – Perguntou o delegado.

- Seis. Seis não. Um deles morreu. São cinco!

Passando do espanto à ação, o delegado deu ordens rápidas:

- Tenente Elias; reúna depressa o destacamento! Chame voluntários, arme o batalhão e cerque o porto! Depressa, vamos, depressa!

Voltou-se para um funcionário, que esperava ordens, e comentou:

- Devem ser os bandidos que fugiram da Penitenciária de Iquitos! A rádio de Manaus deu a notícia.

No tumulto que se formou, esqueceram-se de Iauitê, que fora recostar-se num canto da sala, respirando com dificuldade. E lá, diante dos policiais que se armavam, davam a recebiam ordens, deslizou o corpo na parede e tombou no assoalho.

Vendo-a derreada, como se tivesse desmaiado, um soldado foi socorrê-la. Depois de examiná-la, disse, contristado:

- Coitada! Está morta.

Foi dizer ao delegado:

- Doutor Macieira, a indiazinha morreu.

O delegado aproximou-se de Iauitê, fechou-lhe os olhos, fez o sinal da cruz:

- Pobrezinha! Deve ter sido o coração.

Alguns soldados se aproximaram, comovidos, ouvindo o delegado dizer:

- Vejam só: correu e nadou de Fonte Boa a Tefé! Que indiazinha valente!

- Voltou-se para um funcionário e ordenou:

- Providencie o enterro, Evaristo, Um enterro decente. E chame o vigário para uma bênção.

Abaixou-se, beijou a cabeça da indiazinha morta e disse, emocionado:

- Descanse em paz, minha filha!



## CAPÍTULO 17

### O DESPEJO

Em Fonte Boa, quando retornaram ao navio, trazendo o produto do saque, Aguirre, Juan Diaz, Carvajal e Miguel Viana depararam com o cadáver de Ridruejo.

Furiosos, cercaram, aos gritos, querendo saber:

- Quem foi?! Quem matou Ridruejo?! Fala, canalha, senão também morre!

Caruana, sereno, apesar da ameaça, esclareceu o ocorrido, mostrou a flecha envenenada. Além disso, Zimaco interveio, isentando o comandante, que se mantinha calmo, com a coragem dos homens habituados às intempéries.

- Foi aquela índia, Aguirre! Matou Ridruejo com a flecha envenenada! – relatou Zimaco.

- E onde está a miserável?!

- Sumiu. Procurei por toda parte. Acho que se atirou no rio.

Juan Diaz, que examinava o corpo do companheiro, perguntou:

- O que a gente faz com o corpo, Aguirre?

Aguirre voltou-se para Caruana e indagou:

- Tem cemitério nesta porra de cidade?

- Fica no fim do arruado. Podem enterrar lá.

E assim o fizeram, em cova rasa.

Depois do enterro, Aguirre e Juan Diaz se juntaram a Zimaco e Miguel Viana e foram falar ao comandante:

- Queremos que o senhor tome uma providência, capitão. Venha conosco!

Desceram ao convés inferior, onde Aguirre esclareceu:

- Decidimos uma coisa, capitão. O navio não faz mais escalas até Tefé. E como está pesado e vagaroso, vamos despejar a carga e desembarcar os passageiros de terceira-classe.

Atônito, sem acreditar no que ouvia, Caruana emudeceu. Mas a expressão categórica dos assaltantes retirou dele qualquer dúvida. Mesmo assim exclamou:

- Isto é uma loucura! Não é possível, gente, é um crime!

- Estamos com pressa! Com tanto pêso, esta choça não anda, a viagem não rende! – opinou Juan Diaz, feroz.



- Mas isto é contra as regras da navegação, com punição muito séria!

- Fodam-se as regras, foda-se a punição! – bradou Aguirre, enfurecido.

Ergueu a voz e completou:

- É nossa decisão, comandante! E é pra valer!

Sem alternativa, diante das armas engatilhadas, Caruana mandou um marinheiro tocar a sineta, acordando, assustados, os viajantes que cochilavam nas redes.

Subiu num caixote e começou a explicar:

- Como vocês sabem, este navio foi invadido por fugitivos de Iquitos.

Irritando-se com a fala do comandante, Aguirre afastou-o com brutalidade e ele próprio subiu no caixote e soltou a voz:

- Não interessa saber de onde viemos! Chegamos aqui e aqui vamos ficar! E decidimos desembarcar os passageiros da terceira-classe. Agora mesmo! Há excesso de peso, o motor não funciona bem! Vamos, vamos, comecem a apanhar suas coisas! E depressa!

O que se seguiu extrapolou os limites do racional: cresceu no navio um clamor de revolta, com gritos, choro de crianças, vozes coléricas de mistura com um indescritível tumulto.

- Esta gente ficou louca! – bradou uma mulher magra.

- Não desço, não saio daqui nem à força! – vociferou um velho fanhoso.

- É um absurdo, um crime! Não podem fazer isto! – protestou, por sua vez, um mulato indignado.

- Deus castiga, Deus castiga! – berrou várias vezes uma negra gorda, gesticulando com as mãos fechadas.

Um dos passageiros, tipo perfeito de sertanejo, com roupa e chapéu de couro, avançou alguns passos e explodiu:

- Não podem fazer esta maldade, ô xente! Isto é coisa de zureta!

A reação de Juan Diaz foi inesperada: avançou dois passos e aplicou no nordestino um murro no rosto, lançando por terra o chapéu de boiadeiro.

O tumulto, em vez de arrefecer, recrudescceu e os gritos, choro e vozes furiosas expandiram-se em coro patético e sedicioso.

Foi quando Aguirre, percebendo que a situação se agravava, apontou a metralhadora para o alto e fez uma rajada. No silêncio espavorido que se seguiu, gritou, possesso:



- Puta que os pariu! Vamos parar com esta bagunça! Quero silêncio, “seus” bostas! Não estamos brincando! Se não desembarcarem agora, vamos atirar, e desta vez não será para o alto! Vamos, vamos saindo, porra!

Atemorizados, o ódio estampado no rosto sofrido, os pobres viajantes prepararam-se confusamente para deixar o navio, reunindo às presas seus humildes pertences.

No convés superior alguns passageiros, como Possidônio e família, Berenice, Clotilde, Frei Massotti, Michel Leroy e o casal americano, presenciavam o triste espetáculo e comentavam escandalizados:

- Que barbaridade! Ninguém faz nada? - indagava o coronel, exaltado.

- De fato, de fato, coronel, é preciso que se faça alguma coisa – concordou Frei Massotti.

- Vou descer, vou dizer umas verdades àquele bando de celerados!

Berenice e Clotilde, chocadas com o que se passava, também comentaram;

- Aquela pobre gente precisa de conforto moral. Vamos, Clotilde, vamos também com Frei Massotti – sugeriu Berenice.

Mais adiante, Flora e Charles Sturges comentavam, indignados, a decisão desumana dos assaltantes:

How savage! – dizia o americano, revoltado. – These are not people, but wild animals! (Que selvageria! Isto não é gente, mas animais selvagens!).

- Is there nothing we can do, Charles? – indagava Flora, penalizada. – Isn't possible to have them put in jail? (Não há nada que a gente possa fazer, Charles? Não há uma maneira de por esta gente na cadeia?!).

- How can we face these bandits with revolvers and machine-guns? (Como podemos enfrentar estes bandidos com revolvers e metralhadoras?!).

- But we must do something! – insistia Flora, inconformada. – What are these horrible people to do next? Throw us out of the boat like cattle?! (Mas devemos fazer alguma coisa! O que esta gente horrível vai fazer em seguida? Tocar-nos para fora do navio como gado?!).

- It's better to shut up, Flora – aconselhava o americano de Kansas City.

- Lower your voice! This is a very dangerous gang! (É melhor calar a boca, Flora. Fale mais baixo! Este é um bando muito perigoso!).



- Movidos pela unção religiosa, Frei Massotti, Berenice e Clotilde desceram ao convés inferior, onde o franciscano se aproximou de Aguirre para dizer, com ardor apologético:

- O que vocês estão fazendo é um ato inominável de crueldade e de violência, moço! Uma ofensa a Deus, aos princípios cristãos!

- Enquanto o missionário protestava, Berenice chegou perto de Miguel Viana para pedir a

Interferência do conterrâneo:

- Por favor, Miguel, impeça esta barbaridade!

- É inútil, Berenice, Aguirre não cede! Por favor, fique afastada – recomendava Miguel, constrangido. Também o franciscano não tinha êxito, mas continuava, ardoroso, a recriminar a decisão desumana dos invasores:

- Esta gente humilde não pode ser tocada para fora, como gado! Eu protesto, em nome de Deus, em nome da Santa Madre Igreja!

Aguirre, em acintoso desdém pela intromissão de Frei Massotti, deu-lhe as costas e foi juntar-se aos companheiros. Mas o franciscano não desistiu e seguiu atrás.

Detendo-o pelo braço, falou mais alto:

- Não permito, não permito! Em nome de Deus proíbo-o de cometer esta covardia!

Aguirre então se enfureceu e afastou violentamente a mão do sacerdote, replicando, alterado:

- Tira esta mão de mim, padre de merda! Não se meta, cai fora, vamos, cai fora!

Porra!

Possuído por cólera sagrada, Frei Massotti não se intimidou e gritou mais forte ainda, para que todos o ouvissem:

- Vou descer com esta pobre gente! Não fico aqui, na companhia desse bando de celerados!

Reagindo ao insulto, Aguirre deu um salto e aplicou tremenda bofetada no rosto do franciscano, que cambaleou. Mas não caiu, amparado por Berenice, que o afastou do lugar.

Pouco depois, confirmada a violência, os passageiros da terceira-classe começaram a descer pela prancha, aglomerando-se em silêncio no ancoradouro de Fonte Boa. No meio deles, retendo com um lenço o sangue que lhe descia pelo rosto, Frei Massotti também abandonou o navio, em estado de profunda prostração.



- What a madness! - comentou, contristada, a senhora Sturges, enquanto, pouco adiante, aproximando-se da família do coronel Possidônio, Michel Leroy se exprimia com o forte sotaque gaulês:

- Gesto digno de um homem corajoso! Se eu tivesse a coragem de Frei Massotti, faria o mesmo!

Assim que a descida dos passageiros se completou, Aguirre foi dizer a Caruana:

- Agora o senhor retire a carga. Depois ligue o motor e vamos embora!!

E completou, já se afastando:

- Perdemos tempo demais!



## CAPÍTULO 18

### O RELATO DE LEROY

A partir dos acontecimentos de Fonte Boa, a continuação da viagem transcorreu em clima lastimável.

Desfalcado dos passageiros de terceira-classe, da carga e da presença paroquial de Frei Massotti, o “Amazonas” desceu o Solimões em meio ao silêncio e à revolta. Uma revolta calada que se revelava pela expressão de repulsa que levava viajantes e tripulantes a evitar os invasores em todo o navio.

Exibiam todos, passageiros e tripulantes, uma fadiga impotente, denunciada pelo semblante desolado de quem assistia a um espetáculo perverso, do qual queriam se livrar.

Igualavam-se indistintamente, a Michel Leroy, que confessara a si mesmo a inoperância, ou a covardia, diante da absurda realidade que os oprimia.

Em toda a embarcação pairava um clima de tal ordem deprimente e aniquilador, que afastava os viajantes até do convívio social. Transitavam silenciosamente pelos corredores e instalações, e muitos se enclausuraram nas cabinas, contrafeitos, disfarçando a vergonha como um estigma de autoflagelação.

Através de diálogos à meia-voz, com inflexões acabrunhadas, ou de anotações registradas em cadernos, como no caso de Leroy, ou de cartas dirigidas a parentes, como o casal americano, Caruana e outros viajantes, só assim podiam desabafar sua enorme frustração.

Além das meticulosas anotações que fixava em seus cadernos de pesquisas, o cientista francês conseguia, usando subterfúgios e, principalmente, cautelas especiais, documentar a presença a bordo dos presidiários, registrando também em fotografias, flagrantes preciosos da odisséia vivida no navio-gaiola.

Aquele material, acrescido de observações escritas pelo etnólogo, ganharia, posteriormente, divulgação na imprensa internacional, ampliada pelo sensacionalismo da dramática viagem.

O acervo documental de Michel Leroy acabou por transformar-se em peça capital para o inquérito policial aberto mais tarde pelas autoridades brasileiras.



As anotações de Leroy que, a seguir, vamos transcrever, relatam episódios extraordinários da calamitosa viagem fluvial, envolvendo viajantes do navio brasileiro.

“A bordo do “Amazonas – Abril de 1958.

“Na atmosfera deplorável que se apossou do navio, no qual, desde a invasão dos fugitivos da Penitenciária de La Concepcion, passageiros e tripulantes passaram a viver uma aventura aterrorizante, as únicas exceções eram, evidentemente, Aguirre, Juan Diaz, Carvajal, Zimaco e Miguel Viana, que festejavam o despótico domínio sobre a embarcação indefesa.

“Tenho a impressão – prosseguia Leroy – que a morte de Aldo Ridruejo, um dos seis evadidos, assassinado por uma flecha embebida em curare, exacerbou ainda mais o ânimo dos bandidos.

“Era do conhecimento de todos que um deles, o boliviano Juan Diaz, devotava ódio agressivo ao coronel Possidônio Gouveia, proprietário de vastos seringais onde o criminoso havia trabalhado.

“Uma extraordinária coincidência, difícil de explicar-se pela razão lógica, reuniu a bordo do “Amazonas” exatamente o boliviano e o fazendeiro, patrão e empregado, em reencontro irado e vingativo: Juan como assaltante, Possidônio como um dos passageiros de maior prestígio.

“Era opinião generalizada que Juan Diaz, cedo ou tarde, iria vingar-se das humilhações sofridas no Acre, provocadas pelas pretensões amorosas junto à filha do antigo patrão. Ontem, finalmente, aquela previsão se consumou, de forma trágica.

“Fui testemunha involuntária do episódio pela vizinhança de meu camarote com os ocupados pelo coronel e família, diante dos quais ocorreu o sangrento acontecimento.

“O inacreditável é que o cometido por Juan Diaz, em circunstância que irei relatar, processou-se em absoluta legítima defesa. Se fosse a julgamento, mais um, aliás, de sua vida desregrada, provavelmente seria absolvido.

“Como ficou dito, Juan Diaz nutria, de longa data, persistente atração pela formosa mestiça, filha de Possidônio, e que nem o tempo conseguira desvanecer. Ninguém duvidava de que, cedo ou tarde, a atração obsessiva iria se manifestar concretamente.

“Isto ocorreu, tragicamente, na noite de ontem, quando Juan Diaz pretendeu invadir o camarote de Jussara, impedido, na intenção erótica, por dois obstáculos inesperados: primeiro, a firme reação de Carlos Aguirre, líder do bando, que obstou o gesto tresloucado



do boliviano, interpondo-se entre ele e a porta da cabina que a moça ocupava. Os dois, na ocasião, mantiveram um áspero e inacreditável diálogo, que ouvi involuntariamente.

- “O que é isto, Juan? – perguntou Aguirre, quando avistou o boliviano prestes a arrombar a porta da cabina de Jussara. - Quer entrar à força no quarto da moça?!”

- “Você não fez o mesmo, outra noite”?! – retrucou Juan Diaz, irritado. – Por quê não tenho o mesmo direito”?!

“Ouvi, então, a réplica absolutamente inverossímil do chefe de gang:

“Ela deixou a porta aberta para mim, rapaz! E, agora, a porta está fechada para você! E não vou deixar que entre à força”!

- “Não me provoque, Aguirre, não me provoque”?! – resmungou, colérico, o boliviano, erguendo ameaçadoramente a escopeta.

“Aguirre, por sua vez, ergueu a metralhadora e apontou-se para o peito de Juan, dizendo:

- “Vamos com calma, Juan! Não faça besteira!”

“Ficara claro – continua Michel Leroy a narrativa insólita – que um fato extraordinário ocorrera anteriormente no camarote da filha do coronel, que teria facilitado o acesso de Aguirre, tornando-se sua amante por livre e espontânea vontade. Fato, evidentemente, que provocou violento e desatinado ciúme do boliviano.

“Se fôssemos analisar o comportamento de Jussara à luz da psicologia e da sexualidade, teríamos que destacar, em primeiro lugar, o componente preponderante do sangue tapúia na mestiça, levando-a a infringir hábitos arraigados na vida social e familiar do país onde vivia. Em segundo lugar, citaríamos a força máscula e carismática do líder do bando, sepultando em Jussara todos os escrúpulos morais ao conquistá-la.

“O que prevaleceu, naquele temerário confronto entre os dois integrantes do bando, foi, na verdade, a prevalência da poderosa liderança de Aguirre, intimidando Juan Diaz, que, afinal, se rendeu.

“O segundo obstáculo para a realização do apetite sexual de Juan Diaz foi, naquela mesma noite a aparição inesperada do coronel Possidônio, acordado, certamente, pela alteração dos dois fugitivos. Carregando a velha garrucha, da qual nunca se separava, o pai de Jussara bradou, possesso:

- “O que estão fazendo aqui?! Este é o camarote de minha filha! Saiam daqui, miseráveis!”



“O que se seguiu foi terrível: o coronel, com fúria alucinada, acionou o gatilho da arma e atingiu Juan Diaz no peito. Mas o boliviano, apesar de seriamente ferido, conseguiu erguer a escopeta e fulminou o fazendeiro com um único e certo tiro no coração. Com enorme ferimento no peito, Possidônio tombou morto, diante dos gritos da mulher e da filha.

“Pouco depois o noivo de Jussara, Odorico Munhoz, surgiu apavorado à porta de sua acomodação. Deparando com a cena trágica, retornou depressa ao interior da cabina, temendo, provavelmente, que também fosse baleado.

“Escrevi provavelmente como forma atenuada para camuflar a verdade sobre a atitude pusilânime de Odorico. Atitude, aliás, muito freqüente nesta viagem.

“O crime, naturalmente, ficou impune, como o que vitimou o pobre índio tukuna, pois ninguém estava em condições de enfrentar, ou punir, os assassinos que dominavam a embarcação.

“A viagem prosseguiu, portanto, em clima de medo e pavor. O corpo do coronel foi transportado para o frigorífico do navio, enquanto Juan Diaz, ferido e sangrando muito, foi levado para o camarote dos assaltantes, e nele examinado por um prático de farmácia, que não escondeu a gravidade do ferimento.

“Após os trágicos e lamentáveis acontecimentos da noite anterior, indago-me, com assombro, se ainda ocorrerão outras mortes nesta pavorosa viagem. O recrudescimento da violência, da exasperação e do instinto patológico de brutalidade dos foragidos de Iquitos, são circunstâncias que me levam a acreditar nesta hipótese. Ninguém, neste navio-fantasma, pode considerar-se a salvo da fúria homicida do bando.

“Que Deus nos acuda!” – diria Frei Massotti, se continuasse entre nós” - concluiu Michel Leroy seu relato.



## CAPÍTULO 19

### O DELÍRIO DE JUAN DIAZ

O tiro de garrucha, desfechado pelo coronel Possidônio, penetrou no tórax, perfurou a pleura e provocou grave lesão no pulmão direito de Juan Diaz, sem atingir, contudo, a região da artéria pulmonar e dos grandes vasos. Este fato salvou-o de morte certa, mas provocou, além do hemotórax, considerável queda da pressão arterial e sérios problemas respiratórios.

Um tripulante do navio, responsável por pequena farmácia, veio periodicamente examinar o ferido, constatando a gravidade de seu estado. Estancou-lhe o sangramento externo e ministrou-lhe uma porção de morfina, necessária para atenuar as dores que o boliviano dizia insuportáveis.

O prático, com precários conhecimentos de clínica médica, opinou, com sabedoria, que somente uma intervenção cirúrgica daria condições de sobrevivência ao ferido.

Juan Diaz conservou-se lúcido, mas, com o passar do tempo e a evolução traumática da lesão, sobrevieram febre alta e agravamento dos problemas respiratórios. O que se passou a temer foi a possibilidade, bastante provável, de infecção e sua consequência mais grave: a septicemia.

Caruana, chamado ao camarote dos bandidos, advertiu que somente em Tefé, ainda distante, haveria possibilidade de socorro médico e hospitalar adequado.

O diagnóstico do prático de farmácia foi pessimista: Juan Diaz dificilmente suportaria a viagem até Tefé, distante quase quatrocentos quilômetros do ponto onde se encontrava.

No dia posterior ao incidente, Juan começou a delirar, com febre acima de quarenta graus. Zimaco, muito chegado, por amizade, ao boliviano, praticamente não saiu de sua cabeceira, enxugando-lhe o suor, dando-lhe líquidos, aplicando-lhe injeções anti-inflamatórias.

Testemunhado pelos invasores e alguns tripulantes, o delírio de Juan Diaz algumas vezes alcançou dimensão dramática pelo relato desconexo de lembranças da vida dura que passara na selva amazônica, onde foi seringueiro e trabalhador braçal por muitos anos.



Desprovidas de lógica e, principalmente, de rigor cronológico, as recordações delirantes de Juan Diaz misturavam episódios da infância no povoado boliviano de Santa Rosa, próximo à fronteira com o Acre, com referências ao pai, que se engajara na tropa de Rozendo Rojas, derrotado por Plácido de Castro em refregas à margem dos rios Abunã e Tauamanú e morto na batalha de Puerto Alonso.

Várias vezes Juan pronunciou o nome Plácido, acusando-o de “usurpador do Acre”, “invasor”, “tirano”, até culminar com o insulto, berrado com ódio:

- “Plácido, hijo de uma puta! Plácido, asesino de mi padre!”

Mas o que predominou no desvario do boliviano foram as reminiscências obsessivas da vida de seringueiro na Bolívia, no Peru e, principalmente, no Brasil.

Mesclando nomes de lugares, rios, hábitos e acontecimentos da tumultuada atividade na selva, Juan Diaz falou muito no “fabrico” da borracha nas barracas e barracões, nos tapiris e carreiros margeando a árvore do caucho, no talho dos troncos, nos cadilhos onde a látex é recolhido, na “prosa” com os camaradas nas choupanas cobertas de folhas de palmeira, na defumação e preparo das pelas que enriqueciam os donos dos seringais.

Cercado pelos companheiros, Juan Diaz revelou no delírio uma memória extraordinária, recordando datas, nomes de amigos e inimigos, fatos antigos e recentes, girando tudo num caleidoscópio mental que misturava Bolívia e Brasil, gente e animais, passado e presente.

- Você não sabe o que é um seringueiro – dizia Juan a Zimaco, em momento de maior lucidez. – Não conhece a miséria do seringueiro, no meio da mata, obrigado a produzir oito, dez e até vinte galões diários do látex, cortando oitenta árvores para tirar poucos galões do suco maldito!

Interrompia o relato para um curto repouso que a dispnéia dificultava. Depois continuava, com voz irada:

- Gente safada, com seus barracões, suas lojas e armazéns, enriquecendo à custa de nosso trabalho, de nosso sangue!

Buscando no fundo da memória as imagens do inferno da selva, Juan Diaz fechava o punho, tremia de ódio, murmurava ofensas e palavrões que o sacudiam por dentro, agravando-lhe a saúde combalida.

- Vida de miséria, tirando a borracha maldita, morrendo de malária, de beribéri, diarreia, dos tiros das tocaias! De dia o calor infernal, de noite o frio cortando o corpo!



Interrompia as lembranças rancorosas, molhado de suor. Ficava algum tempo imóvel, com a dispnéia crescendo. Zimaco colocava-lhe a compressa, pedia silêncio, para que pudesse repousar.

Mas o boliviano não dormia, insone, atormentado pela dor. Mesmo com os olhos fechados, voltava ao passado:

- Fui mateiro, fui comboieiro de burro de carga, fui toqueiro, homem de campo, limpei o terreno em volta de barracões, fui caçador e mariscador, abri o viradouro da mata, fiz lenha para as caldeiras, fabriquei varejão para as canoas.

- Borracha, borracha maldita! – gritava, com raiva acumulada.

- Fique calmo, Juanito! – pedia Zimaco, impressionado com os impropérios do amigo.

Mas Juan, para desabafar o rancor, voltava às lembranças:

- Apanhei beribéri, Zimaco, quase morri, mas me safei, gente ruim não morre cedo, não é?

Acalmava-se um pouco. Depois, fixando Zimaco com o olhar mais sereno, perguntava:

- Conhece a seringueira-branca, Zimaco? Tem casca branca, folhas largas, bonitas. E a seringueira-preta, de casca escura, folhas estreitas, madeira clara, boa para fazer caixas? Ouviu falar na seringueira barriguda, que é pequena e cresce na margem de rios e igapós? Tem folhas peludas e solta um látex resinoso que não dá borracha.

Voltava-se para Miguel Viana e provocava:

- E você, brasileiro besta, já entrou no mato, cortou seringueira-chicote, pelos lados do rio Negro, do Trombetas, dos afluentes do Solimões? Já confundiu a seringueira com o seringueiro, pássaro conhecido também pelo nome de Sim-senhor, ou Pipiô?

- Sim senhor, sim senhor, “seu” Juan Diaz... – brincava Miguel Viana nos raros momentos descontraídos da doença.

Houve uma longa pausa no camarote. Talvez por influência de Juan Diaz, os outros fugitivos passaram também a recordar o passado de pobreza e violência. Mas o fizeram em silêncio, o olhar escurecido pela reflexão consultiva, de inesperado sossego. Mas que não durou muito, pois, subitamente, ouviu-se a voz angustiada de Juan Diaz:

- Vou morrer, Zimaco? Não vou morrer?!...



- Que nada, Juanito! – acudiu o peruano, ocultando a verdade. – Você é duro na queda, vai enterrar muita gente, vai colher muita borracha ainda, vai ficar rico, construir barracão, virar “aviador” pra comprar cama macia na Europa.

Juan meditou um pouco, entristecido. Depois recomeçou, com melancolia na voz fatigada:

- Vivi na selva, perto de rios, meu pai morreu na guerra, sei que vou morrer no rio, neste Solimões de miséria!

Agarrou fortemente a mão de Zimaco e pediu, com voz entrecortada:

- Não me levem pro hospital, não me levem, Zimaco, pelo amor de Deus! Quero ir com vocês pro México. Me promete, Zimaco, me promete?

- Prometo, Juan fique tranqüilo. Não deixo levarem você pro hospital! Você vem conosco, no “Catalina”, vamos voar juntos pro México!

Juan acalmou-se, fechou os olhos, a respiração opressa, transpirando muito. Depois voltou a falar, com voz débil:

- Vou te pedir uma coisa, Zimaco, uma coisa importante! Se eu morrer antes de chegarmos a Tefé, jogue meu corpo no rio. Se as piranhas não comerem, o rio me leva pro barranco. E lá um pescador me enterra no mato.

A febre queimava-o. Seu roto avermelhado estava quente e febril, molhado de suor. Voltou a delirar, agora revertendo aos anos vividos na Bolívia, misturando frases e vocábulos sem nexos, algumas vezes gritados, outras apenas sussurrados:

- Abunã, Madre de Dijos, Ortón, Beni, rios de mi vida! Mi bailecito, mi paracalle, vientos de Tiahuanaco, de Titicaba, mierda, mierda, mierda! Mi pueblo de Cuenca, não ouço mas o yaravi, o khaluyo, os sampoños, os pinkillos!

Aagitava-se no leito, o rosto desfigurado, os punhos cerrados:

- Mi padrecito, Plácido, asesino, hijo de uma puta!

Exausto, inundado de suor, ficou mais calmo:

- Piabinhas, bandeirinhas-da-Colômbia, meus peixinhos lindos... Nunca tive um aquário...

De repente, num acesso de fúria, mostrou as mãos calosas, deformadas pelo trabalho nos seringais, mãos enormes, com os dedos retorcidos, como se tivessem sido torturados. E gritou:

- Trezentos milhões de seringueiras, trezentos milhões no Amazonas! Sangrei todas, com estas mãos! Bubuia, caraxué, marapiara, tuaiá, serimbabo, zambé!...



- O que ele está dizendo, Zimaco? Perguntou, assustado, Miguel Viana.

- Não sei – respondeu Zimaco. – Está delirando.

E Juan Diaz continuava, na melopéia febril:

- Faz fogo Generino, faz fogo! Putirum está fervendo, pede ao pajé pra curar, corta a cauda, dá à cunhatã pra comer, assa o pedaço de jabá, mama-em-onca, ei chibé, coivara, erê!

E cociferava, possesso;

- Mierda, mierda, carajo! Cojones del padre! Puta que lo pariu!

Calou-se, extenuado, puxando do peito o ar que o oprimia.

Horas mais tarde Juan Diaz conseguiu finalmente dormir. Aguirre apanhou o maço de cigarros e avisou aos companheiros:

- Vou fumar ali fora.

Chegou ao convés, debruçou-se na amurada, pensativo. Minutos depois Carvajal se aproximou, tenso, como se alguma coisa o afligisse. E perguntou, indeciso:

- Acha que ele vai morrer, Carlos?

- Vai. Está perdido. Não resiste muito tempo.

- Coitado! – exclamou Carvajal.

Ficaram algum tempo em silêncio. Alguma coisa os constrangia, e isto era percebido pela falta de naturalidade com que se encaravam.

Até que Carvajal, criando coragem, iniciou a abordagem do assunto que o afligia:

- Queria te dizer uma coisa, Carlos.

Aguirre fixou o amigo, interrogativo.

- Acho que a culpa do que aconteceu a Juan é sua!

- Minha?! – replicou Aguirre, espantado. – Por quê minha?!

- Não foi se meter com aquela moça, filha do coronel? Não provocou o ciúme de Juan, não impediu que ele também fizesse o mesmo que você fez? - desabafou Carvajal, nervosamente.

- Ora, Julio, você é quem está com ciúme. Que besteira, homem! Pare com isto, porra!

- E não é para estar, Carlos, não é para estar?! – insistia Carvajal, angustiado. – Não me desprezou, não foi se meter com aquela mestiça, não foi egoísta?!

- Porra, Julio, pelo amor de Deus! Gosto de mulher, que diabo! Não sabe que a moça deixou a porta para eu entrar? Não sabe que ela odeia o Juan?



Fixou Carvajal com firmeza e explodiu:

- Pare com este ciúme besta, homem! Quer me deixar em paz?!

Movido pelo despeito, desesperado, Carvajal, num impulso inesperado e ridículo, abraçou nervosamente o homem que amava. Aguirre, enojado, afastou-o com brutalidade:

- Pare com isto, Julio, que merda! Sai pra lá, veado, suma daqui, me deixe em paz, porra!

E se afastou, retornando ao camarote, no mesmo instante em que, vindo pelo corredor, Caruana se aproximava.

Carvajal, trêmulo, ressentido, seguiu na direção oposta, remoendo a profunda mágoa homossexual.



## CAPÍTULO 20

### ENTRE A FÉ E O PERDÃO

Passando diante de suíte dos seqüestradores, Berenice e Clotilde ouviram os gritos e gemidos de Juan Diaz.

Desde a morte de Çuriçaua e Ridruejo, o desaparecimento de Iauitê e, mais recentemente, a tragédia ocorrida frente à cabina de Jussara, as relações entre as duas primas sofreram influência negativa dos acontecimentos.

Mas, verdadeiramente, o que mais afetava a convivência fraternal que sempre as unira, era o reencontro de Berenice com Miguel Viana. Clotilde não se conformava com a estranha coincidência que os reunira no navio. Um clima de recriminação deteriorava aos poucos a amizade de muitos anos.

Quando chegaram ao camarote, um silêncio incômodo manteve-as em clima contrafeito, prenúncio da alteração que, efetivamente, não demorou a eclodir.

Não era somente o reencontro com Miguel a causa principal da desavença. Outro fator viera ampliar-lhes a dissensão: a decisão, talvez irreversível, de Berenice deixar a Congregação para dedicar-se ao filho.

Naquele dia iniciaram nova a acalorada discussão, abordando dogmas, doutrinas e posições que conflitavam com conceitos éticos e religiosos.

- Mais do que este crime lamentável, Berenice, o que me revolta é seu relacionamento com um dos assassinos, exatamente aquele que se comportou de maneira tão infame e covarde com você!

- Não fale desta forma, Clotilde! - pediu Berenice. - Você não conhece Miguel, como eu. Estudamos juntos, nossas famílias mantinham relações de amizade...

- O que não o impediu de cometer ações desprezíveis! - interrompeu acrimoniosamente Clotilde. - De fugir covardemente em momento vital para sua vida, deixando-a só, grávida de um filho que também era dele! Além de fugir como um poltrão, desceu ao mais baixo nível moral, até assassinar uma pobre mulher!

Berenice aproximou-se mais de Clotilde e, com voz transtornada, retrucou:

- Você está sendo injusta e intransigente, Clotilde! Repudia um dos mandamentos mais altos da Igreja, o perdão, que redime a fraqueza, as misérias e baixezas do ser humano.



Fico triste, vendo você com este rancor, esta incompreensão, condenando um infeliz, apartado de Deus!

Possuída por um fervor que surpreendeu Clotilde, Berenice deu alguns passos no quarto, voltando a aproximar-se da prima para dizer, agora com voz compassiva:

- Você dedicou a vida inteira devoção comovente a Santo Tomaz de Aquino, para você o mas sábio dos santos, ou, como gosta de dizer, “o mais santo dos sábios”. Mas agora se esquece dos ensinamentos deste Santo e Mestre da Filosofia cristã.

Encarou a prima no fundo dos olhos e falou com um vigor clarividente e tenaz.

- Não foi Santo Tomaz quem nos ensinou que a Natureza e, com ela, a razão natural antecede a fé e a revelação, e que não existe nenhum vácuo entre o reino da Natureza e o reino da Graça, mas apenas “uma suave e contínua transição”? Que “a razão natural pode conhecer o mundo e os homens a criação de Deus, baseando-se este conhecimento em experiências dos sentidos?”

Apertou suavemente o ombro da prima e prosseguiu:

- Como pode condenar antecipadamente um homem que pecou, mas que Deus, em sua infinita misericórdia, não abandonou, pois “o bem na bondade é mais forte do que o mal na maldade”?

Calou-se, por alguns instantes, emocionada, fixando carinhosamente a prima que, apesar de envolvida pela eloquência da argumentação, retrucou asperamente:

- Quando estudou a doutrina tomista, Berenice, você aprendeu no Convento que as verdades da fé, os milagres de Deus, os mistérios, como a Santíssima Trindade e o pecado original, ultrapassam a razão, mas não a contradizem. E que as idéias puras, “atingidas pelo pensamento a partir das coisas reais e purificadas no seu caminho ascendente, não são separáveis de seu objeto e não formam um mundo à parte, à maneira das idéias platônicas”.

- Segundo Aristóteles – continuou Clotilde – essas idéias têm uma existência independente em Deus. Já se esqueceu, Berenice, do que disse Santo Tomaz: “Não são as paixões em si nem boas, nem más, porque para o homem o bem e o mal se determinam segundo a razão? Por isso, as paixões, consideradas em si, podem ser boas ou más, conforme correspondem ou não correspondem à razão”.

Aproximou-se mais da noviça, tomou-lhe nervosamente a mão e acrescentou:

- Acho que você está racionando menos pela razão do que pelo instinto. E isto cria obstáculo para um julgamento justo, sereno.

Ia continuar, mas Berenice interpôs-se com certa acritude, dizendo:



- Você destorce o conceito tomista da razão natural e sua relação com o reino da Natureza e o reino da Graça. Santo Tomaz, você sabe, escreveu que “as criaturas inferiores são reconduzidas a Deus pelas superiores”, e que “cada coisa imperfeita tende para a perfeição”, “o bem pode realizar-se em forma mais pura do que o mal, pois existe o bem sem qualquer acréscimo do mal; mas nada é tão mal que não contenha um pouco de bem”.

Abrasada pela fé e a piedade, Berenice continuou:

- Ensinou também Santo Tomaz de Aquino que “nem todos os seres humanos têm a capacidade de pensar em moldes filosóficos. Para aqueles, m cuja razão não têm as faculdades indispensáveis para conhecer as verdades básicas, Deus as revelou. Há, contudo, perfeita identidade entre estas verdades reveladas e as obtidas pela razão, em virtude da identidade da fonte, que é Deus”.

- A provação de Miguel, descendo ao abismo do crime e se distanciando de Deus – explicou Berenice com veemência – pode ser a forma através da qual alcançará as verdades essenciais, reveladas por Deus.

Voltara a falar com equilíbrio, sua voz recuperando uma doçura serena e refletida. Clotilde, mesmo dissentindo do conteúdo da argumentação de Berenice, admirava-lhe o empenho pela salvação de Miguel.

- Quase chego a pensar. Clotilde, que você se esqueceu de que o perdão é o mais belo atributo da alma cristã. Jesus, que sofreu ofensas e humilhações, perdoou aos que o ofenderam e crucificaram. Antes de morrer, suplicou ao Pai que perdoasse àqueles que não sabiam o que estavam fazendo. Poucos, como Miguel, desceram tão fundo na ruína moral, na depravação dos sentidos. Mas a caridade, Clotilde, como o perdão, ainda o pode redimir da punição eterna, pois Santo Tomaz proclamou que “não pode haver verdadeira virtude sem caridade”, e que “amar o inimigo é mais do que amar o amigo, porque prova um maior amor a Deus”.

Clotilde parecia comover-se com a força indulgente de Berenice, de cujos olhos desciam lágrimas, enquanto dizia:

- Cristo transmitiu aos profetas e a todos que O seguiram, o amor a Deus e aos nossos semelhantes, apontando o limite do amor: a imitação do próprio Amor Redentor, sobre a Cruz. E disse: “Amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem”.

Inesperadamente, passando do enternecimento à antiga postura intransigente, Clotilde replicou, com voz áspera:



- Uma dos mandamentos, Berenice, você sabe, é "Não Matarás". E Miguel matou, por motivo fútil de ciúme!

- Mas se arrependeu, Clotilde, pagou caro pelo crime, foi torturado no inferno daquela prisão, e ali sofreu profundamente!

- O que não o impediu de cometer outros crimes terríveis, como invadir um navio, aterrorizar passageiros indefesos, assaltar e roubar, embriagar-se e conviver com delinquentes da pior espécie! Se ele se arrependeu, por quê continua a transgredir a lei, intimidando inocentes pelas armas?!

O semblante de Clotilde cobrira-se de uma dura expressão de desafio.

Berenice, alquebrada, quase em forças, aproximou-se e lhe disse, em voz baixa:

- Apesar do pedido de Miguel, Clotilde, vou revelar a você um segredo que me confiou: ele vai, espontaneamente, abandonar os companheiros em Tefé e entregar-se às autoridades.

A revelação desanuviou um pouco a expressão contraída de Clotilde, que comentou dedicadamente:

- Se esta decisão é obra sua, Berenice, se foi o resultado de suas preces, é uma conquista importante e meritória.

- É verdade, Clotilde, rezei e continuo a rezar muito por Miguel, mas a decisão foi dele, somente dele.

Calou-se e, desviando o olhar da prima, Berenice confessou, logo depois:

- O que me atormenta, Clotilde, é a possibilidade de Miguel ser extraditado, voltando àquela Penitenciária infame. Pensei até em aconselhá-lo a fugir...

- A fugir, Berenice?! Que é isto?! Aconselhá-lo a fugir?! Fugir para onde?!

Neste ponto, desesperada, Berenice começou a soluçar, sem conseguir responder à amiga que, penalizada, pediu com suavidade:

- Não chore, Berenice, não chore, querida! Fique calma.

Soluçando sempre, Berenice não conseguiu controlar-se e, subitamente, abraçou Clotilde com força, como uma criança que pede socorro.

Clotilde levou-a delicadamente ao leito, onde a estendeu. Depois foi buscar um copo de água, que Berenice bebeu.

Mais calma, Berenice voltou os olhos tristes para a prima e falou, emocionada:

- Pensei nesta fuga, Clotilde, seguindo com Miguel para São Luiz, onde nos casaríamos e criaríamos nosso filho.



- Mas, Berenice, em qualquer lugar para onde fugirem, a lembrança do crime de Miguel os perseguirá! Esta não é uma saída honesta e cristã, pois estariam escapando da lei dos homens, da lei de Deus, da lei da Igreja.

Apanhou um lenço e, com ele, enxugou as lágrimas que ainda desciam dos olhos da noviça.

- Santo Tomaz também ensinou que “o maior benefício que se pode conceder ao homem é conduzi-lo do erro à verdade”.

Tomou delicadamente a mão de Berenice e completou:

- Que tipo de verdade você poderia oferecer a este homem, Berenice? Outra fuga, outra covardia, outra mentira, outro crime?

Um longo silêncio as envolveu. Ouviu-se, pouco adiante, um grito lancinante de Juan Diaz. Berenice e Clotilde olharam-se em pânico, de volta á realidade que as cercava. Compreenderam que aquele grito era um sinal de culpa e expiação.



## CAPÍTULO 21

### IMPRESSIONES DE VIAGEM

Entre os passageiros do “Amazonas” mais afetados pelos acontecimentos destacavam-se Flora e Charles Sturges.

Nascidos e residentes na cidade de Kansas City, nos Estados Unidos, Charles e Flora foram aconselhados pelo casal Patrick, que estimavam muito, a conhecerem, em viagem de férias, a região amazônica, da qual diziam maravilhas.

Engenheiro-agrônomo, Charles S. Sturges era uma dos diretores de importante empresa agropecuária de Kansas. Tinha dois filhos e morava em confortável casa, passando os fins-de-semana em um sítio a trinta quilômetros da cidade.

O casal, com ou sem os filhos, viajava pelo exterior pelo menos dois meses cada ano, conhecendo quase toda a Europa, parte da África, Ásia, América Central e Caribe. Como ainda não conhecia a América do Sul, a recomendação dos Patricks foi recebida com entusiasmo, já que, nas férias de 1958, Charles e Flora mostravam-se indecisos para onde viajar.

Tomaram o avião, certo dia, com destino à capital do Peru. De Lima seguiram para Iquitos, onde permaneceram três dias, embarcando depois no navio-gaiola brasileiro.

A primeira carta que remeteram aos filhos Nancy e Michael, foi datada de Iquitos, e continha várias restrições à viagem, como o calor, o hotel, a “falta de graça” de Lima e, de acordo com suas próprias palavras, “a feiúra daquele povo com cara triste de índio, olhando os turistas meio abobalhadamente”.

A segunda carta foi escrita a bordo do “Amazonas”, também endereçada aos filhos. Desta vez uma carta francamente desanimadora, redigida sem esperanças de que chegasse ao seu destino.

Há turistas que, de uma forma ou de outra, apreciam alguns aspectos da região visitada. A carta de Flora e Charles Sturges que, a seguir, iremos transcrever em tradução para o português, era absolutamente arrasadora e não destacava nenhum detalhe positivo da excursão. Poderia, na verdade, com perfeição, incluir-se no gênero tragicômico da literatura epistolográfica. Dependendo das pessoas, e da forma como uma viagem é narrada numa carta, as queixas e os sofrimentos enumerados pela dupla norte-americana acabaram



ficando engraçadas e divertidas. Chega a ser incongruente e cruel imaginar-se que os sofrimentos de alguém possam ser divertidos. Mas no caso de Flora e Charles Sturges eles o foram.

O texto da carta de Flora e Charles Sturges era o seguinte:

“2 de maio de 1958.

Querido Mike e Nancy:

Esperamos que recebam esta carta, escrita a bordo do navio-gaiola “Amazonas”.

Estamos, seu pai e eu, a cada dia mais convencidos de que os Patricks estavam fora de seu juízo quando nos sugeriram visitar esta região. Foi, verdadeiramente, uma péssima idéia!

Em nossa carta anterior, descrevemos as primeiras impressões do trecho Kansas City-Los Angeles-México-Panamá-Lima-Iquitos desta longa e insuportável viagem. Apesar das ressalvas e reclamações nela contidas, sabemos agora que a primeira parte da viagem poderia chamar-se de paradisíaca tendo em vista o que viria depois a bordo deste “navio” brasileiro.

Os habitantes da região deram um estranho apelido para a embarcação: gaiola, mas nunca imaginávamos que alguém pudesse chamá-la desta forma, pois só transporta passageiros. Seu pai procurou em todo o navio, de alto a baixo, e não avistou nenhum passarinho.

Além disso, o “Amazonas” é absolutamente horrível! É vagaroso, dando a impressão de estar parado; é desconfortável e, o que é ainda pior, não oferece nenhuma privacidade!

A maioria de nossos colegas viajantes parece caminhar para uma misteriosa festa do Dia das Bruxas, vestindo-se de maneira lamentável! Trouxeram para bordo todo tipo de pertences, trouxas e embrulhos, inclusive animais domésticos. Chega-se a pensar que os próprios passageiros sejam animais domésticos, apesar de que ninguém gostaria de trazer um porco como animal de estimação. De tudo isto resulta um mau cheiro insuportável no navio!

Nosso passeio nesta “gaiola de passarinhos” vem sendo incrivelmente desagradável, desconfortável e assustadora. Há ocasiões em que tememos por nossa própria vida, como vocês saberão em breve.

Vamos falar agora do cardápio. Seu pai, evidentemente, gostaria mais de beber tranquilamente um chope numa boa churrascaria de Kansas City, em vez de estranha comida



que nos servem. E, o que é pior, oferecem também bebidas feitas não se sabe de quê. Seu pai experimentou algumas e acabou literalmente nocauteado, fazendo papel de tolo! (Ele pediu para cortar este trecho. Contarei depois a vocês tudo o que aconteceu com ele. Isto se, de fato, algum dia voltarmos para casa!).

Numa das primeiras refeições, quando descíamos o rio Solimões, serviram um prato chamado de pato ao tucupí, que parecia feito com lagarto cozido, ou coisa parecida. Absolutamente intragável e nauseante! Charles quis experimentar e pediu aquela vingança de Pizzaro, acabando dois dias sentado no trono, o pobre coitado!

Disseram-nos que iríamos nos divertir muito nos portos de escala. Descemos então em Benjamin Constant cheios de força e disposição para comprar algumas lembranças para vocês naquele ancoradouro. Bem, conto a vocês: o que chamam de "porto" é uma plataforma de estacas e pedaços vacilantes de tábuas, que poderiam desabar a qualquer instante. Isto, talvez, por causa das enchentes, das chuvaradas, ou coisa semelhante.

E as porcarias que os vendedores nos oferecem! Eles próprios, Deus do céu, parecem saídos de um show de Búfalo Bill no Oeste Selvagem! Imaginem que também nos ofereceram doces e guloseimas! E gritavam a plenos pulmões, tentando impingir-nos suas bugigangas! Até filhotes de onça, bebidas excêntricas (não, muito obrigado!), pássaros de bicos grandes e esquisitos, papagaios e até macacos queriam nos vender!

Imaginem o que diria Millie se levássemos este zoológico ambulante para Kansas city!

A bordo as coisas não são melhores. São simplesmente horríveis!

Deram-nos uma cabina apertada, pouco ventilada e dotada de um único e velho ventilador que faz tanto barulho que nos impede de passar uma boa noite de sono!

Mas tudo isto não se compara com o que a gente vem sofrendo com as picadas das hordas de insetos, pernilongos e mosquitos!

Deixamos para o final a pior parte de nosso relato. O "Amazonas" foi invadido por seis bandidos, armados até os dentes, foragidos de uma prisão de Iquitos, considerada das mais violentas do mundo. Uma espécie de Alcatraz na selva!

Como sabem perfeitamente, seu pai é um homem simples e ingênuo, como a maioria dos criadores de gado. Pois ele acreditou piamente que os invasores faziam parte da viagem, uma espécie de cor local, alguma coisa parecida com a Disneyland.



Quando, finalmente, recuperou o bom-senso e se convenceu de que a invasão era real, assustou-se e foi pedir providências imediatas ao comandante, também imobilizado pelas armas que os convictos lhe apontavam.

Os celerados impuseram aqui um reino de terror absoluto. Todo mundo se encontra aterrorizado, principalmente quando um deles assassinou um índio e foi depois morto por flecha envenenada, disparada pela viúva.

Dias depois aconteceu novo assassinato, desta vez contra um rico fazendeiro, abatido por um tiro certo de um dos assaltantes, seu antigo empregado.

Vocês não podem imaginar como esta estúpida viagem se transformou num autêntico pesadelo! O pior é que não sabemos como isto tudo vai terminar, e nem sabemos como esta carta chegará até vocês. Os presidiários não revelam o que pretendem fazer. Uma coisa, no entanto, é certa: eles, definitivamente, não estão fazendo uma viagem de turismo para conhecer a floresta amazônica!

Tememos que coisas piores possam ocorrer. Rezem por nós. Rezem para que saíamos vivos deste inferno e cheguemos a Manaus sãos e salvos, para tomarmos o primeiro avião de volta aos queridos Estado Unidos da América.

O velho e eu enviamos a vocês todo nosso amor e, se Deus quiser, breve estaremos aí com vocês.

Mamãe e papai”.

“P.S. – Mais notícias ruins! Acabamos de ser furtados pelos bandidos! Bateram á porta de nosso camarote e tomaram absolutamente todos nossos pertences, protegidos pelas armas apontadas contra nós! Todas minhas jóias, a carteira de dinheiro de Charles, seu relógio e até aquele lindo colar que ele comprou para mim na Cartier de Paris, foram surripiados! Que escória! Não sabemos a quem recorrer. Quando isto acabar. Charles irá apresentar enérgico protesto ao Embaixador do Peru, em Washington. Terão de reembolsar-nos até o último centavo por todas nossas perdas!

Mas, por favor, nenhuma palavra sobre isto! Pelo amor de Deus, não digam nada sobre isto a ninguém, principalmente aos Patricks! Caso contrário, eles fariam todo o Kansas, e até mesmo o Missouri, dar gargalhadas que não acabariam nunca.

Mais amor de seus saudosos pais, Flora e Charles”.



## CAPÍTULO 22

### A CARTA DE CARUANA

No mesmo dia do assassinato do coronel Possidônio Gouveia, o comandante do “Amazonas”, capitão Fernando Caruana, fechou-se em sua cabina e escreveu longa carta a Francisquinha.

À noite, antes de dirigir-se ao refeitório, Caruana procurou o imediato Aparício, morador, como ele, em Belém do Pará, levando consigo a carta, fechada e subscrita á mulher.

- Aparício – disse ele – você, além de vizinho, companheiro de uma boa cerveja e marujo, como eu, é um de meus melhores amigos. Nesta condição venho lhe pedir um favor muito especial: entregar esta carta a Francisquinha se, por acaso, Deus me levar desta para melhor.

- Lá vem você de novo com caraminholas na cabeça! – atinou Aparício, reprovativo.

- Puxa, Caruana, você não tem mesmo jeito!

- Você se lembra que antes de partirmos de Belém, a Francisquinha me pediu insistentemente para não viajar, dizendo que tivera um sonho, ou coisa parecida?

- Me lembro sim – confirmou o imediato.

- Pois olhe, Aparício, acho que ela estava certa. Esta viagem se transformou em um pesadelo insuportável, e chego a acreditar que não vai acabar bem. Acho que minha próxima escala é o cemitério.

- Por favor, Caruana, não ponha na cabeça tanta besteira! Você vai chegar aos cem anos, com Francisquinha, os filhos e os amigos a seu lado, forte, feliz esbanjando saúde.

- Gostaria que fosse assim, Aparício – disse Caruana com uma expressão triste a nublar-lhe o olhar. – Mas qualquer coisa me diz que vai ser o contrário.

Colocou afetuosamente a mão no ombro do imediato e perguntou, com voz embargada:

- Posso contar com você? Entrega a cara a Francisquinha?

- Claro que entrego, Caruana! Mas não vai ser preciso, pois você chegará são e salvo a Belém, de volta aos braços de sua mulher. Aí vai ler pessoalmente a carta para ela. Vai ser até engraçado!



Este era o texto da carta escrita por Caruana:

"A bordo do "Amazonas", 3 de maio de 1958.

Minha querida Francisquinha:

Acho que você tinha razão quando quis impedir-me de viajar neste velho gaiola.

Você, como todas as mulheres, tem intuições que normalmente se confirmam. É uma espécie de sexto sentido que lhes dá uma sabedoria premonitória de acontecimentos que as mulheres, com rezas, súplicas, promessas e lágrimas, tentam exorcizar.

Parece que Deus se comunica mais facilmente com vocês do que conosco. Os homens, infelizmente, costumam dialogar mais frequentemente com o diabo, que é sempre um mau conselheiro. As mulheres, dedicadas ao lar, aos filhos, à vida familiar, estão mais habituadas ao trato com os sentimentos do que com a luta pela vida e a competição profissional, atividades mais afetas aos homens. Eu diria, sem sentido figurado, que temos os braços, vocês a força; temos as pernas, vocês o caminho; temos a ação, vocês o impulso.

Você, Francisquinha querida, chegou à minha vida quando eu estava chegando à velhice. Foi sua juventude, no entanto, que retardou minha entrega a esta fase que, para muitos, é uma grande desgraça. Alguns filósofos dizem o contrário, que o velho é uma bênção de Deus, a sabedoria da vida, a sombra de uma árvore que já deu frutos.

Guardei, em meus pertences, uma bela frase de Montaigne, que copiei de uma revista: "Sou muito grato ao destino por ter feito com que meu estado físico sempre tenha atendido às exigências de minha idade: vi a planta, a flor, o fruto e, por felicidade, vejo agora o fim, e digo por felicidade, porque essa é a ordem natural".

Você trouxe para minha vida a alegria de viver, tornou mais bela a convivência amorosa de que resultaram nossos filhos, nosso lar, nossos anseios, medo, derrotas e triunfos.

Medo tivemos quando você adoeceu e Fernandinho foi operado. Ou quando, tempos atrás, meu navio, repleto de passageiros, encalhou num banco de areia e as águas da enchente quase o fizeram adernar.

Medo agora também estou sentindo, Francisquinha, com a presença no "Amazonas" de cinco criminosos (eram seis, mas um deles morreu), fugitivos da Penitenciária de Iquitos, e que já assassinaram dois passageiros, invadiram e saquearam Fonte Boa, expulsaram do navio os viajantes da terceira-classe e despejaram toda a carga do gaiola.

Esses assaltantes e homicidas responsabilizam-me por tudo o que cometem no decurso desta viagem. Depois que mataram, à queima-roupa, o coronel Possidônio



Gouveia, que também feriu gravemente um deles, há sempre a ameaça de novas violências com desfecho imprevisível, à medida que nos aproximamos de Manaus.

Na verdade, querida, não sei o que pode acontecer com esta gente a bordo, armada e disposta a tudo! Para evitar que sejam denunciados nos portos de escala, fecham-se nos camarotes com reféns, mulheres e crianças, que ameaçam com as armas. Você pode imaginar o terror que provocam em cada escala!

A situação ficou incontrolável, e posso ser a próxima vítima deste bando de renegados, do qual, infelizmente, faz parte um brasileiro.

Em meu camarote estão guardados os presentes prometidos ao Raimundinho, Rita e Fernando. E, evidentemente, também para você, uma lembrança singela, mas que revela o quanto ama você este velho marujo.

Com a pensão que deixarei, além das economias e nossa casa do Mosqueiro, creio que sua manutenção e dos filhos estará assegurada. Faça tudo, por favor, para que se formem, o Raimundo como engenheiro-mecânico, a Rita como médica pediatra, como tanto deseja e, finalmente, o Fernandinho como marujo se, com o passar do tempo, confirmarem-se a vocação e vontade de ingressar na Marinha Mercante, seguindo a carreira do pai. Neste caso, destine ao caçula todo o acervo que reuni nesta vida sofrida de marinheiro de água doce.

Estou imaginando como você, com lágrimas nos olhos, está lendo esta carta, aparentemente cruel e absurda. Em vez deste melancólico testamento, em que ela se tornou, gostaria muitíssimo mais de expressar-lhe palavras otimistas e confiantes.

Perdoe-me, Francisquinha, se só agora reconheço que tinham fundamento as lágrimas que correram de seus olhos, no porto de Belém. Perdoe-me pelas lágrimas de ontem, e pelas lágrimas de agora.

Perdoe-me e me queira bem e, para sempre, guarde a imagem deste amigo, marido e companheiro que, nesta vida, ou na outra, nunca se esquecerá de você.

Seu, de todo o coração,

Fernando Caruana”.



## CAPÍTULO 23

### TEFÉ, DE SANGUE E DE FÉ

Deixando Fonte Boa e antes de chegar a Tefé, o “Amazonas” passou pelo estuário de Juruá, na altura de Mananiquá; ultrapassou a Ilha Juçara; venceu a grande curva que contorna as Ilhas Macuapimim; retomou a rota sul, próximo à Ilha Machado; alcançou Alvarães, diante da Ilha Uanaco e amanheceu nas vizinhanças de Tefé.

Distante 520 quilômetros, em linha reta, de Manaus, direção 87° 14' S. O., a histórica cidade situa-se no centro geográfico do Amazonas e na região fisiográfica do Solimões-Tefé, limitando-se com os municípios de Fonte Boa, Juruá, Carauai, Canutama, Tapauá, Coari e Marañ.

Foi no dia 6 de maio de 1958, por volta de dez horas da manhã, que o “Amazonas” se aproximou de Tefé. A bordo instalara-se um clima terrível e expectante, atormentando passageiros, tripulantes e assaltantes, dominados pela suspeita de que acontecimentos inesperados iriam ocorrer na cidade.

Com a septicemia corroendo-lhe o organismo, o estado de saúde de Juan Diaz se agravava, apesar da resistência extraordinária que oferecia à infecção.

A atitude heróica de Iauitê, transpondo a grande distância entre Fonte Boa e Tefé, pela floresta e o rio, chegando extenuada a Tefé e lá morrendo, despertara emoção em toda a cidade. Era, portanto, perfeitamente justificável, também em Tefé, a atmosfera dramática que a afligia na iminência da chegada do gaiola.

As providências tomadas pelo delegado de polícia, doutor José Inácio Macieira, ensejaram a formação de um contingente fortemente armado, sob o comando de um oficial da Polícia Militar, contingente também integrado por civis, índios e mestiços.

O delegado Macieira, bacharel em Direito, lecionava História em um colégio de Tefé e grangeara respeito pelas pesquisas e estudos sobre a história da região.

Macieira também se armara de um fuzil e fora colocar-se em ponto estratégico na zona portuária. E lá, juntamente com outras três dezenas de soldados e voluntários, ficou aguardando, em tensa vigília, a chegada do “Amazonas”.

Durante a espera recordou episódios da vida belicosa de Tefé, cidade também fundada pelo jesuíta Samuel Fritz, a serviço da coroa espanhola. Recordou a chegada á



aldeia do galeão português trazendo o capitão Inácio Correia de Oliveira, com ordens expressas de Lisboa para reconquistar Tefé e toda a região que a Espanha reivindicava como sua.

Lembrou-se das batalhas sangrentas entre lusitanos e espanhóis pela posse e catequese daquele vastíssimo território. Veio-lhe, então, à memória, o nome do padre João Batista Sana, derrotado e depois vitorioso em nova refrega pela reconquista de Tefé. Recordou, igualmente, o heróico cabo José Antunes da Fonseca, retomando Tefé com cento e oitenta homens, brancos, índios e mamelucos, restituindo a aldeia aos carmelitas e prendendo “o desabusado padre Sana”.

- “Pobre cidade! – meditava Macieira ao recordar a sangrenta cronologia histórica de Tefé. – Cidade de tantas lutas, tantas mortes e confrontos, defendida sempre com heroísmo. E, agora, como se não bastassem os Sanas, os Inácios Correias, os FONSECAS, os sediciosos da Cabanagem, os Angelins, os José Patrícios, está agora ameaçada pelos bandidos de Iquitos!”

Passeou os olhos pelo porto, quase deserto, avistou os soldados e civis, escondidos, com suas armas, prontos para a batalha inevitável.

E estremeceu quando, subitamente, ecoou no vale o apito prolongado do “Amazonas”, aproximando-se do ancoradouro.

Um frêmito de emoção apoderou-se de todos: moradores, portuários, integrantes da força defensiva, esperando os invasores do navio.

Por toda a cidade, do cais aos furos, igarapés e paranás que o Solimões esgalhava naquelas terras; de Alvarães a Maraã, do Orfanato Santa Teresa ao Seminário Menor do Espírito Santo, perpassou, ouvindo aquele som dramático do navio, um estremecimento de temor. De temor, mas também de determinação na defesa da cidade heróica.



## CAPÍTULO 24

### A BATALHA

Quando avistaram, na linha do horizonte, o casario do Tefé, Aguirre, Zimaco, Carfajal e Miguel Viana iniciaram nervosos preparativos para o desembarque, camuflando as armas em sacolas e peça de roupa, enchendo os bolsos de jóias e dinheiro, furtados em Fonte Boa e de passageiros do gaiola.

Juan Diaz ainda vivia, apesar do estado desesperador que o mantinha no leito, ardendo de febre. Era a principal preocupação dos companheiros, que hesitavam em deixá-lo no camarote ou, como solução extrema, carregá-lo consigo.

A primeira hipótese foi descartada, diante do apelo obstinado de Zimaco e a recusa de Juan, que se levantou trôpego da cama, os olhos agônicos, pálido como um cadáver, dizendo que iria com eles, de qualquer maneira.

Condoídos, incapazes de abandoná-lo à própria sorte, Zimaco e Carvajal levantaram-no e o arrastaram para fora, no exato momento em que o "Amazonas" manobrava para atracar.

No passadiço, comandando a operação, Caruana e Aparício viram quando o bando se aproximou do portaló.

- Acha que vão descer, comandante? – perguntou o imediato, incrédulo.
- Ou vão deixar o navio, ou vão assaltar Tefé – argumentou Caruana.
- Estão doidos! – opinou Aparício. – Invadir uma cidade como Tefé, com destacamento policial bem armado e uma gente brava nas ruas?!
- Estão doidos há muito tempo, Aparício! – disse ainda Caruana, impressionado com a audácia dos invasores.

Pela embarcação, dos camarotes à cozinha, da casa de máquinas ao tombadilho e conveses, surgiam, à boca pequena, as mais disparatadas conjeturas.

Assim que o gaiola se imobilizou no ancoradouro, um fato chamou a atenção de todos: raras pessoas aguardavam no cais a chegada do navio, ao contrário do que sempre ocorria nas escalas.

- Estou estranhando. O cais está muito vazio! – comentou Aguirre aos companheiros, aguardando no portaló a descida da prancha.



- Alguma coisa aconteceu, Carlos! – disse Carvajal, preocupado. – Não é melhor recuarmos?

- De forma alguma! – retrucou Aguirre. – Vamos em frente, de qualquer maneira!

E acrescentou:

- Só atiramos em caso extremo. Se o avião demorar, a gente volta ao navio para apanhar reféns.

Voltou-se para Juan Diaz, amparado por Zimao e Carvajal, e perguntou;

- Então, Juan, dá pra agüentar o rojão?

- Dá sim, Aguirre! – respondeu Juan Diaz, puxando o ar dos pulmões.

- Só não estou gostando é do silêncio, deste cais quase deserto – opinou Zimaco, desconfiado.

Miguel Viana, sombrio, voltou os olhos para convés superior e avistou Berenice e Clotilde na amurada. Percebeu, de longe, o olhar ansioso que a noviça lhe dirigia. Um olhar impregnado de esperança.

De fato, do lugar onde enxergava Miguel e o bando, Berenice pedia misericórdia a Deus. Próximo dela e de Clotilde, outros viajantes, como Michel Leroy, meio escondido, fotografando o desembarque; Flora e Charles Sturges, olhando desinteressadamente a paisagem; Odorico Munhoz e poucos mais compondo a platéia assustada de um espetáculo de final imprevisível.

Jussara e a mãe, traumatizadas ainda com a morte de Possidônio permaneciam no camarote, abatidas.

Assim que a prancha foi arriada, e antes que alguém descesse ou subisse, Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana e Juan Diaz começaram a desembarcar. Mas, subitamente, surgindo de cantos, casas e ruas que desembocavam no porto, soldados e civis de Tefé, com metralhadoras, fuzis, escopetas, pistolas e revólveres, precipitaram-se na direção do navio.

À frente do destacamento, tenente Elias gritou com voz potente:

- Estão presos! Larguem as armas e se rendam!

O que sucedeu, em seguida, ficou muito tempo na memória dos habitantes da Amazônia: Aguirre e sequazes, enfurecidos, recuaram para o interior da embarcação, sacaram as armas e começaram a atirar em todas as direções, provocando um pânico indescritível.

Dois marinheiros e um soldado tombaram, varados pelas balas dos assaltantes. No cais, protegendo-se atrás de árvores, fardos de mercadorias, veículos e toras de madeira, o grupo de Tefé revidou ao ataque e também disparou suas armas.

A batalha explodiu, violenta, entre brasileiros e presidiários.

Colocando Juan Diaz em um canto do convés e deslocando-se, pelo interior do navio, os invasores voltaram a fúria contra passageiros e tripulantes, que acusavam de traição, correndo de um lado para outro, atirando como alucinados.

Recostado na parede, Juan Diaz pediu a Zimaco que lhe desse a metralhadora de Ridruejo. Com ela, em esforço sobre-humano, começou também a atirar contra o destacamento policial, protegido no encoradouro. Juntando o resto de força que o sustinha, o boliviano, enlouquecido, quis gritar palavrões. Mas de sua boca saíram sons indistintos, de mistura com o sangue que subia dos pulmões. Mesmo assim, deu para entender algumas palavras de ódio incontido:

- Perros!... Malditos! Hijos de una puta!...

Tombou morto, os olhos estatelados, as mãos calosas segurando a metralhadora. Metros adiante, com outra metralhadora, Zimaco, frenético, abateu com um rajada dois soldados do destacamento, enquanto Aguirre atirava contra os passageiros, ferindo Odorico Munhoz, que corria para se proteger no camarote.

Caruana e o imediato Aparício se refugiaram no refeitório, onde outros tripulantes e passageiros se encontravam, espavoridos.

Caruana estava pálido, indeciso, como se medo e coragem o dividissem em dois. Nervoso, aproximou-se da porta, depois recuou e foi dizer ao imediato:

- Preciso de uma arma, Aparício! Não posso ficar aqui, me escondendo, com esta gente sendo baleada!

Enfurecidos com a morte de alguns comandados, tenente Elias e cinco soldados subiram correndo a prancha, atirando contra os bandidos, que se aproximavam do convés superior. Zimaco, subindo a escadaria de acesso, tombou morto, atingido pela bala de um fuzil, deixando cair a metralhadora que trazia.

Foi quando, inesperadamente, saindo do refeitório, Caruana avistou Zimaco, que ainda estrebuchava no chão, com a metralhadora ao lado. Correu na direção do fugitivo, arrebatou-lhe a arma e saiu em perseguição a Aguirre, Carvajal e Miguel Viana, sobreviventes do massacre, e que haviam chegado ao convés superior.



Quando se aproximava dos bandidos, Caruana foi, de repente, atingido pela rajada da metralhadora de Aguirre, manchando de sangue o uniforme branco que trajava. Mas não tombou, mantendo-se de pé, cambaleante, atirando sempre e alvejando mortalmente Carvajal, que caiu ao lado de Aguirre.

Esvaindo-se em sangue, Caruana deu dois passos trôpegos na direção de Aguirre, mas recebeu outra saraivada de balas e caiu de borco, morrendo.

Só restavam Aguirre e Miguel Viana, próximos um do outro, atirando desesperadamente em todas as direções. Mas, de súbito, o brasileiro soltou um grito de dor, ao receber no peito a bala do fuzil de um soldado de Tefé, que chegara correndo ao convés superior. E Miguel também morreu.

Só restava o chefe do bando, Carlos Aguirre. Vendo-se perdido, correu na direção do camarote de Jussara, quase à sua frente, arrojou-se contra a porta, que arrombou ruidosamente. Depois avançou contra a mestiça, sentada na cama, ao lado da mãe, enlaçou-a com força e a arrastou para fora, diante dos gritos apavorados de Manaíra.

Vendo Aguirre com a moça, tenente Elias gritou para que não atirassem.

O espanhol arrastou então Jussara para a proa, no exato instante em que, surgindo no céu da planície, o avião Catalina baixava sobre o rio, preparando-se para amerissar.

Aguirre, com um sorriso irônico, olhou de relance o aparelho, cujas asas refulgiam ao sol. Subiu na balaustrada, levando consigo a refém, que parecia não opor-lhe resistência.

Elias, Macieira e outros integrantes do batalhão de Tefé, correram para obstar-lhe a fuga. Mas se imobilizaram, vendo o presidiário apontar a metralhadora para o peito de Jussara. Logo a seguir, levando a filha de Possidônio, Aguirre atirou-se no rio.

## CAPÍTULO 25

### SELVA E SELVAGENS

Voltando à tona, Aguirre, com fortes braçadas, arrastou Jussara para a margem oposta do rio. E nadou, encharcado de suor, puxando a moça, até alcançar o barranco, que subiu, extenuado.

Do navio, um soldado apanhou o fuzil e quis atirar, mas o delegado o deteve:

- Não atire, Mendonça! Pode ferir a moça.

Em terra, puxando sempre a mestiça, Aguirre, com esforço sobre-humano, penetrou na selva. Arfante, desesperado, querendo viver, foi vencendo galhos e arbustos que lhe dificultavam a passagem, murmurando palavras desconexas.

Mais adiante, numa depressão do terreno, tombou exausto, sem forças para continuar. Recostou-se no tronco de uma árvore e respirou fundo, enquanto Jussara, ao lado, tinha um olhar estranho, como de alguém que tivesse perdido a razão. Em volta dos dois pairava um silêncio profundo. Nenhum pássaro cantava, nenhum animal se movia.

Jussara voltou-se lentamente na direção do espanhol, que lhe falava, arquejante:

- Eles não me pegam! Não me pegam, *muchacha*! Vou sumir na floresta, ninguém me encontra! E você vem comigo!

Quando avistou no chão um punhal, caído do bolso do fugitivo, Jussara, subitamente, apanhou-o e o cravou repetidas vezes no corpo do presidiário. Aguirre soltou um grito que ecoou na floresta e provocou um alarido enorme de pássaros e animais, fugindo pela mata.

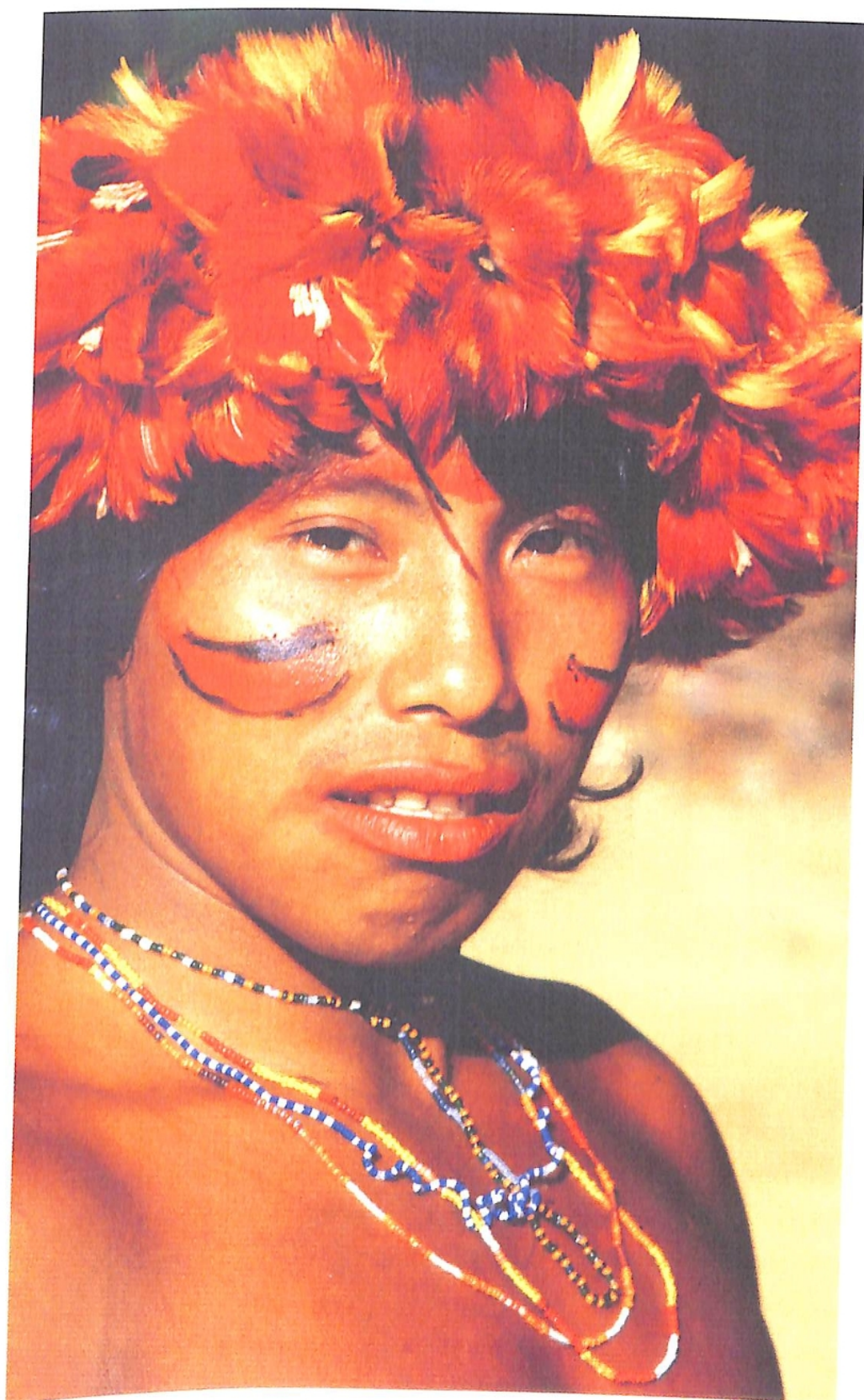
Jussara então levantou-se e caminhou vagarosamente na floresta. Só que, em vez de voltar ao rio e a Tefé, meio tonta, seguiu na direção oposta, embrenhando-se na selva.

Anoitecia. Era um crepúsculo plúmbeo, pesado, escurecendo a floresta, deixando coar a luz penumbrosa da lua nas clarabóias da folhagem.

Aquela mulher, com o rosto pálido, continuou a caminhar, penetrando cada vez mais na floresta. A solidão, a vergonha e uma enorme tristeza, como asas noturnas, pesavam-lhe no coração.

Mas Jussara, amazonense de Tefé, conhecia as dificuldades da região e caminhava sempre, recordando episódios da infância, da escola onde estudara a história de sua terra.







Lembrava-se do jesuíta Samuel Fritz, benemérito da Amazônia, do Capitão Inácio Correia de Oliveira, que o Governador do Grão-Pará enviara para expulsar os espanhóis lá radicados. E caminhava sempre, também recordando os habitantes primitivos da região de Tefé, os índios Panamás, Júris, Tapiras, Nuruaques, Cauixanas, Passes, Jumanas, Catuquinas e Uainumas, os Tapuios e seus descendentes.

- Muitos ainda devem estar por aqui – ia pensando.

E continuava a lembrar-se de Walter Bates e Luiz Agassiz, que moraram por lá, e até da visita, em 1861 de Gonçalves Dias, na qualidade de inspetor das escolas primárias do Solimões.

Até que, meio escondida pelas árvores, avistou uma aldeia indígena.

- Deve a oca dos naruaques. É sim, Deus do céu, é dos naruaques!

Exausta, caminhando com dificuldade, avançou na direção da pequena maloca. Mas não chegou a alcançá-la, pois tombou no chão.

Alguns indígenas, assustados, viram sua queda e precipitaram-se para socorrê-la. Apanharam Jussara e a levaram para o interior da palhoça, habitação promíscua de várias famílias.

Ali viviam, como em todo o Brasil, indígenas descendentes de velhas tribos, cujo contato com o colonizador branco e os negros escravos produziu as raças dos caboclos e cafusos, destacando a etnia Tupi-Guarani.

Hoje todo o país sabe que os índios cambebas, originários da região amazônica, foram os descobridores da borracha. Eram índios famosos pela deformação artificial da cabeça, de onde lhes adveio o nome que, em Tupi, significa “*cabeça chata*”.

Aluna estudiosa, quando freqüentou a escola, em Tefé, Jussara lembrava-se da carta de Pêro Vaz de Caminha, escrita na então chamada Ilha de Vera Cruz, em 1500, na qual constavam as primeiras referências às tribos indígenas, de raça peruana, provavelmente oriunda da Ásia, vivendo em completo estado selvagem.

Jussara também sabia que a divisão geral de nossos índios distingue-os em *tapuias*, os que primeiro ultrapassaram os Andes e seguiram pelo interior, e *tupis*, os que subiram pelo litoral, mantendo em terras brasileiras uma vida cultural extremamente precária, adorando o sol e a lua, praticando feitiçaria e superstições. O tupi, ou tupi-guarani, superou a decadência, projetando-se como raça de impulso novo, mantendo conhecimento de botânica e geografia, mantendo um respeito quase supersticioso pelo silêncio, o crepúsculo e a solidão.

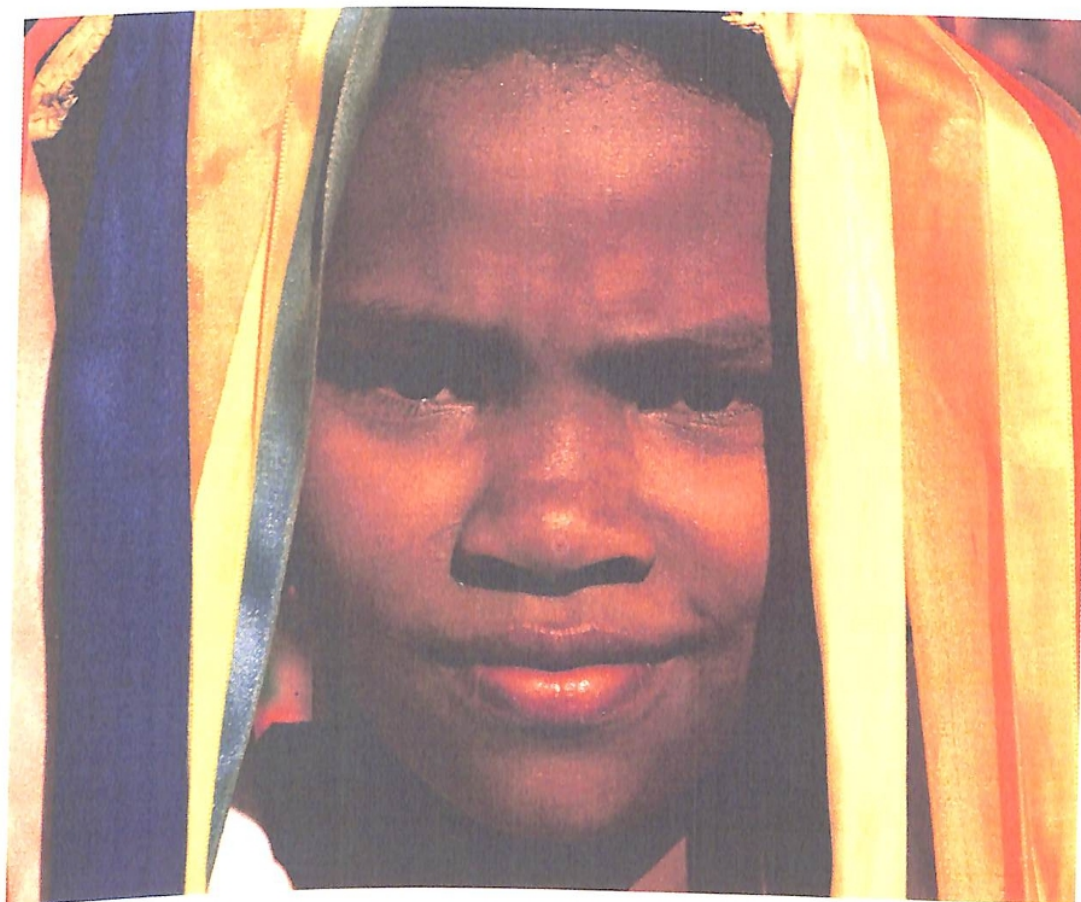


Acolhida generosamente pelos naruaques, Jussara foi deitada numa cama improvisada na humilde oca indígena, construída com paus e barro, coberta com folha de pindoba, o teto coberto de palha, com esteios no chão, ligando com cipós as palmas até a parte mais alta.

Na oca vivia na maior promiscuidade toda uma família numerosa, vestida sumariamente, com roupa que mal lhe cobria a nudez.

Naquela casa Jussara ficou por alguns dias, repousando, tranqüila, pois conhecia bem os indígenas, dos quais descendia, pelo lado da mãe.

Naquela oca Jussara afeiçoou-se especialmente por dois naruaques: o morubixava Poxi, chefe respeitado da tribo, e, principalmente, por Painá, também muito jovem, que ela amou de corpo e alma.





## CAPÍTULO 26

### PORTUGUESES E ALIADOS

Quando os portugueses penetraram em terras brasileiras, encontraram, como é sabido, numerosas populações indígenas. Posteriormente, com a vinda e escravização de negros africanos, as lusitanos passaram a contar com a aliança vigorosa das duas raças, nativas e colonizadas, marcando profundamente a história do novo continente.

Entre as inúmeras guerras coloniais e as varia tentativas de conquista territorial brasileira, o conhecimento histórico destaca violentos combates com invasores franceses, ingleses, holandeses, espanhóis e de outros povos, atraídos pelas riquezas das regiões onde tentavam fixar-se, como o Rio de Janeiro, Niterói, Bahia, Pernambuco e Amazonas.

Como ocorria com os índios e os africanos, a presença dos descobridores e povoadores lusitanos projetou historicamente a atuação de grandes e admiráveis personalidades, como, entre outras, D. João I, D. João II, Sagres, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, descobrindo novos caminhos para a Ásia, o continente sul-americano e o Brasil.

A partir de 1500 a presença portuguesa alcançou extraordinária dimensão com D. Manuel I, a frota de Cabral, o caminho do Atlântico, a criação das Capitânias Hereditárias, a força e atuação de Martim Afonso, Frei Henrique de Coimbra, Pêro Vaz de Caminha e muitos outros. Entre 1500 e 1532 ocorreram, notadamente, as primeiras entradas sertanejas, a Fundação de São Vicente, a figura histórica de João Ramalho, Piratininga e muitos outros episódios fundamentais para o Brasil e o mundo, aglutinando brancos, índios e africanos, realizando a expulsão de franceses da Guanabara, Bahia e Maranhão, dos holandeses de Pernambuco e espanhóis do Amazonas.

E por aí foi seguindo a evolução brasileira e sul-americana, conduzida pelos portugueses e raças nativas, gerando a Confederação dos Tamoios, projetando a ação de Nóbrega e Anchieta, Estácio e Mem de Sá, Araribóia, Aspilcueta Navarro, Raposo Tavares, a conquista do litoral do Norte até o Amazonas, a expansão do domínio para o Oeste, a força de Henrique Dias Camarão, o Anhanguera, os caminhos abertos pelos Bandeirantes, etc. etc.

Assim afirmou-se a poderosa presença de Portugal na evolução do Brasil e do mundo, deixando as marcas de sua presença, sua língua e seu insuperável vigor histórico.

## CAPÍTULO 27

### AMORÍNDIO

Convivendo sob o mesmo teto, Jussara e Paina amaram-se fortemente. Não só a posse física como a convivência e a afinidade racial provocaram nos dois a descoberta de um sentimento amoroso que depressa se tornou insubstituível.

Mas o que os deixou preocupados foi a descoberta do apego, também apaixonado do morubixaba Poxi por Jussara. Apego que, em pouco tempo, toda a maloca conheceu causando forte temor a Paina, que conhecia o poder, a teimosia e a sensualidade de Poxi que, em pouco tempo, começou a seguir-lhe os passos, cada vez mais dominado pelo ciúme.

Vendo-o, certo dia, deitado com Jussara no mesmo catre, não teve mais dúvida de que só a teria se Poxi desaparecesse. Duas soluções o afligiram: fugir com Jussara, ou matar o morubixaba. Acabou escolhendo a primeira hipótese, pois sabia que matar o chefe da tribo seria ato extremamente perigoso, além de provocar violenta reação dos habitantes da maloca, que o perseguiriam até o fim do mundo.

Decidiu, então, fugir com Jussara, ganhando a selva, viajando dia e noite, apagando os vestígios de sua passagem, seguindo por caminhos difíceis, penetrando na mata fechada, transpondo rios e toda espécie de obstáculos.

Também seus perseguidores conheciam bem os mistérios da floresta e as artimanhas do despistamento, seguindo-os de forma implacável. Mas Painá e Jussara decidiram esconder-se na fazenda de Odorico Munhoz, o amigo do Coronel Raimundo Possidônio Gouveia, que o queria como genro.

E assim o fizeram, chegando à fazenda, não muito distante de Tefé, extremamente fatigados, acolhidos com simpatia pelo fazendeiro, que cobiçava Jussara de longa data.

Era uma fazenda com restos de um luxo fanado, herança de tempos mais prósperos, como o cultivo da borracha, com grandes sofás, ladeados por cadeiras de espaldar, dispostas em filas paralelas, além de pequenas mesas de pés torneados, sobre as quais se dispunham redomas de vidro e velhas imagens de santos, decorando o ambiente antiquado. Nas paredes retratos de homens de vastos bigodes, mulheres de olhar duro e melancólico, descendo de longos cordões, presos a ganchos enterrados na cimalha.



Caminhando sobre tábuas largas, respirando um aroma de coisas velhas, de verniz deteriorado, Painá e Jussara sentiam-se intranquilos, como se entrassem num mundo de maus presságios.

Odorico seguia à frente, pelo corredor, caminho para vários quartos e alguns banheiros. Parando diante de uma porta, o fazendeiro voltou-se para Jussara e lhe disse:

- Você fica neste quarto, Jussara. Pode entrar e descansar um pouco.

Depois dirigiu-se a Painá:

- Você vai trabalhar com o Antônio, no curral. Vem comigo.

Jussara ganha o interior do quarto, quase às escuras. Antes de abrir a janela, acostumando a vista no ambiente pouco definido, distingue a cama colonial, de madeira escura, o largo guarda-roupa de verniz amarelo, a cômoda, com um oratório de folhas abertas, pintadas de dourado, uma canastra de couro, duas cadeira de palhinha e duas janelas decoradas com cortinas desbotadas.

É um quarto triste, com aroma forte de verniz e de coisas antigas. Uma melancolia aflitiva obriga-a a abrir depressa uma das janelas, para arejar. A luz intensa penetra no cômodo e revela, com nitidez, todos seus detalhes. Debruçando-se no parapeito da janela, Jussara aspira ar puro, o cheiro forte de mato, de estrume de gado. Quando avista Painá, no curral, ao lado de um negro forte, tirando leite de vaca, sente alívio e uma sensação de ternura pelo indígena. Nesse instante, contudo, assusta-se com a chegada de Odorico, fixando nela um olhar firme, de desejo. Fecha a porta com a trâmela e ordena:

- Fecha a janela.

Jussara obedece, assustada. Depois, com os olhos baixos, o rosto afogado, o coração desconpassado, fica esperando.

Odorico tira o paletó e, aproximando-se da mestiça, pergunta, possessivo:

- Ainda não tirou o vestido?

- Não.

- Pois tire. Se quiser, te ajudo.

- Não precisa, "seu" Odorico. Eu tiro...

Jussara então se despe. E fica inteiramente nua, deixando ver o corpo jovem, os seios adolescentes. O fazendeiro, vendo surgir pouco a pouco o corpo da mestiça, caminha alguns passos, dominado pelo desejo. Depois, de repente, ergue-a nos braços, como se fosse criança, e a conduz à cama. Em seguida se despe e senta-se ao lado dela, acariciando lentamente o corpo jovem. Depois a possui.





Jussara vira o rosto triste e infeliz, no qual se percebe uma expressão de repulsa e vergonha.

No dia seguinte, ao despertar, Jussara só encontra mulheres na casa. O fazendeiro, ao amanhecer, saíra a cavalo, deixando na cozinha, sobre a pesada mesa de madeira, café-com-leite, broas de fubá, brevidades e biscoitos de polvilho.

Na cozinha encontra duas mulheres, uma negra gorda e simpática, mulher do capataz, e uma mulata triste, magra, talvez da mesma idade dela. Com a chegada da nova "amante" de Odorico, as duas empregadas, conversando em voz baixa, se calam, ouvindo Jussara dizer:

- Bom dia. Sou a Jussara.

- Já sabemos. Sou a Hortência e esta é a Glorinha.

- Trabalham com "seu" Odorico há muito tempo?

- Há muito tempo, dona Jussara.

Jussara se aproxima das duas e, meio constrangida, pede, com timidez:

- Por favor, não me chame de "dona Jussara". Me chamem só de Jussara.

Hortência, mais à vontade, apanha uma xícara de café e pergunta:

- Quer tomar uma chicrinha de café, Jussara? Está quente.

- Quero sim.

Senta-se à mesa, bebe café-com-leite com broas de fubá. Depois pergunta:

- O leite é dqui mesmo?

- É sim, Jussara. Da vaca do curral, tirado pelo Antônio.

- Gostaria muito de ver tirar – diz Jussara.

- Pois vai lá no curral. O Antônio te mostra completou Hortência. Com efeito, pouco depois Jussara vai ao curral, onde encontra Painá aprendendo a tirar leite de outra vaca. Vendo chegar a "nova mulher" de Odorico Munhoz, Antônio fica meio sem jeito e quase derruba o balde com o leite que estava tirando. Jussara chega perto da vaca, ouvindo Antônio dizer:

- Cuidado, "siá" dona! É perigoso, pode levar um coice...

- Não tem perigo não. Estou acostumada.

Nesse instante, no entanto, estremece ao ouvir a voz de Odorico:

- É melhor dar ouvido ao moço, Jussara! Este não é lugar de mulher.

Jussara se afasta, apressada, cruza a porteira que Odorico segura e, muito embaraçada, comenta, bobamente:





- Só queira ver...

- Pode ver, mas de longe. Maria de Lourdes, minha sobrinha, levou um coice e agora está entrevada numa cama!

- Não tem o que fazer em casa? Um bordado, costura?

- Fiz essas coisas a vida inteira, "seu" Odorico. Queria ver como é a vida na fazenda...

- Pois então vai ver agora. Venha comigo.

O fazendeiro caminha na direção de um cavalo, preso no curral. Mete o pé no estribo, monta com agilidade e depois, inesperadamente, abaixando-se, enlaça Jussara e a coloca no selim, protegendo-a com o braço. Com a mão esquerda segura a rédea. Finca a espora no animal, que arremete para a frente, num galope que assusta a moça. Mas Odorico tranqüiliza:

- Não tenha medo, menina. Não vai cair do cavalo!

O alazão, feroso, investe pelo caminho de terra e ganha as pastagens.

Dentro do curral, interrompendo a ordenha, Antônio acompanha o galope, invejando o patrão que leva consigo aquela beleza de mulher.

Mais tarde o casal regressa. Enquanto guarda os arreios, Odorico promete:

- Amanhã mando o Antônio te ensinar a montar. Assim você pode passear pela fazenda.

Dias mais tarde, efetivamente, Jussara sai a cavalo, ao lado de Antônio, acompanhante atento, pronto para ajudar.

Os dois percorrem a propriedade e, perto da invernada, o rapaz pergunta, vencendo a timidez:

- "Seu" Odorico mostrou para a senhora a cachoeira?

- Não, Antônio. É bonita?

- Eu acho.

- Pois me leve até lá, para conhecer.

A cachoeira, perto de um grotão de árvores altas, junto à pedreira e um buritizal, tomba de uns dez metros de altura, empurrando o rio por uma corredeira veloz.

- Dá para tomar banho aqui? – pergunta Jussara.

- Dá. Mas "seu" Odorico não gosta. Escorrega muito.

Percorrendo o local com o empregado, Jussara, a certa altura, indaga:

- Você está aqui há muito tempo, Antônio?

- Nasci aqui perto, na Lagoa Clara, mas fui criado na fazenda, sim senhora.

- Então conheceu dona Marta, a primeira mulher do Odorico?

A pergunta inesperada embaraça o empregado que, depois de hesitar alguns instantes, acaba respondendo:

- Conheci... Era parecida com vo... com a senhora.

- Parecida comigo?

- Sim...

Camnharam alguns metros, em silêncio. Depois Jussara acrescenta:

- Morreu moça, não é?

- Morreu...

Voltaram para junto dos cavalos. Antônio, de um salto, monta e, para evitar novas perguntas, arranca num galope veloz... Jussara, por sua vez, também monta e segue atrás, menos apressada.

Regressando à casa da fazenda, no dia de sol escaldante, Jussara caminha pelo comprido corredor interno. Ao passar diante de um dos quartos, permanentemente fechado, diminui os passos e pára. Estende a mão e tenta abrir a maçaneta. A porta está trancada. Depois se afasta e vai à cozinha.

Enquanto bebe café, feito na hora, pergunta à cozinheira:

- Me diga uma coisa, "siá" Hortência: por quê o quarto dos fundos está sempre fechado?

A empregada, meio assustada, pára de trabalhar, olha na direção da moça e, sentindo-lhe o olhar curioso, abaixa a vista e responde:

- É vontade de "seu" Odorico.

- Quem dormia lá?

- Dona Marta...

Jussara caminha alguns passos, examina o exterior pela janela, bebe mais um gole e torna a perguntar:

- E dona Marta, de que morreu?

A cozinheira nada responde, vendo chegar Glorinha, que crava nela um olhar duro e repreensivo.

Jussara percebe o constrangimento da cozinheira, e não insiste, certificando-se de que naquela casa ocorreram acontecimentos misteriosos. O quarto fechado, o mutismo dos



empregados, a ausência de retratos de Marta no casarão são, para ela, partes desconexas de um mistério que a aflige e, como um pressentimento, também lhe pertence.

## CAPÍTULO 28

### VIAGEM A NAZARÉ

Modificando a rotina dos dias de roça, certo dia Odorico Munhoz informa que precisa ir a Nazaré, para um negócio.

- Gostaria muito de ir com o senhor – “seu” Odorico. – Há muito anos que não vou a Nazaré, onde mora um velho amigo e parente de minha família, “seu” Malaquias.

- O velho Malaquias, seu parente?

- Sim.

- Você então vai comigo, Jussara. Tenho casa em Nazaré. Ficamos lá. Assim você revê “seu” Malaquias.

Horas depois a charrete, levando Odorico e Jussara, chega a Nazaré, despertando a curiosidade de seus moradores.

Aproximando-se da praça ajardinada, onde se concentra a maior parte das residências da pequena cidade, um morador idoso, numa esquina, não esconde um grande espanto quando avista Odorico e Jussara, chegando na charrete. Sua surpresa leva-o instintivamente a esconder-se atrás de um poste de madeira, evitando ser visto.

A charrete vai estacionar diante de uma casa de muitas janelas, no centro da praça. Com entrada pelo lado direito, a casa tem uma escadaria que conduz à varanda.

A praça compõe-se de um jardim maltratado, com alguns canteiros e um coreto modernizado, decorando o centro da cidade. Ao fundo, infalível em toda cidade, ergue-se a velha igreja de duas torres. Carros-de-boi, parados á porta de casas de comércio, animais arreados, alguns com cangalhas e bruacas, presos aos esteios ou nas argolas das portas; dois ou três cavalos soltos, pastando o capim da rua; bodes e cabras, galinhas, algumas com sua pintalhada; roupas caseiras esticadas nos quintais; a tolda, de couro cru, as juntas de boi curraleiro; moradores nas janelas, impassíveis, e a criançada curiosa a intrometer-se pelas pernas dos viajantes, completam a paisagem imutável das pequenas cidades interioranas.

Antes de entrar, Odorico chama um menino, com cara de índio, passando diante da casa, e ordena:

- Ô Zezinho, vai dizer à Raimunda que acabo de chegar. É para ela vir trabalhar em casa.



O menino sai correndo, enquanto dois homens, também com aparência indígena, comum em toda a Amazônia, aproximam-se para cumprimentar.

- Bons dias, "seu" Odorico. Custou a aparecer...

- Mas quem é vivo sempre aparece... Como está, Elpídio? Vamos chegar.

Depois apontando para Jussara, Odorico apresenta:

- Esta é a Jussara. Está na fazenda.

Os dois homens tiram o chapéu, apertam a mão de leve que Jussara lhes estende. Depois se voltam para o fazendeiro, conversando sobre coisas da vida local. Pouco depois se despedem, enquanto Odorico e Jussara sobem a escadaria e penetram na casa, atraindo a atenção dos passantes.

Uma mulher, vestida de preto, caminhando ao lado da filha, comenta mais adiante:

- Odorico com uma menina... Pouca vergonha! Não deviam permitir!

- Mas se ela quis, mamãe...

- Quis nada! Aposto que foi obrigada! Isto é comum por aqui!

Mais adiante, perto da farmácia, um homem gordo, sem paletó, conversa com um tipo franzino, a barba rala, tipo inconfundível de índio, olhando fixamente para a casa de Odorico e comentando:

- Levei até um susto, pensando que dona Marta tivesse ressuscitado...

- É a nova mulher do Odorico?

- Nova? Novíssima! Do tipo nativista.

- O homem gosta mesmo é de guria, não é?

- Gosto não se discute – interveio o homem gordo – Mas ela é bem apanhada.

No interior da casa Odorico abre as janelas, deixando entrar ar fresco que dissipa o cheiro abafado dos cômodos, do verniz de móveis antigos, das cadeiras de almofada, com tecido desbotado, de papéis roídos por traças.

Depois de mostrar a casa a Jussara, Odorico apanha o chapéu, para sair.

- Vou dar uma volta. A Raimunda deve estar chegando para a arrumação. Volto para jantar, com alguns amigos. Manda caprichar na comida. Até já.

À noite, na sala de jantar, em torno da mesa ovalada, além de Odorico e Jussara, devoram a succulenta comida da Raimunda, o Prefeito de Nazaré, Coronel Melinho; dois vereadores; o Coletor do Estado; o farmacêutico Licínio e o redator da "Folha de Nazaré".

Jussara é a única mulher, esquecida na conversa prosaica dos homens, tramando ciladas para liquidar a oposição que cobiça a Prefeitura nas próximas eleições. Evaristo, o

jornalista provinciano, lança olhares insistentes para Jussara, imaginando-a na cama do Odorico.

Fora, na noite quente, a praça de Nazaré é o cenário de um modesto "footing", com casais caminhando vagarosamente pela calçada, grupos que se formam na porta das casas, bares e, principalmente, do Cine Rosário, cujas luzes começam a piscar, anunciando a sessão das sete e meia.

Num canto, tristonho e isolado, o velho de olhar assustado, parece vigiar a casa de Odorico. Em seus olhos é possível enxergar uma mistura de dureza e ressentimento, de rancor impotente e calado.

O velho se afasta e, mais adiante, desata a rédea do cavalo, preso um moirão. Depois monta e deixa o lugar em trote vagaroso.

Horas depois Jussara caminha por uma pequena rua de Nazaré e, vendo um morador sentado em frente à casa, aproxima-se e pergunta:

- Bom dia. O senhor conhece, por acaso, "seu" Malaquias, um velho que mora num sítio, perto do rio?

- Conheço sim, moça. Olha ele ali, com o carrinho.

- Ah, é ele sim. Obrigada.

Vai a seu encontro. Malaquias, vendo Jussara aproximar-se, tenta escapar, empurrando, assustado, o carrinho onde carrega batatas, abobrinhas e outros produtos do sítio. Mas Jussara se apressa e o alcança na saída da cidade, dizendo:

- Espere um pouco... O senhor não é "seu" Malaquias?

- Sou sim...

- O senhor não é o pai do Celestino, que trabalhou na fazenda do Odorico Munhoz?

O velho, parando de caminhar, volta-se para Jussara e, mortificado, suplica:

- Pelo amor de Deus, Jussara, me deixe em paz, não me pergunte nada!

É assunto que não me compete...

- Mas... eu só queria saber, "seu" Malaquias...

- Mas é melhor não saber, Jussara...

- Como é que o senhor sabe meu nome?

Malaquias, pego em flagrante, fica embaraçado e, de repente, enternecendo-se, responde:

- E não é Jussara, minha filha?

- É sim. O senhor conhece minha família?



O velho recomeça apressadamente a caminhar. Mas Jussara o alcança e volta a perguntar, persistente:

- Mora longe daqui?
- Duas léguas, perto de Aroeira...
- E quando volta a Nazaré?
- Não sei... Qualquer dia...

Jussara desiste e fica parada, enquanto Malaquias se afasta, descendo a rua.

Indecisa, o olhar triste, revelando incerteza, ainda avista o velho, que desaparece, numa esquina.

Dias mais tarde, melhor ambientada na cidade, Jussara conversa na varanda da casa com Aparecida, professora do grupo. Vendo passar, no outro lado da rua, o velho Malaquias, seu primeiro impulso é ir a seu encontro.

Vendo-o, no entanto, afastar-se ligeiro, desiste e comenta para a amiga:

- Não sei porque, Aparecida, mas sinto que "seu" Malaquias tem muito a ver comigo...

- É um homem solitário, vive num pequeno sítio e vem sempre vender coisas na cidade.

- Eu sei...

- Já estive conversando com ele?

- Já, mas ele não me disse nada. Parece ter medo...

- E o que é que você quer tanto saber, Jussara?

- Coisas sobre minha família, meu passado...

Mais adiante, de um canto da rua, Malaquias, meio escondido atrás de um muro de pedra, espreita a casa de Odorico. Perto dele, no fundo de um quintal, crianças pobres brincam de esconder, enquanto dois ou três cabritos soltos mastigam folhas de árvores.

Na varanda Jussara e Aparecida continuam a conversar. De forma um pouco constrangida, Jussara então pergunta à amiga:

- Você sabe, Aparecida, de alguém que tenha conhecimento mais íntimo de dona Marta, a primeira mulher de Odorico Munhoz?

- Acho que o vigário, Padre Fonseca, conheceu bem dona Marta. Pode te dar alguma informação.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Jussara vai à igreja e conversa com o padre, homem idoso, de expressão bondosa.

Perguntado sobre dona Marta, esclarece:

- Dona Marta era uma moça muito prendada, muito distinta. Caridosa com os pobres, era amiga da paróquia, que ajudava muito.

- Vinha sempre aqui?

- Houve um período que desapareceu da cidade. Disseram que estava em Manaus, meio separada do marido...

- Separada? – pergunta Jussara, com certo espanto. Não vivia bem com o marido?...

Padre Fonseca se descontrola um pouco, temendo ter sido indiscreto.

Mas continua, após ligeira vacilação;

- Coisa de casal, a senhora compreende.

- Voltou depois para a fazenda?

- Voltou. Tempos depois morreu subitamente.

- Subitamente? – estranhou Jussara. Não se soube da causa do falecimento, Padre Fonseca?

- Doutor Elpídio, médico da cidade, chamado à fazenda, deu como “causa mortis” ataque cardíaco. O enterro foi em Tefé, onde ela nasceu e está enterrada.

Caminhando à noite, na praça da cidade, Jussara comenta para Aparecida, a amiga constante:

- Não sei porque, Aparecida, mas sinto que as informações sobre dona Marta são incompletas... As pessoas parecem omitir certas coisas. Não sei, mas acho que têm medo de alguma coisa...

Caminham em silêncio alguns metros. Depois Aparecida explica:

- O povo deste lugar é fechado, Jussara. Tudo o que diz respeito a Odorico Munhoz provoca sempre... como direi...

- Medo, não é?

Aparecida responde, abaixando a voz:

- Acho que sim...

Dias mais tarde, de volta à fazenda, Jussara é protagonista de um episódio inesperado e invulgar. Caminhando nas imediações do lago, lugar ermo, de vegetação espessa, ouve alguém que se aproxima, a cavalo. É Antônio, o capataz. O rapaz desmonta e, inesperadamente, com a maior simplicidade, começa a despir-se. Depois, inteiramente nu, diante do assombro de Jussara, caminha alguns metros e mergulha no lago.



Jussara, movida por força instintiva, surpresa e fascinada, faz o mesmo. Tira a roupa e, seguindo Antônio, lança-se também no lago. Os dois se encontram, nadam, mergulham, brincando como crianças.

Depois vão secar o corpo no capim, sob o sol forte. Mudos, ofegantes e excitados, aproximam-se um do outro, enlaçam-se, beijam-se e se acariciam.

Naquele instante, na fazenda, Odorico chega de viagem, na charrete. Desce, sobe os degraus, atravessa a varanda e entra em casa. Não encontrando Jussara, pergunta a Hortência onde estava a moça. A empregada informa que “saiu por aí, a passeio”.

Depois voltando ao alpendre, Odorico avista Antônio, chegando a cavalo. E pergunta:

- Viu a Jussara por aí, Antônio?

- Vi sim senhor... Estava na invernada, passeando. Deve estar chegando.

- E você, foi ao lago? Está com os cabelos molhados.

Ouvindo passos, volta-se e avista Jussara, aproximando-se. Vai a seu encontro.

Jussara, sorridente, percebe o olhar suspeito do fazendeiro, observando seus cabelos molhados.

- Foi nadar na lagoa? – pergunta Odorico.

- Fui. Não agüentava o calor. A água é uma delícia!...

- Foi com alguém?

- Não... Fui sozinha...

Odorico fixa-lhe um olhar visivelmente raivoso. Depois lhe dá as costas e vai ao curral, seguido pelo Antônio, enquanto Jussara, nervosa, entra em casa.

## CAPÍTULO 29

### CRIME NA SELVA

Voltando a adaptar-se à prosaica vida na fazenda, Jussara, certo dia, é acordada de manhã cedo por ruídos inusitados, vozes aflitas, movimento de passos, murmúrios perto da casa-grande.

Vai à janela e avista, perto da entrada, uma multidão de empregados que carregam o corpo de alguém. Com sinistro pressentimento, veste depressa uma saia e deixa o quarto e distingue, levado para o galpão, o corpo inanimado de Antônio.

Empalidecendo, retendo a custo o horror, Jussara pergunta a um dos homens o que acontecera.

- O Antônio morreu, dona. Apareceu afogado no lago.

Jussara se afasta, voltando, pálida, ao quarto, enquanto Odorico, chegando a cavalo, lança-lhe um olhar implacável.

Antes de alcançar o quarto, depara com "siá" Hortência, horrizada. As duas se abraçam, chorando.

- Que coisa horrível, "saiá" Hortência! O Antônio morreu... afogado!

De repente, afastando-se da empregada, com os olhos duros e secos, Jussara exclama, crispada de ódio:

- Mataram! Juro que mataram o Antônio, "siá" Hortência!

- Não diga isto, dona Jussara!

- Eu sei, tenho certeza Mataram o Antônio!

Nesse instante, ecoando na casa, a voz de Odorico estremece as duas mulheres:

- Mataram?! Mataram o Antônio?! E quem matou?!

Jussara, empalidecendo, volta-se aterrada para o fazendeiro, sem poder articular palavra. Mas Odorico, mais próximo dela, torna a dizer, com voz dura:

- Quem foi?! Quem matou o Antônio?!

Jussara, juntando forças, consegue dizer, quase gritando:

- O senhor sabe! O senhor sabe quem foi!

Depois, desesperada, entra no quarto correndo e fecha a porta por dentro.



Odorico, parado no corredor, não a molesta e, pouco depois, vai para o pátio dos fundos, onde toma providências:

- Ô Libânio, vai a Nazaré, avisa ao delegado, encomenda o caixão e prepara o enterro. Você, Taúna, vai a Santa Rita, avisa os parentes de Antônio.

No quarto, depois de fechar as janelas, Jussara estende-se na cama, prostrada. Pálida, dominada pelo medo, é uma imagem de angústia e fragilidade.

Horas depois, Jussara termina de escrever uma carta, que mete num envelope e vai à cozinha. Certificando-se de que está a sós com “siá” Hortência, entrega-lhe a carta, dizendo:

- Eu sei que posso confiar na senhora, “siá” Hortência. Esta carta é muito importante para mim. Por favor, mande entregar ao senhor Malaquias, em Aroeira.

- Mando sim. Pode fiar sossegada, Jussara.

Voltando ao quarto, mais tranqüila, vê uma chave na fechadura do quarto, sempre fechado, de dona Marta. Caminha mais alguns passos e pára, movida por incoercível curiosidade. Volta e vendo-se sozinha no corredor, abre vagarosamente a fechadura e entra no cômodo, experimentando um pressentimento estranho.

É um quarto espaçoso, exalando cheiro de mofo, com janelas fechadas por grossas cortinas. Quando acende a lâmpada, Jussara avista o leito de casal, um sofá, pequena mesa e, recostada na parede, uma canastra com a tampa fechada. Movida por uma curiosidade insopitável, abre a canastra e avista um escrínio de jóias, fotos de Marta, inclusive uma com dedicatória que deixa Jussara atônita: “Para Celestino, meu único amor”.

Nesse exato momento, olhando desalentada a foto de Marta, Jussara ouve ruído atrás de si. Volta-se e, com grande espanto, avista a figura severa de “siá” Hortência, fixando nela um olhar de reprovação, dizendo;

- “Seu” Odorico vai ficar muito zangado vendo você neste quarto!

- Por favor, “siá” Hortência, não diga nada ao Odorico!

- É melhor você sair depressa do quarto – exclama a empregada, humanizada.

- Era o quarto de dona Marta?

- Um quarto muito triste, minha filha. Aqui morreu dona Marta.

Nesse ponto, ouvindo ruído de um cavalo chegando na fazenda, a empregada exclama, assustada:

- “Seu” Odorico está chegando! Saia daqui depressa, minha filha!

Dias depois Odorico voltou a Nazaré com Jussara. Entretido com negócios, o fazendeiro deixou a moça com a empregada Raimunda. Indo sentar-se na varanda, Jussara avista o velho Malaquias vendendo os produtos de seu pequeno sítio. Desce depressa a escada e o alcança, perto da igreja.

Malaquias tenta afastar-se, mas Jussara o segue e, com voz suplicante, lhe fala:

- Por favor, "eu" Malaquias, preciso muito conversar com o senhor...

- Eu também, minha filha.

Aponta para a igreja, aberta, e sugere:

- Vamos conversar na igreja que está vazia.

No interior do templo vão sentar-se num banco. E ali Jussara tem as revelações de seu passado que tanto desejava saber.

- Minha filha – Malaquias começa a dizer – você é minha neta. Sou o pai de Manaíra, sua mãe...

Jussara olha-o com profundo amor, toma-lhe a mão, que beija, e só consegue dizer, emocionada:

- Vovô! Vovô Malaquias! Deus do céu, que coisa boa saber que o senhor é meu avô, que é o pai de mamãe!

Ficam mudos por alguns segundos, as mãos juntas, os olhos amorosamente fixados na imagem de Nossa Senhora Aparecida, no altar.

Depois Jussara pergunta:

- É por quê nunca me disse isto antes, vovô?

- Deixei você ser criada pelo Coronel Raimundo Possidônio e por minha filha Manaíra. Eu não tinha condições de criar você, pois era pobre demais. Aliás, ainda sou. Fui empregado do Coronel, quando negociava com borracha, e ele me mandou embora, me acusando de roubo, coisa que nunca fiz, minha filha, juro por tudo que é mais sagrado!

Ficam alguns instantes calados. Jussara fica olhando os olhos tristes de Nossa Senhora Aparecida. Depois Malaquias volta a dizer:

- Fui trabalhar em Manaus, depois fui para Tefé, ganhei um pouquinho de dinheiro e comecei a vender produtos de roça, coisa que faço até hoje.

Ficam mais algum tempo em silêncio. Depois Jussara pergunta:

- E a Marta, vovô?

- Era também minha filha, nascida em Tefé. Foi casada com o Odorico Munhoz e sofreu muito com ele.



Jussara olha fixamente Malaquias, depois pergunta:

- "Seu" Odorico matou a Marta, não é, vovô?

- Matou a Marta e matou o Celestino. Acho que também matou o Antônio e tenho certeza que acaba matando você também.

- Mas nunca foi preso, vovô? Assassino desse jeito devia estar na cadeia!

- Matava e conseguia se safar, minha filha, dizendo que morreram de doença, inventava coisas, tinha amigos importantes.

- Deus do céu, vovô! E eu fui me meter com esse bandido!

- Quando soube que você vivia na fazenda do Odorico, fiquei preocupadíssimo. Agora você vem comigo pra Aroeira.

## CAPÍTULO 30

### A VIDA REFEITA

Jussara seguiu com Malaquias para a pequena Aroeira, pouco distante de Tefé, hospedando-se na casa humilde do avô e o ajudando a vender alguns produtos da roça. Mas não se sentia feliz, pois a ausência da mãe, Manaíra, e de Paina, trabalhando na fazenda de Odorico, a entristecia.

Até que, certo dia, o velho Malaquias, homem de muitas amizades na região, conseguiu mandar recados para Manaíra e Paina, para que viessem para Aroeira.

Os recados foram dados, mas antes que Paina, e a mãe de Jussara atendessem ao pedido, Malaquias descobriu que Odorico Munhoz voltara a Nazaré e andara se informando sobre o local do sítio onde Jussara se encontrava. E isto o deixava extremamente preocupado, pois conhecia o caráter violento e vingativo de Odorico que, certamente, não iria aceitar a fuga de Jussara.

Certo dia, efetivamente, Odorico apareceu na pequena propriedade de Malaquias, perguntando por Jussara.

Malaquias não teve mais dúvida da intenção violenta do fazendeiro. Apanhou a velha espingarda de caça e matou-o com um tiro certeiro. Depois apanhou o corpo, escondeu-o num carro-de-boi e foi até a margem do Solimões, onde, sem ser visto, lançou o corpo do assassino de sua filha Marta.

Voltou para casa e, impassível, juntou batatas, abobrinhas e outros produtos da pequena horta, auxiliado por Paina, que chegara de Nazaré, deixando Jussara extremamente feliz.

Dias mais tarde o corpo de Odorico Munhoz foi encontrado no rio Solimões e até hoje não se soube quem o matara.

Jussara, Manaíra, Painá e Malaquias vivem até hoje em Aroeira, felizes, como numa família tranqüila e amorosa.

De vez em quando vão a Nazaré e, para festejar o aniversário de Jussara, foram a Manaus, onde se divertiram muito na bela capital amazonense.

Vez e outra metem-se na floresta e vão rever os índios maruaques, na oca onde Jussara conheceu Tainá e foi acolhida generosamente.



## **INUNDAÇÃO**

No mês de outubro de 1954, por ocasião de uma conferência internacional realizada em Londres, o então presidente do Conselho de Ministros da França, Pierre Mendes France, confidenciou aos membros da delegação francesa que “o Presidente Charles de Gaulle é pela bomba atômica”.

Depois acrescentou, com entonação sigilosa e um certo orgulho subserviente:

“Ele tem razão”.

Tanta razão tinha Charles de Gaulle que, voltando ao poder em 1958, lançou, com vontade férrea, as bases que, em pouco tempo iriam transformar a França em terceira potência nuclear do mundo.

Seis anos após o retorno do general ao Palácio dos Campos Elíseos, um poderoso artefato atômico foi acoplado ao ventre de um avião Mirage-IV, integrante do esquadrão Goscogne colocado em estado de alerta nuclear, pronto para decolar em quinze minutos após a ordem do Chefe de Estado.

No dia 19 de julho de 1966, outro Mirage-IV decolou da base do Hao, na Polinésia Francesa, e largou no Pacífico, próximo ao Atol de Mururoa, uma bomba de 70 quilotons, três a quatro vezes a potência do petardo americano lançado sobre Hiroshima.

Esses fatos, públicos e notórios, já incorporados à história bélica do mundo, provavelmente não ocorreriam se o físico italiano Enrico Ferri não tivesse sido contratado, em 1942, pela Universidade de Chicago e não tivesse colaborado no “projeto Manhattan” e produzido a primeira reação nuclear em cadeia, de que resultou a construção da primeira pilha atômica de urânio e grafita, passo inicial para a sinistra invenção da bomba atômica.

Houve, efetivamente, Enrico Ferri, houve Hiroshima e Nagasaki, houve Charles de Gaulle, houve Giscard d’Estaing, em cujo período governamental, de 1974 a 1981, a política externa preconizada por de Gaulle e Georges Pompidou, baseando a defesa nacional numa força nuclear independente de dissuasão, que chamaram de “force de frappe”, foi mantida e ampliada.

A base técnica, científica e estratégica da “force de frappe” repousou, a partir de 1959, nas centrais nucleares francesas, simultaneamente com a decisão governamental de conceder prioridade à fabricação da bomba atômica e dos aviões Mirage-IV.

Na década de 60 a força nuclear francesa não parou de crescer. Aos Mirage-IV, que os franceses, com certo orgulho nacionalista, chamaram de “cães de guarda” da dissuasão, sucederam os mísseis, ocultos no plateau de Albion, na Haute Provence, e os submarinos nucleares lança-mísseis.



Na década de 70 já funcionavam na França as centrais de Marcoule, Chinon, Saint-Laurent des Eaux e Bugey, do tipo grafite-gás; a de Brennilis, do tipo água pesada; de Marcoule, do tipo supergerador; a de Chooz e Fessenheim e Bugey, do tipo água pressurizada, enquanto outras, de projeto e construção, transformariam os anos 70 na "belle-époque" da França atomizada.

Quando Valéry Giscard d'Estaing tomou posse, em maio de 1974, na presidência da República Francesa, a "force de frappe" preparou o país para uma retaliação maciça e apocalíptica no caso de um eventual e desatinado ataque inimigo. Tal não aconteceu, felizmente, graças ao bom senso que ainda preside, embora intermitentemente, as relações internacionais das grandes potências militares do mundo.

As visitas que d'Estaing realizou aos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental e Irã, bem como os esforços que promoveu, no plano externo, em prol da unificação européia, revelaram ao mundo a disposição francesa de consolidar também no plano internacional o prestígio militar que havia adquirido com sua política nuclear independente.

Nem tudo, no entanto, foi tranqüilo na execução da política internacional gaulesa. Seríssimos problemas encontraria o governo francês com os desdobramentos estratégicos da "force de frappe" e a proliferação nuclear em seu território. Problemas de rejeição, pelas centrais nucleares, da radioatividade e a produção de detritos radioativos, popularmente chamados de "lixo atômico", vieram causar desagradáveis aborrecimentos aos franceses e a seu governo. Ficou público, por exemplo, que uma central de mil megawatts produz anualmente de 60 a 100 toneladas de detritos francamente radioativos, além de cinco toneladas fortemente contaminadas.

Em 1975 a França produziu 5.400 metros cúbicos de lixo de pequena radioatividade, e 210 metros cúbicos com forte índice de contaminação.

Problemas de outro tipo, agora centrados no plano externo, afetariam a França, quando o país iniciou, em 1960, as primeiras experiências atômicas no campo de prova do Polígono Saariano de Reggan, na Argélia. Naquele campo detonou uma bomba por ano, até 1965, quando transferiu as experiências para os atóis de Mururoa e Fangataufa, no arquipélago de Tuamotu, a 1.200 quilômetros de Tahiti, a principal ilha da Polinésia Francesa.

Isto levou a jornalista Anne Isolda a escrever, na revista "Afrique-Asie" que "naqueles minúsculos territórios de nome exótico a França testou, após 1966, suas armas nucleares e realizou cada ano a explosão de uma bomba".

A reação mundial foi colérica e imediata, provocando o célebre incidente com o navio "Rainbow Warrior" no porto de Auckland, na Nova Zelândia, de que resultou a morte de um militante do movimento pacifista e ecológico "Greenpeace".

Apesar do incidente, Paris não interrompeu os testes no Pacífico Sul, argumentando que outras potências nucleares agiam da mesma forma, detonando bombas, sem se preocuparem com a reação contrária das populações locais.

"Os Estados Unidos – justificava o governo francês – realizaram 65 explosões nucleares nas ilhas Marschall e são responsáveis pelo desaparecimento de seis ilhas daquele arquipélago".

Também argumentavam os franceses que "ninguém se esqueceu ainda da explosão em Bikini, dia 1º de março de 1954, de quinze megatons da bomba termonuclear americana denominada "Bravo", que contaminou a população dos atóis de Rongelap e de Ailinginae, a 150 quilômetros a leste, e dos vinte e três marinheiros de um barco pesqueiro japonês, também afetados fisicamente pela radioatividade. Citaram-se igualmente as 460 experiências atmosféricas americanas e britânicas na região da Nova Zelândia, entre 1954 e 1961.

Em contra-ataque, americanos e ingleses responderam que haviam abandonado os testes atômicos por força do tratado de interdição de experiências nucleares na atmosfera, no espaço e sob as águas, em 1963, tratado que a França, Índia e China se recusaram assinar.

Tanto o Pentágono, como o Ministério da Defesa francês tentaram tranquilizar a opinião pública, notadamente do Pacífico, dizendo que os testes nucleares não comportavam risco.

"Se são inofensivos – retrucavam os pacifistas e ecologistas – por quê vão realizá-los tão longe, podendo fazê-los em Paris, Washington ou Londres?"

Nada, contudo, intimidou os franceses. Desconhecendo protestos, comícios, passeatas e abaixo-assinados com gloriosas assinaturas de artistas, escritores, celebridades e políticos de todo o mundo, a França prosseguiu com os testes na Polinésia, causadores de dramáticas mudanças meteorológicas na Oceania, causando chuvas intensíssimas e



inundações catastróficas, com mais de duzentas mortes, milhares de flagelados e prejuízos de muitos milhões de dólares.

- Fico imaginando o ódio surdo e impotente dos pescadores da Polinésia diante das explosões francesas! – comentou Arthur Pellman, diretor de um banco de Nova York, conversando com o calmo fabricante de cosméticos da Virginia, Paul Hendersen, lendo matéria internacional do “New York Times”.

- Li outro dia – respondeu Hendersen – que a França proibiu a pesca numa área imensa do arquipélago de Tuamotu.

Bebeu outro gole de uísque, que um garçom do Clube de Caça a Pesca de Nova York lhe trouxera, contemplou as pernas de uma deleitosa senhora, que cruzou o salão iluminado por ricos candelabros.

- Por falar nisso, Arthur, você decidiu participar da pescaria no Amazonas, em agosto? – perguntou o industrial, com o tom de voz já afetado pela bebida.

- Ainda estou pensando, Paul. Mas estou muito interessado na viagem. Só falta resolver alguns problemas familiares – respondeu o banqueiro, ainda com o jornal aberto.

Paul Handersen aproximou mais a poltrona do amigo e, baixando o tom de voz, quis saber:

- E o divórcio, como vai? Não vai atrapalhar a viagem?

- Está difícil, Paul. A Myriam continua resistindo, e acusa a Shirley de pivô da separação.

- Também essa sua secretária é um “estouro” de mulher – comentou Paul Henderson, que invejava o companheiro de pescarias.

Arthur Pellman dobrou o jornal e, voltando-se para o amigo, fez a confidência sigilosa:

- Quer saber de uma coisa, Paul? Estou cheio da Myriam, apesar de todo o dinheiro que possuí. Arrisco meu cargo no banco, mas não abro mão da Shirley! A vida é curta, caro amigo, e uma mulher como ela, numa cama, vale mais do que um assento na sala de reuniões do banco!

Paul sorveu outro gole. Depois sugeriu, solidário com o amigo:

- Por quê não leva a moça com você? Já imaginou pescaria melhor do que esta?

- Acha que não pensei nisto, seu bobo? Ela está entusiasmada com a viagem. Também é doida por pescaria e já andou lendo muita coisa sobre a região do Amazonas.

Neste exato instante, aproximaram-se dos dois, chegando do restaurante, um jovem de porte atlético, Frederic Farrow, herdeiro de grande fortuna amalhada em especulação imobiliária, e Edward Lacorte, dono de uma cadeia de lojas de roupa masculina em Nova York.

Paul e Arthur levantaram-se e os receberam com efusão. Depois que se cumprimentaram e tomaram assento num sofá, os recém-chegados, também integrantes do grupo com o projeto da pescaria amazônica, meteram-se na conversa.

Primeiro a falar foi Lacorte, ex-colega de Pellman na Universidade de Columbia:

- Então, grandes pescadores? Tudo certo com o "charter" amazonense?

Depois acrescentou:

- O grupo de caça já está completo.

- De minha parte, tudo certo e decidido – respondeu Paul Hendersen. Só o Arthur ainda não se decidiu inteiramente.

- Nos próximos dias darei resposta definitiva ao Michael, do "World Safari". Mas acho que será positiva – explicou Pellman, tocado pelo entusiasmo do grupo.

Foi quando Edward Lacorte quis saber, dirigindo-se a Paul Hendersen:

- Me diga uma coisa, Paul: teve informações sobre o clube de Manaus? Como se chama mesmo? Tem um nome esquisito.

Paul Hendersen, que era um homem muito organizado, apanhou do chão, encostada na poltrona que ocupava, uma pasta "Sansonite", abriu e dela retirou um "dossier" da agência de viagem que promovia o "charter" para o Brasil. Dentro estavam vários folhetos promocionais, que ele exibiu aos colegas, dizendo:

- Apanhei este material com o Michael, no "Word Safari". Dá todas as informações sobre a "Maloca International Hunting and Fishing Club", com sede em Manaus, associada ao "Word Safari Tours".

Os folhetos passaram de mão em mão. O clube brasileiro se instalara poucos meses antes nas proximidades de Manaus, e constava de diversas cabanas cônicas, no estilo das malocas indígenas, tendo ao centro uma grande construção também de madeira, que chamavam de "ocara", sede da organização, com bar, restaurante, salão de jogos e de estar. Os alojamentos eram dotados de quarto, banheiro e sala de estar, com ar condicionado e agradável decoração.



O clube, instalado à margem de um tributário do Rio Negro, também possuía veículos, lanchas e equipamentos completos de caça e pesca, além de guias e serviços de assessoria e segurança.

O material, que os quatro amigos examinavam com visível interesse, explicava que a temporada, de dez a trinta dias, incluía passeios ao rio e na selva, explorando a paisagem amazônica, além de visitas a parques nacionais e atrativos que faziam parte do “out-door recreation”, como exibição de danças, torneios folclóricos, exibição de filmes e programação social na oca central e em locais de Manus.

Lacorte, que examinava atentamente os folhetos, dirigiu-se aos colegas, que o escutavam com divertido interesse:

- Atenção, senhores pescadores! Ouçam o que diz este folheto.

E começou a ler:

- “A bacia fluvial amazônica, de acordo com o que escreveu José Veríssimo no livro “A Pesca na Amazônia”, a mais vasta e a mais caudalosa do mundo, é também a mais rica em peixes de infinita variedade. Louis Agassiz, que estudou a fauna ictiológica, encontrou aí nada menos de 1.800 espécies, mais que as então conhecidas da bacia do Oceano Atlântico, o dobro do Mediterrâneo, larga e profundamente estudadas, dez vezes tantas quanto conhecia Lineu no mundo inteiro, cerca de um século antes”.

- My God! – exclamou Farrow, eufórico. – É peixe que não acaba mais!

- Pesco a metade de tudo isso! – estrugiu Pellman, com seu vozeirão de acordar quarteirão.

- O problema – comentou Lacorte – é trazer tanto peixe para os “States”.

- Agora prestem atenção, senhores caçadores – advertiu Lacorte, com o folheto na mão. E recomeçou a ler:

- “Com relação à fauna animal silvestre, sabe-se que Natterer colecionou no Brasil 1.179 exemplares de mamíferos e 12.293 de aves. Os trabalhos científicos de Wallace e Henry calculam em cerca de 300 as espécies distintas de mamíferos e 2.000 de aves”.

Interrompeu a leitura para examinar a expressão entusiástica dos aficionados da caça, antecipando no espírito a excitação de grandes caçadas na Amazônia. Depois prosseguiu:

- “Se, comparativamente ao continente africano, o Brasil perde em quantidade e, principalmente, em volume de caça animal, com relação às aves, no entanto, ganha com grande diferença”.

- Fantastic! – exclamou Frederic Farrow, especialista em caça às aves, com medalhas e troféus conquistados em competições nos Estados Unidos e outros países. – Pensei em levar ao Brasil somente minha espingarda Greener, que comprei ano passado em Londres. Mas, diante desta variedade de caça, de todo tipo e tamanho, levo também meu Westley Richards, calibre 375.

Voltou-se para Lacorte e pediu:

- Continue, continue, caro amigo!

- A revista “Realidade” – prosseguiu Lacorte – publicou, em 1971, uma impressionante reportagem, na qual calculou em 500.000 o número de jacarés mortos em 1970 na Amazônia, além de 30.000 onças e 370 gatos menores, dizimados na caça profissional e clandestina”.

- Clandestina?! – interrompeu Pellman, meio preocupado. Não haverá problema conosco, no Brasil?

- De forma alguma – explicou Lacorte. – Desceremos no Brasil como amadores e turistas, e o local para onde vamos não está interditado à caça e pesca. Pelo menos é o que diz o folheto do clube Maloca, e o que informou Henry Smith, da “World Saffari”. Quando a isto, podemos ficar tranqüilos.

Depois indagou:

- Queremos ouvir o resto, ou já se chatearam bastante?

- Go ahead – pediu Hendersen, com a voz já uma pouco afetada pelo uísque. – Continue, continue! Gosto de me informar sobre a região onde vou passar férias. Go on, please!

Então lá vai mais – disse Lacorte, virando a página do folheto.

- “Pierre Mori, industrial da caça na Amazônia, afirma que o Brasil tem entre 70% e 80% do comércio mundial de peles silvestres do tipo luxo: felinos, lontras, ariranhas e cobras. Calcula o conhecido caçador suíço...

- Conheci monsieur Mori no Quênia – interrompeu Farrow. Sujeito fabuloso, ex-campeão mundial de caça silvestre.

- ... que 10.000 homens vivem da caça no baixo e médio Xingu, Tocantins e Tapajós, de que resultou, segundo ele, esta estatística impressionante: 50.000 peles de gato maracajá; 100.000 de pintadas; 16.000 de peludos; 6.000 onças, além do contrabando e as peles perdidas, com um total de 400.000 mortos”.



- Além dos 10.000 que Farrow vai dizimar, com seu poderoso arsenal bélico – brincou Pellman.

- Só 10.000? - acrescentou Farrow, cioso da fama granjeada em três continentes. – Muito mais do que isto!

- My God! – bradou Hendersen, impressionado. – O homem é uma fera! Vou acabar, gente. Escutem só: “O Estado do Amazonas exportou, em 1970, 408.975 peles de caítilus; 127.505 de queixadas e mais umas 175.000 entre veados e capivaras. Ao todo, mais de 700.000 animais”.

- E vai sobrar algum para nós? – perguntou Frederic Farrow, entre sério e galhofeiro.

- Estes são números que atestam a fauna prodigiosa da região amazônica – prosseguiu Lacorte, sorridente. – Fauna que transforma a Amazônia no paraíso de pescadores e caçadores de todo o mundo. Um paraíso fascinante que a “Maloca Internacional” coloca à disposição dos aficionados de todo o mundo.

A nomeação, em setembro de 1970, de André Giraud para o cargo de Administrador Geral Delegado do Commissariado para a Energia Atômica da França, deu início a uma completa e revolucionária reestruturação do órgão que, naquele país, financia, coordena a executa a política nuclear, civil e militar, além da pesquisa, proteção e segurança, aplicações industriais e programas de interesse geral.

Apesar das restrições e processos de privatização que Monsieur Giraud imprimiu à entidade, o Commissariado continuou sendo, na década de 70, uma organização importantíssima, em torno da qual se construiu o ciclo francês dos combustíveis nucleares e se aprofundou a pesquisa fundamental aplicada ao aperfeiçoamento dos reatores existentes e a preparação para a construção dos reatores futuros.

No domínio das aplicações militares, o papel da C. E.A. francesa é de grande relevância. Os 6.600 empregados da organização, no ramo militar, foram distribuídos para os centros de Bruyères-le-Chatel, Limeil, Le Ripault, o Centro de Estudos de Aquitânia, em Valduc e Vaujours.

Naqueles centros, o Commissariado dedicou-se a pesquisas e fabricação de armas nucleares, à sua produção em série e, finalmente, aos testes realizados na Polinésia francesa.

“Le Monde”, o mais prestigioso jornal francês, em detalhada reportagem publicada em 1975, conseguiu a proeza de romper a barreira fechada do sigilo que vinha cercando a

atividade do órgão, revelando a nova estrutura da organização, a multiplicidade das filiais criadas, sua interligação técnica, administrativa e operacional, além, finalmente, de seus vínculos com 52 sociedades privadas da França. Canadá, Austrália, Nigéria, Gabão e outras nações.

Entre os programas de armamento nuclear, desenvolvidos pelo Comissariado, destacava-se o armamento tático do exército de terra (sistema de arma Plutão, e do exército de ar, bomba aerotransportada).

O que, na verdade, desde o início da década de 70 vinha preocupando seriamente o governo dos Estados Unidos era a notória superioridade francesa na construção e funcionamento das usinas de reutilização dos combustíveis irradiados e a construção dos superegeneradores.

A preocupação central dos americanos residia no fato de que as usinas de reprocessamento dos combustíveis irradiados eram braços vitais das centrais nucleares clássicas, recuperando um produto fundamental no universo nuclear, o plutônio. Sabia-se internacionalmente que o país que possuísse o plutônio estaria em condições de fabricar a bomba atômica. E isto apavorava os americanos que tentaram de toda forma proibir a venda de usinas desse tipo, conseguindo a anulação de contratos de venda efetuados pela França com os governos da Coreia do Sul e do Paquistão.

A proeza tecnológica da França, construindo em fins da década de 60 um superregenerador de 250 megawatts, o Phénix, aumentou a controvérsia e os conflitos, no campo nuclear, com o governo americano.

O centro da resistência dos Estados Unidos à exportação das usinas nucleares francesas e de outros países, como a Alemanha e Inglaterra, residia, naturalmente, no jogo acirrado de competição comercial e estratégica.

No início da conquista nuclear, o urânio, como se sabe, era o combustível vital das centrais, da mesma forma que o carvão e o óleo o foram nas centrais térmicas e clássicas. O urânio enriqueceu os principais países produtores, como a África do Sul, o Canadá, os Estados Unidos, a Austrália, Tchecoslováquia e União Soviética.

Com o teor do mineral em urânio era muito fraco ( de 0,1 a 0,5 por 100), foi necessário proceder à sua concentração antes de transportado para as usinas de refinação.

Mas o enriquecimento do urânio não era absolutamente necessário, explicaram os cientistas, provando que uma central pode funcionar com o urânio natural, como no caso das "feiras" de grafite-gás e à água-pesada.



Para a tecnologia de água leve, utilizada na França e em vários outros países, tornou-se indispensável o processo de enriquecimento, isto porque, como se sabe, o urânio natural é composto de dois isótopos: urânio 235, que é fissil, isto é, pode ser dividido em dois ou três segmentos com uma liberação de energia, e o urânio 238, que é indivisível.

Numa central comum, somente o urânio 235 é utilizado, entrando com 0,7 em 100 gramas de produto natural. O restante, 99,3 gramas, pertence ao urânio 238.

Tornou-se, conseqüentemente, indispensável modificar esta proporção para a fabricação de um combustível útil. Este o papel do enriquecimento que levou a proporção de urânio 235 para 3% de uso civil, e a mais de 90% para uso militar (fabricação da bomba A).

Em Pierrelatte, centro de uso militar, chegou-se ao enriquecimento de 95%. O método químico, descoberto na França, permitiu enriquecer o urânio a custo industrial conveniente, somente a 3%, evitando a proliferação para uso militar.

A imprensa francesa, traduzindo o ponto de vista tanto de autoridades e chefes militares, como a opinião pública, revelou que, do lado francês e europeu, a pressão americana pelo controle do ciclo do combustível nuclear e da proliferação de armas atômicas era apenas um pretexto para a desmobilização da indústria nuclear francesa, alemã ou japonesa. No fundo, o que prevalecia era um duro jogo de interesse comercial, de competição política.

A França resistiu, com bravura e espírito nacionalista e independência política e industrial, prosseguindo com firmeza o programa nuclear até alcançar posição privilegiada no domínio e utilização do plutônio.

O orgulho francês exprimia-se cada vez mais no domínio nuclear, que o país adquiriu por seus próprios esforços e recursos, a partir da ousada determinação do general de Gaulle. Graças á determinação e ao espírito de firme independência e soberania, a França, em pouco tempo assumiu o terceiro lugar como potência nuclear.

“Nenhum lugar é demasiado longe, nem demasiado perto, para o exercício da missão. Todos os grupos de cristãos existentes no mundo estão hoje cercados por povos que negam ou desconhecem a mensagem de Cristo. Esses grupos de cristãos, que constituem a Igreja enviada por Deus, têm uma responsabilidade imediata perante eles. Mas porque a Igreja representa o Cristo cósmico, Rei dos Reis e Salvador de toda a humanidade, a responsabilidade desses grupos de cristãos não está limitada à sua situação imediata. A

ordem "Ide" requer da Igreja que exercite a sua missão tanto na área afetiva onde já está estabelecida, como naquelas onde ainda não está.

Este trecho do livro "Protestantismo", de J. Leslie Dunstan, estava sendo atentamente lido por Sister Maude Davidson, em seu alojamento da Universidade de Loma Linda, na Califórnia, onde lecionava.

Sister Maude era uma pessoa solitária e refletida, deixando ver no rosto precocemente envelhecido uma melancolia quase aflita, reveladora de sofrimento íntimo e secreto.

A religiosa ainda hesitava em partir para a missão na Amazônia da Igreja Adventista do Sétimo Dia, fundada por Ellen G. White. Viúva, sem filhos, Maude Davidson formara-se em Medicina, na mesma universidade onde lecionava Pediatria há alguns anos.

Participara da missão de assistência médica na Nigéria, realizada em 1975, ano em que 1.062 adventistas foram enviados em missões evangélicas, médicas e assistenciais em várias partes do mundo.

A indecisão em partir para o Brasil preocupava particularmente Dorothy Spencer, sua aluna em Loma Linda, uma religiosa entusiasmada com o projeto de viagem e permanência na missão instalada dez anos antes em Codajás, á margem do rio Solimões.

Dorothy vinha, há algum tempo tentando influenciar a amiga e mestra para integrar o grupo missionário que, proximamente, viajaria para a região amazônica. Aliás, não só ela, como igualmente o Pastor Bernard Stewart, que iria chefiar a missão no Brasil e conduzir o grupo adventista integrado por médicos, sanitaristas, pedagogos e evangelizadores, alguns com experiência em missões semelhantes na Ásia, África e Oceania.

Aquela, contudo, não seria a primeira viagem ao Brasil do Pastor Stewart, que já residira três anos em Codajás. Falando fluentemente o português e a língua dos indígenas da região, o Pastor tinha destacadas qualidades de liderança e irretorquível autoridade naquele universo polêmico e primitivo.

Considerava que o objetivo das missões no exterior "era um dever de cristianização da cultura, da civilização e da moral de todas as nações".

Nas pregações que fazia no templo de Loma Linda, ouvidas com respeitoso silêncio, repetia as palavras de Dunstan, de que "a guerra deve ceder lugar á indústria como interesse dominante dos povos selvagens; que a educação deve encarregar-se dos jovens, para que a influência cristã pudesse desde cedo moldar seu caráter e consciência; que os preconceitos



e a hostilidade devem ser superados pela filantropia, as benesses do Evangelho, preparando o favorável acolhimento de suas bênçãos”.

Durante semanas mantivera os missionários selecionados para a viagem ao Brasil em retiro espiritual, conferências e discussões teológicas e práticas, preparando-os para as duras tarefas que iriam enfrentar na escaldante região amazônica.

Numa das reuniões, discutiu-se a hostilidade que as missões encontram comumente no Brasil. O Pastor citou a acusação reiterativa que historiadores, políticos e grupos nacionalistas faziam tradicionalmente contra o que chamavam de “dominação imperialista das nações desenvolvidas sobre os pobres e subdesenvolvidos, servindo-se das religiões como instrumento para seus desígnios”.

Stewart chegou a citar um compatriota, o escrito Theodor Dreiser, em cujo livro “A América Trágica” fizera denúncias sobre a ligação do capitalismo com a religião difundida nos países pobres, escrevendo, à certa altura:

“Os donativos de Rockefeller eram feitos com a idéia de retorno material para a Standard Oil, sua empresa, porque, como Rockefeller mesmo explicava, “se derdes alguma coisa, vossos dividendos de Salvação aumentarão”. Em todo o caso, como revelam suas diversas declarações públicas, não conhecia somente o valor da religião como um bálsamo para os males econômicos, mas também o valor dos missionários para o comércio exterior. “De fato – disse Dreiser – tenho lido artigos de publicações como a “Review of Review”, a “Literary Digest” e outras que mostram como os tambores do petróleo seguem o missionário”.

- Vocês ouvirão certamente – prevenia Bernard Stewart – outras acusações contra nossa presença no Brasil. Ouvirão dizer que nossa atividade evangélica na Amazônia oculta práticas ilegais de pesquisa, exploração e contrabando de ouro, diamante, pedras preciosas e minerais raros.

Erguendo um pouco a voz, na qual se percebia um timbre ligeiramente sarcástico, o Pastor Stewart exclamou:

- E até de petróleo!

Depois continuou:

- Por coincidência, geólogos brasileiros e americanos, contratados pelo governo brasileiro, pesquisam petróleo e gás em regiões não muito distantes de nossa missão.

- Coincidência perigosa – comentou Dorothy Spencer, também com divertida ironia.

- Será que irão dizer que estamos espionando o trabalho daqueles geólogos e engenheiros?

- Em toda parte existe este tipo de preconceito contra nossas missões – prosseguiu o Pastor evangélico. – É a pecha do “imperialismo dominador” que acompanhou os ingleses no século passado, e agora persegue os americanos, neste século. São tolices absurdas, que sepultaremos no ridículo, dando exemplo de devotamento à população desamparada e analfabeta.

Antes de concluir, Stewart advertiu:

- Estes, no entanto, são problemas secundários, caros irmãos. Nossa missão evangélica, assistencial e educacional transcende esta campanha tola e injusta. Em primeiro lugar, com absoluta prioridade, existe nossa atividade missionária que iremos exercer na selva amazônica.

Nesse instante, William Stone, um educador de meia-idade, recém-egresso na seita protestante, perguntou com certa impaciência.

- E para quando é a partida, Pastor Stewart! Já se tem uma data?

- No máximo em duas semanas – garantiu o líder religioso. – Falta somente chegar o numerário de São Francisco. O embarque será feito em Los Angeles, em voo regular para a América do Sul. Em Bogotá trocaremos o “Boeing” por um DC-3 que nos levará a Letícia. E lá, na fronteira com o Brasil, embarcaremos num barco, que chamam de “gaiola”, no qual desceremos o rio Solimões até Codajás. Viagem longa, irmão. E devo alertar a você e a todos os outros: não esperem conforto. Nossa missão é de sacrifício, em região de calor escaldante e muito primitivismo. Mas teremos compensações espirituais e a contemplação de paisagens telúricas de beleza arrebatadora.

E concluiu:

- Não se esqueçam nunca de que Cristo sofreu muito mais.

O navio brasileiro “Rosa da Fonseca”, em viagem turística pelo litoral, atracou no porto de Salvador numa manhã ensolarada.

Fretado por agência de viagem sediada em São Paulo, o transatlântico transportava quase duas centenas de passageiros embarcados nos portos de Santos e Rio de Janeiro. Era um barco moderno e elegante, em itinerário que incluía Salvador, Recife, Fortaleza, São Luiz, Belém do Pará e Manaus.

Até Salvador a viagem transcorreria em clima de festa, com danças, filmes, banhos de piscina e outros entretenimentos. Para todos, contudo, a verdadeira festa seria a escala na capital da Bahia com duração de três dias movimentadíssimos.



Entre os passageiros do barco turístico havia gente de várias profissões e classes sociais. A grande maioria, contudo, era da classe média, atraída pelo pagamento da viagem em dez prestações. Exatamente a parte mais festiva e animada daquela humanidade em férias e afastamento dos problemas e agruras de uma vida difícil, mal remunerada e agitada por escândalos, violência, corrupção e falta de perspectivas de trabalho para as novas gerações. Salvador era, exatamente, o recanto ideal para um tipo de terapia física e mental marcada pela excitação e a euforia, pois era prática em atrações turísticas variadas e exóticas.

Para iniciar a programação diversificada, grupos de dançarinos, cantores, musicistas e participantes de capoeira e ritmos locais, receberam ruidosamente os passageiros do "Rosa da Fonseca". Depois os guias da agência de viagem iniciaram a programação habitual, documentada por câmeras fotográficas, atentas àquele povo trepidante e miscigenado. Conhecer a Bahia era o sonho de incontáveis brasileiros e muitos turistas estrangeiros.

Entre os brasileiros destacava-se um casal em lua-de-mel, Elza e Osvaldo Pereira, ela do interior de Minas, ele nascido em Campos, no Estado do Rio. Muito jovens, também se entregaram ao ritual dos recém-casados, chamando a atenção pelo comportamento amoroso, que exprimiam através de beijos e carícias intermináveis.

Elza, com pouco mais de vinte anos, era lindíssima, os longos cabelos alourados, olhos azuis, o semblante de grande doçura e o corpo de proporções perfeitas. Osvaldo, formado em arquitetura, trabalhava no Rio e conhecera Elza em viagem a Belo Horizonte, onde ela residia com a família. Era a primeira vez que os dois visitavam a Bahia. Faziam-no com um deslumbramento efusivo e contagioso, fotografando, tudo o que viam com olhos excitados.

O roteiro, elaborado pela agência de viagem incluía, evidentemente, uma visita a terreiro de candomblé, definido por Edison Carneiro como resumo de várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo".

Depois Edison Carneiro passa a descrever o recinto do ritual afro-brasileiro:

"Há sempre um pequeno altar com imagens e registros católicos na sala das festas, mas os seres que vêm do terreiro são legítimos deuses africanos, o deus do ferro Ògún, o deus da caça Òxósse, o deus das tempestades Xangô; são personificações das tribos naturais do país, com a Tupinambá; são figuras fantásticas, que ora divinizam as árvores, como

Lôko e Juremeiro, ora idealizam uma profissão, como o boiadeiro; são antepassados comuns, que se singularizam no favor dos deuses, como os égúns. Assim se realiza a comunhão dos seres humanos com os deuses e com os ancestrais. Não se trata de uma vaga comunhão espiritual simbólica e remota, como no catolicismo, nem de uma simples ligação passageira e acidental com os mortos, como no espiritismo”.

A agência de turismo, como de outras vezes, transportou em ônibus inúmeros passageiros do “Rosa da Fonseca” ao terreiro do Jesuíno, na Vila América, instalado num barracão, no alto de uma colina, que se alcançava por uma escadaria de cimento.

O salão tinha uma coluna no centro, bancos ao redor e, na cumieira, o símbolo ou fetiche do “santo” Padroeiro da casa. À noite, uma noite quente e estrelada, o salão do Jesuíno estava abarrotado, com boa parte dos passageiros do navio, atentos à cerimônia mágica e ruidosa, protagonizada por “pais”, “mães-de-santo”, “filhas” e “ogãs”, além de ritmistas de atabaques, pandeiros, cabaças, agogôs e outros instrumentos da liturgia baiana, como o ru, rumpi e o lê.

No meio dos visitantes, Elza e Osvaldo acompanhavam, graves e compenetrados, o espetáculo, iniciado pouco antes com toques especiais dos atabaques, “conclamando as “filhas” e “filhos-de-santo” para os primeiros atos no salão”.

A cerimônia prosseguia com as “filhas-de-santo”, vestidas como as clássicas baianas, com suas saias de roda e uma toalha de pano de costa, ou xale, no ombro. Foram colocar-se em círculo, em torno de uma garrafa de azeite de dendê, um prato com farofa e um pouco de cachaça.

Fez-se, então, um “despacho” (“padê”) de Exu, a quem se pedia licença para realizar a cerimônia, que ele poderia perturbar, se não fosse homenageado. Os atabaques vibraram com mais intensidade, enquanto as “filhas”, em coro, entoavam cânticos para Exu.

Uma delas, a mais velha, chamada de “sidagã”, foi dançar em volta da comida sagrada. Em seguida, recolhendo um pouco de azeite, farofa e um gole de cachaça, foi atirá-los à entrada do barracão, para que “o homem da rua possa receber”.

O espanto dos espectadores cresceu quando, subitamente, a “filha-de-santo”, servidora de Ôgún, a quem servia de “cavalo”, ou veículo, para comunicar-se com os mortais, começou a contorcer-se, andando como bêbada de um lado para outro, até que, vencida pelo orixá, transfigurou-se, em transe, com os olhos desmesuradamente abertos.

Sentindo-se possuída pelo deus fetichista, a “filha-de-santo” tomou nos braços uma criança franzina, que atirou para o alto e amparou, diante do assombro dos



visitantes. Soprou-lhe, em seguida, a barriga, os ouvidos, e começou a entoar “sotaques”, alusões desagradáveis aos desafetos.

Enquanto isto, dançando em torno da servidora de Ôgún, as “filhas-de-santo”, movimentando a cabeça, pernas e braços, entoavam nostálgicos e monocórdios cânticos a Iemanjá e Yansan.

“De repente – escreve Darwin Brandão – uma das “filhas” cai em transe e, com os olhos fechados, começa a andar estonteada pelo salão, os dentes cerrados, feições completamente aterradas. Foi o orixá que “baixara”. Naquele exato instante, surgiu no salão uma auxiliar para amparar-lhe a cabeça, procurando acalmá-la, apertando-lhe uma toalha na barriga.

“A “filha-de-santo” imobilizou-se, de pé, como sonâmbula, o corpo indo lentamente para a frente e voltando ao mesmo lugar, os braços distendidos verticalmente. Daí em diante a cena litúrgica tornou-se mais animada. Os atabaques modificaram o ritmo, festejando a chegada dos orixás”.

O instante mais impressionante e, por isso mesmo, inesperado, aconteceu com a chegada de Jesuíno, um negro alto e magro, a carapinha branca, metido num traje azul e acetinado, simbolizando a figura sagrada do deus de ferro, Ôgún. Carregava na mão, as “ferramentas”: um feixe de pequenos instrumentos de lavoura, machado, foice, enxada, pá, picareta, etc. Na outra mão trazia, reluzente e ameaçadora, a espada guerreira.

Brandindo a espada, Jesuíno, de um salto, ganhou o centro da roda, entregue a uma coreografia frenética, eletrizando a festa, enquanto “mães”, “pais” e “filha-de-santo” submetiam-se passivamente a seu poder.

Perito na dança e na luta guerreira, o negro percorreu o recinto debaixo do ruído ensurdecedor dos atabaques, dançando com agilidade e rapidez.

A festa chegou ao clímax quando um bode foi trazido ao centro do salão. O animal, muito assustado, berrava, tentando libertar-se. Efetivamente, instantes depois foi solto. Antes, contudo, que escapasse, o animal teve a cabeça decepada pelo golpe fulminante da espada que Jesuíno brandia.

A cabeça do animal voou e foi cair justamente aos pés de Elza e Osvaldo, espargindo sangue na saia branca que a moça vestia. Apesar do susto e do enorme assombro que se apossara do casal, Elza e Osvaldo permaneceram imóveis, fixando no negro um olhar assustado e respeitoso. Jesuíno aproximou-se dos dois jovens, inclinou-se diante deles, como se pedisse desculpas, mas nada disse. Afastou-se, imponente,

caminhando lentamente, até desaparecer por trás de uma cortina vermelha que separava o salão de um pequeno compartimento repleto de imagens e instrumentos do candomblé.

A cerimônia, no entanto, prosseguia com as sacerdotisas, possuídas por seus “santos”, voltando ao centro da roda, saudadas com cânticos e batidas especiais da percussão.

“Cada qual com sua insígnia, formava um desfile magnífico e colorido. Yansan dançava devagar, como que tendo um filho nos braços. Xangô, que era violento, às vezes dava pulos e berros impressionantes. Janaína, vaidosa e ciumenta, dançava com a mão diante do rosto, como se olhasse num espelho invisível, ajeitando os cabelos, penteando-se. Ela, com seus encantos de sereia, podia vingar-se dos saveiristas, levando-os para seu palácio de ouro e marfim, no fundo do mar, de onde nunca mais voltariam. Oxossi, deus da caça, dançava com gestos de caçador, de arco e flecha”.

Com a dança dos orixás, a festa do candomblé chegava ao fim. Os visitantes começaram a ser retirar. Elza, pálida, assustada com o incidente que lhe manchara a roupa com o sangue do animal, saiu abraçada ao marido, que procurava consolá-la:

- Amanhã te compro uma roupa nova, amor – prometeu Osvaldo, com um beijo, à mulher, que observava o prejuízo que o candomblé lhe dera.

- Se lavar bem, as manchas desaparecem – opinou Elza, preocupada com o alto preço das roupas que observara na Rua Chile.

Osvaldo adquiriu uma expressão pensativa e grave. Depois comentou, como se tivesse uma intuição, qualquer coisa que os ameaçava:

- Não, não, Elzinha! Você não torna a vestir esta roupa.

- Que bobagem, amor! Roupa suja a gente lava e torna a vestir.

- Esta não, meu bem. Esta você não usa mais. Vai ser jogada fora.

Quando acabaram de descer a escadaria, na madrugada suburbana, um velho, a cabeça branca, o rosto riscado intensamente pelas rugas, aproximou-se dos dois e ofereceu um fetiche:

- Compre, moça, compre esta lembrança do Jesuíno.

- É seu parente? – perguntou a moça, observando a semelhança do negro com Jesuíno.

- É meu filho, dona – respondeu o velho, com o fetiche estendido.

- Leve a lembrança da Bahia. É baratinho.



A imagem era de ferro esculpido, representando Exu, ou Êlégbára, armado com sete espadas, também de metal, simbolizando os sete caminhos de seus domínios.

O casal não conhecia o caráter malfazejo do orixá, dono de forças ocultas do mal. Compraram o fetiche, que Osvaldo guardou numa bolsa de couro, comprada, pela manhã, no Mercado modelo.

A França é o único e derradeiro país europeu a manter territórios no Pacífico Sul. Suas possessões – Nova Caledônia, Polinésia, Wallis, Fútuia e Mururoa, eram os remanescentes de um império que, em 1939, se compunha de trinta ilhas e regiões, espalhadas por todos os continentes, inclusive a América do Sul.

Além da França, somente os Estados Unidos detinham possessões naquela região da Oceania, dominadas pelo poderio econômico e militar da Austrália e Nova Zelândia, as duas mais combativas nações que se antepunham à militarização da região e lutavam pela descolonização dos territórios franceses e, principalmente, pelo fim dos testes nucleares.

Os franceses, contudo, rejeitavam sistematicamente os apelos e as pressões daqueles e outros países, como os Estados Unidos e a União Soviética. Sua argumentação era imutável: “tanto Mururoa e a Guiana são imprescindíveis para manter nosso nível tecnológico e a defesa independente do país”.

Nas intermináveis discussões em torno das colônias francesas do Pacífico, citava-se frequentemente o caso de Somoa, Nauru, as ilhas Fidji e o reino de Tonga, Nova Guiné e outros territórios desmembrados da Grã-Bretanha, mas ainda fazendo parte da Commonwealth.

Por toda parte, no imenso arquipélago da Oceania, a bomba atômica era uma presença odiada e sinistra. Hiroshima, Bikini, Maralinga, Monte Bello, na Austrália, eram lembranças traumáticas do passado, como Mururoa no presente.

Vista de longe, ou do alto, Mururoa não difere de milhares de outras ilhas do Pacífico Sul.

Medindo, de circunferência, apenas 63 quilômetros, com belas praias batidas pelo forte sol tropical, o atol abrigava uma comunidade de aproximadamente três mil técnicos nucleares, contratados pelo Comissariado Para a Energia Atômica e integrantes do “Centre d’Expérimentation du Pacifique” (C.E.P.).

Sob os coqueiros, técnicos, engenheiros nucleares e eletrônicos, ou funcionários administrativos, poderiam facilmente ser confundidos com turistas atraídos pela beleza paradisíaca daquelas ilhotas que Gaughin pintou com genialidade e paixão.

Com as camisetas ao vento, os "shorts", que também lhes serviam de calção de banho, os franceses tostavam-se ao sol, divertiam-se jogando peteca, bebendo em bares e biroskas à beira-mar, praticando tênis, futebol e vôlei, ou simplesmente descansando no interior dos bangalôs, como se estivessem em preguiçosa vilegiatura num clube à beira-mar.

Um pouco retirados dos colegas, numa praia próxima do setor residencial do Centro, Michel e Denise Artaud, sentados na areia da praia, não aparentavam tranqüilidade, ou harmoniosa convivência. Discutiam em voz baixa e irritada. E, como de outras vezes, o motivo era a prolongada permanência no distante recanto do Pacífico.

Casados há dez anos, Michel e Denise pesaram os prós e contras quando um contrato vantajoso e muito bem remunerado lhes foi apresentado pela direção do Comissariado: uma temporada de trabalho no C.E.P. por um período máximo de doze meses. Doze meses prolongados para mais um ano, contrariando os planos de Denise, impaciente pelo regresso a Paris.

Michel Artaud formara-se em Física nuclear na Universidade de Paria, onde nascera e conhecera a bela desenhista de moda Denise Gaston.

Homem de 45 anos de idade, trabalhara durante algum tempo na central nuclear de Chinon, e lá granjeara prestígio e uma reputação de excelente técnico nuclear, motivo pelo qual fora contratado, com um salário bem maior do que recebia na França continental.

Quando faltavam trinta dias para o término do novo contrato, Michel interessou-se por novo período de um ano, e isto deixou Denise extremamente contrariada. O conflito instalou-se na intimidade do casal. Em pouco tempo toda a comunidade ficou sabendo que uma séria e áspera discordância afetara a família Artaud, composta do casal e dois filhos menores, matriculados em escola de Papeete.

Naquele domingo, na praia, a discussão que outra vez, os atormentou, aos poucos adquiriu tons dramáticos e definitivos. Denise, a certa altura, anunciou que, se o contrato fosse prorrogado, voltaria a Paria com os filhos. Se Michel não concordasse, pediria divórcio.

E desabafou, com uma irritação que chegou a espantar o cientista:

- Não agüento mais este lugar, Michel! Não agüento! Estou ficando neurótica nesta solidão, neste fim-de-mundo! No próximo mês volto a Paris de qualquer maneira, com você ou sem você!

Michel tentou convencer a mulher das vantagens do novo contrato, e acrescentou:



- Com o salário que o Comissariado me ofereceu, e com as economias que fizemos em Mururoa, poderemos comprar a casa de Versailles, que você sonha há tanto tempo!

- Não confio mais, Michel! Daqui a um ano, vem novo contrato...

- A diretoria concordou em me conceder sessenta dias de férias em Paris...

- Depois voltamos para este inferno! Não, meu caro, de forma alguma! Se você insistir, volta sozinho depois das férias!

Levantou-se, transtornada. Antes de voltar ao bangalô, ainda disse:

- Estamos entendidos, Michel! Se você assinar o novo contrato, volta sozinho para este inferno! Ou isto, ou o divórcio!

E se afastou, apressadamente. Michel, o semblante sombrio, ficou-a pensativo, cabisbaixo.

Michel Artaut pertencia a um grupo extremamente restrito de franceses e cientistas que acompanhavam a fabricação, em Peirrelatte, de uma bomba termonuclear de megatons desconhecidos, de enorme potência. O petardo seria testado no Pacífico e encerraria o ciclo atmosférico que provocara tanta polêmica no mundo inteiro. E, pela primeira vez, seria lançado de avião, e não mais de balão.

Em torno do artefato nuclear circulavam, sigilosamente, informações técnicas que deixavam técnicos e cientistas alvoroçados e cheios de uma expectativa quase temerosa. Sabia-se, por exemplo, que sua fabricação centralizava grandes recursos, homens e organizações ligadas à "Force Nucléaire Strategique", sediada no campo de prova de Landes, a sudoeste da França e a pouca distância de Bordeaux.

Sabia-se, inclusive, que a nova e poderosíssima bomba seria transportada ao Pacífico pelo Mirage-IV, decolando da base de Mont-de-Marsan e, horas mais tarde, aterrissando na base de Papeete, noTahiti.

Essas eram informações que provinham da França e traziam uma movimentação invulgar no atol de Mururoa. O casal Artaut, como centenas de outros, também instalados na Polinésia francesa, sofria os efeitos dessa expectativa já radicada em seus hábitos, mas agora acrescida consideravelmente pelas informações que a distância da França continental ampliava com força inusitada.

O drama de Michel Artaud, era, provavelmente, maior do que o de seus colegas: entrara em rota de colisão com Denise, que se opunha firmemente à renovação do contrato e, com ele, a continuação da permanência no Pacífico. O drama conjugal juntava-se aos

preparativos do novo teste atômico, sempre dotado de expectativas preocupantes. Isto deixava o cientista triste e abalado.

No dia 12 de agosto de 1976 dois aviões preparavam-se para decolar de aeroportos civis dos Estados Unidos. O primeiro, em vôo fretado, partiria do Aeroporto John Kennedy de Nova York, com destino a Manaus, conduzindo um grupo de empresários, banqueiros, industriais, comerciantes, executivos e profissionais liberais, aficionados da caça e pesca, em período de férias.

O segundo avião, em vôo regular de linha comercial, sairia do Aeroporto de Los Angeles, igualmente com destino à América do Sul, conduzindo passageiros americanos e latino-americanos de diversas profissões, inclusive um grupo de religiosos, membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, iniciando longa viagem até a cidade de Codajás, no Amazonas, onde a seita instalara, alguns anos antes, uma missão religiosa e assistencial.

Tanto a sala de espera do aeroporto de Nova York, como a de Los Angeles, naquela manhã agradável do verão americano, refletiam o clima agitado e ruidoso das partidas aéreas, reunindo passageiros, familiares e amigos em meio a malas, bagagens, carregadores, seguranças e autoridades alfandegárias.

No John Kennedy o vôo fretado fizera aglomerar no saguão de espera o grupo dissímil dos caçadores e pescadores, recebidos pelos representantes da "Word Safári Tours", que conferiam a lista de passageiros, preocupados com a chegada dos retardatários.

Num dos grupos, a poucos metros do balcão de "chek-in" da empresa de "charter", Arthur Pellman e sua mulher conversavam com Paul Hendersen e Judith, sua mulher, sorridente e cheia de cuidados com o marido.

Quando a senhora Pellman distinguiu, noutro grupo, num canto do saguão, a linda secretária do marido, Shirley Randon, não se conteve e, nervosamente, interrompeu a conversa de Pellman com Hendersen e, com irritação na voz, indagou:

- Aquela não é sua secretária, Arthur? O que faz aqui?! Vai também viajar?

Pellman não gostou da pergunta e, com entonação ríspida, respondeu:

- Ora, Myrian, isto é problema dela! É maior de idade e decide seus atos!

- Já que não respondeu ao que perguntei, o melhor é saber dela própria se viaja ou não!

Quis se afastar, a caminho do grupo de Shirley. Arthur rapidamente deteve-a pelo braço, extremamente irritado:

- Por favor, Myrian! Deixe a moça em paz! Não quero escândalo!



Mais adiante, Shirley percebera a difícil situação. E se afasta, misturando-se entre os passageiros que se despedem, entre beijos; abraços e recomendações.

Pellman despede-se friamente da esposa e, taciturno, aproxima-se do portão de embarque.

No interior do Boeing vai sentar-se ao lado de Shirley, calado, afetado ainda pelo ríspido diálogo com sua mulher.

Shirley fita-o amorosamente, compreendendo tudo. Depois toma-lhe a mão que ele, discretamente, beija. Gesto, contudo, percebido por Paul Hendersen, que não esconde um sorriso discreto.

De uma base aérea francesa na região de Landes, próxima a Bordeaux, decola, em dia indeterminado do mês de agosto de 1976, um avião supersônico Mirage IV-E, em vôo secreto à Polinésia Francesa, no Pacífico.

A rota inclui pousos táticos, para reabastecimento, em Dacar e, após a travessia do Atlântico, na Guiana Francesa.

Reabastecido em Caiena, o Mirage retoma o vôo e cruza a região Norte do Brasil, mostrando do alto a paisagem da Amazônia, seus grandes rios, sua gigantesca floresta equatorial.

Em seguida, como um bólido, a aeronave deixa ver, na linha do horizonte, a silhueta imponente da Cordilheira dos Andes fechando, como enorme muralha, a planície amazônica.

A cadeia impressionante, com seus altos picos nevados, quase toca o bojo do avião supersônico. Após ultrapassar o muro andino, o Mirage voa sobre o Oceano Pacífico, deixando para trás a massa continental. Mais adiante mostra, de grande altura, o conglomerado de ilhotas que compõem o Atol de Mururoa, na Polinésia Francesa. Começa então a descer, aproximando-se da base do "Centre d'Experimentation Nucléaire du Pacifique", em Papeete, onde pousa, encerrando sua vertiginosa viagem.

Do alto da ilha do Atol, pode-se ver um exército de técnicos e cientistas ultimando os preparativos para a explosão de um grande artefato, forma mais potente e aperfeiçoada da bomba H.

No Aeroporto Internacional John Kennedy, em Nova York o grupo animado de turistas norte-americanos prepara-se para embarcar num Boeing, em vôo "charter" da Agência "World Safari Tours", com destino a Manaus e ilha da Trindade para temporada de caça e pesca.

Nesse mesmo instante no Aeroporto de Los Angeles outro grupo de turistas, religiosos e missionários dos Estados Unidos e Canadá, além de alguns geólogos, contratados pela Petrobras, encaminha-se para o embarque num avião da "Branif", em viagem regular para a América do Sul, via Caracas, Bogotá, Lima e Rio de Janeiro.

Alternadamente, no Atol de Mururoa, ultimam-se os preparativos para a detonação nuclear. Os cientistas colocam no avião, em dispositivo especial, o enorme petardo, enquanto, em sala especial, ultimam-se planos de vôo e providências para o novo teste francês.

No Aeroporto de Nova York o grupo de turistas, ocupa seus lugares no avião fretado: banqueiros, industriais, executivos, na maioria homens de meia-idade. Entre eles, mais jovem, um casal recém-casado: Julie, rica herdeira de um conglomerado industrial, e Frederic, vice-presidente de poderoso grupo financeiro de Boston.

O grupo toma seus lugares na aeronave, instalando a bordo câmeras, máquinas fotográficas e diversificados petrechos de caça e pesca.

Nesse mesmo instante, milhares de quilômetros a oeste dos Estados Unidos, o grupo de missionários, geólogos e turistas californianos embarca no jato da "Branif", no Aeroporto de Los Angeles.

Um pequeno incidente, provocado por confusão de lugar e bagagem, permite que travem conhecimento uma religiosa, Dorothy, e um dos geólogos, Michael, cuja simpatia recíproca se amplia quando descobrem ter nascido na mesma cidade natal, no Missouri.

Sentados próximos um do outro, na classe turística, os dois conversam sobre a viagem e a região amazônica, descobrindo que vão residir em locais não muito distantes, em Fonte Boa e na região de Tefé, às margens do Solimões.

Enquanto isto, em Mururoa, os aviões levantam vôo, navios e embarcações se afastam do ancoradouro, encerrada a primeira etapa do teste.

No interior do avião que transporta o artefato nuclear, pilotos e técnicos transmitem à base as coordenadas do vôo.

No Boeing fretado, em contraste com o avião francês, reina a descontração a movimentação ruidosa dos aficionados da caça e pesca. Na cabine do avião, o comandante, divertido, comenta para o co-piloto que o avião transporta boa parte do tesouro dos Estados Unidos, e que cada um daqueles turistas vai gastar, em caçadas e pescarias, mais do que eles ganham no ano inteiro.



No aparelho da "Braniff" o ambiente é menos ruidoso e mais austero, influenciado talvez pela presença dos membros da missão religiosa a caminho do Amazonas. Deixando o conforto de sua pátria, o grupo religioso revela a difícil missão que o espera na região amazônica. Este, aliás, é o teor da conversa do Pastor Stewart, chefe da missão, com seu auxiliar. Uma das religiosas, no entanto, fechada em seu mutismo, sombria e melancólica, parece guardar um triste segredo.

Na ilhota do Atol de Mururoa, agora tensa e preocupada com a detonação do petardo atômico, a paisagem é triste e quase deserta. Reina ali um grande silêncio, só rompido pelo entrechoque das ondas nas formações de coral e nas praias desérticas da ilha.

Outra é, contudo, a atmosfera de ruidosa descontração no jato fretado, pousando no Aeroporto de Manaus, enquanto o aparelho da "Braniff" completa o "parting" no Aeroporto de Bogotá, na Colômbia, de onde os missionários e geólogos norte-americanos se transferem para o Avro da empresa "Avianca", com destino a Letícia, na região amazônica.

Em Manaus, enquanto isto, os passageiros do voo "charter" são recepcionados por representantes da organização de caça-e-pesca, conduzidos, depois, em ônibus, para o porto, onde ocupam embarcação destinada ao acampamento, na Ilha da Trindade.

Naquele mesmo instante, em ponto distante do Pacífico, o avião francês prepara-se para a temerária experiência atômica, comandada, em posto de observação, localizado numa ilha da Polinésia francesa, pelos cientistas com seus sofisticados aparelhos científicos.

Em Letícia os missionários e geólogos dos Estados Unidos embarcam no navio-gaiola da ENASA, o qual, descendo o Marañon, cruzará pouco depois a fronteira com o Brasil.

No barco também viajam comerciante, fazendeiros e donos de seringais, caboclos de acentuada origem indígena, além de brasileiros, colombianos e peruanos em viagem de negócios.

Mais adiante, no rústico embarcadouro da Ilha da Trindade, próximo à foz do rio Madeira e à margem do Amazonas atraca a embarcação da agência de viagem. Os milionários desembarcam, assestam suas câmeras para todos os lados, documentando, com excitação, a majestosa paisagem amazônica. Depois ocupam ônibus e veículos prontos para conduzir os turistas ao acampamento, numa clareira da mata.

O vapor da ENASA, por sua vez, aproxima-se da cidade ribeirinha de Fonte Boa, no Solimões. E ali desembarca o grupo de religiosos, enquanto Michael e outros geólogos



seguem viagem e, no avião francês, técnicos e cientistas coordenam os preparativos para a explosão atômica, ligando instrumentos e testando dispositivos finais, inclusive a contagem regressiva, registrada no painel eletrônico.

Nesse mesmo instante, no acampamento da região amazônica, os aficionados norte-americanos da caça e pesca ocupam animadamente as cabanas, construídas em estilo de maloca indígena, dispostas em círculo. No centro do acampamento, em construção de alvenaria, o Clube Internacional de Caça e Pesca, oferece bar, restaurante, sala-de-estar e de leitura, além de centrais de telefonia, telex e rádio-emissora. Os turistas ocupam as cabanas, com ar-refrigerado, quarto e sala de banho. E, como de hábito, fotografam tudo, inclusive empregados e caboclos com seu forte traço indígena.

Noutro ponto da região amazônica índios aculturados ajudam os geólogos americanos a transportar sua bagagem, conduzindo-os ao acampamento da Petrobras, próximo da aldeia do Alvarães e da cidade de Tefé. Michael, já habituado ao Brasil, fala razoavelmente o português e não esconde o grande prazer em reencontrar antigos amigos brasileiros, com os quais se confraterniza.

No avião do teste atômico conclui-se a contagem regressiva. O chefe da equipe, um francês corpulento, sentado diante da mesa de controle, aciona um botão. Imediatamente, quilômetros adiante, o dispositivo de controle remoto libera, no avião-teste, o grande artefato nuclear nos céus do Atol. Painéis, telas e vídeos de circuito fechado, além de inúmeros instrumentos científicos, passam a registrar a formidável explosão gerando uma grande nuvem, em forma de cogumelo, que se eleva e se dilata no espaço do Pacífico. Entretanto, trazendo enorme inquietação aos cientistas, constata-se imprevista anormalidade: a explosão ocorrera em atitude acima das previsões, como resultado de fenômenos meteorológicos inesperados e, certamente, provocado por defeito no altímetro.

Tanto na sede da experiência, como no Observatório de Houston, nos Estados Unidos, a explosão e, posteriormente, o registro da estranha irregularidade são imediatamente constatados.

No Atol de Mururoa as conseqüências do erro de altitude são percebidas através de grandes painéis e sinais dos satélites, acompanhando o deslocamento de gigantesca massa de ar aquecido que, aproximando-se da costa sul-americana, provoca uma chuva torrencial. Nada disso, no entanto, é percebido na região amazônica, em nada afetando a vida normal dos aficionados da caça e pesca, em Fonte Boa os religiosos e, em Tefé, os geólogos da Petrobras, ocupados em sua atividade profissional.







No lugar dos grandes caudais, formando ilhas, inundando florestas, agora se avistam aspectos imponentes dos Andes equatoriais, com suas linhas vulcânicas, unidas por serras transversais, formando compartimentos de grande beleza fotogênica. Entre as Serras Ocidental e Real, estende-se, majestosa, a Meseta de Quito, levantando-se, de um lado, o Antisana e o Catopaxi e, de outro, o Pechincha e o Chimborazo, a 6.300 metros de altitude, exibindo imponentes picos nevados.

Nos Andes Centrais, ou perúvio-bolivianos, com suas feições mais complexas e, numa primeira seção, entre o Nó de Loja e o Nó de Passo, observa-se o sistema tripartido, sulcado pelos rios Marañon e o Hualaga. Próxima, com sua majestosa beleza, a Cordilheira branca, mais ocidental, dominada pelo pico de Huascaran, a 6.700 metros.

Numa Segunda seção, ao sul do Nó de Passo, alarga-se consideravelmente o sistema andino. A Cordilheira da Costa ganha maior relevo, dominado pelo Misti, a 65.000 metros, enquanto, mais afastada, a Cordilheira Oriental eleva o Nó de Cuzco a mais de 6.000 metros.

Na terceira seção, finalmente, abre-se o Planalto Boliviano, enorme meseta a 4.000 metros de altitude, disposta em circo, ondulada, e onde se localizam as bacias lacustres do Titicaca e do Poopó. Ali também, na Cordilheira Real, a leste, situam-se os vulcões do Sorata e do Ilimani, enquanto na Cordilheira da Costa destacam-se o Sajama e o Parinacota, acima de 6.000 metros.

Para a exata configuração orográfica da Cordilheira sulamericana dirigem-se a enorme massa de ar superaquecido e a chuva torrencial provocada pela explosão atômica do Atol de Mururoa, realizada em altitude errônea. O dilúvio atômico alcança exatamente o continente sulamericano, à altura da Bolívia, Peru e Equador, berço da maior parte do gigantesco sistema hidrográfico amazônico.

Tanto nos Estados Unidos, como na Polinésia Francesa, o encontro da fortíssima chuva e do ar super aquecido com a Cordilheira andina vai sendo registrado nos sofisticados aparelhos científicos das duas grandes nações. E eles revelam, trazendo temor e preocupação, as conseqüências do encontro do temporal e da massa de ar quente com os picos nevados dos Andes, trazendo o inevitável degelo dos cumes nevados e, com isso, provocando a descida, montanha abaixo, acrescida com a chuva anormal, de enorme caudal que, alcançando os mananciais da bacia amazônica, neles despeja um gigantesco volume de água.



Cumulativamente com a anomalia, a massa de ar quente, de baixa pressão, também provoca, por sucção, o deslocamento de enorme massa fria, proveniente da Antártica. Como resultado da sucção atmosférica, as ondas polares deslocam-se rapidamente na direção do Equador, aumentando tragicamente a altíssima precipitação pluviométrica.

Oriundos do maciço andino, os rios da bacia amazônica passam a receber, em conseqüência da chuva e degelo, imensa e anormal quantidade de água, subindo cada vez mais de nível.

O volume crescente de água, como um dilúvio, alcança a planície, provocando, crescente e ininterrupto engrossamento dos rios de proveniência andina: o Marañon, o Napo, o Caquetá, o Ucayali, o Javari, o Iça, ou Japurá, o Purus, o Solimões, etc.

O fenômeno será gradativa e alternadamente percebido por diversas pessoas, em diferentes situações: moradores de povoações andinas, próximas das vertentes amazônicas, cujas casas e propriedades agrícolas serão rapidamente inundadas; pilotos de barcos navegando nos rios da bacia, preocupados com o crescente volume de água; fazendeiros, seringueiros, militares dos pontos fronteiriços; missionários e geólogos brasileiros e norte-americanos; pesquisadores da SUDAN; do projeto RADAN e outros habitantes da região.

Agravando a situação, rapidamente transformada em catástrofe, a enorme precipitação pluviométrica, resultante do encontro das duas massas atmosféricas, a de ar superaquecido, oriunda do Pacífico, e a de ar frio, da Antártica, ampliam a tragédia amazônica.

Por trágica coincidência, os fenômenos anormais, provocados diretamente pela explosão nuclear, ocorrem no término do verão abrasador da região amazônica, quanto as nuvens tradicionais, portadoras de chuvas, grandes e negras, marcham de leste para oeste, provenientes do Atlântico, na direção dos Andes, ocasionam uma descompressão adiabática e ampliam o volume de chuvas.

Em terra, balisando sua trajetória trágica, os ventos uivam, levantando nuvens de areia, abrindo-se em redemoinhos, destelhando casas, sossobrando embarcações, quebrando a ramagem das samaumeiras. As pesadas e compactas chuvas fluem em cataratas que alagam as chapadas, desabam terras, arrancam árvores, solapam ravinas, cavam enseadas, arrastando, na vertigem destruidora de seu avanço, plantações e animais, casas e florestas. Durante horas, dias inteiros, o dilúvio tomba, alaga, tudo destrói na planície.

O formidável caudal do Marañon, do Solimões, do Amazonas e de milhares de seus afluentes, cresce cada vez mais invadindo rastos, tesos, igapós e igarapés.



Na missão religiosa de Fonte boa o pânico agride seus moradores. Dorothy, a jovem religiosa do Missouri, revela coragem e senso prático, socorrendo companheiros, crianças indígenas e doentes recolhidos na missão, enquanto no acampamento da Petrobras, quilômetros abaixo, os geólogos avaliam a extensão do incrível fenômeno meteorológico.

Michael, conhecedor da região, depressa compreende o perigo a que se expõe a missão de Fonte Boa, localizada em parte baixa, cercada por grandes caudais.

No acampamento da Ilha da Trindade a chuvarada interrompe as caçadas e pescarias, obrigando os turistas americanos a se protegerem nas acomodações da empresa. As cabanas, no entanto, pela força dos ventos e da chuva, ameaçam ruir, forçando seus moradores a buscar refúgio no interior do clube, de construção mais sólida. Para lá, converge todo o grupo, inicialmente excitado pela intempérie, julgando-a normal na região. Mas quando vêem, pela janela, as cabanas arrancadas do chão e se espatifando de encontro às paliçadas e o tronco das árvores, começam a temer um desfecho imprevisível.

Em Manaus também se fazem sentir, quase em pânico, os efeitos da catástrofe. Moradores, autoridades, cientistas, militares e velhos habitantes da capital, habituados ao flagelo cíclico das tormentas, não escondem sua inquietação diante da intensidade dos ventos e da chuva.

Rememoram-se as grandes inundações do passado: 1859, 1866, 1908, 1909, 1918, 1922, 1931, 1934 e 1953, todos de consequências desastrosas.

Jornais, emissoras de rádio e televisão, telégrafo e telex divulgam para o país e exterior a ocorrência anormal, pedindo, inclusive, providências e socorro aos flagelados.

Na ilha da Trindade, na missão de Fonte Boa e na região da Petrobras cresce o pânico, apesar das providências que se revelam insatisfatórias.

Michael Anderson embarca numa lancha a motor e, contrariando as ponderações dos colegas, começa a subir o Solimões, compreendendo o grande perigo que ronda seus compatriotas da missão religiosa. Sua embarcação risca soçobrar, no meio dos vagalhões das águas engrossadas do Solimões. Perito na navegação consegue romper o caudal e se aproxima de Fonte Boa.

Enquanto isso, na Ilha da Trindade, contata-se que o colossal volume de água começa a invadir a terra firme, fechando, como um grande anel líquido, a mata e a clareira onde o clube se localiza. O pânico se estabelece, enquanto, destacando-se entre os turistas, o milionário de meia-idade, Arthur Pellman, com energia e capacidade de liderança, toma providências, ordena a emissão de pedidos de socorro a Manaus e Nova York.



Frederic, diante do perigo, revela indisfarçável covardia, indo chorar num canto do salão, enquanto sua jovem mulher, Julie, é atraída pela forte determinação de Pellman, industrial divorciado. Reunindo-se com os colegas, com os quais a moça se junta, Arthur, em voz baixa, não oculta o perigo a que estão expostos, mas pede controle e disciplina, recomendando, como única saída, abandonarem o acampamento e, enfrentando a chuva torrencial, tentarem alcançar as partes mais elevadas da ilha.

A sugestão é transmitida aos demais. Frederic e alguns outros, inclusive à custa da oferta de altas quantias de dinheiro, pretendem embarcar nas lanchas do Clube, contrariando as ponderações dos brasileiros, administradores e empregados da organização, que os advertem do perigo das águas enfurecidas do rio.

Frederic, no entanto, insiste na tentativa temerária e tenta levar Julie consigo. A moça, no entanto, nega-se a acompanhá-lo, chamando-o de covarde e louco, afirmando que prefere seguir o grupo liderado por Arthur.

Enquanto isto, na missão de Fonte Boa, cenas dramáticas também ocorrem. A torrente líquida, extravasando o leito do rio, inunda tudo, submerge casas, igrejas e choças indígenas das imediações. Dorothy, desesperada, vê crianças, mulheres e velhos tragados pelas águas, enquanto outros, subindo em árvores e apoiando-se em troncos, arrancados do solo, tentam desesperadamente salvar-se.

Rio abaixo, Michael Anderson ainda luta contra a fúria do rio, mas já avista, na linha do horizonte, a torre da igreja, o topo de mastros e o telhado das casas mais altas.

Na ilha da Trindade registra-se a caminhada dramática do grupo norte-americano, liderado por Arthur Pellman, que segue ao lado de caboclos e nativos. Julie segue pouco atrás, enquanto Frederic, acovardado, fecha o séqüito infeliz.

A caminhada é entremeada por diversas peripécias: encontro com animais bravios, serpentes, jacarés e grandes pássaros, enlouquecidos pela tormenta, buscando abrigo. Os caçadores atiram, matando os animais, abrindo caminho na selva que o vendaval agita estrepitosamente.

Nos Estados Unidos a catástrofe ganha manchetes e traz grande inquietação aos parentes dos norte-americanos envolvidos na tragédia. O governo, com presteza, mobiliza socorro, despachando aviões e grandes jatos cargueiros, com equipes médicas, remédios e alimentos, além de uma esquadrilha de helicópteros. No Observatório da NASA, ao qual afluem jornalistas de todo o país, a catástrofe equatorial vai sendo seguida pelos técnicos, recebendo dados e informações dos satélites que cruzam a região.







Em Manaus, fortemente invadida pela torrente, cenas dantescas são registradas. Diante do avanço contínuo das águas, os moradores das partes baixas refugiam-se em edifícios e arranha-céus da cidade. Alguns deles, no entanto, incapazes de abrigar tanta gente, e com as fundações já solapadas pela torrente, desabam estrepitosamente, levando à morte dezenas de pessoas.

Na Ilha da Trindade registram-se imagens aterradoras. Os turistas americanos, alcançando o topo das árvores, enfrentam outro perigo mortal, freqüente da selva equatorial: animais dendrófobos, aranhas de grandes membranas abdominais, rãs arborícolas, sininbús, de quase dois metros de extensão, com sua agressiva crista espinhosa, camaleões, com a cauda três vezes maior do que o corpo, gatos selvagens, pumas, jaguatiricas, maracajás, coatis, iraras, furões e, aterradoramente, as grandes e temidas cobras, também buscam abrigo nas árvores, fugindo do dilúvio.

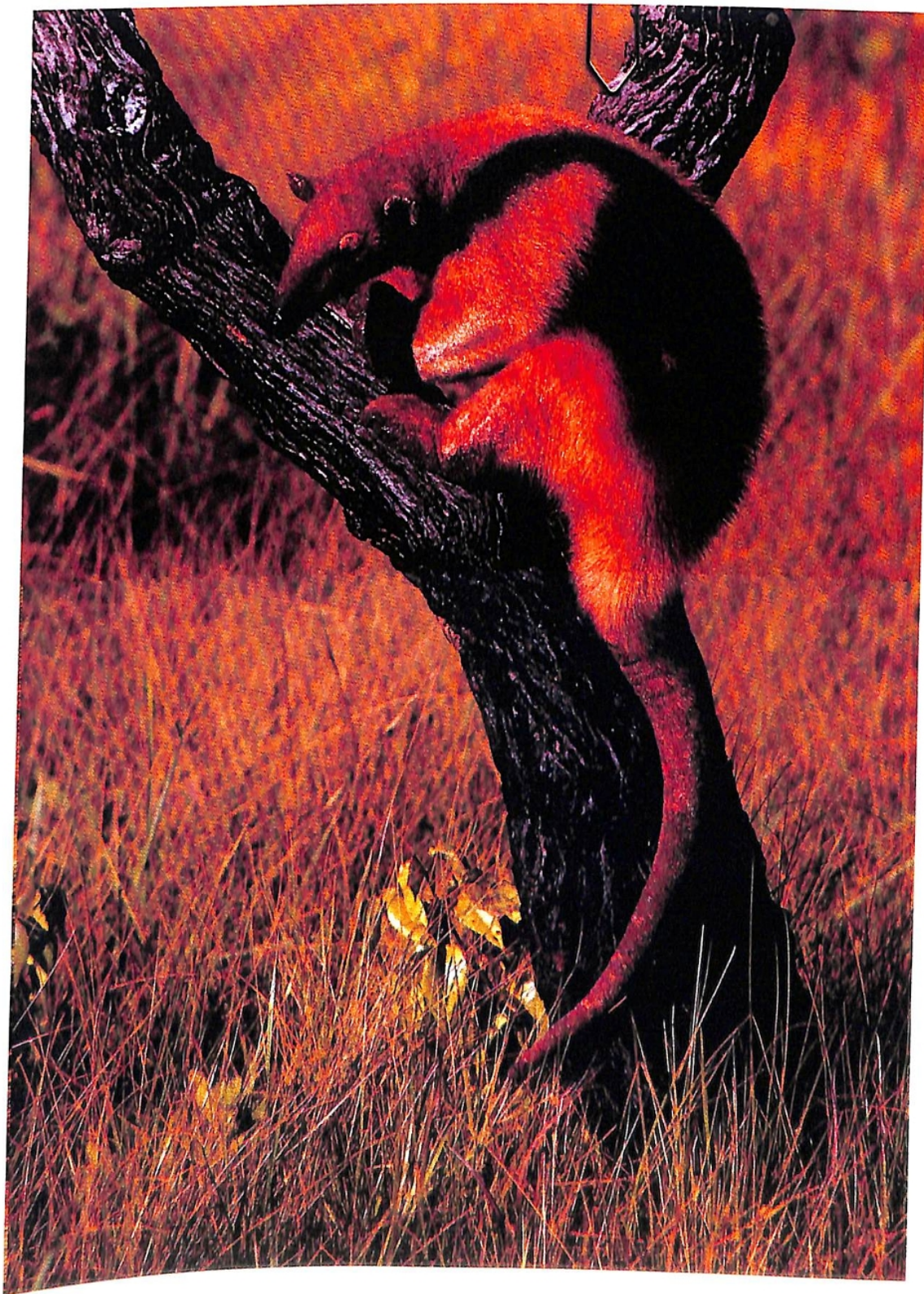
Vendo os animais, répteis, aranhas e lagartos de toda espécie e tamanho, os norte-americanos se apavoram. Alguns, tentando alcançar partes mais altas das árvores, desequilibram-se tombam da altura, mergulhando na água. Outros, na ânsia desesperada de viver, enfrentam os intrusos, aumentando-lhes a ferocidade. Lutas terríveis ocorrem no alto das ramagens: cobras enlaçam e mordem os que as enxotam, estrangulando-os. Pumas, jaguatiricas, coatis e outros animais medem forças com os caçadores em pânico, enquanto enormes sininbús assestam sua crista espinhosa naqueles que tentam afugentá-los. Equilibrando-se com dificuldades nos ramos, Arthur Pellaman, com alguns companheiros, caboclos e nativos, afastam com armas e galhos de árvore os intrusos. Na luta impressionante, uns de desequilibram, tombando, outros tentam subir mais alto.

Chegando a Belém do Pará o "Rosa da Fonseca", com seus passageiros ainda impressionados com a programação em Salvador, a torrente de água, provocada pela explosão de Mururoa, também fizera subir o nível do rio Amazonas, próximo do Oceano Atlântico, onde desemboca.

O comandante do navio turístico, informado pela dramática situação em todos os rios da região, consultou os passageiros e, com seu acordo, desistiu do restante da viagem e retornou a Recife e, de lá, ao Rio de Janeiro.

Em Manaus o pânico se apossara de seus habitantes, mobilizando autoridades e militares. As partes mais baixas da cidade e do porto foram tragadas pelas águas, levando navios e embarcações a espatifarem-se contra guindastes de ferro, ou a vagarem, sem rumo, sobre as águas agitadas.







No Solimões, transformado em imenso mar de fúria e destruição, a luta de Michael é dramática e quase inútil. Movido por força heróica, o geólogo consegue manter sua frágil embarcação a prumo, aproximando-se de Fonte Boa.

Na Ilha da Trindade continua a aterrorizante luta dos turistas contra os animais, aranhas, rãs arborícolas e a fauna que também fora abrigar-se no alto das árvores, fugindo da inundação.

Em Fonte Boa, enquanto isto, Michael procura Dorothy, em meio à confusão e ao pânico que invade a missão religiosa. A lancha, percorrendo a zona inundada, quase é tomada de assalto pelos flagelados. Dorothy, sustendo-se no tronco de uma árvore, é avistada e socorrida pelo geólogo. A embarcação, contudo, recolhendo os moradores desesperados, risca soçobrar. Avistando crianças, mulheres e companheiros de missão, em perigo de vida, Dorothy tenta salvá-los. A lancha, com excesso de peso, vergastada pelas ondas do rio enfurecido, vai a pique, afogando quase todos seus ocupantes. Michael, no entanto, luta bravamente e consegue salvar Dorothy da morte, conduzindo-a a um tronco de árvore, afastando-se do trágico lugar.

O Amazonas transformara-se num imenso oceano barrento, inundado de horror e destruição. Só a copa das árvores mais altas destaca-se na gigantesca massa líquida.

Chegando da Guiana, os aviões e helicópteros alcançam a região inundada. Avistando a alta ramagem da floresta da Trindade, um dos aparelhos descobre os sinais desesperados dos turistas americanos, sobreviventes da terrível aventura. Entre eles, Arthur Pellman, Lulie e poucos outros. Frederic, que tombara do alto de uma árvore, desaparecera no caudal. Descendo por cordas, os sobreviventes, extenuados, vão sendo recolhidos pelos tripulantes das aeronaves. Mais adiante, na região de Fonte Boa, outro aparelho avista os sobreviventes da missão religiosa e os recolhe. Entre eles, exauridos pelo esforço sobre humano, Dorothy e Michael são milagrosamente salvos.

O temporal amainara. A enorme tromba de água, após despejar sua torrente líquida no vale, vai pouco a pouco esmaecendo.

Também nos Andes a chuva e o degelo reduzem-se pouco a pouco, enquanto a massa de ar superaquecido aos poucos dissolve-se no espaço.

O que se vê, no imenso continente amazônico, é uma paisagem de tragédia e desolação, sobre a qual o vento, que antes sibilava sinistramente, vai pouco a pouco se perdendo na distância, como se fugisse do medo.

Resta apenas uma paisagem de água e selva de silenciosa beleza poética.

**AMAZONAS**  
**A INVASÃO DO PARAÍSO**

**ÍNDICE**

**INVASÃO**

**CAPÍTULO 1**

O CRIME SEM PENA ..... Pág.4

**CAPÍTULO 2**

A PENA DO CRIME ..... Pág. 11

**CAPÍTULO 3**

A FAMA DO CRIME ..... Pág.21

**CAPÍTULO 4**

COMANDANTE CARUANA ..... Pág. 24

**CAPÍTULO 5**

VIDA, RIO-ACIMA ..... Pág. 33

**CAPÍTULO 6**

A FUGA DO INFERNO ..... Pág. 37

**CAPÍTULO 7**

O TRIBUNAL DO CARRASCO ..... Pág. 45

**CAPÍTULO 8**

OS ÍNDIOS SEM PARAÍSO ..... Pág. 58

**CAPÍTULO 9**

O SEQUESTRO DO "AMAZONAS" ..... Pág. 69



|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| <b>CAPÍTULO 10</b>             |          |
| AS FRONTEIRAS DO INFERNO ..... | Pág. 81  |
| <b>CAPÍTULO 11</b>             |          |
| REENCONTRO DE ÓDIO .....       | Pág. 87  |
| <b>CAPÍTULO 12</b>             |          |
| REENCONTRO DE AMOR .....       | Pág. 100 |
| <b>CAPÍTULO 13</b>             |          |
| MORTE, RIO-ABAIXO .....        | Pág.112  |
| <b>CAPÍTULO 14</b>             |          |
| O CALOR DO DESEJO .....        | Pág. 117 |
| <b>CAPÍTULO 15</b>             |          |
| O VÔO DA FLECHA .....          | Pág. 122 |
| <b>CAPÍTULO 16</b>             |          |
| A FLECHA QUEBRADA .....        | Pág. 129 |
| <b>CAPÍTULO 17</b>             |          |
| O DESPEJO .....                | Pág. 131 |
| <b>CAPÍTULO 18</b>             |          |
| O RELATO DE LEROY .....        | Pág. 136 |
| <b>CAPÍTULO 19</b>             |          |
| O DELÍRIO DE JUAN DIAZ .....   | Pág. 140 |
| <b>CAPÍTULO 20</b>             |          |
| ENTRE A FÉ E O PERDÃO .....    | Pág. 146 |

|                               |          |
|-------------------------------|----------|
| <b>CAPÍTULO 21</b>            |          |
| IMPRESSÕES DE VIAGEM .....    | Pág. 151 |
| <b>CAPÍTULO 22</b>            |          |
| A CARTA DE CARUAN .....       | Pág. 155 |
| <b>CAPÍTULO 23</b>            |          |
| TEFÉ, DE SANGUE E DE FÉ ..... | Pág. 158 |
| <b>CAPÍTULO 24</b>            |          |
| A BATALHA .....               | Pág. 160 |
| <b>CAPÍTULO 25</b>            |          |
| SELVA E SELVAGENS .....       | Pág. 164 |
| <b>CAPÍTULO 26</b>            |          |
| PORTUGUESES E ALIADOS .....   | Pág. 169 |
| <b>CAPÍTULO 27</b>            |          |
| AMORÍNDIO .....               | Pág. 170 |
| <b>CAPÍTULO 28</b>            |          |
| VIAGEM A NAZARÉ .....         | Pág. 178 |
| <b>CAPÍTULO 29</b>            |          |
| CRIME NA SELVA .....          | Pág. 184 |
| <b>CAPÍTULO 30</b>            |          |
| A VIDA REFEITA ..             | Pág. 188 |
| <b><u>INUNDAÇÃO</u></b> ..... | Pág. 189 |



*Fotos reproduzidas do livro **BRASIL***

*Editora Manole Ltda.*

*Rua Conselheiro Ramalho, 516 – Bela Vista*

*São Paulo - Brasil*